



Ivone Goulart Lopes

O Projeto Educativo das Salesianas na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ, e a tessitura da Identidade da Professora Católica: 1937 – 1961

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Ana Waleska Pollo Campos Mendonça

Rio de Janeiro
Outubro de 2013



Ivone Goulart Lopes

O Projeto Educativo das Salesianas na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ, e a tessitura da Identidade da Professora Católica: 1937 – 1961

Tese como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Ana WaleskaPollo Campos Mendonça

Orientadora

Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof^a. Isabel Alice Oswald Monteiro Lelis

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a. Patrícia Coelho da Costa

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

UERJ

Prof^a. Miriam Waidenfeld Chaves

UFRJ

Prof. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas
PUC-Rio

Rio de Janeiro, outubro de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Ivone Goulart Lopes

Ivone Goulart Lopes graduou-se em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso – MT no ano de 1989. Especializou-se em Metodologia do Ensino, pela FEFS e AECU-MS em 1989-1990. Fez Mestrado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso, defendendo a Dissertação em 2002, intitulada *Asilo Santa Rita de Cuiabá – Práxis educativa feminina católica: 1890 –1930*. Atuou como professora no Colégio N.S.Auxiliadora CG/MS, Colégio Coração de Jesus/MT, e concursada da SEDUC-MT, durante os anos de 1983 a 2010, como professora e foi gestora por doze anos.

Ficha Catalográfica

Lopes, Ivone Goulart

O projeto educativo das Salesianas na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ, e a tessitura da identidade da professora católica: 1937 – 1961 / Ivone Goulart Lopes ; orientadora: Ana Waleska Pollo Campos Mendonça. – 2013.

294 f. : il. (color.) ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013.

Inclui bibliografia

1. Educação– Teses. 2. Escola Normal Católica.3. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. 4. Projeto educativo Salesiano.5. Formação de professoras católicas. 6. Campos/RJ. I.Mendonça, Ana Waleska Pollo Campos. II. Pontifícia Universidade Católica

CDD: 370

“Gosto de pessoas que têm uma razão imutável na qual fixar o coração e que sobem a escada do infinito, se aproximam das janelas do céu para pendurá-lo sem reservas na própria vida. E pintam o amor à mão, e é o único quadro que permanece nas paisagens da memória” (BISOTTI, Massimo. *La luna blu*).

Dedico esta tese a algumas pessoas que balizaram em minha história o amadurecimento de minha vida humana, profissional e cristã.

Meus pais, Gabriel Goulart Lopes e Maria Teresa da Luz(*in memoriam*). Minha Mãe, “olhar que me fez ver o mundo com ternura, com quem aprendi a noção de acolhimento e os mistérios do cuidar”.

Minhas irmãs e irmãos: Expedito, José Augusto, Maria Augusta, Margarida, Sudário, Maria das Graças, Aparecida, Tarcísio, Victor, Adélia (†) e Odete (†).

Minhas cunhadas e cunhados, sobrinhos, sobrinhos netos, tios e primos.

A Carmina Freitas Lima pela grande amizade que nos une.

A Ana WaleskaPollo Mendonça, competente orientadora.

A todas as Irmãs Salesianas que conheço, que convivi e que estimo.

A Heloisa Pereira Rocha, Maria de Lourdes Barreto, Terezinha Santos, Maria Léa Ramos, MaikeLoes, Cleusa Albilia Almeida, VittóriaPriod e Ada Gambarotto, Sylvia Paes “auxiliadoras” nas correções, traduções e informações.

Irmãs da Inspetoria N.S. da Paz, Mato Grosso.

Irmãs do CENSA de Campos dos Goytacazes e do INSA Rio de Janeiro.

A Marta Freitas, Airtton Bezerra e Monaliza Novais pela acolhida e amizade.

A todos sou profundamente agradecida pela presença significativa em minha vida. São e continuam a ser instrumentos de Deus para o meu crescimento e plena realização como pessoa.

A vida me ensinou...

A dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração. Calar-me para ouvir; aprender com meus erros. Afinal eu posso ser sempre melhor. A lutar contra as injustiças. Ter olhos para "ver e ouvir estrelas", embora nem sempre consiga entendê-las; a ver o encanto do pôr-do-sol. A sentir a dor do adeus e do que se acaba, sempre lutando para preservar tudo o que é importante para a felicidade do meu ser. A abrir minhas janelas e não temer o futuro. Me ensinou e está me ensinando a aproveitar o presente, como um presente que da vida recebi, e usá-lo como um diamante que eu mesmo tenho que lapidar, lhe dando forma da maneira que eu escolher (Charles Chaplin).

Agradecimentos

A Deus e a Maria Auxiliadora dos cristãos.

A meus familiares.

À minha orientadora: Ana Waleska Pollo Mendonça que com carinho, amabilidade e competência me acompanhou sabiamente neste período.

Aos professores da banca: Isabel Alice Lelis, Miriam Waidenfeld Chaves, Patrícia Coelho da Costa, Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi; pelos suplentes: Silvia Alicia Martinez e André de Lemos Freixo pelas contribuições ao texto, dispondo-se a avaliar este trabalho.

Aos professores do Programa em Educação da PUC-Rio por ensinarem com seriedade e partilharem seus conhecimentos comigo: Ana Waleska P. Mendonça, Fabiano Lemes, Isabel Lelis, Flávia M. Schlee Eyler, Vera Candau, Ana Isabel Madeira (PUC-Rio-UL), Miriam Waidenfeld Chaves (UFRJ), Maria Inês Marcondes, como coordenadora do DE/PUC-Rio, 2011.

Aos colegas de turma 2011 e do Grupo de Pesquisa: História da Profissão Docente, 2011-2013.

As Irmãs do CENSA - Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora - (Campos dos Goytacazes): Suraya Benjamin Chaloub (diretora), Giuliana Acerbis (Secretária), Carmelita Leonilda Agrizzi (Diretora da Casa das Irmãs), Luzia Alves Carvalho, Maria Aparecida Ferreira, Emylia Augusta P. Arruda, Djanyra de Souza Lopes (A semente deste carisma nesta presença se tornou uma árvore e a árvore, um bosque, constituindo aquele vasto movimento de pessoas, aquela rede de bem que Dom Bosco pensou para a salvação dos jovens), Obrigada!

Inspetoria Nossa Senhora da Paz: Mariluce Gonçalves Dorilêo e todas as irmãs salesianas de Mato Grosso e Rondônia.

Inspetoria Nossa Senhora da Penha: Rosa Idália Pesca, Terezinha Ambrosim, Ana Maria Paes, Natalina Partellie todas as irmãs desta província.

INSA/RJ: Regina Meireles, Cláudia Pienes, Sirlene Girard, Otilia Agrizzi, Danielli Nogueira, Inarlete Fioresi, Lea Ramos, Adma Cassab e Ana Zampirollipela acolhida, convivência amiga.

Inspetoria Madre Mazzarello/MG: Maria Imaculada da Silva, Glória de Almeida, Heloisa Pereira Rocha e Hélia Inácia Monteiro.

Inspetoria Santa Catarina de Sena/SP: Edméa Battaglia e M^a de Lourdes Becker.

Inspetoria N.S. Aparecida/RS: Ivone Ranghetti e irmãs da Casa Provincial.

As seis Irmãs, antigas professoras e as 17 Ex-alunas da Escola Normal do Colégio Auxiliadora de Campos (que aceitaram responder ao questionário e entrevista desta pesquisa).

Dr. Wellington Paes – que me abriu as portas da sua Biblioteca particular em Campos/RJ.

Paulo Sergio Correa Oliveira do Arquivo da Diocese de Campos.

Ilário Zandonade e Érica Mello do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSDP), Barbacena/MG.

Coordenação do PPGE: Marcelo Andrade, Cynthia Paes e Fátima Alves.

Às Secretárias da Pós Graduação, PUC-Rio, Nancy Ferreira e Marnie Siqueira.

Aos atendentes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da PUC-Rio.

A amiga Carmina Freitas Lima (apoio, incentivo).

Resumo

Lopes, Ivone Goulart; Mendonça, Ana Waleska P.C. **O projeto educativo das Salesianas na Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ e a tessitura da identidade da professora católica: 1937-1961.** Rio de Janeiro, 2013, 293 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa tem como objeto o projeto educativo das Salesianas na Escola Normal N. S. Auxiliadora de Campos/RJ, e a tessitura da identidade da professora católica:1937-1961. O período compreende as negociações para a instalação do curso até a publicação da LDB, nº 4.024/61. Experiência pedagógica pioneira de formação de professores católicos, em Campos, no interior norte fluminense. O objetivo é entender o projeto educativo da Congregação através da análise do perfil da Salesiana educadora bem como do processo de construção da identidade da normalista. Compreender como esta escola traduziu, mediante suas práticas, seus métodos de ensino, sua ambiência, o movimento de modernização escolar da época. Perceber as formas de socialização escolar e religiosa que compõem a identidade das discentes, o *ethos* religioso que impregnava a configuração social, a experiência profissional. Fontes privilegiadas são os documentos escolares: Ata de fundação, prospecto da escola, Crônica do Colégio, os Regulamentos escolares, Relatórios de Diretoras e Inspetores, Termos de Visita de Inspetores, Correspondências oficiais, Inventário do mobiliário e material utilizado nas aulas, Programas das Disciplinas, Livros de matrículas, de Diplomas, depoimentos de ex-alunas e antigas professoras, levantamento bibliográfico de revistas e boletins salesianos, jornais da cidade e das Cartas Pastorais dos Bispos Diocesanos, dentre outros documentos, que caracterizam um acervo importante do ponto de vista da história da educação regional. As fontes advêm do arquivo do Colégio, de três arquivos particulares das províncias das Salesianas (SP, MG, RJ), do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa/MG, da Biblioteca Nacional/RJ e Arquivo da Diocese de Campos. Apoiar-se na abordagem de François Dubet sobre as profissões que se remetem ao trabalho sobre o outro, que parte do pressuposto de que o trabalho no e sobre o outro nas suas origens, foi concebido como um

programa institucional, que designa um modo de socialização ou um tipo de relação com o outro. Em Claude Dubar sobre o processo de profissionalização, entendido como um processo de socialização, que se desenvolve ao longo de toda a trajetória profissional do indivíduo. A identidade profissional das normalistas está marcada pela especificidade do método de socialização das Salesianas o que implicou na internalização/externalização de um *ethos* católico. A educadora religiosa católica foi modelo para muitas jovens normalistas que buscavam no magistério a formação erudita, a estabilidade econômica, o reconhecimento social e a realização profissional. Os indícios das práticas desenvolvidos para a formação da professora foram detectados pela *amorevolezza*(afeto), pelo engajamento e educação continuada na associação das ex-alunas.

Palavras-chave

Escola Normal Católica; Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; Projeto Educativo Salesiano; Formação de Professoras Católicas; Campos/RJ.

Abstract

Lopes, IvoneGoulart; Mendonça, Ana Waleska P.C. (Advisor). **The Educational Project of the Salesian teacher Training College “Nossa Senhora Auxiliadora” Our Lady Help Of Christians, Campos/RJ and the identity weaving of the catholic teacher: 1937-1961.** Rio de Janeiro, 2013, 293 p. Thesis – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The research aims to investigate the educational project of the Salesians Sisters at the Teacher Training College N. S.Auxiliadora (Our Lady Help of Christians) in Campos/RJ, and the identity weaving of the catholic teacher: 1937-1961. The period comprises the negotiations to establish the course until the publication of the LDB, nº 4.024/61. It is a pioneering pedagogic experience of catholic teachers' training, in Campos, in northern Rio de Janeiro. The aim is to understand the Congregation educational program through the analysis of the profile of the Salesian teacher as well as the process of identity construction of the normalist (female teacher trainee). To understand how this school translated, through its practices, its teaching methods, its environment, the movement of school modernization of the time. To observe the school and religious forms of socialization which make up the identity of the students, the religious *ethos* which pervaded the social setting and the professional experience. Privileged sources are the school documents: Foundation Minutes, school prospectus, Chronicle of the College, the School regulations, Reports of the Principals and Inspectors, Inspectors visiting terms, Official correspondence, Inventory of the furniture and material used in the classes, Programs of the Disciplines, Enrollment and Diplomas books, testimonials from former students and old teachers, bibliographical survey of magazines and Salesian newsletters, city newspapers and Pastoral letters of the Diocesan Bishops, among other documents, which characterize an important collection from the regional education history point of view. The sources come from the College archive, three private archives of the Salesian provinces (SP, MG, RJ), the Salesian Center for Documentation and Research /MG, of the National Library/RJ and Archives of the Diocese of

Campos. It is based on the approach by François Dubet on the professionals that relate to the work on the other, which assumes that the work in and on the other in its origins was designed as an institutional program, designating a mode of socialization or a type of relationship with the other. In Claude Dubar about the professionalization process, understood as a socialization process, which is developed along the professional trajectory of the individual. The professional identity of the normalists (female teacher trainee) is marked by the specificity of the socialization method of the Salesians which implied the internalization/externalization of the catholic *ethos*. The catholic religious educator was a model for many normalists, young women who sought in the teaching profession classical education, the economic stability, social recognition and professional achievement. The evidence of the practices developed for the training of the teacher was detected by *amorevolezza* (affection), by engaging and continuing education in the association of former students.

Keywords

Teacher Training Catholic College; Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (College Our Lady Help of Christians); Salesian Educative Project; Catholic Teachers Training; Campos/RJ

Résumé

Lopes, Ivone Goulart; Mendonça, Ana Waleska P.C. **Le projet éducatif des Salésiennes à l'Ecole Normale Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ e le tissage de l'identité de la professeure catholique: 1937-1961.** Rio de Janeiro, 2013, 293p. Thèse – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La recherche a pour objet le projet éducatif des Salésiennes à l'Ecole Normale N. S. Auxiliadora de Campos/RJ, et le tissage de l'identité de la professeure catholique:1937-1961. La période comprend les négociations pour l'installation du cours jusqu'à la publication de la LDB, n° 4.024/61. Expérience pédagogique pionnière de formation de professeurs catholiques, à Campos, dans l'intérieur du nord de l'état de Rio de Janeiro. L'objectif est de comprendre le projet éducatif de la Congrégation à travers l'analyse du profil de l'enseignement Salésien ainsi que le processus de construction de l'identité de la normaliste. Comprendre comment cette école a traduit, à travers ses pratiques, ses méthodes d'enseignement, son atmosphère, le mouvement de modernisation scolaire de l'époque. Percevoir les formes de socialisation scolaire et religieuse qui composent l'identité des étudiantes, l'*ethos* religieux qui imprégnait la configuration sociale, l'expérience professionnelle. Les documents scolaires sont des sources privilégiées: Procès-verbal de la Fondation, prospectus de l'école, Chronique du Collège, les Règlements scolaires, Rapports de Directrices et Inspecteurs, Termes de Visite d'Inspecteurs, Correspondances officielles, Inventaire des meubles et matériel utilisé durant les cours, Programmes des Disciplines, Livres d'inscriptions, de Diplômes, témoignages d'ex-étudiantes et anciennes professeures, relevé bibliographique de revues et de bulletins salésiens, journaux de la ville et des Lettres Pastorales des Evêques Diocésiens, entre autres documents, qui caractérisent un fond important du point de vue de l'histoire de l'éducation régionale. Les sources proviennent des archives du Collège, de trois archives particuliers des provinces des Salésiennes (SP, MG, RJ), du Centre Salésien de Documentation et de Recherches/MG, de la Bibliothèque Nationale/RJ et des Archives du Diocèse de Campos. Nous nous sommes

appuyés sur l'abordage de François Dubet sur les professions qui se réfèrent au travail sur l'autre, qui part de l'hypothèse que le travail sur l'autre à ses origines, fut conçu comme un programme institutionnel qui désigne un mode de socialisation ou un type de relation avec l'autre. Dans Claude Dubar sur le processus de professionnalisation, compris comme un processus de socialisation, qui se développe au long de toute la trajectoire professionnelle de l'individu. L'identité professionnelle des normalistes est marquée par la spécificité de la méthode de socialisation des Salésiennes ce qui a impliqué l'internalisation/externalisation d'un *ethos* catholique. L'enseignement religieux catholique a été un modèle pour beaucoup de jeunes normalistes qui recherchaient dans le magistère la formation érudite, la stabilité économique, la reconnaissance sociale et la réalisation professionnelle. Les indices des pratiques développées pour la formation de la professeure ont été détectées par la *amorevolezza*, par l'engagement et l'éducation continuée dans l'association des ex-étudiantes.

Mots-clés

Ecole Normale Catholique; Collège Nossa Senhora Auxiliadora; Projet Educatif Salésien; Formation de Professeures Catholiques; Campos/RJ

Sumário

1. Introdução	22
1.1. Os modos de produção da pesquisa	27
1.2. Programa institucional e trabalho no/sobre o outro: assumir cuidado na ambiência salesiana.	28
1.3. Concepção salesiana de ‘cuidar’: prevenir, assistência	29
1.4. Construção de identidades sociais e profissionais	34
1.5. Os percursos da pesquisa: localização e identificação das fontes	37
1.6. Questionários e entrevistas	41
2. As Filhas de Maria Auxiliadora/salesianas e a educação em Campos (1925-1961)	47
2.1. A igreja no Brasil, na diocese de Campos/rj e a tessitura da professora católica	47
2.2. As Filhas de Maria Auxiliadora [FMA] /salesianas - os fundadores	62
2.3. Vinda das FMA para o Brasil e expansão das obras	63
2.4. A cidade de Campos/RJ e a Fundação do Colégio N. S. Auxiliadora	65
2.5. A cidade de Campos/RJ e a Fundação do Colégio N. S. Auxiliadora	67
2.6. As salesianas e a colaboração da comunidade campista, relacionamento com as autoridades	74
3. Gênese e identidade da escola de professoras do ginásio Nossa Senhora Auxiliadora – Campos	78
3.1. Escolas normais públicas no Brasil	78
3.2. Escolas normais católicas no Brasil	82
3.3. As salesianas plasmadoras de mulheres através da educação	83
3.3.1. As salesianas e o projeto educativo de Dom Bosco:	87

princípios, crenças, valores e elementos metodológicos	
3.3.2. Convivência educativa: espírito de família, assumindo o cuidado do crescimento integral e prioritário da pessoa	93
3.4. As salesianas e as escolas normais no Brasil	97
3.5. As salesianas na escola de professoras em Campos: contribuição para a tessitura da professora católica no norte fluminense (1937-1961)	100
3.5.1. 1ª fase: 1937-1940 – luta para a criação do curso normal	104
3.5.2. 2ª fase: 1940-1944 – equiparação, início do curso para alunas internas	108
3.5.3. 3ª fase: 1945-1961 – consolidação do curso normal - entrada das alunas externas, promulgação da lei orgânica do ensino normal/1946 e publicação da IDB/1961	113
4. Os atores educativos “assumem o cuidado” na escola de professoras do ginásio Nossa Senhora Auxiliadora	122
4.1. As alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ	122
4.1.1. O internato, o externato e o semi-internato	124
4.1.2. Escola noturna, escola doméstica e orfanato	129
4.2. As normalistas da escola de professoras do auxiliadora	131
4.2.1. Atuação das normalistas como professoras nas escolas de campos e região	144
4.3. Comunidade educativa “família - cuidadora” e a profissionalização das salesianas da escola de professoras	146
4.3.1. Os professores leigos do curso normal do colégio auxiliadora	159
4.3.2. Os inspetores escolares em visita ao colégio auxiliadora	162
4.4. Educação ampliada: as associações - marca na sociedade local	163
4.4.1. Associação das ex-alunas das salesianas	165
4.5. Os oratórios festivos aos cuidados do colégio auxiliadora	170

4.6. Novas "educadoras-cuidadoras", filhas da terra	173
5. A organização e o cotidiano da escola de professoras do ginásio de Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ	175
5.1. Os tempos escolares na escola de professoras do Auxiliadora	176
5.2. Ambiência salesiana - inventários e materiais escolares	178
5.2.1. Espaços simbólicos: capela, pátio, sala de aula	187
5.3. As práticas educativas das salesianas	189
5.3.1. As festas religiosas e cívicas, demonstração de arte	190
5.3.1.1. As festas e atividades promovidas pelo Colégio Auxiliadora	191
5.3.1.2. As festas e atividades de que as normalistas participavam na cidade	200
5.3.2. A música, o teatro, as excursões e os passeios educativos	203
5.3.3. Recreação, ginástica e higiene. O corpo saudável e robustecido	206
5.3.4. Os exames avaliativos, as exposições e premiações	209
5.3.5. Disciplina, castigos, uniformes e valores morais	211
5.3.6. O trabalho e a profissionalização das jovens	220
5.3.7. O relacionamento da escola e a família	221
6. Considerações finais	224
7. Fontes de investigação	234
7.1. Fontes documentais	234
7.2. Fontes orais	243
8. Referências bibliográficas	244
9. Apêndice	257
10. Anexo	285

Lista de figuras

Figura 1- Construção da Catedral de Campos/RJ, São Salvador	56
Figura 2- Construção da Catedral de Campos/RJ, São Salvador	56
Figura 3- Construção da Catedral de Campos/RJ, São Salvador	56
Figura 4- João Bosco e Maria Domingas Mazzarello	62
Figura 5- João Bosco e Maria Domingas Mazzarello	62
Figura 6- Primeiro prédio Colégio N. S. Auxiliadora – (1927)	68
Figura 7-Alunas do Colégio N. S. Auxiliadora 30/11/1925	72
Figura 8- Programa Educativo das Salesianas	92
Figura 9- Programa Educativo das Salesianas	92
Figura 10- Colégio N. S. Auxiliadora (1936-1944)	104
Figura 11- Decreto Lei nº 145/40 de 12/9/1940	108
Figura 12- Fachada do prédio – (1960)	114
Figura 13- Prática Agrícola – (1949)	119
Figura 14- Dormitório do Internato do GENNSAC-RJ (1950)	125
Figura 15- Diploma de Catequista das Normalistas do Colégio	137
Figura 16- Formandas e seus pais e padrinhos -(1947)	137
Figura 17: Formandas – (1948)	137
Figura 18- Formandas – (1952)	138
Figura 19- Formandas – (1953)	138
Figura 20- Formandas – (1954)	139
Figura 21- Formandas – (1955)	139
Figura 22- Turma de 1956	140
Figura 23- Turma de 1956	140
Figura 24- Cinquentenário de formatura turma do Auxiliadora, 1955	167
Figura 25- Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – Campos/RJ – (1925)	179
Figura 26- Banheira do Colégio N. S. Auxiliadora – (1938)	182
Figura 27- Lavatórios, pias do Colégio N. S. Auxiliadora –1938	182

Figura 28- Gabinete dentário do Colégio N. S. Auxiliadora– (1950)	183
Figura 29: Palco para Festa - Colégio N. S. Auxiliadora – (1929)	183
Figura 30- Biblioteca - Colégio N. S. Auxiliadora – (1937 e 1950)	184
Figura 31- Biblioteca - Colégio N. S. Auxiliadora – (1937 e 1950)	184
Figura 32- Ginásio de Educação Física - Auxiliadora – (1940)	184
Figura 33- Sala de Geografia-Colégio Auxiliadora – Campos/RJ – (1937)	185
Figura 34- Laboratório de Química (1937 e 1950)	185
Figura 35- Sala de Ciências – (1937 e 1950)	185
Figura 36- Museu de História Natural-Colégio NSA. – Campos/RJ -1937	186
Figura 37- Sala de Desenho e Artes-Colégio N. S. A. Campos/RJ – 1937	186
Figura 38-CapelaAuxiliadora (1941)	187
Figura 39- Capela reformada (1958)	187
Figura 40- Sala de aula do Colégio N. S. Auxiliadora – (1950)	189
Figura 41- Festas Cívicas e Religiosas do Ginásio Auxiliadora – (1949)	190
Figura 42- Procissão de Nossa Senhora Auxiliadora – (1955)	193
Figura 43- Campeonato Missionário de Nossa Senhora Auxiliadora -1942	194
Figura 44- Alunas no pátio - década de 1960	207
Figura 45- Alunas uniformizadas (1927)	215
Figura 46- Alunas uniformizadas (1955)	215
Figura 47 a 50- Il Sistema Preventivo, Catechismollustrato	285
Figura 51 a 54- Il Sistema Preventivo, Catechismollustrato	286
Figura 55- Relação do pessoal do Colégio Auxiliadora: 1925 e 194	287
Figura 56- Relação do pessoal do Colégio Auxiliadora: 1925 e 1940	287
Figura 57- Brasão das FMA	288
Figura 58- Bispos Salesianos do Brasil	288
Figura 59- Diploma – (1947)	290
Figura 60- Diploma – (1958)	290

Figura 61- Diploma – (1961)	291
Figura 62- Verso do diploma – (1961)	291
Figura 63- Caderneta Escolar 1957	292
Figura 64- Verbale de fundação, Livro 2 – 1922 -1932	293
Figura 65- Verbale da criação do pensionato,Livro 3 – 1932 -1952	293

Lista de quadros

Quadro 1- Expansão das casas das FMA no Rio de Janeiro	69
Quadro 2- Fases/Periodização da Escola de Professoras do Auxiliadora	103
Quadro 3- 1ª e 2ª Turmas de Normalistas (1942-1943) e (1944-1945)	111
Quadro 4- Matriz Curricular do Curso Normal de Professoras (1942-1946)	112
Quadro 5- Matriz Curricular, Professoras(es), registro, 1947– 1960	117
Quadro 6- Horário da Escola Normal Auxiliadora de Campos – 1952	118
Quadro 7- Alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	123
Quadro 8- Estatística Geral das alunas normalistas	134
Quadro 9- Total de turmas, data da formatura e normalistas formadas – internas e externas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	135
Quadro 10- Professores: religiosas e leigos que atuaram no Curso Normal do Auxiliadora a cada ano	148
Quadro 11- As Diretoras da Escola de Professoras do Auxiliadora	151
Quadro 12- Nº irmãs da Comunidade Educativa do Auxiliadora (1925-1961)	154
Quadro 13- Professores Externos do GENNSAC/RJ -1942-1961	161
Quadro 14- Professoras entrevistadas	260
Quadro 15- Ex-alunas que responderam ao questionário	260
Quadro 16- Ex-Alunasdo Ginásio N. S. Auxiliadora- Campos/RJ	269
Quadro 17- Ex-alunas normalistas que lecionaram	271
Quadro 18- Associações e Catequese do GENNSAC/RJ	278
Quadro 19- Distribuição de Disciplinas por ano/série CNSAC 1955	279
Quadro 20- Distribuição de Disciplinas por ano/série IEC 1955-1957	279
Quadro 21- Matriz Curricular, Professoras(es), 1961	280
Quadro 22- Pontos de prova parcial – 1943	281
Quadro 23- Pontos de prova parcial – 1949	282
Quadro 24- Plano Curricular do Normal, programas mensais (2º ano, 1943)	283

Lista de abreviaturas e siglas

ACENSA - Arquivo do CENSA, Campos./RJ.ACSDP/MA - Arquivo do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa.

ABE - Associação Brasileira de Educação.

ABN - Arquivo da Biblioteca Nacional do RJ.

AEC - Associação de Educação Católica do Brasil.

AISCS - Arquivo da Inspetoria Santa Catarina de Sena, S.P./SP.

AIMM - Arquivo da Inspetoria Madre Mazzarello, B.H./MG.

AINSP - Arquivo da Inspetoria Nossa Senhora da Penha, RJ/RJ.

APCs - Associação dos professores católicos.

APIC - Associação dos professores e intelectuais católicos.

BS - Boletim Salesiano.

C. - Constituições das FMA.

C.C. - Carta Circular (da Madre Geral ou Conselheiras Escolares)

CCBE - Conferência Católica Brasileira de Educação

CELAM - Conferência Episcopal Latino-Americana.

CENSA - Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora.

CEPEHIB - Centro de Estudos e Pesquisa para a História da Igreja Brasil

CIEC - Confederação Interamericana de Educação Católica.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil.

Cron CNSAC - Crônica do Colégio N. Senhora Auxiliadora, Campos/RJ.

D. - Dom.

FMA - Filha de Maria Auxiliadora.

Ir. - Irmã.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JAC - Juventude Agrária Católica.

JEC - Juventude Estudantil Católica.

JIC - Juventude Independente Católica.

JOC - Juventude Operária Católica.

JUC - Juventude Universitária Católica.

LEC - Liga Eleitoral Católica.

OIEC - Organização Internacional de Educação Católica.

Pe. - Padre.

RBP - Revista Brasileira de Pedagogia

SAS - ScuolaAttiva Salesiana.

SDB - Salesianos de Dom Bosco.

TFP - Tradição, Família e Propriedade.

UILE - União Internacional pela Liberdade de Educação.

VRC - Vida Religiosa Consagrada.

A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas é igualmente inútil gastar energias para compreender o passado se não soubermos nada do presente.

Marc Bloch, *Apologie pour l'Histoire*

Educar não é encher um cântaro, mas acender um fogo.
William Yeats

1. Introdução

Amanhã, novos caminhos serão abertos. Amanhã, quando os Educadores construírem a estrada larga, duplicada, de fácil acesso, asfaltada com risos e lágrimas, saberemos que foi rastreada ontem e hoje, rasgada na floresta de obstáculos e conflitos, que é o caminho da educação (SÁ, 2001, p. 3).

Para compreender o presente, é imprescindível recordar o passado. A escola católica é milenar e as escolas normais católicas dirigidas por religiosos, em terras brasileiras, mais que centenárias, contribuíram para a constituição da profissão docente. Fizeram parte da ‘modernização’ da escola brasileira e, no final do século XIX e em quase todo o século XX, formaram professoras primárias que iriam exercer sua função docente nas escolas públicas. Há um *ethos* religioso fundante na formação dessas professoras.

As escolas católicas de religiosas não são idênticas, cada uma traz suas especificidades conforme o carisma¹ fundacional da congregação. Há uma pluralidade de projetos educativos e, conseqüentemente, as Marcelinas são diferentes das Ursulinas, das Vicentinas, das Irmãs do “*Sacré-Coeur*” assim como das Filhas de Maria Auxiliadora [FMA]²/Salesianas.

Esta pesquisa versa sobre o projeto educativo das Salesianas na escola normal³ em Campos⁴, primeira escola normal das Salesianas no Estado do Rio de Janeiro; deteve-se sobre os anos 1937-1961. Pretende preservar do esquecimento

¹ A Igreja Católica entende que todo carisma é um dom de Deus concedido a uma pessoa para benefício de muitos. Cada Congregação Religiosa expressa, na Igreja, no mundo, o dom de Deus recebido por meio de seus fundadores. (GÓMEZ, 2001, p.100-101).

² Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), mais conhecidas como Salesianas. Essas educadoras possuem, ainda hoje, uma grande abrangência dentro do Brasil, sendo 138 obras educativas, 1006 religiosas atuando em 88 cidades/povoados de 19 Estados brasileiros (Estatística do Elenco *Generale del'Istituto delle Figlie Maria Ausiliatrice*/2009, vol. secondo). Daqui para frente, a sigla FMA será usada com o mesmo sentido de salesianas.

³ Ginásio e Escola Normal N. S. Auxiliadora de Campos no Estado do RJ, será usada a sigla (GENNSAC/RJ) quando não usar Escola de Professoras anexa ao Ginásio N. S. Auxiliadora de Campos/RJ. Nomes que a instituição teve neste período: 1925 – Colégio N. S. Auxiliadora. 1938: Ginásio N. S. Auxiliadora. 1940: Curso Normal anexo ao Colégio N. S. Auxiliadora; 1943: Escola de Professoras anexa ao Ginásio N. S. Auxiliadora (Cf. Diploma de 1943). 1957: Escola Normal anexa ao Ginásio N. S. Auxiliadora. 1959: (Ato n. 14 de 05/08/59) Ginásio e Escola Normal N. S. Auxiliadora.

⁴ Refere-se à atual cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, que até 16/10/1986 denominava-se somente Campos.

pessoas, instituições e eventos que construíram uma história educativa no interior norte fluminense.

Analisa o programa institucional⁵, o projeto educativo⁶ das Salesianas como educadoras e na formação - a *tessitura*⁷ - de normalistas/professoras na cidade de Campos/RJ, relacionando a atuação dessas religiosas na educação da juventude feminina, no âmbito do movimento católico e do processo de profissionalização docente na sociedade brasileira, que impulsiona um projeto de cientificização do campo da educação; procura compreender de que forma esse tipo de ensino/aprendizagem era praticado na instituição salesiana e experimentado pelas professoras⁸ e alunas.

As pesquisas no campo de historiografia e de história da educação, embora tenham avançado no estudo de instrução pública, ainda não investigaram as instituições escolares salesianas, presentes em Campos, desde 1925 até a atualidade. A instituição estudada adquiriu notoriedade e se mantém como referência de qualidade na educação, no imaginário dos professores, ex-alunas, funcionários e sociedade campista. Foi sempre considerada excelente escola, definida como rígida, organizada, pioneira na formação de valores.

⁵ O programa institucional refere-se a um tipo específico de “trabalho sobre o outro”: existe “um programa institucional quando valores e princípios orientam diretamente uma atividade específica e profissional de socialização concebida como uma vocação, e quando essa atividade profissional tem por objetivo produzir um indivíduo socializado e um sujeito autônomo” (DUBET, 2002, p. 24). Concebida como universal, a cultura escolar se situava acima da sociedade, buscando passar a seus alunos a razão e a cultura. “A escola queria fabricar cidadãos utilizando as mesmas técnicas da Igreja que queria fabricar crentes. Em outras palavras, a cidadania foi construída por meio de um processo de socialização dos mais tradicionais, apesar da modernidade dos valores postos em prática” (DUBET, 2011, p. 293).

⁶ Tratado pedagógico de Dom Bosco, [fundador das FMA] consta de uma breve introdução e três partes. Na primeira temos a definição de sistema, chamado por ele de método preventivo. Na segunda parte, fala da sua aplicação e, na terceira, a utilidade desse sistema. É um conjunto de elementos, de atitudes, de procedimentos, de meios, de ações e ao mesmo tempo de princípios, de ideias, de razão e de fé com a finalidade de assegurar a formação integral dos jovens. Trata-se de uma experiência vivida pelo educador com os jovens de seu tempo e que depois se espalhou por 128 nações (FERREIRA, 2005, p. 31). O anexo 01 traz, de uma forma plástica, a síntese desse projeto educativo.

⁷ Tessitura (do italiano): Textura, composição de tecido, contextura, organização. Organização das partes de um todo; contextura – espessura. Meticulosa e acurada organização de uma complexa atividade, estrutura ordenada das partes arquitetônicas e ornamentais de uma construção. Vocábulo originário da música para designar o conjunto de sons que integram parte da escala geral e se adaptam melhor a uma voz ou a um instrumento. Atividade artesanal com a finalidade de produção de tecelagem mediante vários tipos de entrelaçamento. (BATTAGLIA, 2000, p. 985-986).

⁸ Naquele período, quase todas as professoras eram religiosas e somente em alguns anos houve a presença de professores leigos, de 1942 a 1961 somente nove, seis mulheres e três homens.

Busca-se, assim, entender a história do ensino normal nesse ambiente, mediante a documentação existente e a partir da percepção que, tanto docentes quanto discentes, possuíam de si mesmas e de sua prática educacional - como estas se constituíram e como se percebem e que marcas trazem desse tipo de formação. Considera-se que, naquele período, não havia ainda massificação da educação escolar e, enquanto o ensino secundário masculino visava ao ingresso nas universidades, o ensino secundário para o sexo feminino consistia na escola normal, o que torna relevante um estudo sobre uma escola normal católica no período, ou seja, contribui para os estudos sobre a educação escolar feminina em uma época em que as diferenciações de gênero eram ainda bastante demarcadas. Buscamos a luz da práxis educativa da escola salesiana ao tentar uma síntese da identidade e da missão das professoras e alunas da escola normal.

O estudo compreende um arco temporal de 25 anos (1937-1961) e abraça, portanto, um iter amplo e complexo de história e de perspectivas pedagógicas. Este recorte temporal justifica-se pelo fato de que, em 1937, iniciaram-se as negociações para a implantação da escola normal e toma-se como marco final o ano da publicação da LDB nº 4.024, de 20/12/1961, que regulamentou o ensino normal como ramo do ensino médio e trouxe mudanças no currículo do curso. Esta divisão indica alguns recortes:

Primeira fase: 1937 – 1940: Luta para a criação do Curso Normal.

Segunda fase: 1940 – 1944: Equiparação, início do curso para as alunas internas.

Terceira fase: 1945 – 1961: Consolidação do curso normal com a entrada das alunas externas, promulgação da Lei Orgânica do Ensino Normal e publicação da Lei de Diretrizes e Bases em 1961.

Esta pesquisa, portanto, tem como **objeto** de estudo o Projeto educativo das Salesianas na formação das normalistas no curso normal do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos, RJ. Procuramos entender a construção da identidade institucional (seu projeto educativo), o seu *programa institucional*, “o trabalho realizado no/sobre o outro” entendido como uma transmissão de hábitos, costumes, valores e formas de ação e disposições adquiridas pelo processo de socialização no dizer de Dubet (2002), com foco na equipe de professores: as religiosas e os leigos que atuaram na formação de outras tantas

professoras “católicas” que “professoraram” nas escolas públicas e particulares, seu significado e contribuição para a formação docente.

O **objetivo principal** é entender o processo de construção da identidade da normalista católica, no âmbito do projeto educativo da Congregação. E, para alcançar este objetivo, os **objetivos secundários** foram importantes:

1) Identificar a *práxis* do projeto educativo das Irmãs Salesianas, do GENNSAC/RJ, na formação da moça professora no bojo da educação católica, entre 1937 -1961.

2) Detectar o perfil da normalista desta instituição e a constituição de sua identidade profissional produzida ao longo de sua formação (*ethos* cristão).

3) Verificar porque o Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora se constituiu como um espaço de referência de formação docente na região

4) Perceber as formas de socialização escolar e religiosa que compõem a identidade das discentes selecionadas para a análise, o *ethos* religioso que impregnava a configuração social, a experiência profissional. Explicitar os modos de socialização profissional dos docentes.

Ao balizar esta pesquisa, buscamos situar a ação educativa da Igreja Católica no contexto de Campos/RJ, Brasil, como também o Instituto das FMA, para assim poder entender os passos que foram sendo dados nessa fase em relação à educação e à criação desta escola. Essa questão é particularmente importante para entender a criação do curso normal quando já havia outra escola normal pública na cidade e o Regulamento anexo ao Decreto nº 2.393 de 25/02/1939, no artigo 172, determinava que fosse concedida equiparação às Escolas Normais oficiais apenas onde não existisse estabelecimento daquela natureza.

A **questão** que permeou a pesquisa: A escola de professoras do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora é criada para garantir a formação cristã das professoras primárias no interior norte fluminense.

Naquele período, a Igreja Católica no Brasil, em Campos, estava preocupada com a escola pública, queria estar dentro da escola pública, e a estratégia foi essa, os cursos normais católicos foram se multiplicando dentro das escolas católicas. Foi a forma que a Igreja encontrou para garantir a formação cristã das crianças e jovens dentro do ensino público, ou seja, por meio das professoras formadas com um *ethos* católico. Clarice Nunes (1994), no posfácio

da obra de Anísio Teixeira, “Educação não é privilégio,” chama a atenção para a grande preocupação da igreja naquele momento: garantir a formação cristã das professoras. Preocupação que vinha desde os anos 1930. Não é por acaso que o Departamento do Ensino Primário e Normal esteve sob a responsabilidade dos católicos até a ruptura de 1932, com Jacobina Lacombe. Os católicos perceberam que não adiantava ficar “brigando” com o Estado, investiram na formação de professoras católicas, - formadas na cabeça e no coração, uma catequista da religião - era uma forma de ação nas escolas públicas.

As **hipóteses** levantadas:

- a) A Escola Normal anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora valia-se dos pressupostos religiosos e congregacionais, mas também de métodos oriundos da pedagogia moderna, ou seja, acreditamos que essa escola construía o seu projeto pedagógico a partir de um amalgamento de propostas da pedagogia católica com as inovações educacionais da época.
- b) O Colégio, além de ser reconhecido como escola de “elite”, foi composto por um público escolar feminino oriundo de outras frações de classe, em outras palavras, discentes provinham de diferentes origens sociais e culturais e a maioria delas, mais tarde, exerceu sua profissão em escolas públicas, particulares, em faculdades, como também fundaram escolas.
- c) A identidade profissional das entrevistadas - professoras e alunas - estaria marcada pela especificidade da socialização das Salesianas o que implicaria na internalização/externalização de um *ethos* católico salesiano.

Quando se elegem, a priori, alguns percursos de pesquisa, em particular quanto às fontes que serão selecionadas, o pesquisador fica, em parte, refém dos dados obtidos para confirmar ou não suas hipóteses ou mesmo orientá-las, conforme o que revelam as fontes. É, pois, neste exercício, que a atividade de pesquisa, de mergulho nas fontes documentais, constitui-se, ao mesmo tempo, no tormento e na ousadia do pesquisador, pois possibilita diversas e interessantes descobertas que nem sempre confirmam aquilo que foi antecipado nas questões da pesquisa, ou levam além delas. Dentro desses limites, foi possível responder às questões levantadas.

Acreditamos que o modelo pedagógico dos cursos normais católicos no Estado do Rio de Janeiro durante os anos 1937/1961 institui um paradigma que

merece ser investigado, caso se queira entender de que forma essa modalidade de ensino se fixou na educação brasileira. Esta pesquisa definiu as hipóteses como uma possibilidade de reflexão sobre essa questão, cujo foco encontra-se no modo como certos docentes e discentes vivenciaram essa experiência.

O programa institucional que se concretizou na escola de professoras no Auxiliadora tem determinadas características, intenções, configurações, tem um estilo, uma marca!...

1.1. Os modos de produção da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa sócio-histórica, na linha da história das instituições educativas de formação de professores, no caso, na perspectiva de Magalhães (1999, 2004), Antonio Nóvoa (1991-1992), Mogarro (2001, 2005), que têm na instituição escolar seu foco de estudo, estabelecendo um referencial teórico metodológico para análise da organização educativa, enquanto tempo e espaço de produção de práticas, através da ação de seus atores, professores, alunos, gestores e funcionários.

Em se tratando de uma instituição educativa, dos processos de formação onde as novas formas de questionar se cruzam com uma abordagem das problemáticas e da sensibilidade, acrescida à diversidade de contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas, Justino Magalhães propõe

Uma *abordagem* que permita a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições, uma *mesoabordagem*⁹ associada a uma renovação nos quadros epistemológicos e hermenêuticos, processo de investigação de vária natureza: orais, arquivistas, museológicas, arquitetônicas, fontes originais e fontes secundárias. Um vaivém esclarecido entre memória e o arquivo (1999b, p.63) [grifo e nota nossa].

Como aluna e educadora salesiana, interpretamos as marcas e as evidências de história sob o ponto de vista da pedagogia, das práticas sociais e da educação. Não gostaríamos de ser aprisionada por dogmas nem por posturas sectárias, típicas de verdades absolutas. Ousamos desejar que o meu jeito e a minha obra de tecelã do conhecimento sobre a educação salesiana em Campos dos Goytacazes possa fluir de forma singular e que a produção brasileira sobre Igreja,

⁹ Um enfoque particular sobre a realidade educativa que valoriza as dimensões contextuais e ecológicas, procurando que as perspectivas mais gerais e mais particulares sejam vistas pelo prisma do trabalho interno das organizações escolares (NÓVOA, 1992, p. 20).

educação e sociedade que alimenta este campo científico seja minha inspiradora e os autores, meus interlocutores.

1.2. Programa Institucional e trabalho sobre o outro: Assumir o cuidado

Do ponto de vista da temática “formação docente”, Dubet em seu livro, *El declive de la institución* (2002), traz como tema central o trabalho realizado no/sobre o outro, entendido como uma transmissão de hábitos, costumes, valores e formas de ação e disposições adquiridas pelo processo de socialização. Para ele, o programa institucional da modernidade seria a tentativa de combinar socialização dos indivíduos e formação de um sujeito em torno de valores universais, para articular a sua integração social e sistêmica na sociedade.

Como afirma Mendonça (2012, p. 14):

A categoria de *trabalho sobre o outro* não só nos parece explicativa de certas especificidades da profissão docente, como é sugestiva a diferenciação que Dubet estabelece entre os professores primários (*instituteurs*) e os professores secundários (*professeurs*). Para esse autor, sob o influxo do ideário da Escola Nova, que trouxe a criança para o centro da escola primária, os professores desse nível passaram a se constituir em especialistas da infância, da psicologia e da didática e o que os identifica é o cuidado com a criança.

As professoras da escola normal do Auxiliadora estavam impregnadas desse modo de agir, de “ser para o outro”, pois também eram formadas e agiam nessa direção devido a sua consagração, profissão religiosa¹⁰, sua vocação de entrega, de doação, oblatividade e procuravam ‘formar’ as normalistas neste modo de ‘trabalho no/sobre o outro’, de ‘cuidar’.

Para Dubet (2006), o trabalho sobre o outro confere legitimidade, isenção de prestar contas, promove o assentimento, o mestre da escola é tão sagrado como o sacerdote porque transmite como ele princípios superiores; a principal virtude do mestre é sua vocação, a autoridade do mestre, sacerdote, juiz, médico é carismática. Uma autoridade apoiada pelos valores da instituição: Razão, Nação, Cultura, Ciência.

¹⁰ Mulheres que vivem em Institutos de Vida Consagrada, cujos membros emitem votos públicos perpétuos, ou temporários (de pobreza, castidade e obediência), vivem a vida fraterna em comum; designadas como “religiosas” ou “Irmãs”(Ir.), “freiras”.

1.3. Concepção Salesiana de ‘Cuidar’: Prevenir, Assistência-Presença

“Deus colocou-nos no mundo para os outros”
(Dom Bosco).

A Congregação Salesiana, oriunda do norte da Itália, tal como seu idealizador, João Bosco, é fundada em 1859 (ramo masculino) e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora em 1972 juntamente com Maria Mazzarello. Francisco (2010, p. 8-10) comenta que a congregação surge como uma resposta da Igreja Católica às transformações sociopolíticas-econômicas e culturais que afetam a sociedade ocidental ao longo do século XIX. A Itália, mais propriamente a região do Piemonte, é profundamente marcada pelos efeitos do processo de industrialização em curso: o crescente êxodo rural, o aumento das populações urbanas, a exploração nas fábricas, as mazelas sociais e psicológicas próprias da acelerada urbanização. As crianças e jovens da capital e região piemontesa são os que sofrem muito de perto os efeitos da industrialização, em sua maioria migrantes, trabalhadores de vários tipos, abandonados e, em muitos casos, provenientes de prisões, são eles os destinatários da ação educativa e pastoral de João Bosco e dos(as) salesianos(as).

Tudo começa com um sonho¹¹, nele se encontra um resumo do sistema educativo de Dom¹² Bosco, não apenas como sistema de educação, mas também como espiritualidade a ser vivida pelos salesianos e salesianas, “não com pancadas, mas com a mansidão ganharás o coração destes jovens”. A dimensão religiosa acha-se na base de toda **“presença para os outros”** vivenciada pelas salesianas.

A palavra **“cuidadoso”** vem do latim “cura”, expressa a atitude de cuidado, desvelo, preocupação e interesse pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Está também vinculada com proteção, do verbo proteger, que significa, entre outras coisas, ajudar, tomar a defesa de, ter a seu cuidado os interesses de

¹¹ O chamado “sonho dos 9 anos” é de importância fundamental para quem estuda a pedagogia de Dom Bosco. Está nas Memórias do Oratório (2005, p. 28-30). O Arquivo Central Salesiano registra 132 sonhos de Dom Bosco. Diz-se que foram sete sonhos que marcaram sua vida (Cf. STELLA, 1973; BROCARDO, 2005).

¹² Na Itália, Dom designa o padre. Entretanto, há um costume, que se tornou internacional, de dizer Dom Bosco, em vez de Padre Bosco.

alguém. A pessoa protetora cuida do que faz, coloca um teto sobre aquilo que trata com cuidado, não o expõe ao ataque de forças inimigas. Nas palavras cuidadoso e atencioso, o sufixo “oso” significa “cheio de”. O cuidadoso está cheio de cuidado com o que faz. Termo afim de cuidado é ternura, é o afeto devotado às pessoas e a todas as coisas do mundo (GRÜN, 2005, p.9-77).

Há toda uma gama de significados no termo '**prevenir**': proteger, prever, atender, chegar antes, preceder, antecipar, preocupar-se, acolher, pré-avisar, prover, evitar que os jovens cometam pecado etc. É a categoria do *cuidado*, próprio do carisma salesiano. Dom Bosco compartilhava da concepção de que a educação é uma forma de prevenção da marginalização e de melhoria da sociedade, como outras obras de promoção social, de beneficência ou de assistência. Num sentido mais restrito, no interior da prática pedagógica, a prevenção era entendida em contraposição à repressão. No entanto, a concepção meramente disciplinar de prevenção como ação externa à pessoa, no sentido de vigiar, defender, impedir, isolar, preservar, porque “prevenir é melhor que remediar”, não alcança o verdadeiro significado do Sistema Preventivo.

Segundo Braidó (2004, p. 89-116), as **figuras preventivas** próximas a Dom Bosco foram muitas; o “sistema preventivo”, que ele praticou e do qual falou e depois escreveu, originou-se num contexto em que semelhantes orientações eram seguidas, codificadas e propostas também por outros. Educadores e educadoras, muitas vezes próximos geograficamente, que em alguns casos o influenciaram ou poderiam ter influenciado, seja porque pode ler alguns escritos seus ou deles teve alguma notícia. Sobretudo eram pessoas e instituições que compartilhavam com ele as ansiedades em relação à juventude em tempos novos e difíceis e empreendiam iniciativas semelhantes em favor dessa juventude, com “mentalidades” e “linguagens” que revelavam fortes convivências com o estilo educativo que se pode legitimamente definir como “preventivo”.

Devemos lembrar também instituições que, embora remontem há séculos anteriores, Dom Bosco as viu operando no seu tempo, e com elas teve contato. É o caso dos Lassalistas, fundados por João Batista de la Salle (1651-1719); com eles Dom Bosco manteve relacionamentos, sobretudo durante os anos 1840, pois eles moravam em Turim. É provável que Dom Bosco tenha lido o livrinho do irmão Agathon na edição turinense (1835): *le dodici virtù de um buon maestro*

accennate dell'Ab. De la Salle, istitutore dei Fratelli delle scuole Cristiane spiegate dal P.F. Agatone Superiore generale del suddetto Istituto. Em meados do século XIX, num opúsculo, o irmão Théoger acrescentava às doze virtudes a constância, a firmeza e o bom exemplo.

Os barnabitas, nascidos na primeira metade do século XVI, se ocuparam de colégios para estudantes no início do século XVII e foram louvados pela disciplina afetuosa. Por isso Francisco de Sales os quis como educadores do colégio de Annecy. O aspecto “preventivo” de seu sistema educativo parece vir formulado mais explicitamente no século XIX. O documento mais sintético e rico é o opúsculo “*Avvertimenti per gli educatori ecclesiastici dela gioventù*”, do padre Alessandro Teppa (1806-1871), então reitor do Real Colégio Interno de Moncalieri, perto de Turim (1856-1867). Dom Bosco leu o opúsculo e o fez ler aos seus salesianos.

Os irmãos Cavanis fundaram uma Congregação Mariana em 1802, que se desenvolve em um “Oratório” e nas “Escolas de Caridade” para jovens pobres e abandonados. Dom Bosco afirmou várias vezes ter utilizado as Constituições dos Cavanis ao redigir as da Sociedade Salesiana.

Ludovico Pavoni (1784-1849), com a “congregação festiva” ou oratórios e a formação profissional artesanal, antecipou em várias décadas as iniciativas de Dom Bosco, com notáveis repercussões de grande amplitude.

Marcelino Champagnat (1789-1840), dos Irmãos Maristas (Pequenos Irmãos de Maria), congregação de docentes, é uma das figuras mais representativas da ação de recuperação e prevenção positiva.

É também importante a contribuição teórica de uma mulher, a nobre bergamasca Teresa Eustochio Verzeri, que, em 1831, deu início à Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, consagrada à educação das meninas de todas as classes sociais.

Ferranti Aporti (1791-1858) não só concebia a educação como prevenção, mas adotou o mesmo sistema preventivo na educação. Aparecem os conhecidos elementos constitutivos: a assistência, a afeição, a caridade, a amorevolezza, o bom senso, a alegria, o canto, a recreação, o movimento. Para o sucesso da própria “educação intelectual”, era necessário recorrer a fatores fortemente afetivos.

Antonio Rosmini (1797-1855) entendeu o prevenir simplesmente como uma condição prévia. Dom Bosco pode ter aprofundado, no contato com a cadeia para menores de “La Generala”, a consciência clara da contraposição entre preventivo e repressivo e da necessidade de juntá-los em um instituto destinado à “educação correcional”. Para Dom Bosco, o prevenir é “a arte de educar em positivo”, propondo o bem com experiências adequadas e envolventes, a arte de fazer os jovens crescerem interiormente é a arte de conquistar o coração dos jovens para encaminhá-los para o bem, por meio de uma sólida formação do caráter. Dar as condições para serem “honestos cidadãos e bons cristãos”¹³.

A ideia de prevenção em Dom Bosco está fundada em dois aspectos complementares: o primeiro é o aspecto protetor que se relaciona com a disciplina, com os limites, com o evitar experiências desgastantes para o desenvolvimento natural dos jovens; é a presença-assistência protetora. O segundo aspecto é o promotor que se preocupa com o crescimento interior, com o processo de maturidade do jovem, desencadeador de uma experiência pessoal e comunitária, adequada às exigências do dia a dia histórico (significando também integração e reintegração do jovem à sociedade).

O conceito “**assistência**”, que se encontra no centro da práxis salesiana e que tão importante lugar ocupou na vida e no ensinamento de Dom Bosco, não é propriamente específico de seu método educativo. Trata-se, na verdade, de “um particular conceito bíblico, conectado com a profunda dimensão religiosa do ser humano” (WAHL, 1985, p. 7), que Dom Bosco soube apropriar-se dele para colocar em prática o seu método.

Para Dom Bosco, os “**assistentes**”¹⁴ são pessoas que agem em sentido educativo, exercitando uma ação positiva, construtiva.

No regulamento, Dom Bosco assim se expressa: “a presença dos assistentes entre os alunos não seja somente material, mas eficazmente educativa”.

¹³ Bom cristão e honesto cidadão é ideia recorrente nos escritos do fundador. Explicita-se nessa dupla-preocupação o princípio humanista aprimorado pelos liberais franceses, do vínculo entre educação e a formação do cidadão, ligado ao Estado, ao sistema jurídico e ao conjunto maior e mais amplo dos saberes e poderes que o definem. Dom Bosco procurou adaptar a esta concepção a formação religiosa, não como contraposto mas como condição da honestidade e salvação do “cidadão” (CERIA, Epistolário 2, 203; 3,430-431, 1955).

¹⁴ Dom Bosco utilizava na assistência também os jovens mais crescidos. Quando entrava um novo aluno nos seus institutos, punha-lhe ao lado um colega mais idoso e que já tinha a capacidade de autodeterminar-se retamente. Era chamado o “anjo da guarda” do novato.

“Assistindo se previne suficientemente o mal e não há necessidade de reprimir” (MB XVI, 168). Na assistência, ocorre a abolição do mal e também do castigo.

A assistência é, na experiência concreta do sistema preventivo de Dom Bosco, ajuda benéfica aos jovens “pobres e abandonados”. Prover as necessidades, antes de tudo materiais (casa, alimento, roupa, apetrechos para escolas e oficinas), marcou o início do interesse do educador piemontês pelos jovens, absorvendo-o até o fim dos seus dias.

A assistência tem, pois, uma função metodológica capital na ação educativa, tanto que no sistema preventivo, enquanto tal, *educador* e *assistente* se identificam.

Segundo Sá (1993, pp. 22-25), para Mazzarello, a vigilância era um ato de amor; nada tinha de controle policial. Era uma presença eficazmente educativa que não corta a liberdade, é *cuidado*, dedicação, prontidão de auxílio, “estou aqui junto de você”, comunhão de vida que estimula, que leva o jovem à maturidade.

O Superior [educador] seja tudo para todos, pronto para ouvir sempre qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar, cuidar paternalmente sua conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal daqueles que a Providência lhe confiou (BRAIDO, 1992, p. 386).

A assistência salesiana entendida como o “*cuidar de*” implica uma atitude de aproximação, é “estar com”, fomenta a confiança, acompanha, proporciona segurança, ajuda o outro e faz com que o diálogo favoreça relações amigáveis, coloca a pessoa como o centro do trabalho educativo.

Este é o resultado do ato educativo, que não fica somente na sala de aula, mas que toca a vida e transforma. “Cuidar de” pessoa é ajudá-la a assumir seus compromissos, a sua tarefa de forma responsável na vida.

A FMA, como Maria Mazzarello, “toma cuidado dos outros” com gratuidade e de uma maneira integral, acolhendo uma entrega. Dom Bosco se expressava assim: “Por vocês eu estudo, por vocês eu trabalho, por vocês eu vivo, e por vocês estou disposto a dar até a vida” (RUFFINO D., quad. 5,10). Não é diferente de Maria Mazzarello, que viveu em síntese sapiencial a entrega que lhe foi feita na visão de Borgo Alto¹⁵: “A ti as confio, cuide delas” (CAPETTI, Cron

¹⁵ Visão de Borgo Alto – Um dia, ainda jovem, Maria Mazzarello, passando pela colina de Borgo Alto (parte mais alta de Mornese, no Piemonte/Itália), se viu diante de um edifício imponente, ainda não existente, como um grande colégio, onde apareciam muitas jovens e adolescentes. Confirmando sua visão, ouviu uma voz que lhe dizia: “**Eu as confio a você**”. Nunca mais Maria

Ist, I, 96). Para eles, o modo de assumir o cuidado dos/das jovens era orientado para ajudá-los a descobrir o projeto de Deus na sua vida e realizá-lo como condição de felicidade e como caminho de santidade na trama do cotidiano.

O conceito de experiência em Dubet (1994) pode ser entendido como uma das formas de materialização das disposições sociais adquiridas, uma forma de explicação do social (1994, p. 93-95), que pressupõe a ênfase na subjetividade e, por sua vez, entende a atividade do indivíduo como algo que se encontra *tecido* por mais que uma lógica, pela própria heterogeneidade do vivido. Ao invés de se perseguir só os estatutos que fixam condutas, procura-se também o vivido, as formas subjetivas de se construir o social.

1.4. Construção de Identidades Sociais e Profissionais

Jean Claude Dubar, no capítulo introdutório do livro *A Socialização – Construção das Identidades Sociais e Profissionais* (1997), distingue conceitos tais como a arte, o ofício e a profissão. Para ele, o termo profissão aplica-se às artes liberais e o termo ofício, aos artesãos. Assim, estabelece uma análise das atividades profissionais e de sua institucionalização, o que permite a aquisição de uma cultura profissional.

Para esse autor, tanto as esferas do trabalho e do emprego quanto a da formação constituem domínios pertinentes das identificações sociais dos indivíduos, sempre pensadas como configurações relativamente estáveis, mas igualmente evolutivas. Essa análise é muito sugestiva para pensar, no caso dos professores das escolas normais, a relação entre biografia e identidade profissional e, igualmente, a relação intergeracional. Para Dubar, desse último ponto de vista:

A identidade social não é “transmitida” por uma geração à seguinte, ela é construída por cada geração, com base em categorias e posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenroladas nas instituições que os indivíduos atravessam e para cuja transformação real eles contribuem (*opus cit.*, p. 118).

Uma dimensão da pesquisa é identificar e entender essas distintas estratégias de construção da identidade docente da escola normal confessional de Campos. O curso normal do Colégio Auxiliadora passa, então, a ser interpretado

pode esquecer essa imagem-visão ou “sonho diurno”, que voltaria com insistente frequência a seus pensamentos (Cron. Ist, I, 96). O sonhar sempre sobreviveu ao fugaz cotidiano.

não apenas segundo seus condicionantes externos – as relações dessa modalidade de ensino com as políticas educacionais, por exemplo, mas, segundo as maneiras pelas quais seus docentes e discentes se relacionam no interior desse espaço social. Assim, as identidades, fruto dos processos de socialização, são “o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 1997, p. 115).

Sua utilização permitiu: a) uma compreensão do significado da escola normal católica a partir da vivência que seus agentes adquirem no interior dessas configurações escolares; b) uma interpretação da escola normal segundo seu próprio amalgamento com outras redes socializantes em que se situam os agentes escolares (DUBAR, 1994); c) uma definição do curso normal com base em sua cultura, uma vez que as experiências dos agentes escolares em foco ocorrem no interior de uma dada cultura (THOMPSON, 1981, p. 189) – a cultura de colégios católicos tradicionais.

Reconhecemos a organização hierarquizada do ambiente escolar, mas também sua vinculação com a sociedade mais ampla na qual a própria escola encontrava-se inserida, e, no mesmo movimento de análise, buscamos, na coerência de sua estrutura organizacional, suas práticas, seu cotidiano, seus níveis de flexibilidade diante das normas impostas (VIÑAO FRAGO, 1995).

A elaboração de uma história da profissão docente depende do desenvolvimento de uma história das práticas discentes e vice-versa: como “em uma rede só entendemos o fluxo constante de um dos agrupamentos se virmos que o outro agrupamento também se encontra em um fluxo constante” (ELIAS, 1999, p. 142). Nossa análise foi realizada garantindo “uma percepção do social a partir da ótica dos indivíduos que, ao estabelecerem relações sociais *entre si*” (CHAVES, 2011, p. 9), comporão o próprio social que investigamos: uma escola normal católica.

Cabe salientar a escola normal católica como foco de atenção e a família como fonte de informação. Principalmente quando se trata de um estudo sobre colégio católico, cujo *ethos*, de modo geral, coincide com o de seus próprios agentes, posto que a seleção tanto dos docentes quanto dos discentes para compor seus quadros é rigorosa.

De acordo com Mainwaring (1989), a fé, um fenômeno suprracional, é o pressuposto básico da Igreja. Entretanto, estudos sociológicos sobre as relações da Igreja com a política, ou mesmo com a cultura, nos obrigam a pensá-la enquanto uma instituição que, como qualquer outra, tem como objetivo a sua preservação, com base na defesa de seus interesses particulares. Assim, “legitima-se socialmente e ao mesmo tempo converte o *ethos* – sistema de esquemas implícitos de ação e apreciação – em ética – conjunto sistematizado e racionalizado de normas explícitas” (BOURDIEU, 2007, p. 46).

Identificamos como os professores da escola normal católica foram constituindo uma cultura docente específica desse segmento da categoria, objetivada nas suas práticas e transmitida de geração a geração, através da memória da corporação, no caso, uma congregação (fundada por um educador, Dom Bosco) com um carisma educativo, configurando uma tradição inventada, na perspectiva proposta por Escolano (1999). Partimos do pressuposto de que esses professores católicos construíram historicamente uma identidade profissional distinta, com implicações tanto na dimensão deontológica (referida a valores), quanto na dimensão epistemológica (da relação com o saber) da profissão, constituindo uma cultura docente (ou culturas) diferenciada, que interfere nas práticas desenvolvidas por esses professores no que se refere ao seu trabalho especificamente docente.

Mulheres e homens só podem ser analisados se identificados uns em relação aos outros, e esse sistema de gêneros constrói-se segundo paradigmas religiosos, filosóficos, legais e políticos, que definem as categorias sociais atribuídas a homens e mulheres, na medida em que a educação, as relações familiares e de trabalho incidem na interiorização e reprodução dos papéis sexuais (SCOTT (1990), PEREIRA (1996), LOURO (1997), ALMEIDA (1998, 2006)).

Há estudos que abordam a educação com a finalidade de perceber a importância atribuída à figura materna no movimento ultramontano, como sendo uma das estratégias da Igreja Católica para reconquistar o público leigo na sociedade moderna (GUARIZA, 2003).

A importância de tais pesquisas em relação ao modo como as irmãs pensam a formação das moças cristãs católicas evidencia porque a Congregação Salesiana, por meio de seus colégios, imprime verdadeiramente uma estratégia

católica que colabora para a construção da civilização cristã, em que as mulheres são educadas para serem boas mães e boas cristãs, a exemplo da Virgem Maria.

Nessa linha, Pereira (1996) relata a presença do discurso religioso na formação das professoras. Nele, a autora focaliza a compreensão dos aspectos simbólicos presentes nos rituais escolares que estão na ação educativa, dando maior atenção às concepções de mulher e educação contidas no discurso religioso do cotidiano da educação das professoras. A contribuição de estudos como esse consiste na compreensão de que o discurso religioso perpassa todo o cotidiano escolar, não sendo somente garantido pela aula de religião na matriz curricular, mas pela força simbólica que esse discurso carrega e que é traduzido nas práticas escolares, na formação da cabeça e do coração.

1.5. Os percursos da pesquisa: localização e identificação das fontes - *Corpus documental*

A história de uma instituição educativa constrói-se a partir de uma investigação coerente e sob um grau de complexificação crescente, pelo que à triangulação entre os históricos anteriores, a memória e o arquivo, haver-se-á de contrapor uma representação sintética, orgânica e funcional da instituição – o seu modelo pedagógico. As informações colhem-se em fontes escritas, orais, museológicas, arquivísticas (MAGALHÃES, 1999a p. 74; 1999b p. 54).

O estudo foi realizado a partir das consultas aos documentos escolares da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, encontrados nos arquivos do Centro Educacional Maria Auxiliadora (CENSA) de Campos/RJ e outros arquivos consultados em busca de documentos referentes à fundação, ao desenvolvimento do Colégio, do curso e do pessoal docente.

As visitas a esses espaços, em busca dos documentos, foram realizadas em diferentes etapas, durante dois anos.

Para darmos início à pesquisa, nos arquivos escolares da Escola de Professoras do Auxiliadora¹⁶, solicitamos, via ofício, autorização à diretora da instituição (CENSA/ISECENSA). Assim que essa autorização foi deferida, já iniciamos a pesquisa, e para tal estudo nos apoiamos no conceito de arquivos

¹⁶ Arquivos da Casa e do Colégio das Irmãs do Centro Educacional Maria Auxiliadora (CENSA) de Campos/RJ nomeado como [ACENSA]

escolares em Mogarro (2005, p. 79-81) que propõe a necessidade de realizar o levantamento de toda a documentação existente, elaborar seu inventário e organizar os arquivos. Estes constituem o repositório das fontes diretamente relacionadas com o funcionamento das instituições educativas, o que lhes confere uma importância acrescida de novos caminhos da investigação em educação; a identidade e memória histórica de uma instituição escolar podem ser preservadas a partir do arquivo escolar. Cada documento encontrado nos levava a procurar por outros, não esquecendo o necessário cruzamento das informações que um documento pode conter, com as de outros documentos.

Os documentos que compõem os arquivos escolares foram produzidos por diferentes atores e sob diferentes diretrizes educacionais, em cada período histórico, portanto eles devem ser analisados com o objetivo de contribuir com a história da escola, com a história da educação.

A pesquisa na secretaria da escola em Campos contou com o apoio e a disponibilidade da secretária Ir. Giuliana Acerbis, de sua auxiliar Marise da Silva Tavares Machado e da bibliotecária Monique Águida. Estas continuaram enviando documentos e esclarecendo as dúvidas que iam surgindo, no cruzamento dos dados, conforme a pesquisa avançava.

A documentação escolar do arquivo que se encontra na secretaria da escola compreende: ficha de matrícula das alunas; livros: de registro de diplomas, de notas, de transferência, de atas de exames, de termos de visitas; regulamentos e estatutos da escola; matrizes curriculares, planejamento escolar; horário das aulas, documentos sobre estágios; correspondências recebidas e enviadas (poucas). Decretos: de inspeção preliminar e permanente, de criação e reconhecimento, de Equiparação do Curso Normal; processos de professores; Relatório da Diretora da Escola Normal, Ir. Maria José Pinheiro (PINHEIRO, 1947), que faz um retrospecto de todos os passos para a implantação do curso; fotografias.

Através do funcionamento das instituições, entendemos que os arquivos escolares nos remetem à cultura gerada no cotidiano escolar.

Estivemos nos arquivos de três Inspetorias¹⁷ das Salesianas (São Paulo, Belo Horizonte/MG e Rio de Janeiro). Na Inspetoria Santa Catarina de Sena/SP¹⁸

¹⁷ O termo inspetoria vem utilizado, no instituto das FMA, para indicar as responsabilidades das diversas províncias religiosas (Cf, Constituições e Regulamentos das FMA 1992, Art.144-145).

encontramos os livros de Crônicas¹⁹ da Instituição guardadas neste local, de 1925 a 1942; são anuais, tipo brochuras. A Crônica, conhecida também como a Monografia da Casa, é geralmente iniciada no dia da fundação, como uma exigência da Congregação Religiosa, de acordo com a sua Constituição²⁰ e tem a finalidade de narrar os fatos acontecidos na instituição, com clareza, precisão e exatidão, sobretudo as datas comemorativas. Outro documento importante foi os *Verbale* (Verbaís das reuniões do Conselho Inspetorial de São Paulo [1924-1943] sobre a fundação da casa, abertura do curso normal, reformas, novas construções). Utilizamos ainda os informativos: *Il Notiziario delle Figlie di Maria Ausiliatrice nelle Missioni*, a Revista *Auxilium*, do Colégio Santa Inês e das obras da Inspetoria, a Revista União Salesiana – Ex-alunas das FMA (Salesianas) no Brasil.

No arquivo da Inspetoria Madre Mazzarello/MG²¹ foram localizadas as crônicas da casa de Campos, de 1943 a 1961, e as fontes documentais da congregação: Atos dos Capítulos Gerais do Instituto referentes à educação, cartas circulares da Madre Geral²² e do Reitor-Mor²³, cartas circulares das Conselheiras

No Brasil, na época da pesquisa, havia a Inspetoria Santa Catarina de Sena, de São Paulo e a Visitadoria de Mato Grosso, que ainda dependia de São Paulo, não era totalmente autônoma. O Colégio de Campos foi fundado em 1925 pela Inspetoria Santa Catarina de Sena. Em 1948, surge mais uma inspetoria em Minas Gerais, Belo Horizonte (Inspetoria Madre Mazzarello) e Campos fica sob a sua jurisdição. Rio de Janeiro teve sua província somente em 1984. A documentação desta casa em Campos se encontra em três arquivos inspetoriais. Hoje, no Brasil, as Irmãs estão distribuídas em 9 inspetorias.

¹⁸ Arquivo da Inspetoria Santa Catarina de Sena em São Paulo/SP [AISCs].

¹⁹ Cron. CNSAC (Crônicas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos) - Em relação às crônicas, convém acrescentar algumas informações: material redigido a dezenas de mãos, às vezes, por anos seguidos, a letra permanece a mesma, mas, em outros anos, encontramos caligrafias diferentes. A cronista, geralmente anônima, era sempre uma religiosa e, com raras exceções, o estilo é telegráfico. As informações contidas na Crônica representam o olhar de quem as escreve, o que elas informam geralmente foi passado por um filtro, por uma interpretação. É possível, a um olhar crítico, apontar práticas de sociabilidade e de cuidado do outro. Escritas em italiano durante todo o período desta pesquisa. Fazemos uso de uma tradução livre, veja anexo 2.

²⁰ Constituições, Regras, Diretórios, Manual Regulamentos. A primeira Constituição das FMA, edição impressa é de 1878. As Constituições de 1922 foram revistas em conformidade com o Código de Direito Canônico de 1917. Foi o texto de referência de gerações de FMA e permaneceu em vigor até 1969, portanto no período todo desta pesquisa.

²¹ Arquivo da Inspetoria Madre Mazzarello em Belo Horizonte/MG [AIMM].

²² A primeira Madre Geral foi Maria Domingas Mazzarello. A segunda foi Catarina Daghero que governou o Instituto por 43 anos (1881-1924). Por ocasião de sua morte, havia 4.276 FMA e 487 casas, em 34 nações. Circulares das Madres Gerais do período da pesquisa: Luiza Vascetti, terceira Madre (1924 – 1943), cartas circulares n. 91-269, quando ela faleceu deixou o Instituto com 9.942 irmãs em 47 nações, 881 casas. Novas fundações na América 115!. A quarta Geral, Ermelinda Lucotiti (1943 – 1957), cartas n.º 270-416. Neste governo, a Congregação possuía 14.439 irmãs, 1.258 casas em 55 nações.; E a quinta superiora do período foi a Madre Ângela Vespa (1958 – 1969) - cartas n.º 417-517.

²³ Reitores Mores são aqueles que sucederam Dom Bosco no comando da Congregação Salesiana (Sociedade de São Francisco de Sales), popularmente conhecidos por salesianos de Dom Bosco,

Escolares da Congregação. As cartas circulares na maioria das vezes contêm exortações espirituais em vista da formação dos membros do Instituto, e notícias ou comunicações de caráter prático são lidas, meditadas comunitariamente em todas as casas das FMA.

No arquivo da Inspetoria do Rio de Janeiro²⁴, e também na Biblioteca do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA/RJ), foram encontradas as referências bibliográficas relacionadas ao Sistema Salesiano de Educação e à História do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Em Barbacena²⁵ tivemos acesso às três Cartas Pastorais do Bispo de Campos, Dom Henrique Cesar Fernandes Mourão (1925- 1935), aos Documentos da Igreja referentes à educação. Dos papas: a) Pio XI, 1922-1939, a Encíclica *Divini Illius Magistri*, publicada em 1929 (Sobre a educação cristã da juventude); b) Pio XII, 1939-1958. Entre as obras publicadas, fixamo-nos no discurso *La Letizia* (1943) e na alocução sobre moda (1957). Consultamos ainda as Cartas Pastorais dos Bispos do Brasil (1911, 1915, 1916, 1922).

Neste arquivo, foram localizados os Boletins e Revistas Salesianas editados no Brasil (1925-1961) e escritos dos fundadores: Dom Bosco e Madre Mazzarello sobre educação.²⁶

Na Biblioteca Nacional²⁷ durante vários dias, passei longas horas folheando jornais de Campos já em péssimas condições de manuseio, ainda não digitalizados, pesquisei os números disponíveis (*Monitor Campista*, *Folha do Povo*, *Folha do Comércio*, *Catolicismo*, *Folha da Manhã*). Tive acesso a alguns exemplares da bibliografia regional norte fluminense, como Horácio Souza, Pereira Pinto, Waldir Carvalho e Zelia Seiblitiz.

Em Campos, no Arquivo Diocesano [ACDC] onde está depositada a documentação da cúria, ainda sem organização, encontramos alguns relatórios que

sigla: SDB. São eles: Miguel Rua: 1888-1910; Paulo Albera: 1910-1921; Filipe Rinaldi: 1922-1931; Pedro Ricaldone: 1932-1951; Renato Ziggiotti: 1952-1965.

²⁴ Arquivo da Inspetoria Nossa Senhora da Penha no Rio de Janeiro/RJ [AINSP].

²⁵ Arquivo do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa - Barbacena/MG [ACSDP].

²⁶ Totalizam cento e vinte e três títulos e mais dois volumes de cartas os escritos que, entre avisos, circulares, obras catequéticas e regulamentos, compõem a listagem completa das publicações que versam sobre o que Dom Bosco denominou de Sistema Preventivo o seu projeto pedagógico. MAZZARELLO, Maria Domingas (1872-1881) – Letteras: *La sapienza della vita*.

²⁷ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [BN/RJ].

a escola enviou à diocese, referentes a atividades catequéticas e pastorais, o histórico do Jubileu Episcopal de Mayer e o Anuário da Catedral de Campos.

Estivemos no arquivo particular do Drº Wellington Paes, [ApWP], em Campos, onde encontramos as Cartas Pastorais do 3º Bispo de Campos, Dom Antônio Mayer (1949-1981). Ele escreveu várias, citamos a que está dentro do período de estudo: Carta Pastoral “Sobre problemas do apostolado moderno”. Com ela há um Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos (1949).

Quanto ao Arquivo geral das FMA em Roma [AGFMA] conseguimos alguns documentos mediante e-mail à secretária geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, a historiadora Ir. Piera Cavaglià e da Banca Dati (<http://www.cgfmanet.org/Bd/default.aspx?lingua=5>).

1.6. Questionário (17 ex-alunas) e Entrevistas (seis antigas professoras)²⁸

Os estudos dos arquivos escolares encontrados nos levaram aos diferentes sujeitos envolvidos na *tessitura* da história do GENNSAC. Procuramos ouvir/dialogar com os sujeitos que participaram da trama desta escola. Foram convidadas a participar desta pesquisa as educadoras que lá lecionaram e aceitaram, espontaneamente, narrar sua trajetória escolar durante o curso normal e trajetória profissional, utilizando-se da trajetória de vida. Para elucidar e dar sua contribuição nesta pesquisa, entrevistamos seis antigas professoras. Como afirma Jacques Ozouf (1973), “os professores contam a sua história”, assim pareceu-me tentador solicitar às professoras que falassem de si mesmas, “arquivos provocados”.

Apoiados na ideia de Demartini, deixamos a concepção de depoimento de lado e assumimos a denominação de “histórias de vida inacabadas”, ou seja, ouvimos uma parte ou uma “fatia”, no dizer de Bento (2009, p.12), da história de vida de cada sujeito.

Quanto aos depoimentos orais com as ex-alunas, não foi fácil achar tempo e encontrar as pessoas que moram tão distantes, em Brasília, Rio de Janeiro, Niterói e em Campos; a falta de tempo de alguns desses sujeitos em função das

²⁸ Ver apêndice C e D.

obrigações do cotidiano (ou da impossibilidade de locomoção devido à idade) fizeram com que optássemos por um questionário.

A utilização de um questionário teve como objetivo produzir informações comparáveis entre si sobre as características sociais da família, a trajetória escolar, os modos de profissionalização e alguns dados - aqueles possíveis de serem interrogados via um instrumento como o questionário. Para a elaboração deste instrumento, Demartini (1988), Günther (2003) e Bourdieu (2006) foram os suportes.

Em outubro de 2011, aplicamos os questionários (apêndices A e B) com as ex-alunas da Escola de Professoras; de 20 questionários enviados, recebemos 17 respondidos. Queríamos ter representantes de todas as 16 turmas de formandas do período, mas estas ex-alunas pertenceram a 10 turmas diferentes: 1946, 1947, 1949, 1950, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957 e 1958. Representantes das turmas de 1952, 1959, 1960 e 1961 foram contatadas por telefone e também nos deram sua contribuição. Portanto, somente as duas primeiras turmas (1943 e 1945) não foram localizadas.

O questionário estava dividido em quatro blocos: I) Dados da normalista e dos pais; II) Dados do período em que frequentou o curso normal no Auxiliadora de Campos/RJ; III) Sobre o ensino e lembranças do colégio; IV) Profissão.

Soubemos da existência de 17 professoras religiosas, do período, que ainda estavam vivas²⁹, (uma com 110 anos!)³⁰, destas, seis foram entrevistadas em 2011 e 2012; das nove professoras leigas, somente uma estava viva, mas doente e sem condições de ser entrevistada.

Antes de abordarmos os sujeitos deste trabalho, vimos com a coordenação da pós-graduação da PUC - Rio a análise sob o aspecto ético-legal. Mantivemos os sujeitos anônimos quando se expressam no texto. Os nomes dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram substituídos; as ex-alunas foram identificadas por nome de “flores” e as educadoras por nome de “pássaros”.

²⁹ Uma faleceu em 2012, Ir. Yolanda Ladeira.

³⁰ Ir. Irene Lanna. Disponível em: <http://www.boletimsalesiano.org.br/index.php/2011-06-30-23-44-03/item/1429-irm%C3%A3-irene-lanna-completar%C3%A1-110-anos>. Acesso em: 12/06/2013.

As entrevistas revelaram que um capital cultural foi tecido no âmbito dos valores católicos e que eles continuam sendo transmitidos numa linhagem geracional, permitindo sua reprodução numa longa duração.

Para analisar a história da Escola de Professoras do Auxiliadora, foi preciso rever a história da Escola Normal no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, período da criação da Escola Normal, objeto de estudo deste trabalho.

A construção de uma narrativa histórica está relacionada à produção de sentidos, ou seja, o que se narra sobre as salesianas está mergulhado em redes enunciativas historicamente produzidas, contribuindo desta forma para a fabricação de uma memória e experiências específicas acerca desta congregação, delimitando o que pode e deve ser dito. Assim, os documentos – Constituições, Regulamentos, Encíclicas Papais, Cartas Pastorais Diocesanas, Capítulos Gerais, boletins, livros, jornais, verbais, crônicas, entre outros – contribuem para a produção desta história, a partir do momento que são percebidos como documentos-monumentos³¹, ou seja, instituem objetos, sujeitos, enunciados, verdades históricas.

Sentimos o desafio do ofício do historiador. Como lidar com todo esse material, como encará-lo, como transformar essas informações em evidências? Aprendemos com Mogarro (2005) que o trabalho do historiador requer atenção, dedicação no diálogo com as fontes, com os arquivos e perceber também as lacunas, os silêncios, fazer uma leitura crítica dos documentos, num ir e vir na constituição das evidências, qual a perspectiva de nosso objeto de estudo, o projeto educativo das salesianas na *tessitura* da professora católica, na escola normal de Campos, que privilegiamos para a nossa investigação, e qual problema serviria como eixo condutor da discussão – esta escola é criada para garantir a formação cristã das professoras primárias no interior fluminense.

Em relação ao procedimento de análise desses documentos, identificamos núcleos conceituais, palavras recorrentes que permitiram elaborar categorias

³¹ Aqui nos apropriamos de Foucault (2004), que percebe os documentos como produções históricas e inseridas em redes discursivas que delimitam o objeto de estudo, a partir de disciplinas-saber. Os textos, sejam elaborados por Dom Bosco ou por outros, são percebidos como inseridos em uma discursividade específica – catolicismo – ao mesmo tempo em que obedecem a regras enunciativas específicas da nascente pedagogia.

catalisadoras e organizadoras das informações conforme o projeto educativo das salesianas. Buscamos identificar, através da junção, do cruzamento e do questionamento dos dados fornecidos por esses materiais, a implantação e o funcionamento da escola de professoras do Auxiliadora, tempos, espaços, atores e suas práticas escolares, formativas e religiosas, sua concepção de educação.

A cultura escolar da instituição investigada desenvolveria um *modus operandi* que, através do cotidiano escolar, da disciplina, das práticas culturais, religiosas, cívicas, jogos, teatro e música, formaria o tipo de indivíduo para exercer a profissão segundo os moldes da doutrina católica e do carisma salesiano que é “formar bons cristãos e honestos cidadãos”.

A cultura escolar é aqui tomada numa acepção abrangente, que perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, na constituição dos sistemas curriculares, tal como a entendeu Vinão Frago que nos lembra que a cultura escolar tem sido entendida como uma das “caixas pretas” da historiografia educacional e, no conceito de cultura escolar, vê os “modos de pensar e atuar que proporcionam a seus componentes estratégias e pautas para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas – no resto do recinto escolar – e integrar-se na vida cotidiana das mesmas” (VIÑAO, 2000, p. 100).

Os resultados da investigação estão apresentados conforme a organização interna dos capítulos disposta da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado “As FMA/Salesianas e a educação em Campos (1925-1961)”, buscamos através da história da Igreja no Brasil, da fundação da Diocese de Campos e da atuação educativa dos três primeiros bispos do período em estudo, a *tessitura* da professora católica. Rememoram-se os aspectos educacionais, políticos e econômicos da cidade de Campos e a fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora/Salesianas, a vinda delas para o Brasil e a instalação do Colégio em Campos, privilegiando a educação feminina, com princípios, crenças e valores, na ambiência salesiana, o cuidado com o crescimento integral das educandas, a convivência educativa, a sociabilidade, a referência a Maria Auxiliadora, Mãe e Mestra da juventude. A Filha de Maria Auxiliadora, como outra “auxiliadora” dos jovens, preparando “novas auxiliadoras” para desempenharem sua missão em escolas públicas. O apoio que

as salesianas receberam das autoridades e da população para esta fundação e permanência na cidade até os dias atuais, num crescimento contínuo.

No segundo capítulo, “Gênese e identidade da Escola de Professoras anexa ao Ginásio de N. S. Auxiliadora”, procuramos mostrar a Escola Normal pública no Brasil e em Campos, a atuação das Salesianas na educação, em escolas normais em Nizza Monferrato/It e no Brasil, em Campos para a *tessitura* da professora católica.

No terceiro capítulo, “Os atores educativos ‘assumem o cuidado’ na Escola de Professoras anexa ao Ginásio de Nossa Senhora Auxiliadora” procuramos analisar a história e o funcionamento desta Escola a partir dos arquivos escolares encontrados no arquivo da Escola e nos outros arquivos já mencionados. Procuramos nomear as Normalistas da Escola de Professoras: Perfil, Formatura, importância do Diploma, a atuação das Normalistas como Professoras nas Escolas de Campos e redondeza. Mencionamos as Alunas do Auxiliadora: o Internato, o Externato, o Semi-Internato, a Escola Noturna, a Escola Doméstica, as órfãs (Orfanato). A comunidade educativa do Colégio, “família”, a profissionalização das Salesianas Educadoras, as Diretoras da Escola, a presença do Diretor espiritual/Capelão no colégio, os professores externos/leigos. Os Estatutos, Regulamentos da Escola. Seguindo ainda com os atores citamos: os Inspectores Federais/Estaduais, As Associações que constituem a educação ampliada das salesianas, o Oratório Festivo, as novas educadoras, (vacionadas), a expansão das Salesianas no Estado do Rio de Janeiro.

Já no quarto capítulo “A organização e o cotidiano da Escola de Professoras anexa ao Ginásio de Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ”, apresentamos os tempos e os espaços escolares, as práticas religiosas, relacionais, disciplinares, associativas, recreativas, cívicas, avaliativas, as premiações, as exposições, as festas, a música, o teatro, as excursões, a educação moral e higiênica, as diretrizes curriculares e a pedagogia do trabalho baseadas nos relatos das ex-alunas e antigas professoras e na documentação escolar.

Interessamo-nos pela experiência educativa vivida pelas ex-alunas e irmãs que já atuaram em escolas salesianas e que falam com muito entusiasmo. Fomos aluna de uma escola normal salesiana em Campo Grande/MS, convivemos muitos anos com várias professoras formadas nessas escolas. Como salesiana, desde

1981, atuamos como professora e gestora em várias escolas e abrigos permanentes da congregação, em escolas públicas e indígenas [povo Xavante] como efetiva da Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso. A dificuldade de uma religiosa, como no nosso caso, em fazer ciência neste campo, existe, de acordo com Bourdieu da perda da objetividade, “porque, quando se faz parte dele, participa-se da crença inerente ao fato de se pertencer a um campo” (BORDIEU, 1990, p. 108). O olhar crítico quer orientar a pesquisa com objetividade e para o interesse científico defronta-se com o nosso pertencimento religioso, levando-nos à consciência de que a história aqui narrada pode ter distorções, uma vez que o “lugar fala” tende a sempre interferir e “fazer dessa pertença condição necessária e suficiente para o conhecimento adequado” (idem, 1990, p. 110).

Por outro lado, o pertencimento à Congregação por muitos anos é positivo ao permitir tanto o acesso às fontes como à familiaridade necessária para a compreensão de suas particularidades.

Posso afirmar com Mogarro (2001, p. XXXIV), a condição dessa escola coloca-a num lugar de charneira entre o poder central da congregação e a comunidade local, mantendo a própria escola, os seus professores, alunos e funcionários relações cotidianas com os espaços e as pessoas dessa comunidade, em que estão inseridos, participando na sua vida social, cultural e educativa.

A pesquisa, como relata Carvalho (2009a, p. 17), “é sempre um labirinto, um desafio. Tem riscos e meandros, surpresas e descobertas. Às vezes nos leva por caminhos nunca antes imaginados”. Neste período de estudo, dedicamo-nos com afinco a leituras, a buscas em arquivos, a km e km percorridos, e hoje, ao término desta etapa, digo com Simone Weil:

Não tem sentido livrarmo-nos do passado para pensar apenas no futuro. Até o fato de nisto se acreditar já é uma ilusão perigosa. A oposição entre futuro e passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; somos nós que, para construí-lo, temos de dar-lhe tudo, dar-lhe até a nossa vida. Mas para dar, é necessário possuir; e nós não possuímos outra vida, outro sangue, além dos tesouros herdados do passado e dirigidos, assimilados, recriados por nós. Entre todas as exigências da alma humana, nenhuma é mais vital que a do passado (WEIL, 1996, p. 41)

2. As Filhas de Maria Auxiliadora /Salesianas e a educação em Campos/RJ (1925-1961)

E meticulosa tessitura é esta, a de historiar uma instituição educativa na sua complexidade, definindo-lhe um quadro espaço temporal, reconhecendo-lhe uma ação sociocultural, material, simbólica, organizacional, antropológica, descobrindo-lhe, pois, um sentido (MAGALHÃES, 2004, p.169).

2.1. A Igreja no Brasil, em Campos/RJ e a tessitura da Professora Católica

Um trabalho sobre a história da Escola Católica não pode ser desligado da história da Igreja Católica, instituição que a gera (HADDAD, 1981).

Esta primeira parte deste capítulo tem por objetivo caracterizar a Igreja e sua práxis educacional, formando professoras dentro da pedagogia católica nos colégios mantidos por religiosas de várias congregações, muitas das quais vindas da Europa, a fim de restaurar seu poder e influência no interior da sociedade.

A partir do século XIX, graças à confluência de fatores político-sociais e fatores internos à própria Vida Religiosa Consagrada, vai aparecer, na Europa, um modelo substitutivo do modelo conventual, enclausurado. Surgem as congregações religiosas, ou o modelo congregacional. Aparece a imagem da *irmã de caridade*, solícita e atuante.

Somente a partir do Império e do advento da República, tal modelo de vida religiosa chega ao Brasil.

No Império, duas congregações femininas iniciam aqui suas atividades: as Filhas da Caridade, em 1849, e as Irmãs de São José de Chambéry, em 1858. A partir de 1891, intensifica-se a vinda de religiosas estrangeiras, em sua maioria, francesas e italianas. Entre 1872 e 1920, cinquenta e oito congregações europeias se estabelecem em terras brasileiras; outras 19 são fundadas no Brasil por essa época (NUNES, 1997, p. 492).

É esse modelo congregacional ou de vida ativa que vai predominar, apresentando-se as casas religiosas como locais não só de oração, mas de intensa atividade. O trabalho educativo nos colégios, o cuidado com os doentes, com as crianças em orfanatos e idosos em asilos constituirão suas principais atividades (NUNES, 1983, p. 190-193).

A escola católica não pode ser pensada em si e por si. Deve ser pensada em suas inter-relações com o pensamento teológico e com a consciência que a Igreja vai tendo de si, nos diferentes momentos históricos e no entrelaçamento com as diferentes culturas.

Para a Igreja, comenta Oscar Lustosa (1977, p. 54), o setor da educação constitui uma peça vital em seu trabalho de evangelização. Em face do estabelecido pela Constituição de 1891 (Art. 72, parágrafos 6º e 7º: “o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos será leigo e nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial”), o catolicismo montou o seu esquema de escolas particulares, pagas umas, outras gratuitas, que atenderiam, em larga escala, às classes ou camadas intermediárias nas quais a Igreja se apoiava. Com semelhante esquema, salvar-se-iam a instrução e a formação cristã da juventude. O mesmo autor ressalta: “As congregações religiosas, masculinas e femininas, virão encarregar-se desse serviço que para elas era também obra da Igreja”.

Para suprir a falta do clero diocesano, observa com razão Thomas Bruneau (1974), a Santa Sé encorajou diretamente as ordens religiosas a mandarem padres, irmãs e irmãos para o Brasil. A educação da juventude apresentou-se como o campo de trabalho privilegiado por grande parte dessas religiosas e a fundação de escolas passou a constituir o modo principal de se prover o sustento econômico das novas fundações. O processo de expansão patrimonial da Igreja Católica no Brasil foi bem analisado por Sergio Miceli (1988).

O Arcebispo Metropolitano do País, Dom Macedo Costa (Pará), tão logo tomou conhecimento das medidas decretadas, (Decreto 119 – A de 07/01/1890) preparou o texto de uma Pastoral Coletiva do Episcopado, publicada em 19 de março de 1890³². Nela, o episcopado brasileiro, para surpresa de muitos, aceitou pacificamente o regime republicano. A sentença, inédita no quadro doutrinário da Igreja no Brasil, já foi indicativa da perspectiva ultramontanista, romanista³³ que a

³² O fato da separação foi saudado pela Igreja, nesta Carta Pastoral, como um conjunto de liberdades restituídas à Igreja depois de uma longa escravidão, descrevem este período: (AZEVEDO, 1971, pp. 270-271; FAVERO, 1996, pp. 50-53, HOORNAERT, 1992, p. 382; MOURA, 2000, p. 93, DELLA-CAVA, 1979).

³³ A Igreja brasileira se viu empurrada para uma articulação de apoio externo, e Roma soube aproveitar essa condição favorável em seus projetos de Restauração. Roma concedeu um Cardeal Primaz ao Brasil: Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Bispos da Cúria do Rio de Janeiro no período da pesquisa: Cardeal Dom Joaquim Arcoverde (1897-1930); Dom Sebastião

Igreja assumia. A Igreja buscou construir um modelo institucional que Pablo Richard (1982) chamou de “neocristandade³⁴ reformista”.

A primeira Constituição Republicana (1891) não foi declarada em nome de Deus. A educação seria laicizada, sendo abolida a disciplina “Religião” dos Currículos e suspensas todas as subvenções às Escolas Católicas. Segundo Bruneau (1974), os bispos almejavam maior independência com relação ao Estado, mas com certeza não esperavam completa exclusão. Em contra posição, houve um aumento no número das dioceses, prelazias, de 1890 a 1930, de 12 para 88 dioceses. Surgiu, nesse período, a diocese de Campos - RJ.

A primeira estratégia de ação utilizada pela Igreja para recuperar espaço na área educacional foi aproveitar as brechas deixadas pela Constituição de 1891, que “acabou deixando aos Estados a competência para prover e legislar sobre educação primária” (ROMANELLI, 1978. p. 41). Outro mecanismo utilizado foi, através de um discurso calcado na manutenção da tradição e na união da família, procurar sensibilizar a sociedade brasileira, pois “durante muito tempo, a Igreja foi a única responsável pelo código moral e ético disponível no país, a sociedade podia ser considerada como uma forte aliada”(SCHWARTZMAN, 1986. p. 112).

A ação dos bispos reformadores orientava-se em duas direções: a reforma do clero e do povo cristão assumia um caráter clerical e sacramentista com novas devoções e associações religiosas. Por seu turno, os colégios católicos dirigidos por religiosas orientavam a infância e a juventude feminina para os novos padrões de vivência da fé. Em consequência dessa nova atitude católica, a presença da mulher no âmbito da igreja se afirmava em três aspectos complementares entre si: na prática sacramental e devocional e nas associações religiosas.

No Segundo Congresso Católico Brasileiro, em 1910, a afirmação de que “as escolas normaes, em que o ensino é destituído do espírito christão, não podem formar educadoras” justificaria a recomendação para que “congregadas as forças do professorado catholico, se fundem Escolas Normaes livres, cujos discípulos

Leme da Silveira Cintra: (1921-1930) Arcebispo coadjutor, e (1930-1942) como Arcebispo. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara (1943-1973).

³⁴ A concepção de neocristandade floresceu na Igreja do Brasil, entre as décadas de 1910 e 1950, assumindo a defesa do conservadorismo, da ordem, do combate às ideologias seculares e às outras concepções religiosas, implicando uma Igreja vigorosa e de renovado espírito missionário, buscando sempre revitalizar sua presença junto à sociedade e ao Estado (MAINWARING, 1989, p. 43; SENRA, 2007, p. 24 nota de rodapé nº 43).

disputem aos cursos officiaes as cathedras do magistério primário” (Congresso Catholico Brasileiro, 2, 1910, p. 423-424 *apud* MELO, 2006, p. 30); a capacidade e competência, o espírito cristão e moralidade afirmam-se como elementos distintivos no exercício da profissão docente. Formar a professora catequista.

Sobre a importância da mulher católica na obra recristianizadora, restauradora, Dom Joaquim Arcoverde, em pronunciamento na cerimônia de encerramento do Segundo Congresso Católico, assim se referiu:

A mulher catholica incumbe, nesse momento de reorganização e restauração social, uma missão decisiva, uma missão abençoada; só ella pode persuadir sem discutir; ensinar com a prática da virtude; corrigir com a efficacia de seu exemplo; é ella que forma o lar catholico, refugio pacifico e reducto seguro da família christã (*ibidem*, 1910, p. 182 *apud* MELO, 2006, p. 118).

O ano de 1916 é uma data importante para a Igreja no Brasil: o novo arcebispo de Olinda e Recife, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra³⁵, escreveu uma carta pastoral que o lançou como líder do episcopado brasileiro e determinou novos rumos para a Igreja. Essa carta pastoral tornou-se um marco doutrinário na história da Igreja no Brasil, porque foi prenúncio do amplo movimento Restaurador, - organização da Ação Católica; luta pela defesa, na Constituição, do ensino religioso nas escolas públicas; criação de escolas católicas, em todos os níveis, que Dom Leme lideraria a partir do Rio de Janeiro, desde 1921 quando foi lançada, no Rio, a Revista *A Ordem*.

A Pastoral Coletiva³⁶ de 4 de junho de 1922 – comemorativa ao primeiro centenário da Independência brasileira – é explícita em relação à questão educacional escolar, trata-se de um texto de 129 páginas, que se situa como uma carta magna religiosa. O capítulo XXI é devotado à escola, a qual

[...] deve ser um prolongamento do lar, e, por isto, uma das preocupações dos paes que zelam as almas de seus filhos é a escolha de escolas e mestres a quem possam, com a consciência tranquila, confiar esses entes queridos, herdeiros de seus nomes e de suas virtudes(1922, p. 105).

Dom Leme, em 1922, organizou um “Congresso Eucarístico Nacional” no Rio de Janeiro como primeiro e grande evento de impacto irradiador. Para os setores mais intelectualizados, preparou duas iniciativas: a criação do “Centro

³⁵ Liderança expressiva, carismática, capaz de catalisar as forças vivas da Igreja. Ordenado padre em 1904, Bispo em 1911; em 26/04/1916 a Santa Sé o nomeou Arcebispo de Olinda e Recife.

³⁶ As cartas pastorais coletivas são aquelas emanadas pelo episcopado de um dado país ou de uma região, denominada por província eclesiástica.

Dom Vital” e a fundação da “Confederação Católica do Rio de Janeiro”. Em 1929, Dom Leme criou a “Coligação Católica Brasileira” que coordenaria as ações das confederações católicas diocesanas e outras de âmbito nacional como a da Imprensa, das Bibliotecas e Livrarias Católicas, a dos Operários Católicos e das Equipes Sociais, a Ação Católica³⁷.

Em 1927, o Congresso Nacional de Educação, realizado em Curitiba, aprovou em linhas gerais o ensino religioso nas escolas públicas, oficializado em 1929, em Minas Gerais, pela lei estadual nº 1092.

No pontificado de Pio XI³⁸, a Encíclica *Divini Illius Magistri*, (Magistério dos Filhos de Deus), de 1929, marcou as concepções educacionais da Igreja até o advento do Concílio Vaticano II. O documento pontifício refletia a mentalidade dominante na Cúria Romana, no afã de estabelecer o regime de Cristandade. O documento analisa quatro pontos básicos com referência à educação: os agentes, o objeto, o instrumento e a finalidade. A promoção da ação educativa estaria confiada a três agentes principais: Igreja, família e Estado. Além da condenação a vários aspectos da educação moderna (coeducação, naturalismo pedagógico), foi defendida a ideia do pluralismo e da liberdade de ensinar sob a fiança do Estado e uma concepção de educação pública, como resultado de uma delegação recebida das famílias (CAMBI, 1999, p. 566).

A Igreja, o Estado e a família seriam as instâncias educacionais por excelência, cabendo à escola desempenhar o papel complementar que, por meio de sua estrutura pedagógica e administrativa, garantiria a continuidade do processo socializador. Deveria, ainda, encontrar-se em concordância com os valores proferidos por aquelas três instituições que, hierarquicamente ligadas pela ordem sobrenatural das coisas, formariam o verdadeiro cristão, desenvolvendo todos os aspectos de sua vida – sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social (FOULQUIÉ, 1957, p. 228).

³⁷ Movimento de leigos, instituído por Dom Leme, nos modelos franceses e italianos. Objetivava atuar como auxiliar de hierarquia eclesiástica na defesa dos interesses da Igreja, na área educacional, moral, política e religiosa. Depois se dividiria em Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC).

³⁸ Pio XI - Aquiles Ratti - no outono de 1883, jovem sacerdote, foi visitar João Bosco e o seu Oratório em Turim/It; partiu dali cheio de profundas recordações. Foi chamado de “o Papa de Dom Bosco”. No dia 09/07/1933, assinou o decreto de heroicidade das virtudes de Domingos Sávio, canonizou Dom Bosco em 01/04/1934. Em 11/05/1936, proclamou a heroicidade das virtudes de Maria Domingas Mazzarello, que beatificou em 20/11/1938.

Nos órgãos divulgadores do pensamento católico educacional, em especial na Revista Brasileira de Pedagogia (RBP), que circulou nos anos de 1934 a 1938, nunca se fugiu do propósito da divulgação dos princípios da *Divini Illius Magistri*, mesmo que em diálogo com as ideias ‘avançadas’ e ‘progressistas’, ou seja, com os ideais da Escola Nova (SGARBI, 1997, p. 58).

Em relação à escola, a encíclica confere ao professor um papel imprescindível para a constituição de boas escolas.

Em 30/04/1930, morreu Dom Arcoverde e Dom Leme recebeu o chapéu cardinalício. Junto ao Governo Provisório, o Cardeal Leme dispunha de dois importantes contatos: primeiro, a amizade de Getúlio com Leonel Franca; segundo, a presença de Francisco Campos, amigo da hierarquia, no Ministério da Educação e Saúde. Por sua presença, a Igreja conseguiu, em 1931, dentro da ampla “Reforma Francisco Campos” no ensino, aprovar o Decreto nº 19.941 (30/04/31), que facultava o ensino religioso nas escolas públicas.

Para o ano de 1931, Dom Leme preparou uma série de manifestações de massa, como a coroação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, e a inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Corcovado. O ano de 1932 foi de mais duas importantes realizações do Programa Restaurador: a criação da Liga Eleitoral Católica (LEC) e dos Círculos Operários. A fundação das Associações de Professores Católicos (APC)³⁹, posteriormente denominadas APIC (Associação do professores e intelectuais católicos), e da Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE)⁴⁰ deu-se em 1933.

Para Marta Carvalho (1999, p. 17), até a década de 1930, havia uma presença expressiva de militantes católicos na ABE, o que garantia a entidade o aspecto moral, seja por intermédio de propostas de um ensino religioso integrado ao programa das escolas oficiais, seja por projetos de cunho social e caritativo. Após esse período, os grupos até então articulados em torno de uma mesma

³⁹ Fundação da A.P.C. de Campos em 1931 (MELO, 2006, p. 228-229).

⁴⁰ Confederação Católica Brasileira de Educação – em 07/09/1933, durante a solenidade realizada no Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, na qual se encontravam presentes o arcebispo da Bahia e os bispos de **Campos** e Niterói, após a apresentação das bases estruturantes do projeto confederativo, elaborado por Leonel Franca e Everardo Backheuser, dá-se a instalação da Confederação dos Professores Católicos, seguida da escolha de uma diretoria provisória (MELO, 2006, p. 234). No que diz respeito às associações de professores católicos, afirmava-se já existirem quarenta delas formadas em vários Estados brasileiros, **Campos** era uma delas (Revista Brasileira de Pedagogia, n. 8, 1934, p. 230, *apud* MELO, 2006, p. 246).

“causa cívico-educacional” tornaram-se rivais e implementaram programas político-pedagógicos diferentes: “nessa disputa, dois grupos se constituem, antagonizando-se com base em propostas rivais de controle técnico e doutrinário das escolas: os católicos e os pioneiros”.

O manifesto, que se perpetuará na memória da educação brasileira como *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, foi divulgado em março de 1932. Considerado como “divisor de águas”, na história da educação brasileira, a trama que o gerou precisa ser compreendida tanto quanto as contradições de seu conteúdo político (CURY, 2004). Apesar das proximidades e dos muitos interesses em comum, é importante entender que essa identidade de pioneiros é uma identidade forjada e que ajudou a forjar também um cenário no qual “pioneiros” e “católicos” pareciam ser os dois únicos grupos disputando por influenciar os rumos da ação estatal no campo da educação. Nem os pioneiros constituíam “um grupo”, nem a Igreja Católica era “um bloco” coeso a expressar “uma” concepção de educação adequada para o Estado, nem pioneiros e nem católicos eram os atores exclusivos naquele contexto de grande efervescência política, nem é correto supor que entre os pioneiros estivessem somente intelectuais “renovadores” e, entre católicos, intelectuais “tradicionais” (FREITAS e BICCAS, 2009, p. 70).

A Constituição de 1934 votou pelo apoio financeiro do Estado à Igreja, proibiu o divórcio e reconheceu o casamento religioso, instituiu a educação religiosa no período escolar e os subsídios do Estado para as escolas católicas (MAINWARING, 1989, p. 48).

A AEC (Associação de Educadores Católicos), surgida em razão do conflito com os “liberais”, é uma entidade nacional gestada a partir do I Congresso⁴¹ Nacional de Diretores dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, em 1944, fundada em 1945 com o objetivo de “reunir pessoas, em defesa da escola católica e aumentar a força das instituições escolares em vista da promoção da educação à luz dos valores evangélicos que caracterizam um tipo de sociedade e de homem” (FÁVERO, 1995, p. 48). A AEC se firmou como principal entidade de representação da Igreja Católica para a educação escolar.

⁴¹ No período em estudo, houve vários congressos da escola católica: 1934, 1944 (RJ), 1946 (BH/MG), 1948 (SP), 1949 (Salvador/BA), 1951 (Porto Alegre/RS) e 1960 (Petrópolis/RJ).

Nas condições postas pelo contexto democrático, iniciado na segunda metade da década de 1940, a representação política da Igreja passou a se fazer cada vez mais por meio de organismos, a exemplo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros), criada em 1952, da CRB (Conferência dos Religiosos Brasileiros), em 1954, e de outras formas coletivas de representação que incluíam as entidades católicas de educação, os movimentos leigos de ação católica em processo de reorganização, nesse período, como as organizações de juventude, além do fomento ao sindicalismo católico (SENRA, 2007, p. 48).

Além das entidades nacionais, outras, de caráter internacional, promoveram a difusão dos princípios católicos de educação. A AEC a elas se filiou, enviou teses e delegados aos seus congressos, e contribuiu para difundir seus princípios e resoluções. São elas: Confederação Interamericana de Educação Católica (CIEC) em 1945; União Internacional pela Liberdade de Ensino (UILE) em 1948; Organização Internacional de Educação Católica (OIEC) em 1952 (CRUZ, 1966, p. 131).

A Igreja católica, tomada como sociedade intelectual (“campo”, segundo a percepção de Bourdieu), buscou estratégias de legitimação a partir da nova configuração política que emergiu com a proclamação da República, no ano de 1889, e nos anos posteriores. As décadas de 1940-1960 apresentaram novas condições objetivas, obrigando a intelectualidade e a hierarquia católicas a buscarem formas de pensar e agir que garantissem a influência daquela instituição, especialmente nos campos da educação e da cultura.

Diversos membros da congregação de Dom Bosco foram elevados ao episcopado (anexo 4). Alguns deles destacaram-se como figuras importantes do movimento restaurador: Dom Francisco de Aquino Correia, arcebispo de Cuiabá, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, e Dom Emanuel Gomes de Oliveira, arcebispo de Goiás. “Tendo em vista sua postura anterior de sacerdote, promovendo a educação cívica durante o seu directorado no Liceu Coração de Jesus/SP, é bem possível que Dom Henrique Mourão, designado como bispo de Campos, possa também ser alinhado entre os bispos restauradores” (AZZI, 2002b, p. 42). É possível que a atitude mais moderna e liberal dos salesianos tenha sido um estímulo para essas nomeações episcopais, numa etapa em que a Santa Sé desejava estabelecer o diálogo com o poder político. Por sua

vez, elevados ao episcopado, esses mesmos salesianos tornaram-se figuras expressivas da própria modernidade da congregação e da obra de Dom Bosco.

Enquanto, em meados dos anos 20, se iniciavam em diversos Estados as primeiras reformas de ensino, inspiradas no movimento da Escola Nova, a Congregação Salesiana se orgulhava da elevação de seu fundador a glória dos altares. Dom Bosco foi declarado beato em 1929 e canonizado em 1934. Esta coincidência de eventos provocou a publicação de alguns textos, destinados a exaltar a importância dele como educador da juventude. Azzi⁴² (2003b, v. 3, p.184) comenta que, em 1929, Augusto de Lima Junior publicou *Ligeiro esboço*, sobre *Dom Bosco e sua arte educativa*. Em 1933, Mário Casasanta publicou na revista *A Ordem* uma conferência feita anteriormente sobre *Dom Bosco Educador*. Em 1934, transformou esse artigo em livro, com um subtítulo: *Um Mestre Velho da Escola Nova*. Em 1939, o Pe. Benedito de Lucca editou a obra *Poemas de Dom Bosco*, sendo uma das partes intitulada *Dom Bosco Educador e a tábula de Clapp*.

A contribuição mais importante dos salesianos nesse período de renovação educacional foi a obra *Pedagogia, manual teórico-prático para uso dos educadores*, da autoria do Pe. Carlos Leôncio Alves da Silva, publicada em 1938. Pe. Carlos Leôncio procurou levar em consideração os diversos avanços ocorridos nos conhecimentos pedagógicos. Entre os recursos educativos estavam as fichas e testes pedagógicos. O autor valoriza tanto a contribuição de Lourenço Filho, então considerado um dos líderes do movimento da Escola Nova, como a de Everardo Backhauser, um dos mestres católicos mais respeitados nessa área, que escreveu o prefácio da obra.

Alguns textos didáticos representam a contribuição salesiana para o ensino do país. Os manuais de grego do Pe. Alcionílio, os livros de português do Pe. Stringari, os textos de latim do Pe. Comba, a Gramática Latina de Ravizza, a Gramática Inglesa do Pe. José Calasans de Figueiredo. A pedagogia salesiana se consolidava em muitos lugares do país.

A Igreja Diocesana de Campos

A diocese de Campos, situada na região nordeste do Estado do Rio de Janeiro, foi criada em 4 de dezembro de 1922, pela Bula “*Ad Supremae*

⁴² Riolando Azzi [ex-salesiano] será citado e utilizado muitas vezes ao longo do trabalho, por ser considerado o estudioso de maior competência no que se refere à história da Congregação Salesiana no Brasil.

Apostolicae Sedis de Solium”, do papa Pio XI, em território desmembrado da diocese de Niterói⁴³.

O que veio aumentar, em muito, a importancia da nossa Terra, foi a criação da Diocese, com a sua Cathedral. [...] A diocese abrange onze Municípios, a saber: Campos, Itaperuna, Macahé, S. Fidelis, Santo Antonio de Pádua, Cambucy, S. João da Barra, S. Francisco de Paula, Santa Maria Magdalena, S. Sebastião do Alto e Barra de S. João, ficando com uma superfície de 17.403 k.q.[...] A Cathedral, alem das varias preocupações de D. Henrique, foi a que se tornou o pivot de todos os seus empreendimentos. Dom Henrique idealizou para Campos, estupenda obra de arte que hoje tanto nos desvanece e nos enche de justo orgulho (SOUZA, H. 1935, p. 277-378).



Figura 1, 2 e 3: Construção da Catedral de Campos/RJ, São Salvador.

Fonte: <http://institutohistoriar.blogspot.com/2008/11/catedral-diocesana-de-campos.html>

Acesso em: 06/05/2012.

Em 2 de abril de 1924, a Santa Sé nomeou Dom Henrique Cesar Fernandes Mourão, *da Congregação Salesiana*, como Administrador Apostólico da nova diocese de Campos, sendo depois elevado ao episcopado; foi sagrado no dia 18 de outubro de 1925⁴⁴.

Nascido no Rio de Janeiro, em 28/11/1877, Henrique Mourão fez os primeiros estudos na capital do Império, e concluiu o curso de humanidades no Colégio Santa Rosa em Niterói. Mourão entrou para a congregação de Dom Bosco fazendo a profissão religiosa em 04/10/1894. Fez os estudos de teologia na Universidade Gregoriana de Roma (AZZI, 1984, p. 393-394). Ordenado sacerdote

⁴³ Bispos de Niterói, período da pesquisa: Dom Agostinho Francisco Benassi (1908-1927), Dom José Pereira Alves, (1928-1947), Dom José da Matha de Andrade Amaral (1948-1954), Dom Carlos Gouvêa Coelho (1954-1960). Bispo auxiliar: Dom José de Almeida Batista Pereira (1953-1955). Arcebispo de Niterói: Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior (1960-1979).

⁴⁴ O Livro de Crônicas da casa das religiosas do CNSAC dos dias 17-18/10/1925 narra a presença da Madre Inspetora, Ir. Anna Covi, do Inspetor Salesiano, Padre Domingos Corrato, do Núncio Apostólico e bispo sagrante Dom Henrique Gasparri; dos Bispos Dom Benedicto P. Alves de Souza/ES e de Dom Emmanuel Gomes de Oliveira/GO, vindos a Campos para a cerimônia de Sagração de Monsenhor Mourão. A Inspetora, acompanhada pelas Irmãs e por todas as alunas, assistem à cerimônia e, à tarde, ao festival oferecido às autoridades no Cine Trianon.

em 30/11/1901, exerceu atividades em diversos colégios salesianos. De 1915 a 1922, dirigiu o Liceu Coração de Jesus em São Paulo⁴⁵.

A população da diocese era de 597.247 habitantes (Recenseamento oficial de 1920). Campos tinha 11 paróquias, sendo cinco na cidade e seis no interior do município (MOURÃO, 1934, p. 47-48).

Como salesiano, Dom Mourão solicitou a presença das FMA, em Campos, para a fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Principais obras de Dom Mourão em Campos: trouxe as FMA para fundar o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em 1925, o Colégio Bittencourt (1930), reformou o edifício para o novo Seminário Diocesano, demoliu a velha Sé e reedificou a atual Catedral de Campos. Em sua gestão, foi doado à Mitra o prédio da Avenida Sete de Setembro, que é sede do Bispado e residência dos Bispos Diocesanos, (ANUÁRIO, 1996, p. 33, apêndice III).

Na Primeira Carta Pastoral, (1927) Dom Henrique fala sobre educação e colégios católicos:

Pupilla dos olhos de Nosso Senhor, alvo do mais desvelados carinhos de Igreja, convergência dos mais solícitos cuidados do Episcopado, razão de ser de muitas beneméritas Congregações Religiosas, *foi e será sempre a educação e formação cristã da juventude. Preparar o homem de amanhã, formar-o segundo o Coração de Deus para as lutas da fé e para a glória de Christo; preparar pais e mães cristãs, capazes de estabelecer nas gerações futuras, a filhos e netos, a transmissão regeneradora de virtudes acrisoladas e exemplos luminosos a escola católica de hoje, eis a missão das missões, o programma dos programmas*. Ahi está tudo, porque ahi está o futuro. [...] Dahi a preocupação máxima, como base de trabalho, de dotarmos a Diocese de colégios católicos (MOURÃO, 1927, p. 22) [grifo nosso].

Dom Henrique refere-se à instalação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora:

Poucos meses da nossa chegada a Campos, já conseguíamos inaugurar o Colégio N. S. Auxiliadora, *Colégio*, sob todos os pontos de vista, *modelar*, [...] *tão bom, tão completo*, como os melhores e mais completos possam ser em outros centros. A simpatia, o carinho, a veneração que as “Filhas de Maria Auxiliadora”, hoje mais popularmente conhecidas sob o nome de “Irmãs Salesianas”, souberam inspirar ao povo Campista e ao que Campos tem no seio de mais pensante, selecto e representativo, *foi uma dessas conquistas rápidas e avassaladoras, que só Deus sabe realizar*. Está o colégio “N. S. Auxiliadora” [...] *rodeado da mais absoluta*

⁴⁵ Sua ação como educador mereceu um destaque especial na revista *Santa Cruz*: “Bastaria citar o que ele fez em sete anos de fecunda e esclarecida direção do importantíssimo estabelecimento de ensino e educação, que é o Liceu Salesiano dessa capital. A sua obra, vasta e eficiente, resultou para o mesmo Instituto em uma série de reformas e aparelhos, que fizeram de tal estabelecimento a organização modelar que é nos dias de agora” (abril de 1924, p. 155).

confiança e da mais carinhosa simpatia dos pais de família, que as tão virtuosas, cultas e desveladas Irmãs tem confiado a educação das suas queridas filhas (MOURÃO, 1927, p. 23) [grifo nosso].

Houve um Congresso Eucarístico Diocesano comemorativo do primeiro centenário da cidade de Campos e da consagração da nova Catedral⁴⁶, realizado de 24 a 31 de março de 1935; nas teses e conclusões, podemos ver o estilo da igreja da época, a implantação das diretrizes da Igreja brasileira nesta diocese:

1º Tese: Meios para que os católicos pratiquem a Religião. Conclusões: Combate ao mau cinema; *ao mau livro romancado; ao baile; ataque ao laicismo escolar.*

3º Tese. A Eucaristia influenciando na aplicação e comportamento dos alunos do curso secundário. Conclusões: *Intensificar o ensino religioso nas escolas secundárias.*

7ª tese: Ensino do catecismo seja mais eficiente. Conclusões: Necessidade da criação de um *curso de especialização para as catequistas.*

9ª tese: *Moralização das modas, fugir da vaidade.* Conclusões: Filiar-se a uma associação religiosa.

10ª tese: Meios práticos de se incrementar a vida eucarística das Escolas Públicas. Conclusão: *Procurem os professores dar exemplos de vida eucarística;* Desenvolver o catecismo de perseverança principalmente no que se refere a confissão e a comunhão (MOURÃO, 1935, pp. 8-12) [grifo nosso].

Dom Henrique Mourão se sentia o fundador do Colégio e esteve muito presente na escola, desde a fundação até sua transferência de diocese. Celebrava missa, participava das festas, fazia conferência para as alunas e Filhas de Maria.

Esteve à frente desta diocese por 11 anos. Foi transferido de Campos para Cafelândia/SP em 16/12/1935. Faleceu em São Paulo aos 68 anos no dia 29/03/1945.

O segundo Bispo, sucedendo a Dom Henrique, foi Dom Octaviano Pereira de Albuquerque, nascido na cidade de Canguçu/RS, em 03/07/1866. Tornou-se sacerdote em São Paulo, em 16/09/1889 e, em 02/04/1914, foi eleito bispo do Piauí, sendo sagrado em Roma em 13 de junho. Em 1922, foi promovido a Arcebispo em São Luiz do Maranhão, cidade que deixou, por motivo de doença, e, em 1935, foi nomeado Bispo de Campos. Tendo conservado o título de Arcebispo, passou a usar a seguinte denominação: Arcebispo-bispo de Campos.

Tomou posse da Diocese em 15 de março de 1936 e, 12 anos depois, em 12 de agosto de 1948, recebeu Dom Antônio de Castro Mayer como seu coadjutor, em virtude do seu estado de saúde.

⁴⁶ Dom Sebastião Leme e Tristão de Ataíde vieram para a inauguração no dia 28/03/1935.

Ele esteve junto ao Colégio⁴⁷, celebrou a eucaristia em várias ocasiões e apoiou as suas reivindicações enviando um Ofício ao Interventor, Dr. Ernani do Amaral Peixoto, no dia 22 de julho de 1940, solicitando junto ao poder público a instalação da Escola de Professoras no Auxiliadora de Campos.

Dom Octaviano esteve a frente da diocese por 12 anos e 10 meses. Faleceu na sede do Bispado no dia 3 de janeiro de 1949, com 82 anos; foi sepultado na cripta da Catedral de Campos. A imprensa local noticiou sua morte e sepultamento (*O DIA*, 05/01/1949 – p. 1 – ano XXVI).

O terceiro Bispo que assumiu a diocese de Campos foi Dom Antônio de Castro Mayer, do clero diocesano e tomou posse em 5 de janeiro de 1949.

Dom Antônio nasceu em Campinas/SP, em 20 de junho de 1904, e foi ordenado sacerdote em Roma em 1927. Doutorou-se em Sagrada Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, em 1928, e de volta ao Brasil lecionou Filosofia e Teologia Dogmática no Seminário de São Paulo, durante treze anos. Em 1939, foi nomeado cônego catedrático do Cabido de São Paulo. Em 1940, foi designado para Assistente Geral da Ação Católica, e, em 1942, constituído Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo. Desde 1938 foi assistente eclesiástico e colaborador do “*Legionário*”, seminário católico da capital paulista com repercussão em todo o Brasil, ligado a TFP⁴⁸. Transferido em janeiro de 1945 para o cargo de Vigário Econômico da Paróquia de São José do Belém, ocupou na mesma época as cátedras de Religião e Doutrina Social Católica, respectivamente na Faculdade Paulista de Direito e no Instituto *Sedes Sapientiae*, ambas escolas superiores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1948, Bispo Coadjutor da diocese de Campos.

Escreveu inúmeras Cartas Pastorais que foram reunidas em uma coletânea, sob o título de “Por um cristianismo autêntico”. Na carta, “A Cultura Católica”, fala aos educadores:

⁴⁷ No dia 23/05/1937, aconteceu uma sessão solene na Catedral em homenagem ao arcebispo Dom Otaviano Pereira de Albuquerque. A conferência “A Pedagogia Cristã e os Sistemas Educacionais Modernos” foi proferida pelo professor Teobaldo Miranda Santos. Aos novos professores associados da CCBE foram entregues os distintivos (CARVALHO, 1991, p. 108).

⁴⁸ O grupo Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade [TFP] é oriundo do movimento católico paulista, das Congregações Marianas. Eles tinham o Jornal *Legionário* criado em 1927. A característica deste grupo é a aversão à mudança, tanto doutrinária quanto de ordem prática. Pelas publicações que divulgou, pelas campanhas que realizou e pelas obras culturais e beneficentes que desenvolveu, foi a maior entidade na luta ideológica antiprogressista e anticomunista do país.

Três são os objetivos com que batem a porta desta casa, a busca de cultura, as jovens que aqui se encontram. Umas desejam habilitar-se, por meio do diploma, para o exercício da profissão digna e respeitável do magistério. Outras aspiram a uma formação intelectual e moral que lhes permita resolver, com pleno êxito, os problemas complexos que nossa civilização paganizada cria, a cada passo, ao cumprimento da missão de esposa e mãe, dentro do lar. Outras, por fim, querem enriquecer o espírito com dotes e conhecimentos que lhes facultem ocupar situações distintas nos ambientes sociais em que devem viver. Três objetivos nobres que, aliás, não se excluem, e que resumem a missão da cultura feminina católica em nossos dias. Cabe-vos, daqui por diante, fazer frutificar esta cultura no lar, na cátedra, na sociedade, pela virtude, pelo ensino, pelo apostolado (MAYER, 2ª ed. 1953, p. 27).

Muitas das suas Cartas Pastorais foram traduzidas para vários idiomas. Toda a sua obra era voltada a premunir seus fiéis contra os “erros do progressismo e de seus congêneres no campo temporal, isto é, do esquerdismo democristão, do socialismo, do comunismo”. Entre os trabalhos que legitimaram o nome de Dom Antônio como tradicional foram os livros que na época se tornaram *Best-sellers* “Reforma Agrária – questão de consciência” e “Declaração do Morro Alto – Programa de política agrária conforme os princípios de Reforma Agrária, questão de consciência”. Essas obras foram escritas em colaboração com o Bispo Dom Geraldo de Proença Sigaud, Plínio Corrêa de Oliveira e Luiz M. de Freitas.

Às atividades pastorais, Dom Antônio alia a de professor de Sociologia na Faculdade de Direito de Campos e de cursos de Religião no Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, de 1949 a 1950, como confirmou *Garça* (profª 1943-1950) durante a entrevista.

Durante seu episcopado, instituiu as semanas de formação catequética, criou o Seminário Maria Imaculada. Fundou o jornal “*Catolicismo*” que, por muitos anos, foi o órgão oficial da Diocese. Adquiriu, em 1958, o Ginásio Fidelense, na cidade de São Fidélis, e transformou-o em educandário católico. Investiu no Externato Eucarístico e a Escola Paroquial Sant’Ana, no bairro do Saco e a Escola Santa Terezinha, na antiga chácara de Corrientes. As salesianas inauguraram, em Campos, o Orfanato (1949) [a Escola Profissional Laura Vicunha] e os Salesianos fundaram um Colégio para os meninos (JUBILEU EPISCOPAL, 1973, p. 6-46).

As cronistas deste período falam muito deste bispo, o tratamento dado a ele é de amigo, pessoa querida e próxima da escola:

O nosso amadíssimo bispo, Dom Antônio de Castro vem hoje, quase a vigília do início do ano escolar a nos fazer uma belíssima conferência em preparação as responsabilidades que nos esperam. Nos estimula como educadoras salesianas a trabalhar incansavelmente para o desenvolvimento da catequese, *até o último e principal objetivo por que somos religiosas: Levar as alunas a Deus, para que o sintam e o vivam com intensidade na sua vida prática* (Cron. CNSAC, 02/03/1953) [grifo nosso].

Uma antiga professora da Escola de Professoras recorda deste bispo:

Dom Antônio era super tradicional, mas ele acolhia muito as coisas que fazíamos, vinha sempre no colégio. Quando ele ia falar com as alunas, ele tinha uma mania de falar “*kime*”, ficava repetindo toda hora. E eu tinha que ficar muito brava com as alunas para elas não rirem e eu também; ele tinha este problema de falar (era como o “né”) “pois é, *kime*, hoje estamos aqui para festejar a Auxiliadora, *kime*.” (Canário, *profª* 1959-1961).

Ao definir o pensamento de Mayer, Seiblitiz (1992, p. 189-190) afirma que para ele a mudança introduz dois efeitos perniciosos: “além de confirmar a inverdade concretizando a plausibilidade de uma concepção diferente daquela consagrada pelo costume e pela Igreja, ela corrompe a fé na medida em que relaxa a postura do fiel, agora abandonado às vicissitudes humanas”. Observando o apostolado de Dom Antônio (1948-1981), dois aspectos são relevantes: o esforço de consolidação da Igreja e a tendência de realizar esta consolidação num sentido contrário àquela que se tornava hegemônica.

No início do seu episcopado, o cuidado apostólico se complementava com a perseguição às seitas, elas mesmas vistas como resultado do liberalismo. Seiblitiz (1992, p. 270-271) comenta que é a época dos ataques ao protestantismo, ao espiritismo, à maçonaria. Mas o perigo estava também na própria Igreja, cujos Papas cada vez mais faziam pronunciamentos em torno das questões sociais. Em termos de Brasil, há verdadeira divisão de trabalho, com bispos se “especializando” em cuidar da religiosidade “popular”, em seus ataques às religiões afro-brasileiras ou às “seitas” pentecostais e comunistas.

Os 32 anos de Dom Mayer à frente da diocese transformaram a cidade no principal terreno tradicionalista do Brasil, já que o Seminário Maria Imaculada – fundado pelo bispo – era o único no mundo plenamente regular, que formava padres tradicionalistas (ALTOÉ, 2009, p. 38).

As Salesianas atuaram muito nas atividades da Igreja desde o início. No período de Dom Antônio, “havia uma irmã, Zilda Castro, que era uma pessoa muito ligada às atividades pastorais da diocese, dos bairros, da catequese

(*Andorinha*, educadora 1949-1961), “o relacionamento da escola com a Igreja local era relativamente bom, graças à mediação de Irmã Zilda Castro, muito apreciada pelo Bispo, que era excessivamente conservador, na linha de Lefèbvre” (*Colibri*, profª 1957-1960). Algumas alunas eram envolvidas no trabalho dos oratórios, na catequese, especialmente as internas que tinham mais tempo.

Tudo indica que as FMA mantinham um bom relacionamento com a Igreja local, não se posicionavam contra o bispo, mas também não eram defensoras de seu modo de agir.

Dom Mayer, em 29/08/1981, foi substituído por Dom Carlos Alberto Etchandy Gimeno Navarro, tornando-se Bispo Emérito. Dom Antônio faleceu em 25/04/1991, em Campos, aos 86 anos.

2.2. As Filhas de Maria Auxiliadora/Salesianas - Os Fundadores

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora nasceu oficialmente no dia 5 de agosto de 1872, em Mornese, Itália, fundado por João Melchior Bosco e Maria Domingas Mazzarello. O título escolhido por Dom Bosco era homenagem de sua gratidão à Maria⁴⁹.



Fig. 4: João Melchior Bosco
Fonte: AGFMA



Fig. 5: Maria Domingas Mazzarello
Fonte: AGFMA

João Bosco nasceu em Becchi, Itália, aos 16 de agosto de 1815, filho de uma família de agricultores. Camponês, foi aprendiz de vários ofícios, depois, padre, escritor, educador. Morreu em Turim/It, em 31/01/1888, foi canonizado em 01/04/1934. Ele fundou a Congregação Salesiana em 18/12/1859, destinada a *educar os jovens pobres, desempregados, famintos que perambulavam pelas ruas de Turim e a*

⁴⁹ Dom Bosco quis que o Instituto das FMA fosse “monumento vivo de gratidão a Auxiliadora” (CAPETTI, Cron Ist, I, 305-306), sinal e testemunho do amor de Deus para os jovens.

fazer deles “bons cristãos e honestos cidadãos” (MB⁵⁰ IV, 19; XIII, 618; MB XIV, 290).

Maria Domingas Mazzarello nasceu em Mornese, no Piemonte, região de Monferrato, no dia 9 de maio de 1837; camponesa, viu o rumo de sua vida mudar quando foi vitimada pelo tifo. Não podendo mais trabalhar no campo, decidiu aprender a costurar para fazer o bem às jovens da sua pequena cidade. Com suas amigas, montou uma sala de costura e começou a ensinar às meninas o ofício. Quando Dom Bosco passou por Mornese, se empolgou com o trabalho de Maria Mazzarello e propôs a ela a fundação de um Instituto feminino com o mesmo objetivo dos Salesianos⁵¹. Ela deu ao carisma salesiano, com extrema criatividade, sua fisionomia feminina, foi a primeira Madre. Faleceu no dia 14/05/1881, em Nizza Monferrato/It, foi canonizada em 24/06/1951; o Instituto, na data de sua morte, possuía 166 membros morando em 26 casas, em quatro nações.

2.3. Vinda das FMA para o Brasil, expansão das obras

As Filhas de Maria Auxiliadora aportaram no Brasil em 1892. Graças a seu espírito de piedade e de trabalho, ao seu grande poder de adaptação, em breve se afizeram aos costumes e exigências do país, conquistando, desde logo, a simpatia do hospitaleiro povo brasileiro que, com ilimitada confiança, lhes entregou a educação de suas filhas (VV. AA., 1933, p. 155).

Das pequenas células, Mornese e Nizza Monferrato, as Salesianas se espalharam, missionárias, por muitos países, levando o modelo educacional que vivenciaram impulsionados pelo espírito do “*da mihi animas coetera tolle*” (dai-me as pessoas, e ficai com o resto)⁵², aquelas salesianas, deixando o próprio

⁵⁰ Memórias Biográficas (MB) é uma coleção de 19 volumes em que Dom Bosco escreveu sobre suas experiências e seu Sistema Preventivo. Trata-se de obra fundamental sobre a vida de Dom Bosco, organizada por alguns autores. Giovane Batista Lemoyne (os 9 primeiros volumes e parte do décimo). Angelo Amadei (concluiu o décimo volume) e Eugenio Ceria, autor dos volumes 11-19. Escrita entre 1898-1939, constando de 16.112 páginas, e um índice analítico com 620 páginas. Usualmente citada pela abreviação MB, seguida do número do volume separado por vírgula e a página a que se refere. Por seu uso universal e praticidade, será a forma aqui utilizada.

⁵¹ Quando da aprovação das Constituições dos Salesianos pela Santa Sé, no ano de 1874, o Instituto foi incorporado à Congregação dos Salesianos. Do ano de fundação, 1872, até 1906, o Instituto das FMA era apenas um ramo da Congregação dos Salesianos. O Capítulo Geral de 1907 confirmou a separação jurídica, exigida pela *Normae secundum quas* emanadas pela Santa Sé em 1901 (Separação dos Institutos femininos dos masculinos).

⁵² É o dístico do brasão e lema da sociedade salesiana, síntese da mentalidade espiritualista da Igreja do século XIX. Expressão adaptada da passagem bíblica Gn 14, 8-21. No resgate do sobrinho Ló, Abraão havia feito alguns prisioneiros. O rei de Sodoma lhe disse: “Dê-me as pessoas (em latim animas = alma, os que estão vivos, os prisioneiros) e fique com o resto”. Na interpretação acomodatória que Dom Bosco assume da tradição, soam assim: “Senhor, dá-me

ambiente, partiam rumo ao desconhecido com o fim de “*assumir o cuidado*” *educando e evangelizando as jovens pobres*, de uma forma até no nosso ver “romântica”.

Em 1892, o Inspetor Padre Luis Lasagna⁵³ enviou, de Vila Colón, Uruguai, as primeiras FMA para o Brasil, no Colégio do Carmo em Guaratinguetá/SP. Na perspectiva de Lasagna, a missão dos salesianos e das FMA na América Latina deveria ser não apenas o cuidado da juventude pobre e abandonada, mas também a abertura de colégios para a classe média, a fim de contrapor o ensino religioso ao ensino leigo. Esta era uma das metas dos bispos reformadores do Brasil. Para a fundação desses estabelecimentos, o inspetor salesiano decidiu recorrer à colaboração das classes mais abastadas do país, e, especificamente, a aristocracia do café, cada vez mais prestigiada no Estado de São Paulo. Dessa forma, os condes e os barões ficaram a frente de diversas fundações das Irmãs⁵⁴.

A estratégia de Lasagna fora bem definida e produzira o efeito desejado. Ao invés de iniciar a obra das FMA nos grandes centros urbanos, onde o espírito liberal era forte, “preferiu trazê-las para cidades do interior, onde a tradição religiosa se mantinha mais forte, e a população mais respeitosa para com os ministros do culto e as pessoas consagradas” (AZZI, 1978 p. 57).

Avante, heroínas de Maria Auxiliadora! Este resultado magnífico, este espelho reluzente de vossas fadigas, de vossas lutas de vinte e cinco annos, no Brasil, seja hoje para vós um redobrar de esforços, um renascer de esperanças para alcançar o prêmio de vossos sacrifícios e a coroa da glória que nos é prometida por J.C., o exemplar dos missionários! (ARCOVERDE, J., Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, 04/04/1917; *apud* Livro dos 25º anos das FMA no Brasil/SP).

Em pouco tempo, a Inspetoria Santa Catarina de Sena, São Paulo⁵⁵, a primeira do Brasil, se multiplicou em outras sedes e, em 1933, já eram 51 obras

almas e toma para ti todas as outras coisas" (PAULA, A. P. de., 2008, p. 40-41). Foi percebido como a força motriz que arrasta gerações de educadores e os mantém fiéis aos princípios fundantes. Ver Brasão do Instituto das FMA, anexo 4.

⁵³ Luis Lasagna, Inspetor e Bispo Missionário, nasceu em 03/03/1850, em Montemagno, Alessandria/It e faleceu em 06/11/1895, num desastre de trem de ferro em Juiz de Fora/MG. Foi o primeiro Salesiano a visitar o Brasil e o responsável pela vinda das FMA ao Brasil (AZZI, 1999).

⁵⁴ Alguns barões e a aristocracia que as acolheram em Lorena: Conde Moreira Lima e seu sogro Barão de Castro Lima. Em Araras, Barão Bento de Lacerda Franco. São Paulo: Dona Veridiana Prado, São Paulo (Ipiranga), Dr. José Vicente de Azevedo, o Conde de Santa Sé.

⁵⁵ As Inspetoras do período da pesquisa: Anna Covi (1925-1928); Francisca Lang (1928-1938); Carolina Mioletti (1938-1948). Em 07/09/1948 surge a inspetoria Madre Mazzarello, em Belo Horizonte/MG e a casa de Campos/RJ passa a ser governada por ela. As inspetoras são: Carolina Mioletti (1948-1954); Palmira Ghisoni (1955-1960) e Maddalena Sanlorenzo (1961-1966).

(FMA, [s.a], 1933, p. 33-35). O gigantismo dessas instituições era visto como um sinal da civilização em todo o país.

2.4. A Cidade de Campos/RJ e a fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, é contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo o sentido histórico (MAGALHÃES, 1996, p. 2).

Um elemento fundamental no estudo das instituições é o meio envolvente. Buscamos as características que apresentavam a cidade de Campos onde se instalou o colégio Nossa Senhora Auxiliadora, as relações que se estabeleceram entre esta cidade e os fundadores do colégio. Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição é não apenas contextualizá-la no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, sem deixar de integrá-la numa realidade mais ampla que é o sistema educativo, mas também construir a relação entre a instituição e a comunidade local.

Campos dos Goytacazes⁵⁶ é um município localizado no norte do Estado do Rio de Janeiro. A história desse município remonta quase à época do descobrimento do Brasil. Os primeiros donos da terra foram os índios Goitacá (DIAS e SILVA, 1986, p. 16).

Conforme Pereira Pinto (2006, p. 97), Campos teve os seguintes nomes: 1) Vila de São Salvador dos Campos, 2) Campos dos Goitacazes, 3) Campos, 4) Campos dos Goytacazes.

A região prosperou com a cana de açúcar⁵⁷. Foi elevada à categoria de Cidade em 28 de março de 1835.

A elite agrária, residente nos pomposos solares, movimentava centenas de contos de réis, atraindo investidores e imigrantes, que chegavam na cidade

⁵⁶ A palavra significa *nômades*, “corredores da mata” para uns ou “índios nadadores” para outros. Refere-se aos goitacás (ou goitacases), povo que habitava a região. Ao longo dos anos, a grafia foi alterada de *goytacazes* para *goitacases* e vice-versa.

⁵⁷ Em 1875, a região contava com 245 engenhos de açúcar e, por volta do ano de 1879, foi construída a primeira usina, batizada como “Usina Central do Limão”.

oriundos da França, Portugal, Líbano e se estabeleceram como comerciantes no século XIX.

Importantes fatos históricos se deram em Campos dos Goytacazes e o pioneirismo é marca da história do município. Em 1869, foi feita a primeira ligação telefônica para a então capital do Brasil; em 24 de junho de 1883, com a presença do imperador D. Pedro II, Campos passou a ser a primeira cidade do Brasil e da América do Sul a receber iluminação pública elétrica, por meio de uma termelétrica a vapor.

A chegada da República em 1889 coincidiu com o excelente período econômico por que a cidade vinha passando. Segundo Pereira Pinto (1987, p. 63), “decorrente da modernização e da produção do parque açucareiro, surgiram as estradas de ferro, através de concessão a uma firma inglesa e aperfeiçoaram-se os transportes urbanos.” Peixoto de Faria (1992, p. 69) acrescenta que “no início do século XX, Campos caminha a passos largos para a modernização [...] Rede de esgoto, abastecimento de água; entretanto grande número de pessoas que habitam a periferia ainda vive em condições precárias”.

Os reflexos econômicos estimularam não só as atividades culturais, com a criação de jornais, publicações literárias, teatros, como consolidaram a cidade de Campos na “posição de liderança política no Estado, surgindo na dobra do século como a 4ª cidade brasileira, em população” (PEREIRA PINTO, 1987).

A população global de Campos, conforme IBGE, era a seguinte: (*apud* PEREIRA PINTO, 2006, p. 97), em 1920: 175.850 (urbana 69.759 e rural 106.091); em 1940: 223.373 (urbana 78.545 e rural 144.828); em 1960: 292.292 (urbana 131.679 e rural 160.613).

Na década de 1920, Campos era o maior produtor de açúcar do Brasil e o maior município do Estado, mantinha a 7ª posição brasileira em população global. Na década de 1940, mantinha ainda o 7ª lugar; na década de 1950, era o 8º colocado; já na década de 1960, caiu para o 11º lugar em população global.

Dentre as instituições de educação mais antigas de Campos estão: Liceu de Humanidades (fundado em 1847); Faculdade de Direito (obras iniciadas em 1869); Escola Normal, criada em novembro de 1894; Escola de Aprendizes e Artífices em 1909 (Instituto Federal Fluminense); Colégio Batista Fluminense (1913); Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1925), Faculdade de Medicina

(obras iniciadas em 1925); em 15/08/1954, foi lançada a pedra fundamental do Colégio N.S. das Graças (dos Salesianos) que, em 03/08/1955, mudou para Instituto Dom Bosco.

Há muitas maneiras de se pensar a mulher campista até meados do século XX, e o delineamento dessa rota emergiu essencialmente do contexto político e socioeconômico refletindo-se nas Políticas Públicas da Educação Nacional. A Escola Normal, certamente, se constituiu num importante espaço no momento histórico Republicano, o que levou Accácio (2005, p. 94) a afirmar:

A criação das escolas normais mistas foi abrindo caminho à profissionalização da professora, pois admitia-se que a tarefa de educar crianças era inerente à natureza feminina [...]. A abertura das portas do magistério elementar ao sexo feminino beneficiou-se também de razões de ordem econômica já que a instrução primária, com remuneração inferior a dos outros níveis, foi sendo aos poucos abandonada pelo homem.

Ficou evidente que, diante do estereótipo criado pela própria sociedade acerca do papel da mulher brasileira (boa mãe e esposa abnegada), a profissionalização feminina não aconteceria de uma hora para outra. Para Almeida (1998, p. 71), o maior motivo de as mulheres terem buscado o magistério estava no fato de realmente precisarem trabalhar! Quando o caso não era o da sobrevivência, procuravam na profissão uma realização social que a posição invisível ou subalterna no mundo doméstico lhes vedava. Além disso, com o advento da República, a reorganização do Estado e o processo acelerado de urbanização foram decisivos na busca de soluções para as novas necessidades apresentadas pela população. Dentre elas, a escolarização, passando a ser meta de muitas famílias brasileiras, que procuravam inserir sua prole nesse novo tempo social. “A adoção do trabalho assalariado, aliada a outras questões de modernização do país, fez com que a escolarização aparecesse como fator promotor da ascensão social” (CRESPO, 2009, p. 52).

2.5. A cidade de Campos/RJ e a Fundação do Colégio N. S. Auxiliadora

O prospecto do novo Colégio das Irmãs Salesianas:

Prédio excelente dotado de todo o conforto e hygiene, bem arejado, optimamente situado na Rua Salvador Corrêa, 65 (Campos), dentro de vastíssima área de terreno próprio, com jardins, pomares e extensos parques fartamente arborizados, muito concorrerá certamente para a boa educação moral, intellectual, physica,

artística, cívica e patriótica das meninas que tiverem a felicidade de nelle serem matriculadas. Abrange quatro secções: Internato, Semi-internato, Externato e *Pensionato para alumnas internas que queiram freqüentar as aulas da Escola Normal, Lyceu de Humanidades e outras. Além do curso primário e complementar, há preparação para a Escola Normal, Aulas de línguas, dactylographia, desenho, pintura, pyrogravura, photominiatura, costura, bordado, flores, fructas, piano, violino, canto. Trata-se, como se vê, d'um Collegio que, em tudo e por tudo, merece a preferência dos Snrs. Paes que desejam proporcionar às suas Filhas uma optima educação nas bases da Religião.* (BOLETIM SALESIANO, ano XXII, Set/Out 1925 nº 5) [grifo nosso].



Figura 6: Primeiro prédio do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ

Fonte: ACENSA - 1927

O CENNSAC é uma instituição confessional, integrante do Instituto das FMA sediado em Roma. Constitui, nele e com ele, uma rede mundial de educação e solidariedade inserida em múltiplos contextos culturais espalhados em 94 países dos cinco continentes, 1.436 casas, num total de 13.653 religiosas e noviças⁵⁸. No Brasil, as FMA estão presentes em 19 estados, com 949 religiosas e noviças trabalhando em 128 casas. Na Inspetoria Nossa Senhora da Penha, que abrange os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, estão em 11 presenças educativas, com um total de 61 religiosas.

Na data da fundação do Auxiliadora (1925), o número de FMA no Brasil era 237 membros. Em 1940, quando a escola normal foi equiparada ao Instituto de

⁵⁸ Dados estatísticos de 2011, *apud* Elenco Generale del Istituto FMA, v. 2, 2012.

Educação, já eram 522. Em 1950, 879. No final desta pesquisa, 1961, as salesianas no Brasil já somavam 1.315 e na Inspetoria Madre Mazzarello, 292, destas 24 moram em Campos.

Durante o período em estudo, foi possível constatar a expansão das casas das FMA no Estado do Rio de Janeiro:

QUADRO 1 - Expansão das casas das FMA no RJ por ordem cronológica

Nº	Casa – Cidade	Abertura	Fechamento
1.	Externato Santa Teresa - Niterói	1909	1929
2.	Oratório Festivo de Nossa Senhora Auxiliadora – Niterói	1911	1919
3.	Colégio N. S. Auxiliadora - Campos	1925	-
4.	Instituto Nossa Senhora Auxiliadora – Rio de Janeiro/RJ - (INSA – Rio)	1930 (Av. Pasteurs) 1936 (Rua Ibituruna)	-
5.	Orfanato N. S. Auxiliadora/Campos Instituto Profissional Laura Vicunha	1949 1958 - Mudança de nome	-
6.	Instituto Nossa Senhora da Glória - Macaé	1961	-

Fonte: AISCs-SP e AIMM-MG, organizado por LOPES, 2012.

Na reunião do Conselho da Inspetoria⁵⁹ Santa Catarina de Sena/SP, dia 2 de setembro de 1924, entrou em pauta a fundação de um Colégio em Campos, no Estado do Rio de Janeiro (VERBALE, Liv 2, 1924, p. 36-37) (anexo 9). O Conselho discutiu e, considerando que a proposta foi feita por “Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Henrique Mourão”, Administrador Apostólico da Diocese, “apoiada com certa pressão do Núncio Apostólico Monsenhor Henrique Gasparini” e também recomendada pelo “Inspetor Padre Pietro Rota/SDB”, da Inspetoria de São Paulo, o Conselho fez algumas considerações: 1) Para a implantação do novo colégio seria ofertado o edifício com terreno necessário para o desenvolvimento da obra própria do Instituto e este viria munido de todo o mobiliário necessário; 2) A importância da fundação, por tratar-se de uma cidade de 70.000 habitantes em uma zona riquíssima e, portanto de promissoras vantagens materiais; 3) A recusa favoreceria outras congregações desejosas de ter a primeira fundação nesta cidade.

O Conselho Inspetorial achou conveniente a aceitação, fosse, porém, a custo de qualquer sacrifício e encarregou a secretária de submeter à aprovação do Conselho Geral.

⁵⁹ As Inspetorias têm a mesma organização que o Centro do Instituto, este é governado pela Madre Geral e seu Conselho e na inspetoria por uma Inspetora e seu Conselho Inspetorial. As casas, pela Diretora e seu Conselho local.

Nova reunião do Conselho dia 20 de outubro de 1924 (*ibidem*, 1924, p. 41-c), as conselheiras estudaram e discutiram o contrato apresentado pelo Monsenhor Mourão com respeito à nova fundação do Colégio em Campos. Elas concluíram ser necessária uma reunião com o bispo (Não encontramos o que ficou acordado entre eles neste encontro). Mas a reunião do Conselho do dia 28 de dezembro de 1924 (*ibidem*, 1924, p. 49) apontou a seguinte pauta: “Aprovação fundação: Casa de Campos”. O telegrama da Madre Geral Luiza Vaschetti foi lido com a comunicação oficial sobre a aprovação do Conselho Geral, para três casas: Rio dos Cedros (escola paroquial), S. José dos Campos (externato) e Campos (colégio).

Dom Henrique Mourão comunica este acontecimento ao povo campista:

Tenho a satisfação de comunicar a V. Excia, que, no dia 1º de Março do corrente ano, será inaugurado em Campos um importante estabelecimento de Educação e Ensino para meninas, dirigido pelas revdas. Irmãs Salesianas. O Colégio N. S. Auxiliadora compreenderá as seguintes secções: Internato, Semi-Internato, Externato e *Pensionato* – **esta ultima secção destinada as alunas que, sendo internas do estabelecimento, queiram frequentar as aulas da Escola Normal, Lyceu de Humanidades**, etc. Pela leitura do incluso *Prospecto*, conhecerá V. Excia. quanto possa interessar aos Snrs. Pais de Família que queiram proporcionar as suas filhas uma *educação completa, moldada nos melhores sistemas pedagógicos modernos*. A altura dos mais conceituados estabelecimentos congêneres da Capital da República e da cidade de São Paulo, o Colégio N. S. Auxiliadora, pela vastíssima área de terreno e magnífico prédio, inteiramente renovado, de que dispõe, pelo conforto de que é dotado, pelo *esmero da educação ministrada e pela absoluta idoneidade do seu corpo docente*, estou certo, merecerá de V. Excia. toda a confiança. [...] São bem conhecidas as Irmãs Salesianas, como *educadoras modelares*, pelos maravilhosos resultados colhidos nas centenas dos seus institutos, espalhados pelo mundo inteiro. No nosso Brasil é digno de particular menção, entre muitos outros, o importantíssimo Colégio “Santa Ignez”, na Capital Paulista, *pelo qual está modelado o que se vai inaugurar nesta nobre e hospitaleira Cidade*. Essas ótimas religiosas, pertencentes a uma Congregação fundada, como a dos Salesianos, pelo maior dos educadores do Século XIX, – o Venerável Dom João Bosco – saberão conseguir os mesmos resultados em Campos, uma vez que não lhes falte a solidariedade e a confiança do ótimo povo desta Cidade (“*O ESTADO*” 06/01/1925 *apud* MOURÃO, 1934, pp. 158-159) [grifo nosso].

Sob o título de: Fundação de um grande Colégio em Campos, assim escreveu a “*Folha do Commercio*” de 25/01/1925:

A 15 de Fevereiro chegarão as Irmãs Salesianas que vêm dirigir o importante estabelecimento de ensino. Mons. Mourão conseguiu dotar a nossa cidade de um notável melhoramento: a *fundação de um importante Colégio de meninas, dirigido pelas Irmãs salesianas*. Quem conhece os excelentes resultados que, na educação e instrução, geralmente colhem as *nossas jovens patrícias, as futuras mães brasileiras*, nos Colégios dirigidos pelas religiosas, bem pode avaliar o

extraordinário alcance da fundação que o Exmo. Prelado de Campos, em tão boa hora, e em tão breve lapso de tempo, conseguiu, qual é a de dotar a nossa cidade de um Instituto que, no gênero, *é o primeiro que aparece no nosso município e em todo o vasto norte fluminense* [grifo nosso].

A fundação do CNSAC aconteceu em 18 de fevereiro de 1925, diante do anseio da sociedade local e atendendo ao pedido de Monsenhor Henrique Cesar Fernandes Mourão, salesiano, com o objetivo de fundar um colégio para meninas e moças. Para tal, foi adquirido um palacete em chácara de 24.000m², no centro da cidade. Esse terreno pertencia à família do Drº Joaquim Ribeiro de Castro que a vendeu especialmente para aí ser instalado o Colégio. Quase no centro da chácara estava o prédio que passou por completa reforma.

Das crônicas que consultamos, transcrevemos algumas informações que nos fazem voltar aos dias distantes de 1925 em que as primeiras sete Irmãs, destinadas a essa casa, iniciavam no devotamento de suas vidas e no “*cuidado sobre os outros*”, a obra que hoje floresce. A Inspetora Madre Anna Covi, acompanhou as Irmãs Henriqueta Leme, Diretora, Melânia Serra, Econômica, Rita de Paula, Hermínia Ribeiro Marques, Olga Salgado, Rosina Prada e Judith Sacchi. Elas foram recebidas na estação do Saco, pelo Monsenhor Mourão, membros do clero, associações católicas, fiéis, representantes da imprensa.

A professora Mercedes Landim⁶⁰ (seria a primeira professora leiga do Colégio Auxiliadora, lecionou em 1926 e 1927), discursou e ofertou flores à Madre Inspetora naquela ocasião. Após os cumprimentos de boas vindas e da apresentação, as Irmãs tomaram os automóveis postos à sua disposição e, acompanhadas pela comissão de recepção, deram um passeio pelas principais ruas da cidade, conforme o costume do lugar quando queriam honrar os recém-chegados ilustres.

Chegando ao Colégio, em nome da população católica campista, falou a professoranda Maria do Carmo Veiga. A menina Betty Martins recitou uma poesia, em nome das alunas que se iam matricular no colégio. Terminadas as

⁶⁰ Cláudia Landim, no site <http://www.fmanha.com.br/blogs/painel/?p=5002>, em 23/03/2010, fala da professora Mercedes Sodré Ferreira Landim. Graças a seu destacado desempenho na Escola Normal de Campos (ENC), recebeu, em 1927, a “nomeação prêmio” para ser professora da Escola Modelo “Seis de Março” (anexa à Escola Normal de Campos), que, ao deixar de ocupar o prédio do Liceu de Humanidades de Campos, transformou-se no Grupo Escolar “João Pessoa”, por ela dirigido até a sua aposentadoria. Preocupou-se com a catequese de seus alunos, com suas aulas de religião. Fundou e dirigiu o Colégio Primário “Santa Therezinha”.

saudações, foi servida uma mesa de doces às Irmãs e às pessoas presentes, o edifício foi franqueado aos visitantes.

No dia 19 de fevereiro de 1925, a crônica trouxe a bênção da capela e a primeira missa celebrada no Colégio pelo Monsenhor Mourão que saudou as Irmãs e felicitou o povo de Campos pela obra que estava iniciada e da qual esperava grande proveito para a Diocese. Em seguida, Monsenhor Mourão fez conferência à comunidade, na qual delineou a psicologia do povo campista e deu normas próprias para assegurar o êxito do trabalho em Campos.

Concluídas as obras de adaptação para o funcionamento de uma escola, no dia 2 de março de 1925 foi inaugurado o “Collégio Nossa Senhora Auxiliadora” que, além do curso primário em regime de internato e externato, compreendia aulas particulares de piano, pintura, bordado e confecção de flores. “O Colégio contou inicialmente com 13 alunas internas, sete semi-internas, 48 externas, quatro pensionistas, 18 alunas particulares e sete Irmãs” (SILVA, 2004, p.153), [anexo 3].



Figura 7: Alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora 30/11/1925
Fonte: ACENSA

O Colégio de Campos esteve na pauta da reunião do Conselho Inspetorial da província de São Paulo, no dia 27/11/1926 (VERBALE, Liv 2, 1926, p. 82), é uma petição do Bispo Dom Mourão na qual pedia o favor de pagar-se a soma correspondente ao débito que a Inspeção contraiu com a diocese de Campos na compra do terreno do colégio das Irmãs, segundo o contrato “8 de maio de 1925”. Ele apresentou tal pedido visto estar em apuros econômicos, propondo o pecúlio

de 25:000\$000. O Conselho inspetorial deliberou pagar no dia 1º de março 1927 a respectiva soma, fazendo um empréstimo no Banco de São Paulo.

Em 1933, foi criada a Associação das Ex-alunas. Em 13 de maio de 1934, foi concedida autorização para funcionamento do curso ginásial e, conseqüentemente, o de inspeção permanente ao Colégio (1938), que passou a se chamar Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora.

As religiosas empenhadas na direção e administração de colégios, hospitais e ‘obras de caridade’ acabaram por criar uma área de certa autonomia e de exercício de alguma forma de poder. Afora as mulheres pobres, no início da República, as religiosas foram as primeiras a exercer uma profissão, quando ainda a maioria da população feminina era “do lar”. Dessas iniciativas, a mais carregada de efeitos para as mulheres foi a criação de uma rede de escolas católicas, sob a direção e administração de religiosas.

O exemplo das religiosas no magistério e ou em obras promocionais e o auxílio que elas deram para a elevação do nível cultural das mulheres contribuiu para abrir às normalistas uma perspectiva maior do mundo rompendo progressivamente o enclausuramento feminino típico da sociedade rural tradicional. Consciente ou inconscientemente, as religiosas prepararam outras mulheres para contestarem o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade, ainda que continuassem a veicular em seu discurso religioso uma visão tradicional do papel social feminino.

A possibilidade de acederem às instâncias formais de educação, sobretudo para as mulheres do interior, das fazendas, deveu-se em grande parte às escolas católicas e seus internatos, como vemos no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, pois não havia escolas normais nos lugarejos ou com facilidade de acesso, sendo necessário enviá-las a Campos, Niterói ou Rio de Janeiro e os pais não deixavam suas filhas em qualquer espaço, às vezes nem em casa de parentes.

A situação da mulher na sociedade influiu na sua marginalização na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada. Mas “com o fôlego das profundezas, as mulheres iriam buscar na pregação religiosa que aparentemente as vitima e cerceia os mecanismos de resistência à exploração e ao sofrimento” (DEL PRIORE, 1988, p. 20).

Desde o projeto de fundação da escola, há a intenção de formar professoras, no início oferecendo o pensionato, “destinado às alunas que, sendo internas do estabelecimento, queiram frequentar as aulas da Escola Normal, Lyceu de Humanidades” (*O ESTADO*, 06/01/1925) e, assim que a escola se firmou, preferiram abrir o próprio curso normal para formar as professoras com um “*ethos* católico” e torná-las *cuidadoras*, *auxiliadoras*, missionárias dentro das escolas.

2.6. As Salesianas e a colaboração da comunidade campista, relacionamento com as autoridades

O Colégio N. S. Auxiliadora tem o reconhecimento da comunidade por sua tradição de educação religiosa e integral, privilegiando a dimensão humana e não só cognitiva. Este “comprometimento com a educação sócio-humanista faz a diferença, além do autoinvestimento em instalações e equipamentos. [...] Ouvimos falar muito bem da formação qualificada dos professores para um ensino voltado para a educação integral” (CARVALHO, 2009b, p. 81).

Os processos educativos atuam na concretude das relações ordinárias e cotidianas, cuidando do clima que se respira cada dia. São as relações cotidianas o terreno dentro do qual amadurece a vida e se expande; vemos esta cotidianidade nos acontecimentos descritos em que vemos as famílias, os vizinhos, os campistas em relação com o pessoal do Colégio, isto desde os primórdios, quando as Damas de Maria Auxiliadora, chefiando grupos de moças, “saem pela cidade vendendo violetas em benefício da Capela do Colégio, dão com isso uma prova de sua simpatia e adesão à obra das Irmãs nesta cidade” (Cron. CNSAC, 15/05/1926). No mês de novembro de 1929, a crônica assinalou, pela primeira vez, o nome de uma das cooperadoras da obra das Irmãs em Campos, Maria Queiróz Oliveira (Finazinha⁶¹), “que tanto bem dispensou a esta casa, durante tantos anos”, como atestam as páginas consultadas e a lembrança viva dos que acompanharam de perto a sua dedicação como de tantas outras benfeitoras e benfeitores.

Visitas ilustres estiveram no Colégio: professores, poetas, conferencistas, superiores religiosos e bispos, autoridades governamentais e militares, até o

⁶¹ Apelido por ter nascido no dia 2 de novembro, finados. A *Standard oil* concedeu Medalha de honra ao mérito para Maria de Queiroz Oliveira, dama campista, “Rainha da bondade” (MONITOR CAMPISTA, 07/09/1952 p. 3).

Presidente da República. “O professor e escritor José Cesare Melo e Souza (Malba Tahan) faz uma conferência no Colégio” (15/10/1939); “Visita o colégio a poetiza Ana Rosa Carneiro Mendonça e algumas pessoas importantes da cidade” (07/12/1943); “Nery Camello, ilustre geógrafo vem à escola (02/09/1944); A ligação da Igreja com o poder público aparece nas funções litúrgicas: “Exemplo edificante, o bispo dom Antônio celebra às 5h da manhã na capela do Colégio uma missa com a assistência do Presidente da República e sua comitiva” (10/09/1948). “O professor Pedro Calmon da Universidade do Rio visita o Colégio” (Cron. CNSAC, 15/07/1956).

E mais: é celebrada a “Festa da Criança com a presença do prefeito municipal, Dr. Salo Brand e assistida por outras autoridades civis e religiosas e várias famílias” (25/10/1942). “O interventor e o Governador do Estado, Edmundo Macedo Soares, visitam o orfanato em construção” (Cron. CNSAC, 31/08/1947).

Em 1949, chegou a Madre Geral ao Brasil e foi visitar as Irmãs: “a obra de Campos, centro educativo de grande incidência sobre o ambiente social” (BIANCO, 2010, p. 131). Quando a comitiva chegou em Campos, a cronista narrou a vinda do aeroporto até o Colégio:

São uns 50 carros com as autoridades locais, civis e eclesiásticas. As alunas e professores agitam as bandeiras azuis e rosa, verde e amarela. Uma aluna a saúda em língua italiana (Stelmar Tinoco) oferecendo um bouquet de flores. Toma a palavra o inspetor de ensino Dr. Abelardo Vasconcelos. Um grande número de alunas e ex-alunas a esperam no colégio. Canto orfeônico a três vozes. À noite no salão bem preparado, a festa! Sessão lítero-musical. Nesta festa estavam presentes as autoridades; o prefeito Dr. Manuel Ferreira Paes, faz discurso que ressalta a figura heroica e missionária da superiora e o seu espírito de sacrifício. Oferta do mimo espiritual⁶² (Cron. CNSAC, 14/11/1949).

O Superior Geral dos Salesianos, D. Renato Zigiotti, em visita ao Brasil, passou rapidamente por Campos, foi recebido festivamente no Colégio, por Autoridades, Clero, pessoas de destaque na sociedade local e por todas as alunas (Cron. CNSAC, 02/09/1957).

A crônica registrou a presença dos representantes do colégio em envolvimento com o poder público na cidade: “[...] Um grupo de alunas com a

⁶² “Consistia em se fazer orações, sacrifícios, participação de missas e jaculatórias anotadas e apresentadas à (ao) homenageada (o)” (*Gérbera*, turma 1957).

diretora vão à casa do prefeito municipal eleito para dar-lhe boas vindas e os primeiros obséquios em nome de todos do colégio” (16/06/1942).

Na troca de prefeito em Campos, o Dr. Ferreira foi sucedido por Dr. José Alves. A Diretora mandou um telegrama de congratulação ao novo prefeito, “muito nosso amigo” (31/01/1951) e enviou carta de agradecimento ao Dr. Ferreira publicada no jornal “*Monitor Campista*, 1º/02/1951, p. 1”.

A crônica do dia 17 de junho de 1953 cita que o Deputado Teotônio Ferreira de Araújo estava interessado em obter ajuda para a construção da igreja do Auxiliadora e, no dia 18 de agosto de 1953, comenta a morte do Senhor Julião Nogueira, rico usineiro, “pai de nossas ex-alunas e nosso grande benfeitor. Ele doou aos salesianos o terreno onde construíram o colégio deles em Campos”.

Recebemos a visita do deputado Salo Brandt, nosso benfeitor junto ao governo, vem pedir apoio para as próximas eleições. Recebemos a visita do ex-prefeito Dr. Manoel Ferreira Paes, muito nosso amigo e benfeitor. A visita era fins políticos, próxima eleição, é candidato a deputado federal. Visita-nos também com finalidade política o Padre Rosário, já membro do conselho municipal (Cron. CNSAC, 26-28/09/1954).

O povo de Campos “acolhia, gostava, valorizava, estimava e respeitava muito as Irmãs” (*Andorinha*, educadora 1949-1961), “eu me lembro de uma vez, houve um problema mundial, não lembro bem o que foi, fizemos uma passeata para reparar o problema, fizemos uma passeata pela paz, em silêncio, foi muito bem acolhida por todos. A cidade inteira nos acompanhou” (*Canário*, profª 1959-1961), “nós éramos as tais! As educadoras! Com a escola pública éramos amigos, participávamos em tudo, o povo de Campos era animadíssimo” (*Sabiá*, profª 1954-1959). “Havia presença de autoridades públicas em muitas ocasiões e as filhas dos políticos (especialmente se católicas) estudavam na escola” (*Garça*, educadora 1943-1950). Em 1955, aconteceu, à noite, no salão da escola, uma homenagem à diretora, e, em ambiente de cordialidade e entusiasmo, a juventude enalteceu as virtudes da festejada: maternidade, bondade, alegria e compreensão. Entre os convidados estavam o prefeito da cidade Dr. João Barcelos e o juiz Dr. Moacir Land (Cron. CNSAC, 24/09/1955).

Datas são pontas de iceberg, afirma Bosi (1992, p.19). O Colégio Auxiliadora teve uma escola normal confessional, equiparada em 1940, graças à contribuição da comunidade campista.

Essas educadoras religiosas mostraram-se sempre preocupadas com a formação integral da pessoa e oportunizaram às muitas gerações de alunos vivências morais e intelectuais que lhes permitiram a conquista de um lugar e de uma função na sociedade que deveriam encontrar-se inseridos (LIMA, 2009, p. 4-5).

O recurso à crônica permitiu-nos pinçar alguns fatos significativos, que nos mostram a unidade de uma *história viva*: o “Auxiliadora”, que se apresenta sempre novo, respondendo aos desafios presentes, antevendo os passos do futuro e se mantendo sempre fiel a seus princípios fundantes de tradição e excelência em educação; perpetuando o sistema educativo de Dom Bosco, enriquecido com o estilo feminino de Maria Mazzarello, a cofundadora das Irmãs Salesianas.

3. Gênese e Identidade da escola de professoras do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ

As escolas normais constituíram o lugar central de produção e de reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas próprias da profissão docente:

São instituições criadas para controlar um corpo profissional, que conquista uma importância acrescida no quadro dos projetos de escolarização de massas; mas são também um espaço de afirmação profissional, onde emerge um espírito de corpo solidário. As escolas normais legitimam um saber produzido no exterior da profissão docente, que veicula uma concepção dos professores centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos; mas são também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer (NÓVOA, 1997, p. 16).

3.1. Escolas Normais Públicas no Brasil

A importância assumida pelas Escolas Normais públicas e a formação de professores no Brasil são observadas pelo fato de tantos pesquisadores fazerem delas seu objeto de estudo⁶³. Tivemos acesso a alguns trabalhos recentes⁶⁴ que enriquecem a historiografia brasileira, e que se encontram relacionados a instituições de educação católica e à escola normal; alguns referem-se especificamente à educação e pedagogia salesiana. Essas pesquisas ajudaram na compreensão e no direcionamento do meu olhar pelo interior do GENNSAC/RJ; ou seja, estão de alguma forma presentes no desenvolvimento desta pesquisa.

Antes que se fundassem escolas especificamente destinadas à formação de pessoal docente, encontrava-se nas primeiras escolas de ensino mútuo – instaladas a partir de 1820 - a preocupação não somente de ensinar as primeiras letras, mas de preparar docentes, instruindo-os no domínio do método. A Constituição do Império do Brasil em seu artigo 179, inciso XXXII, afirma: “A instrução primária,

⁶³ Dentre eles, Tanuri (1979-2000), Haidar (1972), Catani (2000), Villela (2000-2008), Nosella e Buffa (1996), Nunes (2000), Lopes (2003), Magaldi (2006), Mendonça & Ó (2007), Vidal (2008). Em se tratando da escola normal católica temos Paiva (1991), Crespo (1991), Manoel Ivan (1996), Moura (2000), Perosa (2009), Arruda (2011).

⁶⁴ Algumas teses, dissertações, textos que foram apresentados nos GTS de História da Educação na ANPED, no CBHE e no Luso-Brasileiro nesses últimos anos referentes à escola normal em ambientes católicos.

é gratuita a todos os cidadãos” (Brasil, 1824); posteriormente, a Lei de 15 de outubro de 1827, que manda “criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império”, determina que a formação dos professores deveria ser realizada nas escolas das capitais, com os recursos dos próprios docentes e estabelece exames de seleção.

O ato adicional de 1834, aprovado pela Lei nº 16, de 12 de agosto, alterou a Constituição de 1824. Essa modificação extinguiu os Conselhos Gerais de Província e criou as Assembleias Legislativas Provinciais com poderes para legislar sobre a educação escolar, entre outros assuntos. Villela afirma que a proposta de formação de professores, presente na lei de 1827, não teve maiores repercussões, somente a partir do ato adicional de 1834 que a intenção de formar professores encontrou uma conjuntura mais favorável, no momento em que “cada província passou a se responsabilizar pela organização e administração de seus sistemas de ensino primário e secundário” (VILLELA, 2000, p. 104).

As primeiras Escolas Normais brasileiras foram abertas em Niterói em 1835, em Minas Gerais em 1835 (instalada em 1840), na Bahia em 1836 (instalada em 1841), no Pará em 1839, no Ceará em 1845 e em São Paulo em 1846, com objetivo de formar professores primários melhor preparados, com uma organização rudimentar - em sua maioria não ultrapassando o nível primário superior – e com uma existência precária. A Escola Normal de Niterói representa um marco, já que foi a primeira escola normal pública das Américas.

No Rio de Janeiro, em 1874, em 25 de março, criou-se uma Escola Normal, particular e gratuita, com autorização e subsídios do Governo, para preparação do magistério de instrução primária⁶⁵.

O Decreto 7.247, de 19/04/1879 (Reforma Leôncio de Carvalho), autorizava o Governo Central a criar ou subsidiar escolas normais nas províncias, o que, entretanto, não chegou a ser executado. Apenas em 6 de março de 1880, foi instalada e inaugurada no dia 5 de abril de 1880, nas dependências do Colégio Pedro II, município da Corte do Rio de Janeiro, uma escola normal pública, oficializada pelo Decreto nº 7.684. Logo em seguida passou a funcionar no prédio da Escola Politécnica.

⁶⁵ Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_055.html. Acesso em: 04/03/2012.

A Constituição Republicana de 24/02/1891 não trouxe qualquer modificação da competência para legislar sobre o ensino normal, conservando a descentralização proveniente do Adendo Constitucional de 1834.

A partir das últimas décadas do século XIX, pode-se acrescentar ainda que os saberes e o *status* conferido pelo diploma de normalista passaram a ser importantes na luta do conjunto de professores pelo reconhecimento e pela valorização da profissão. Dessa forma, “para a organização dos professores foi importante e estratégico [...] assumir o *ethos* de profissional especializado, com a chancela da Escola Normal” (VILLELA, 2008, p. 44).

Teses pertinentes à “Organização e Uniformização do Ensino Normal no País” foram discutidas na “Conferência Interestadual de Ensino Primário” – convocada pelo Governo Federal em 1921, em inúmeros projetos no Congresso Nacional e nas Conferências Nacionais de Educação promovidas pela ABE no final dos anos 20, especialmente na II Conferência (TANURI, 1979).

A atividade normativa ou financiadora do Governo Federal no âmbito do ensino normal e primário não chegou a se concretizar na Primeira República, de modo que “os Estados organizaram independentemente, ao sabor de seus reformadores, os seus respectivos sistemas” (TANURI, 2000, p. 68).

Com o objetivo de preparar para a escola normal, o curso complementar foi introduzido, com dois anos de duração, no Ceará, quando da reforma ali realizada por Lourenço Filho (Decreto 474, de 02/01/1923); na Bahia, reforma de Anísio Teixeira (Lei 1.846, de 14/08/1925); em Minas Gerais, na reforma de Francisco Campos e Casasanta (Decreto 7.970-A, de 15/10/1927), em Pernambuco, na reforma concretizada por Carneiro Leão (Ato 1.239, de 27/12/1928 e Ato 238, de 08/02/1929); no Distrito Federal, na reforma efetuada por Fernando de Azevedo (Decretos 3.281/28, e 2.940/28).

O ensino normal sofreu a primeira regulamentação do governo central em decorrência da orientação centralizadora da administração estadonovista. A Carta outorgada em 1937 não conferia aos estados atribuição expressa quanto à organização de seus sistemas de ensino – atribuição essa consagrada pela Carta de 1934, mas incumbia à União a competência de “fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude” (Art. 15, inciso

IX). Em consonância com essa orientação, a política educacional centralizadora traduziu-se na tentativa de regulamentar minuciosamente em âmbito federal a organização e o funcionamento de todos os tipos de ensino no país, mediante “Leis Orgânicas do Ensino”, decretos-leis federais promulgados de 1942 a 1946.

Poucos meses depois de aprovada a Lei Orgânica do Ensino Normal, a Constituição promulgada em 1946 retomava a orientação descentralista e liberal da Carta de 1934, atribuindo aos Estados e ao Distrito Federal a competência expressa de “organizar os seus respectivos sistemas de ensino”, respeitadas as “diretrizes e bases” fixadas pela União.

As reformas estaduais das escolas normais, com vistas a ajustá-las à nova Lei, limitaram-se principalmente a alterações curriculares. A maioria dos Estados conservou o sistema dual, com escolas normais de nível ginásial, com quatro séries no mínimo, e as de nível colegial, com três séries, certamente em face da insuficiente quantidade de candidatos qualificados para a docência no ensino primário. No Rio de Janeiro, existiam somente escolas de segundo ciclo, de grau médio, para preparação de seus professores primários.

O estabelecimento das escolas destinadas ao preparo específico dos professores para o exercício de suas funções está ligado à institucionalização da instrução pública no mundo moderno, ou seja, “à implementação das ideias liberais de secularização e extensão do ensino primário a todas as camadas da população” (TANURI, 2000, p. 62). Assim, a criação das primeiras escolas normais, em várias localidades objetivava instituir uma formação específica dos professores e expandir a educação brasileira e, portanto, representa o aumento das oportunidades de educação para as mulheres, que enfrentam obstáculos de ordem social, moral e de formação intelectual para encontrar espaço profissional.

No final do século XIX, em 1894, é criada a Escola Normal de Campos (a primeira em toda a região norte fluminense) pela lei nº 164, de 26 de novembro. Instalada em 29 de março do ano de 1895. Esta escola foi extinta por decreto de 25 de janeiro de 1900, mas em março de 1901 voltou a funcionar anexa ao Liceu de Humanidades (1894-1954). Vinculada ao processo histórico que compõe a gênese da formação docente dessa cidade, junto ao Grupo Escolar Saldanha da Gama e ao Jardim de Infância José do Patrocínio, deu origem ao Instituto de

Educação em 1954. Vários pesquisadores investigaram essa instituição⁶⁶.

3.2. Escolas Normais Católicas no Brasil

A gênese da *profissão docente* é anterior à estatização da escola, pois, desde o século XVI, vários grupos sociais, leigos e *religiosos*, *consagram cada vez mais tempo e energia à atividade docente*. É uma ação de longa duração, realizada, sobretudo, *no seio de algumas congregações religiosas, ao longo das quais os docentes tendem a abandonar suas múltiplas atividades para se concentrar sobre o ensino, diferenciando assim a função docente* de toda uma série de outras funções e erigindo o *campo educativo* em domínio de investimento de um grupo social específico e autônomo (NÓVOA, 1991, p. 118) [grifo nosso].

Em 1854, o Imperador aprovou a Lei de Liberdade de Ensino, complementando o Ato Adicional de 1834, regulamentar à Constituição de 1824. A partir desse momento, começou a expandir-se a rede de escolas da Igreja, sobretudo as de nível secundário, devido às limitações do Estado em atender tal segmento. Mas foi com o advento da República que o seu crescimento se acelerou. Nesse momento, conforme Alves (2005, p. 2-3) “a Educação Católica passa a ser elemento de destaque na estratégia do Episcopado para acelerar o processo de romanização da Igreja no Brasil, e para fazer face à rede de escolas protestantes que começaram a surgir por toda a parte, no território nacional”. Para empreender a tarefa de educar os jovens na fé cristã, a Igreja Católica brasileira solicitou o apoio de religiosos estrangeiros, que vieram fixar-se no país.

Tanuri (2000, p. 77) comenta que, no Brasil, em 1951:

A reorganização dos sistemas estaduais, no sentido de adequá-los à Lei Orgânica do Ensino Normal, deu-se paralelamente ao considerável surto de crescimento das escolas normais, que acompanha a política expansionista da rede escolar implementada no período desenvolvimentista em decorrência da ampliação da demanda. Tal crescimento era devido sobretudo à iniciativa privada, além do que distribuía-se desigualmente pelo país. Observe-se, que das 546 escolas normais (de primeiro e segundo ciclos) arroladas em publicação oficial do INEP em 1951, 258 estavam concentradas em apenas dois estados: São Paulo e Minas Gerais, enquanto alguns estados como Maranhão, Sergipe e Rio Grande do Norte possuíam apenas duas escolas normais cada um. Dessas 546 escolas, apenas 168 eram públicas estaduais, sendo 378 particulares ou municipais [grifo nosso].

Esta pesquisa se aplica a uma congregação italiana, as Filhas de Maria Auxiliadora, que aportaram em Guaratinguetá, São Paulo, em 1892, e vieram para o interior do norte fluminense, cidade de Campos, em 1925, onde está situada a

⁶⁶ Boynard, M. A.; Martinez, S. A. (2003); Martinez (2004); Boynard (2006); Agum (2007, 2009); Crespo (2009) e Accacio (2011).

Escola de Professoras anexa ao Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, nosso foco de interesse.

3.3. As Salesianas, plasmadoras de mulheres na Educação

Caras irmãs, é vontade de Deus que nós reajamos com meios salesianos e cristãos aos excessos que o papa denuncia, que sejamos *plasmadoras* de ‘mulheres’ no verdadeiro sentido da palavra. As jovens que, por necessidade, devem viver do próprio trabalho, procurem uma fonte honesta de ganho. [...] Eduquemos a mulher para a casa e para a vida; eduquemo-la a um justo discernimento, eduquemo-la à sua missão (VESPA, A., Carta Circular nº 391, *in*: LUCOTTI E., 24/04/955) [tradução e grifo nosso].

As primeiras FMA tiveram plena consciência de serem chamadas a uma missão particular no campo educativo, e sentiram a necessidade e a responsabilidade de qualificarem-se para dar uma resposta credível e eficaz. Inspiraram-se em experiências de clara orientação *preventiva*, como confirmam os 14 princípios educativos⁶⁷, que aparecem reportados na Cronistória⁶⁸ (CAPETTI, 1977, v. 3, p. 460), princípios esses que provieram da congregação das Filhas da Caridade, fundadas por Santa Bartolomea Capitano y Vicenza Gerosa em Lovernò, em 1832 (CAVAGLIÀ, 1990, p.102-103).

No âmbito da formação das mestras, tratava-se de manter harmonicamente unidos os aspectos profissional, cultural, pedagógico e salesiano. Essa conexão, acreditamos, era indispensável, pois o Instituto das FMA estava vivendo um período de forte relevância histórica, portanto devia estabelecer as condicionantes necessárias para o seu desenvolvimento, como também para a sua identidade.

⁶⁷ 1- Assistência contínua; 2- tratar as meninas da mesma maneira que vocês mesmas gostariam de ser tratadas; 3- corrigi-las com doçura de N. Senhora; 4- quando rezar, as necessidades espirituais e corporais delas sejam as vossas; 5- amá-las todas sem a mínima diferença e parcialidade; 6- é melhor poucas virtudes, mas sem cometer pecados; 7- não exigir de todas o mesmo rendimento; 8- imponha poucas obediências, basta fazê-las observar com prontidão sem questionar; 9- a idade, a capacidade, o espírito de cada uma vos sejam de normas para dirigi-las todas; 10- saber tudo o que as meninas fazem ou não fazem; 11- dissimular muitas das ações das meninas; 12- premiá-las e puni-las com oportuna parcimônia; 13- não abandoná-las jamais ao próprio capricho, nem desprezar as suas correções, quando estas melhoram; 14- tratar cada uma com caridade, jovialidade e cortesia.

⁶⁸ Cronistória é uma coleção de cinco volumes (organizados por CAPETTI) que relata a história do Instituto das FMA, nas suas origens. No vol. I, aborda-se a preparação e a fundação do Instituto (1828-1872); no II vol., fala-se do Instituto em Mornese; já no III, há a história da expansão, ainda com Mazzarello e a saída das Irmãs de Mornese (local de 1º colégio) para Nizza Monferrato; no IV vol. é destacada a ação educativa e missionária sob o comando de uma nova superiora. No V vol., é relatada a atuação do Instituto feminino sob o olhar do fundador – D. Bosco.

Em Mornese/It (lugar da gênese histórica do Instituto das FMA), este tomou corpo e se desenvolveu em um contexto não só educativo em geral, mas especialmente escolar, “a escola era parte integrante de toda a comunidade, por isso influía fortemente sobre a vida das religiosas educadoras e permeava suas escolhas” (CAVAGLIÀ, 1994, p. 193).

A comunidade de Mornese nos inícios da congregação “era composta de religiosas peritas na arte educativa”. As famílias patriarcais da época favoreciam esse tirocínio ‘pedagógico’ através “da convivência com pessoas de diferentes idades e mentalidades, como avós, pais, tios, irmãos e irmãs”. Em geral “o primogênito ou a primogênita tinha mais oportunidade para exercer o talento educativo” (MENEGUSI. M. e RUFFINATO. P., 2007, p. 108).

A partir dessa trajetória, as Irmãs começaram um processo que as levou a adquirir competência metodológica e didática de acordo com as exigências que tinham as mestras daquele tempo; por outra parte, Dom Bosco enviou a Mornese várias mestras com título, de tal maneira que Maria Mazzarello e a comunidade educativa dos primeiros anos tiveram a possibilidade de confrontar seu trabalho como educadoras e revisar constantemente seus procedimentos pedagógicos. Ou seja, desde os primeiros anos do Instituto, as Escolas Normais têm sido uma das Instituições melhor atendidas especialmente pelas Conselheiras Escolares Gerais⁶⁹; assim o demonstra o empenho da Emilia Mosca (1874-1900), Marina Coppa (1901-1928), Ermelinda Lucotti (1928-1937), Ângela Vespa (1937-1955) e Elba Bonomi (1955-1973) em seus respectivos períodos de governo.

Piera Cavaglià (1990) afirma que a escola normal nas casas salesianas “surge como uma imprescindível exigência de fidelidade à inspiração do fundador que entendia salvar a juventude feminina da pobreza e da ignorância”. Preparar mulheres educadoras e mestras era a mais eficaz contribuição que se poderia oferecer a um país, a uma cidade, a um povo.

O Manual Regulamento das FMA, de 1908, art. 388, afirma que as escolas normais “serão objeto de especial atenção por parte das superiores⁷⁰ e das Irmãs,

⁶⁹ Dentro do organograma do Conselho Geral da Congregação, há as Conselheiras para os âmbitos específicos: escolar, formação, secretaria, economato...

⁷⁰ Neste período, todos que ocupavam cargos de governo eram tidos como “superiores”.

com o fim de responder ao objetivo geral do Instituto de procurar que as alunas se formassem como mestras cristãs”.

Durante o período desta pesquisa, o Instituto das FMA teve seis (6) Capítulos Gerais (VIII-XIII). O VIII, realizado em Nizza/It (1922)⁷¹, antecedeu a fundação do Colégio Auxiliadora, mas importante porque é sob sua égide que as FMA estão atuando em 1925 quando iniciaram a obra educativa em Campos.

No Capítulo Geral IX (1928), as capitulares sentiram a necessidade da formação atenta aos sinais dos tempos em uma sociedade em rápida evolução. A juventude agora “podia formar-se à guia de educadoras capazes e integrar os valores cristãos com aqueles civis e culturais” (BIANCO. M., 2010, p. 52, vol. 1).

No Capítulo Geral X (Turim, 1934), buscaram definir como suscitar novas escolas profissionais e desenvolver as já existentes em favor da classe operária.

No Capítulo Geral XI, em 1947, depois da segunda guerra mundial, as atividades do Instituto eram vistas com grande determinação. Em 1952, iniciou-se a construção do Instituto Internacional Superior de Pedagogia e Ciências Religiosas, uma resposta para realizar com novas competências a missão educativa do Instituto; muitas Irmãs brasileiras foram enviadas a Roma para estudar, entre elas, duas das ex-normalistas do Auxiliadora que são religiosas, formandas das turmas de 1950 e 1957.

No Capítulo Geral XII, 1953, as FMA aprofundaram a missão educativa do Instituto em cada expressão: escola, oratório, preparação profissional no horizonte das novas exigências do tempo. Institui-se o Ofício Catequético Central e se obteve a aprovação eclesial das Pias Associações juvenis. Durante o Capítulo Geral XIII (1958), foi apresentada uma relação detalhada sobre o apostolado catequético nos vários ambientes educativos.

Cumprе ressaltar que a educação salesiana feminina tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores. Dentre eles, podem ser citados os trabalhos de Dalceri (1981) que mostra o empenho de Emilia Mosca em traduzir o Sistema Educativo masculino de Dom Bosco para as mulheres; Cavaglià (1990, 1994) que

⁷¹ Deste Capítulo, sai o Regulamento para “As Filhas da Casa”, jovens que moravam com as irmãs. Se de um lado as religiosas faziam caridade, por outro lado eram também extremamente beneficiadas por esse trabalho diário e humilde dessas jovens desamparadas pela sociedade. Eram pessoas de confiança e com um custo econômico muito baixo.

escreve sobre a primeira escola normal das Salesianas em Nizza Monferrato e os fundamentos teóricos dessas educadoras.

As Conselheiras Escolares enviavam orientações e normas para todos os colégios da Congregação. Citamos trechos de uma carta no ano da fundação do Auxiliadora de Campos:

Em cada classe, além dos bancos em número e condições convenientes, a cátedra, o crucifixo, o quadro de Maria Auxiliadora, do chefe da nação, não devem faltar os indispensáveis mobiliários e subsídios didáticos: quadro, mapas geográficos, cartas murais das várias noções, ábaco; a administração deve prever se a casa pertence ao Instituto. Cada mestra dever ter o tempo necessário para a preparação ao próprio ensinamento, deve haver livros adaptados e sobretudo os periódicos recomendados: *Scuole Italiana Moderna*, *Pro Infanzia* e *I lavori femminili* (COPPA, C.C. nº 97, 24/09/1925) [tradução nossa].

Emília Mosca⁷² (1851-1900) ensinava às primeiras FMA como deveriam fazer para que suas alunas lhes quisessem bem, porque assim “você vão direitinho ao coração e ganharão as chaves”. Dizia:

O método de Dom Bosco faz milagres; é raro quem revolte contra a bondade e a firmeza; com o não pedir nada além das possibilidades da criança. Não podemos colocar nossas educandas em dificuldades ou situações penosas, inúteis; não lhes dar uma ordem, ou mesmo uma sugestão, um conselho, sem antes meditar em nosso coração as nossas próprias possibilidades e o momento oportuno para fazê-lo (DALCERI 1981, p. 25-7).

A estrutura dialógica é a própria base da pedagogia de Dom Bosco que recomenda a todos que “se esforcem em dois pontos essenciais: fazer-se amar e não se fazer temer” (MB X, 1039). Exigir das alunas apenas aquilo que elas podem dar e as próprias razões que motivaram tais ordens devem ser claras, por isso, “no início do ano letivo, estando presentes alunas, mestras, assistentes e todas as superiores, procede-se à leitura do Regulamento que deverá reger a vida naquela casa”. Na verdade, Dom Bosco procurou um modo de “educar para a cidadania e a honestidade, fundamentando a educação na fé cristã e na profissionalização” (DALCERI, 1981, p. 37-38).

As cartas de Mazzarello⁷³ contém, em filigrana, a síntese pedagógica da sua arte educativa. Isto se pode colher em dois níveis: do seu modo de estabelecer

⁷² Esta irmã foi a primeira responsável no Instituto das FMA pelas escolas, pela educação. Ela dará uma fisionomia própria ao sistema preventivo aplicado em ambientes femininos. Era uma das irmãs mais cultas no início da Congregação. Com 18 anos, conseguiu o diploma de habilitação e professora de Francês junto a Universidade de Turim.

⁷³ Os únicos documentos escritos deixados por Mazzarello são cartas endereçadas às irmãs, aos salesianos e aos cooperadores da obra, num total de 69, abrangendo o período de janeiro de 1874 a

a relação com os seus interlocutores e dos conteúdos formativos que comunica por meio dos seus escritos. Mazzarello conhecia as pessoas, chamava-as por nome, acolhia-as na sua diversidade. O seu estilo é de aproximação integral da pessoa, sempre “valorizante”. Com palavras exprimia afeto, confiança, atenção materna e amável e as concretizava assumindo o cuidado de quem lhe era confiado. Ela demonstrava interesse por tudo que se referia à pessoa: saúde, clima, trabalho, estudo, família, apostolado, inserção, caminho espiritual. Visava, com gradualidade e determinação, aprender a verdadeira ciência, “a ciência de fazer-se santa”.

Dom Bosco fundou internatos (colégios) e escolas profissionais em Turim/It e outras cidades. Assim também Maria Mazzarello, em Mornese/It. À primeira oficina de costura, onde reunia meninas, seguiram-se o primeiro Colégio e as primeiras internas e, daí, as “vocações” e, em seguida, o Colégio de Nizza Monferrato/It (primeira escola normal da congregação).

No Regulamento dos Asilos das FMA na Itália (1885), está afirmado claramente que os métodos aportiano e froebiliano eram utilizados. Baseavam-se em Vitorino Feltre, Ferrante Aporti e Friedrich Wilhelm August Fröbel.

3.3.1. As Salesianas e o Projeto Educativo de Dom Bosco: Princípios, Crenças, Valores e Elementos Metodológicos

Somos como uma ‘rede’ tecida por muitos fios. Cada uma é importante para o tecido do todo, com uma mesma filosofia e objetivos (CARVALHO, 2009a, p. 61).

Ao fundar a congregação salesiana, Dom Bosco escolheu trabalhar com os jovens mais pobres à mercê das mazelas do mundo urbano industrializado, ex-carcerários, habitantes de ruas, migrantes do campo que necessitavam de cuidado, de acompanhamento, de uma educação que os instrísse e os livrasse da possibilidade de se tornarem um problema para a sociedade. Para Dubet, “o desemprego e a precariedade dos jovens” (2003, p. 30) levava-os à exclusão social e os objetivos do programa institucional estavam muito mais relacionados à “[...]”

abril de 1881, que se constituem num material imprescindível para se conhecer seu potencial educativo e a identidade de propósitos com a pedagogia de Dom Bosco (SILVA, 2001, p. 49).

construção de uma legitimidade política e de uma assimilação nacional que à igualdade de oportunidades e à mobilização da inteligência a serviço da economia” (DUBET, 2003, p. 33).

Dom Bosco cuidava dos jovens que vinham ao Oratório, mas se preocupava também em ir à procura de todos os que ficaram fora, os que estavam na cadeia pública da cidade de Turim, a *Generalla*. Dom Bosco criou um ambiente de acolhida, oferecia-lhes uma casa para acolhê-los e fazer com que experimentassem o calor da família que faltava a muitos deles, o Oratório de Valdocco, rico de qualidades humanas e cristãs, no qual os educadores estavam presentes entre os jovens com proximidade afetiva e efetiva. Garantia para eles um espaço, o pátio, no qual pudessem exprimir espontaneamente suas energias de vida e seu desejo de felicidade e amizade, criou um ambiente positivo de alegria e amizade no qual assumiam quase por contágio os valores morais e religiosos. Oferecia aos jovens uma educação que desenvolvia os seus melhores recursos, preocupando-se com a formação cultural e a preparação para o trabalho, por meio do qual pudessem olhar com confiança o seu futuro e inserir-se com responsabilidade na sociedade, fazia renascer a confiança em si e o sentido da dignidade pessoal. Dubet (1997, p. 228) afirma que é preciso que o colégio aceite que haja uma vida adolescente na escola e que não a considere como desvio. É preciso dar um quadro a esta vida adolescente, é preciso que os alunos façam outras coisas que não seja assistir às aulas no colégio, mas eles devem fazê-lo num quadro normativo, com regras que os eduquem.

Consciente da importância da educação da juventude para a transformação da sociedade, Dom Bosco fez-se promotor de novos projetos sociais de prevenção e assistência com relação ao mundo do trabalho (nos contratos entre os jovens e os empregadores), no tempo livre, na promoção da instrução e cultura popular por meio da imprensa. A fim de realizar esse projeto, Dom Bosco envolveu círculos amplos de pessoas, sonhava um movimento vasto como o mundo com a colaboração e complementaridade das pessoas de boa vontade interessadas na educação dos jovens e no futuro da sociedade.

Segundo Dubet e Martuccelli (1996, p. 111), “a escola deve participar nesse processo mais global pelo qual se transmite uma capacidade de se conduzir em sociedade onde a interiorização, via discussão das regras morais desempenha

um papel fundamental”. As crianças e jovens aprendem a viver em “coletividade, a respeitar o outro, a natureza, o material, as pessoas, a cultura dos outros” (*idem*, 1996, p. 111). Tendem a relativizar o trabalho de socialização desenvolvido pela escola na medida em que o sentem próximo de seu próprio modo de educar, apesar de expectativas de que a escola também proteja a criança, o adolescente, o jovem, introduzindo-os no mundo social mais amplo e desenvolvendo uma consciência dos perigos potenciais que os cercam.

Dom Bosco sabia que não basta mitigar a situação de insatisfação e abandono em que viviam aqueles jovens (ação paliativa); ele sentia-se levado a fazer uma mudança cultural (ação transformativa) por meio de um ambiente e uma proposta educativa que envolvesse muitíssimas pessoas identificadas com ele e com a sua missão. Dom Bosco expressou sua preocupação com os jovens em perigo e a necessidade de providenciar espaços para eles:

Os pobres filhos do povo, aqueles que são carentes de meios de assistência dos pais, merecem particular atenção. Sem instrução moral, sem um trabalho ou uma profissão, esses jovens correm o gravíssimo risco de se tornarem um flagelo público e, assim, ir morar na cadeia (Circular de 11 de outubro de 1880, E III, p. 672. *In*: BRAIDO, 2004).

Dentro dos limites da compreensão de sua época, Dom Bosco tinha consciência do alcance social de sua obra. Via na educação da juventude um espaço e instrumento de mudança social. A escola não pode modificar a estrutura social, mas é capaz de, no interior de seu funcionamento, controlar alguns desses efeitos perversos (DUBET, 2004), é um espaço decisivo de integração social – agora em escala nacional - a escola propõe-se então promover a construção de uma moral cívica e, simultaneamente, ambiciona conferir aos jovens, através do exercício do seu ofício de aluno, os instrumentos racionais para se constituírem como sujeitos autônomos (DUBET E MARTUCCELLI, 1996). Nessa medida, é inegável o contributo da escola para o processo de individualização associado à modernidade: ela assume explicitamente a missão (socializadora) de transformar o indivíduo em sujeito. Por outras palavras, o programa institucional escolar não se limita a resgatar o indivíduo da coletividade local onde se filia para o “socializar [...] para o mundo”, adequando-o às regras da vida social; visa também erigi-lo em “sujeito capaz de ser senhor de si mesmo e de construir a sua liberdade” (DUBET, 2002, p.35) por intermédio da Razão.

Formar “bons cristãos e honestos cidadãos” é a intencionalidade expressa muitas vezes por Dom Bosco para indicar *tudo aquilo que os jovens precisam* para viver em plenitude a sua existência humana e cristã: roupa, alimento, alojamento, trabalho, estudo e tempo livre, alegria, amizade, fé atuante, graça de Deus, participação, dinamismo, inserção social e eclesial. A experiência educativa sugeriu-lhe um projeto e um especial estilo de intervenção, condensados por ele no *Sistema Preventivo*.

A convivência educativa no sistema salesiano se realiza pela assistência-presença ativa e individualizada, que é o diferencial, a marca caracterizadora da socialização salesiana. Atuar junto com o educando, intervindo de forma discreta, envolvente, amorosa, estimulando e facilitando seu protagonismo, diferenciada de acordo com a idade e as características pessoais de cada um, personalizadora.

O trabalho sobre os outros pode definir-se como o conjunto de atividades profissionais que participam na socialização dos indivíduos. A socialização é um processo contínuo e que toda atividade social - especialmente todo trabalho - participa ativamente em nossa socialização e transformação de nossos juízos, de nossa maneira de atuar, de nossa identidade (DUBET, 2002, p. 17). Este programa acredita que a socialização está orientada a inculcar normas que configuram o indivíduo e simultaneamente o torna autônomo e livre.

A prática global salesiana é inspirada na caridade pastoral de Jesus, o Bom Pastor⁷⁴ - que vem para congregar e salvar os filhos dispersos e estimula Dom Bosco a se entregar pela juventude, especialmente a mais pobre, e na Carta Paulina (1ºCor 13) do amor que tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A experiência pedagógica de Dom Bosco foi uma experiência educativa prática, constantemente integrada pela reflexão e por experimentação.

⁷⁴ O poder pastoral (baseado no Bom Pastor, Evangelho de João, capítulo 10) para Foucault é “uma forma de poder cujo objetivo final é assegurar a salvação dos indivíduos no outro mundo”. Esse poder não é simplesmente uma forma de poder que ordena; ele deve, também, estar pronto a sacrificar-se para a vida e a salvação do rebanho. Não *cuida* apenas do conjunto da comunidade, mas de cada indivíduo particular, durante toda a vida. Ele implica um conhecimento da consciência e a aptidão de dirigi-las, exige que se produza uma verdade, a verdade-de-si. (FOUCAULT, 1984, 297-308). O poder pastoral, historicamente anterior ao poder disciplinar, forma de exercício de poder que está ligada à imagem e à ação do pastor do rebanho, própria das culturas antigas e que, apropriada e adaptada pelo cristianismo, incorporou o zelo, o devotamento e a oblação como elementos constituintes da arte de dirigir espiritual e materialmente o rebanho, tendo em vista a salvação das ovelhas. O Sistema Preventivo caracteriza-se como poder pastoral. Uma forma de exercício do poder pela qual um pastor toma, sob seus cuidados, não apenas a totalidade do rebanho, mas também a individualidade de cada ovelha.

O projeto educativo das Salesianas é ancorado no Sistema⁷⁵ Preventivo, ou seja, um conjunto de práticas e **princípios educativos** deixados por Dom Bosco, baseado em três pilares: razão⁷⁶, religião e *amorevolezza*. Na *Amorevolezza*⁷⁷: a presença salesiana se identifica pela atitude de acolhida, bondade e fraternidade, que cria um clima de família. A "afeição demonstrada" é a essência de tudo. Quem percebe que é amado, torna-se também capaz de sair de si e amar os outros. E o protótipo do afeto do pastoreio bíblico, aquele que *cuida*. Dizia Dom Bosco:

Lembra-vos de que a educação é coisa do coração, e do qual só Deus é o dono, e não poderemos ter sobre ele se Deus não for o nosso mestre e não puser ao nosso dispor as chaves de acesso. Procuremos, pois, de todos os modos, incluindo a humildade e inteira dependência a que podemos aludir, assenhorar-nos desta cidade cujas portas jamais se abrem à força do rigor e da aspereza. Tornemo-nos amáveis, insinuemos o sentimento do dever e da intimidade de Deus, e veremos, como por encanto, franquearem-se as portas de tantos corações para cantar os louvores d'Aquele que quis tornar-se nosso modelo, nossa vida, nosso exemplo em tudo, especialmente na educação da juventude. Enfim tratemos os jovens como Jesus menino em nosso colégio (MB XIV, 846-847) [tradução nossa].

A **pedagogia do associacionismo**, da participação, valoriza o protagonismo juvenil, a alegria articulada com o dever. O lazer, o lúdico, o extraclasse.

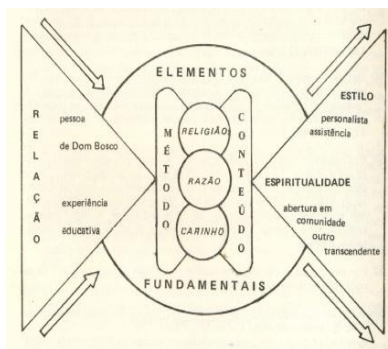
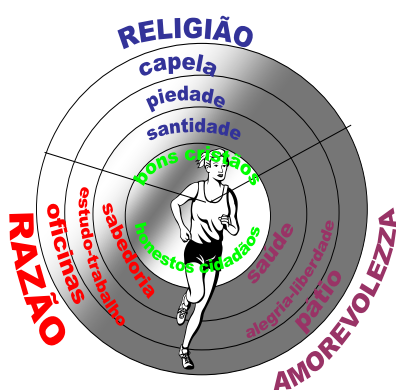
Naturalmente, o ambiente familiar no qual cresceram Dom Bosco e Mazzarello (camponeses italianos) foi decisivo para que ambos desenvolvessem uma concepção ascética educativa sobre o trabalho. Os fundadores da Família Salesiana viveram em tempos da Revolução Industrial na Itália e compreenderam a necessidade de profissionalizar os jovens como resposta a esses tempos.

⁷⁵ No século XIX, a palavra sistema, que circulava entre idealismo e positivismo, era moda: dava nome a uma ideia, uma prática, um método, sugerindo a ideia de completude e organicidade de qualquer proposta teórica ou prática. O "Sistema Preventivo na educação da juventude" foi publicado pela primeira vez em 1877.

⁷⁶ A razão é vista em oposição à pressão e imposição; é o uso equilibrado, da racionalidade que, mediante a clareza das ideias e o culto da verdade, ajuda a dominar, em si mesmo e nos outros, o impulso instintivo dos sentimentos e das paixões e a orientá-los para a construção integral da personalidade. É o uso amplo da persuasão em função preventiva e estimulante. Na prática pedagógica salesiana, a via da racionalidade é confirmada pelo valor dado ao diálogo entre educador-educando, entre educador-educador, entre educadores-pais: uma interação dialógica.

⁷⁷ Não há tradução para este terno italiano em português. Não obstante, há quem, muitas vezes, o traduza por amabilidade, carinho, bondade, amor demonstrado, afeto, benevolência, benignidade, solicitude, amabilidade e até mesmo por "amorabilidade". Preferimos "*amorevolezza*". "O termo [*amorevolezza*] indica um punhado de pequenas virtudes no âmbito das relações ou das atitudes entre as pessoas, expressas em palavras, gestos, ajuda, doação, sentimentos de amor, de graça e de disponibilidade cordial. Na linguagem religiosa, a *amorevolezza* indica o amor visível, misericordioso e acolhedor humano-divino de Cristo... 'um complexo sistema de símbolos, sinais, comportamentos'" (BRAIDO, 2004, para uma visão completa ver o trecho das páginas 293 a 301).

Estes quadros da programação formativa elucidam plasticamente a metodologia.



Fonte: 1º Congresso Nacional sobre o Sistema Preventivo de Dom Bosco, São Paulo, 09-12/10/1982. A pedagogia de D. Bosco na América Latina hoje.

Figura 8 e 9: Programa Educativo das Salesianas
Fonte: Lopes (2002)

No anexo 01, expomos algumas páginas do “*Il Sistema Preventivo, Catechismo Illustrato*” (1953) que traz uma síntese do ensinamento principal desse projeto educativo. A proposta educativa de Dom Bosco dá origem a um programa formativo em torno de três núcleos interdependentes:

- **Saúde:** refere-se à dimensão corporal-afetiva. É sinônimo de alegria de viver.
- **Sabedoria:** está na dimensão sociocultural, a compreensão da vida, o situar-se no tempo e no espaço, capacitar-se para a autonomia e saber viver.
- **Santidade:** diz respeito à dimensão religiosa. O sentido da vida, o porquê e o para quê viver, o compromisso, o projeto de vida.

Com base nesses núcleos, Dom Bosco resumia o empenho do jovem pela vida no programa:

- **Alegria:** apreciar a vida em tudo o que oferece de bom e de belo. O espaço simbólico de vivência da alegria é o **pátio**, que representa o lúdico, a festa (lazer, esporte, ginástica, excursão, teatro, música e canto, criatividade).
- **Estudo e trabalho:** indicam a atitude de empenho e compromisso diante da vida: capacitar-se profissionalmente para a autossustentação e inserir-se ativamente na sociedade através do trabalho. O espaço simbólico deste empenho é a **sala de aula**, a oficina, o laboratório.
- **Piedade:** expressa a dimensão religiosa da vida, o sentido mais profundo e unificador da pessoa. O espaço simbólico é a **capela**.

Os objetivos, as justificativas, o conteúdo da experiência educativa de Dom Bosco, as suas análises da sociedade e dos jovens têm por base não as ciências humanas, como hoje, mas os princípios religiosos. Educar a juventude significava ajudá-la a atingir a salvação, não entendida apenas como a chegada ao céu. Começava já nesta terra: o jovem era formado para ser um **“bom cristão e honesto cidadão”** ter uma posição estável e definida na sociedade, conquistada com o trabalho. O “fim único, supremo, religioso, moral, sobrenatural a que tendia a educação salesiana não escapava aos condicionamentos terrenos, individuais e sociais” (SCARAMUSSA, 1984, p. 75).

Mais que um tratado de pedagogia, este sistema é uma “arte educativa”⁷⁸. Como sistema, representa um conjunto unitário de teorias e práticas educativas fundamentadas em princípios e valores específicos. Como arte, representa dinamismo, criatividade, sensibilidade; como espiritualidade é como um referencial holístico que inspira o processo educativo em todas as suas dimensões. Os princípios, as crenças que fundamentam o Sistema Preventivo são o humanismo otimista, o primado da pessoa, a promoção integral⁷⁹.

3.3.2. Convivência educativa: espírito de família, assumindo o cuidado do crescimento integral e prioritário da pessoa

Eis o coração do sistema: nada de sólido se poderá construir, declara-o Dom Bosco, enquanto o coração do jovem se não entrega à confiança. Tudo o mais prepara ou predispõe a isto, que é o essencial: cativar o coração da criança. E de que maneira? Fazendo-se amar. E de que maneira ainda? Suprimindo todo o castigo corporal e humilhante, punindo preferivelmente com a suspensão exterior da afeição, eliminando as distâncias que, em outros sistemas, separam o mestre do discípulo, associando o salesiano aos jogos, às penas e preocupações dos alunos, promovendo uma familiaridade sã, fazendo enfim, como dizia Dom Bosco, que os meninos sejam amados, não só, mas percebam que são amados, destruindo as barreiras tradicionais cuja presença origina, não o respeito, como se

⁷⁸ As dimensões da chamada “arte de ensinar”, ou seja, da definição do professor como artesão do ensino, o que nos conduzirá a temas como a vocação e a missão, e suas raízes religiosas, o perfil moral e a exemplaridade do mestre em face dos seus discípulos, a paixão pelo ensino, sublinhando a dimensão afectiva da arte, ou o professor encarado como prático do ensino, eventualmente reflexivo. Tem-se em conta a articulação das referidas categorias com a definição do professor, nas suas diversas dimensões, como profissional do ensino (PINTASSILGO, J. A. S., 2011, p. 5).

⁷⁹ Existe uma expressão sugestiva, de autoria de Dom Bosco, e que era muito repetida nas comunidades educativas salesianas das origens, revelando a visão integral da pessoa, do desenvolvimento humano: “*Nas comunidades salesianas, não há de faltar nunca pão, trabalho, paraíso*”. *Pão* - relacionado com o desenvolvimento sadio e harmonioso da corporeidade; *Trabalho* - relacionado com o desenvolvimento intelectual - profissional e *Paraíso/salvação* - relacionado com a busca do sentido da vida, com o desenvolvimento das dimensões mais profundas da pessoa, da capacidade de relação com o Sagrado que oferece a plenitude da vida.

tem julgado, mas a desconfiança, e, sem a confiança impossível a educação (BOLETIM SALESIANO, ano XXXII, nº 6, 1935, p. 162).

A **pedagogia da presença**, do diálogo, do cuidado preventivo, para Dom Bosco e Mazzarello, faz ver que nada pode acontecer no âmbito do processo educativo sem a convivência sem um clima educativo pautado em relações significativas, na confiança. "Sem afeto não há confiança. Sem confiança não há educação". E essa é a melhor síntese do pensamento educativo de Dom Bosco.

O dom da "predileção pelos/as jovens" tornou-se, de fato, fonte de inspiração, razão de ser e de trabalhar, de viver:

No meio de vocês eu me sinto bem. Minha vida é justamente estar com vocês [...]. O que sou, sou inteiramente para vocês, dia e noite, da manhã à tarde, em todos os momentos. Não tenho outro objetivo senão procurar o que seja moral, intelectual e fisicamente vantajoso para vocês (MB VII, 502, Boa-noite de agosto de 1863) [tradução nossa].

Dom Bosco e Mazzarello usavam o termo assistência para traduzir convivência, o educador deve estar ao lado do educando para caminhar, sentir suas dificuldades, vibrar e aprender com ele. O educador nesse projeto convivia com os alunos, participava de suas conversas e dos seus jogos, intervindo, positiva e eficazmente, para retificar ideias, para corrigir, de uma maneira racional e afável. O objetivo da atenção do educador era permitir o emprego positivo das energias juvenis, não vigiar ou tolher suas iniciativas. Era uma presença referência de valores e que marcava a pessoa do educando. É como o ventre que gera a vida, nutre-a acompanha-a e a educa. Em resumo, ser tão amigo do educando a ponto de poder dizer-lhe qualquer verdade sem magoá-lo.

A criança, a jovem que vem a nossa casa é confiada a uma assistente que daquele momento *a toma sob seu cuidado, cuida da sua saúde, piedade, boa conduta, do seu estudo, seus jogos e divertimentos, do seu repouso*, vive com ela e a faz conhecer o regulamento e as práticas da casa, a segue com olhos vigilantes de irmã maior, a guia em cada evento, a aconselha e amavelmente a corrige, a coloca na impossibilidade de cometer falta, isto é, a conserva na serenidade interna e externa, em paz com todos, para ajudá-la a formar-se à vida que a espera. *Este zelo, é uma consagração ao bem das alunas, requer da assistente generosidade a toda prova no esquecer-se a si mesma, o seu egoísmo, o seu cansaço requer constância e domínio da própria instabilidade de humor; esforço de previsão, organização, atuação. Não somos mais para nós, mas para as almas!* (BONOMI, E. in: VESPA, C. C. nº 459, 24/11/1962) [tradução e grifo nosso].

Certamente na ideia e na prática do Sistema de Dom Bosco, a **assistência** comporta um aspecto de vigilância, assim como o conceito de **preventivo** inclui um prévio aspecto de defesa, prevenção, proteção.

Dom Bosco estava convencido de que o coração dos jovens, de todo jovem, é bom, que existem germes de bondade até mesmo nos jovens mais desgraçados e que a tarefa do educador sábio é descobri-las e desenvolve-las. É preciso, então, criar ambientes positivos nas obras educativas, com propostas que estimulem o reconhecimento desses recursos positivos, promovam o seu desenvolvimento e abram ao sentido da vida e ao gosto pelo bem.

O tomar sob seu cuidado, o cuidar, para as salesianas, é um modo de ser, é promover a pessoa em todas as suas dimensões. Isso requer um “olhar valorizante” (DI NICOLA, 1990, p. 1233) pronto a acolher potencialidades e limites, portanto, capaz de fazer um espaço ao outro, de hospedá-lo enquanto outro, sem a dimensão do possuir, sem dominar, é, portanto, uma atitude própria da idade adulta enquanto idade generativa. O adulto não só participa do nascimento de um ser, mas, sobretudo, promove o seu crescimento e a sua afirmação na vida.

O cuidado comporta o conhecimento do outro, da importância da pessoa e dos recursos de que dispõe. Essa é uma categoria conceitual que define com precisão Madre Mazzarello, educadora e mãe. Mais que atividade, é uma forma particular de ser, que inclui a totalidade da pessoa, colocando-se na mesma situação que o outro.

O método seguido na aplicação do projeto das salesianas era o “*materno*”, isto é, escolhendo o caminho do coração e não da dureza e do rigor. Ao fazer a entrega de sua vida a Deus, Mazzarello [e suas coirmãs de congregação] não anulam esse sonho de maternidade, mas o expandem através de uma maternidade espiritual mais forte, que não se encerra numa família. O amor dilata o coração e não conhece meias medidas, porque não pensa mais em si (MENEGUSI M. e RUFFINATO P., 2007, p. 44).

A reflexão sobre a maternidade nos seus resultados, consequências, repercussões educativas desemboca, ao término dos anos cinquenta, em uma publicação: “Maternidade e familiaridade Salesiana” (FMA, 1957). É uma maternidade perpassada de *amorevolezza*, potenciada de persuasão e religião.

A oblatividade, o devotamento, o exercício da docência como “sacerdócio” são características definidas como importantes nas práticas educacionais humanistas que se abrigam à sombra das diversas pedagogias modernas. A figura da mulher atuante na escola-mãe que redime e encaminha para uma vida de utilidade e sucesso é esculpida em prosa e verso nas primeiras décadas do século XX. Nessa visão, constrói-se a tessitura mulher-mãe-professora, aquela que ilumina na senda do saber e da moralidade, qual mãe amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por dedos que possuem a capacidade natural de desenhar destinos e acalantar esperanças, coadjuvantes inspiradas de uma escola que erige como transformadora de consciências. O trabalho somente poderia ser lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza e resignação, e servir com submissão, qualidades inerentes às mulheres, premissas com as quais também se afinavam profissões ligadas à saúde, como enfermeira ou parteira. A ideia de alocar às mulheres a sagrada missão de educar transitou por décadas no imaginário social (ALMEIDA, 2006, p. 61-62,71).

A educação salesiana, ambiente finalizado à **educação integral** através da assimilação da cultura, configura-se como um ambiente aberto também a outras instâncias educativas as quais valorizam o tempo livre, a formação ética e religiosa, o cuidado dos relacionamentos interpessoais (FASCIE, 1927, p. 26-27).

O ensino das matérias, por não poder ser entendido em separado da educação moral, só teria sentido a partir do que os educadores católicos denominam educação integral, um tipo de ação pedagógica que implica uma teologia intelectual, cuja sustentação moral seria a mola propulsora de todos os demais aspectos do próprio ensino (CURY, 1986, p. 56).

Vivendo numa época em que a Igreja se mantinha numa postura fortemente autoritária e com rígidas restrições ao espírito de liberdade, Dom Bosco assumiu uma postura bastante inovadora em termos de educação cristã: queria educar a juventude para a responsabilidade pessoal. No sistema educativo salesiano, o **primado da pessoa** é um critério da mais alta importância. Justamente porque acredita no agir pedagógico personalizado, o/a educador/a salesiano/a leva em conta os interesses, as diferenças individuais e faz acontecer uma prática educativa marcada pelo respeito, pela gradualidade. Nessa faina de

relacionar-se pessoa a pessoa e de conseguir que os jovens se eduquem, há alguns pontos fundamentais.

O primeiro é “ganhar o coração do jovem”. É a lição do sonho dos 9 anos: “Não é com pancadas mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos” (BOSCO, 2005, p. 29). Para tal se impõe que o jovem se sinta amado, “Quem sabe que é amado ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens” (Carta de Roma, 1884). O segundo é “conseguir que o jovem se habitue a trabalhar”. Se ele não se empenhar na própria formação, ninguém poderá substituí-lo.

O apreço e a valorização da pessoa humana, demonstrados por Dom Bosco e por Maria Mazzarello, trazem as marcas da influência de Francisco de Sales, patrono dos Salesianos, e de Teresa de Jesus, patrona das salesianas, dois ilustres mestres da vida espiritual que se distinguiram por uma lúcida percepção humanista da vida e por uma doutrina espiritual centrada na pessoa humana.

3.4. As Salesianas e as Escolas Normais no Brasil

O ensinamento mais eficaz é fazer aquilo que se exige dos outros (MB V, 562).

A educação cristã é uma espécie de osmose (LUCOTTI, E. In: VASQUETTI L., Carta Circular nº 126, 24/03/1930) [grifo e tradução nossa].

A atuação das Salesianas na educação no Brasil é descrita por Bataglia (1992) e Sá (1993) que comentam que as Escolas Normais foram sendo criadas em todos os estados onde elas se encontravam: a primeira foi a Escola Normal Maria Auxiliadora de Ponte Nova/MG, criada em 2 de julho de 1897⁸⁰.

Azzi (1999, 2002, 2003) na história da congregação no Brasil, registra as fundações de vários estabelecimentos de ensino das FMA: Escola Normal Livre de Santa Inês/SP-1927⁸¹, Escola Normal, Batatais/SP-1928, (fechada após três anos e

⁸⁰ Essa escola formou muitas irmãs que vieram lecionar no Auxiliadora de Campos. Há um estudo sobre essa escola feito por Dias e Miranda, 2001. E em Azzi, 1986, pp. 151-152 é possível encontrar a documentação da equiparação em 1899.

⁸¹ Há uma dissertação sobre essa Escola feita por RAMPI, 2007. Esse Colégio tornou-se ícone para as escolas salesianas desse período. Vemos desde o prospecto do Auxiliadora de Campos que Dom Mourão diz: “No nosso Brasil é digno de particular menção, entre muitos outros, o importantíssimo Colégio ‘Santa Ignez’, na Capital Paulista, pelo qual está modelado o que se vai inaugurar nesta nobre e hospitaleira Cidade” (MOURÃO, 1934, p.159) [grifo nosso].

reaberta em 1939), Escola Normal Imaculada Conceição, Corumbá/MT-1931, Escola Normal N. S. Auxiliadora, Campo Grande/MT-1931, Escola Normal Rural, Porto Velho/RO -1938 (primeiro curso de ensino médio em Porto Velho/RO), Escola Normal de Anápolis/GO-1938. Escola Normal M^a Auxiliadora, Baturité/PE-1938 e Escola Normal M^a Auxiliadora de Manaus/AM-1939.

O decênio 1940-1950 foi fértil para as Salesianas. Foram implantadas: **Escola Normal anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ - 1940**, Escola Normal do Instituto Auxiliadora de Silvânia/GO-1940, Escola Normal N. S. Auxiliadora de Lins/SP -1942, Escola Normal N. S. Auxiliadora, em Ribeirão Preto/SP -1944, Escola Normal Maria Auxiliadora em Rio do Sul/SC -1944, Escola Normal Juvenal de Carvalho/CE-1947, Escola Normal Pio XII, Belo Horizonte/MG -1947 e Escola Normal Coração de Jesus, Cuiabá/MT-1950.

No espaço de 1951 a 1959, surgiram as escolas normais: Nossa Senhora Auxiliadora de Tupã/SP-1951, Maria Auxiliadora no Recife/PE-1955, Instituto Nossa Senhora Auxiliadora do Rio de Janeiro/RJ-1956 e Escola Normal Santa Terezinha, Guiratinga/MT-1957.

Já na década de 1960, surgiram outros estabelecimentos de formação de professores: Escola Normal do Instituto Maria Auxiliadora de São Luiz Gonzaga/RS-1961, Escola Normal do Colégio Auxiliadora em Brasília/DF-1961, Escola Normal Auxiliadora de Campos Novos/SC-1962, Escola Normal N. S. Auxiliadora de Araras/SP-1963, Escola Normal do Instituto Auxiliadora em São João del Rey/MG-1964, Escola Normal Maria Auxiliadora de Natal/RN-1964, Escola Normal Auxiliadora de Cambé/PR-1966, Escola Normal Instituto Maria Auxiliadora de Goiânia/GO-1966. E a lista poderia continuar na década de 1970.

Em se tratando das Escolas Normais Católicas das Salesianas no Brasil, Areco (1993) estudou a Escola Normal das FMA em Rio do Sul/SC no seu cinquentenário; Penteado (1996) narrou a história do Auxiliadora em Campo Grande/MS nos 70 anos de fundação; Silva (2001), na sua dissertação de mestrado (Puc-SP), pesquisou a 1^a escola dirigida pelas Salesianas em Guaratinguetá/SP; Lopes (2002, 2006) relatou o surgimento do Asilo Santa Rita em Cuiabá/MT; Silva e Menezes (2006) estudaram a Escola em Cachoeira do Campo, MG.

Alguns trabalhos são importantes para um contraponto com a Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora de Campos, como a dissertação de Rampi (2007) cujo enfoque recai sobre a atuação educativa das Irmãs Salesianas no Brasil, desenvolvida na Escola Normal Livre Anexa ao Colégio de Santa Inês para a formação de professoras, entre os anos de 1927 (nos moldes da Lei 2.269 de 31/12/1927) a 1937, início do Estado Novo. A autora dialoga com assuntos como formação de professores, escola normal, educação católica, educação feminina, educação salesiana, alfabetização e relação de gênero. Com o estudo de Rampi, podemos concluir que essa escola, não só na sua organização e funcionamento, seguiu rigorosamente o que então era esperado de uma escola normal, como sua prática pedagógica assumiu, além dos métodos da pedagogia católica, elementos da pedagogia da Escola Nova. Ela foi modelar para as salesianas de Campos, muitas professoras do Santa Inês/SP vieram trabalhar na Escola Normal do Auxiliadora.

Furtado (2007) objetivou estudar as práticas de formação docente, no período 1944-1964, em duas instituições na cidade de Ribeirão Preto/SP: a “Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora”, instalada em 1944, pelas Salesianas, e a “Escola Normal Oficial”, criada em 1946, pelo governo de São Paulo. As comparações consideraram o corpo discente e docente quanto à formação religiosa e profissional, bem como as construções de gênero; a matriz curricular e os conteúdos empregados no currículo formal, para tentar identificar em que proporção eles foram ou não efetivamente aplicados nessas duas Instituições; análise dos manuais didáticos usados nas disciplinas pedagógicas. Podemos constatar semelhanças e diferenças nas práticas de formação docente das duas escolas normais.

Na sua dissertação, Bento (2008) estudou, à luz de uma abordagem histórico-sociológica, a formação da professora primária na Escola Normal, particular, Santa Teresa de Lorena/SP no período de 1964-1974. Fundamentou-se nos aportes teóricos de Mogarro, sobre os arquivos escolares e Demartini, sobre memória e relatos orais.

Essas três pesquisas que tratam das escolas normais salesianas (Rampi, Furtado, Bento), a primeira, no período de 1927-1937, antecede ao período desta pesquisa, mas foi um suporte para uma análise de continuidade daquilo que foi proposto como educação feminina nos moldes salesianos na capital de São Paulo; a

segunda, 1944-1964, faz um paralelo entre uma escola católica e uma pública numa cidade do interior de São Paulo, Ribeirão Preto, que serviu de referência para ver como o curso normal, em ambiente católico, se relacionava e se posicionava frente ao sistema público de ensino em Campos, no Rio de Janeiro; a terceira pesquisa, também do interior de São Paulo, Lorena, estuda uma escola normal salesiana no período de 1964-1974, já estando além do meu recorte temporal. As três pesquisas são de instituições do Estado de São Paulo, e a que pesquisamos encontra-se no Estado do Rio de Janeiro, portanto, serviu para comparar se o que acontecia em São Paulo, no âmbito da formação de professoras católicas, ocorria no Rio de Janeiro.

A história comprova a grande contribuição dos institutos religiosos femininos na formação de professoras no Brasil, no final do século XIX e até meados do século XX, entre os quais as Salesianas, mediante a criação de inúmeras Escolas Normais. Apesar das diferenças na forma de socializar as meninas, estas escolas possuíam em comum a concepção da educação da pessoa como um todo, sem jamais se restringir à formação escolar.

Esse deslocamento no espaço-tempo possibilitou ir ao encontro da gênese institucional da formação profissional do professorado em ambientes católicos salesianos. Desde 1899, com a equiparação da primeira escola normal em terras brasileiras, a Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora em Ponte Nova, MG, o Colégio de Santa Inês, São Paulo, em 1927, e o Auxiliadora de Campos/RJ em 1940, o Instituto das FMA começou a se ocupar, *assumir e cuidar* da formação das futuras professoras, sempre convidadas e apoiadas pelas Igrejas diocesanas, com o objetivo claro de garantir a formação cristã das professoras primárias que atuariam em escolas particulares, mas especialmente nas escolas públicas, onde agiriam com um *ethos* católico.

3.5. As Salesianas na Escola de Professoras em Campos: contribuição para a tessitura da professora católica (1937-1961)

Nesta instituição todo evento torna-se história; conhecimento, rememoração, festividade, comemoração do que já ocorreu e plataforma para novos sonhos e possibilidades. [...]“memória” de fatos, acontecimentos e pessoas que viveram um sonho que é de todos (CHALOUB, 2005).

Vargas assumiu o poder em 1930, aprovou-se uma nova Constituição em 1934. Essa Constituição, no seu artigo 149, rezava que a educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e estrangeiros domiciliados no país. Proclamava também a defesa da indissolubilidade matrimonial, o ensino religioso facultativo nas escolas públicas, a liberdade de organização de um sindicato para a Educação Católica, a proibição do divórcio, a ajuda financeira às Escolas Católicas.

Ao assumir o Ministério de Educação e Saúde, criado logo após a revolução de 1930, Francisco Campos efetivou, por meio de vários decretos, uma ação que procurava atingir a estrutura de ensino em todo território nacional. Ao criar uma estrutura orgânica para o ensino secundário (Decreto nº 19.890, de 18/04/1931) comercial e superior, procurou “atender uma das reivindicações do chamado movimento renovador, que questionava a falta de organização do ensino secundário, que na maior parte do território nacional não passava de cursos preparatórios de caráter propedêutico” (ROMANELLI, 1998, p. 131). O objetivo da reforma era transformar o curso secundário, dividido em duas etapas: o curso fundamental com duração de cinco anos, e o complementar, com dois anos. Confirmando essa tendência, novos cursos foram criados em todo o país por instituições católicas, assim que houve o reconhecimento formal dos sistemas autônomos de ensino.

Em 1937, é implantado o Estado Novo com traços ditatoriais que desenvolveu uma política educacional de molde autoritário e uniforme. A Constituição outorgada de 1937, peça jurídica típica da ditadura, modificou o texto constitucional nos termos constantes no artigo 125: [...] “A educação integral da prole é o primeiro dever e o direito natural dos pais. O estado não será estranho a esse dever colaborando de maneira principal e subsidiária, para facilitar sua execução e suprir as deficiências e lacunas da educação particular”.

Para reforçar o nacionalismo o Estado Novo, destacou no currículo dos cursos elementares e secundários a importância da educação física, do ensino da moral católica e da educação cívica pelo estudo da História e da Geografia do Brasil, do canto orfeônico e das festividades cívicas, como a “Semana da Pátria”, ecoando Comte - uma das importantes matrizes do pensamento de Vargas -, no

ensino primário o objetivo da formação era dar “sentimento patriótico” e no secundário, a “consciência patriótica” (HILSDORF, 2003, p. 100).

As reformas do Ministro Gustavo Capanema, realizadas entre 1942 e 1946, atingiram o ensino primário e o ensino médio e receberam o nome de Leis Orgânicas de Ensino.

A preocupação, no presente estudo, de desvelar nos documentos oficiais os indícios que levaram à criação de uma escola de formação de professores, no ano de 1940, em Campos, assim como conhecer as tendências pedagógicas que se encontravam presentes nos discursos da mantenedora e da igreja diocesana, tiveram por meio dos documentos, do arquivo escolar e dos arquivos inspetoriais as principais fontes.

Conforme os Regulamentos e Estatutos⁸² do GENNSAC a escola tinha estas diretrizes:

Para conseguir o objetivo principal da sua missão: a educação moral e religiosa das alunas, fundamentos indispensáveis de todos os aparelhos educativos, o Ginásio N. S. Auxiliadora rege-se, pelo “Sistema Preventivo de Dom Bosco” [...]. De acordo com este sistema educativo, nenhuma barreira há dentre mestra e alunas, nenhuma distância. Não se infligem castigos nem humilhações públicas. Entre superiores e dependentes alimenta-se verdadeiro espírito de família, bondade vigilante e ativa. Salvaguardando embora o princípio da autoridade e da disciplina, o que é indispensável para a boa ordem e a disciplina do Estabelecimento, procura-se, entretanto, transformar a vida colegial num prolongamento da família (E 1937, Art. 85, E 1953, Art. 72).

As Irmãs Salesianas, ao requererem a instalação e o funcionamento de uma Escola Normal, buscavam manter o seu funcionamento mediante três aspectos: a expansão/fortalecimento do trabalho educacional das irmãs salesianas em Campos; o oferecimento de mais uma modalidade escolar - o curso normal confessional, pois Campos já possuía a Escola Normal pública, que funcionava anexa ao Liceu de Humanidades; e a exigência da legislação para o funcionamento de escolas particulares.

Embora mantendo um discurso conservador, ao atuar na esfera educacional, esta instituição católica tornou-se uma instituição modernizadora,

⁸² O primeiro é denominado “Regulamentos e Estatutos do Collégio Nossa Senhora Auxiliadora” de 1935 [RE], registrado em 04/09/1936 sob o nº 479 Livro A, p. 1 dos Registros de Títulos e documentos da Capital de S. Paulo. O segundo Estatuto é de 1937 [E], seguiu igualmente o anterior, pouquíssimas mudanças, os mesmos artigos e os mesmos dizeres. O terceiro Estatuto [E] é de 1953, e traz algumas mudanças referentes à disposição dos artigos, não no conteúdo em si. O quarto e último localizado, deste recorte temporal, são as Atas dos Estatutos [AE] de 1958. Doravante usaremos as siglas.

facilitando a inserção da juventude feminina na sociedade urbana e na cultura científica. Em termos de comportamento, porém, as salesianas procuravam conservar quanto possível os valores tradicionais. E para isso procuraram marcar fronteiras, criar seu próprio curso normal e numa *tessitura* salesiana, formar a professora com um *ethos* cristão para que essas jovens fossem trabalhar em escolas públicas e assim expandir o catolicismo. Essas professoras seriam elementos ‘evangelizadores’ naqueles espaços.

QUADRO 2 – Fases/Periodização da Escola de Professoras anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora

Fases/Período	Anos	Acontecimentos
1ª	1937 – 1940	Luta para a criação do Curso Normal.
2ª	1940 – 1944	Equiparação, início do curso para as alunas internas
3ª	1945-1961	Entrada das alunas externas, promulgação do Decreto-Lei 8.530 de 02/01/1946 (Lei Orgânica do Ensino Normal) e publicação da LDB nº 4024 de 20/12/1961

Fonte: Organizado por LOPES, 2012.

A Irmã Maria José Pinheiro, Conselheira Escolar do Curso Normal (diretora técnica), fez um relatório em 03/01/1947 (PINHEIRO, 1947) à sua substituta contando todo o trâmite para a instalação da escola, e por esse relatório foi possível levantar os documentos produzidos e encaminhados aos órgãos competentes e os que a escola recebeu de retorno a esses pedidos. Esse relatório trata com minúcias os aspectos para a autorização e instalação da Escola Normal.

Outro documento é o *memorial* redigido em 24 de novembro de 1968 pela Irmã Clara Moreira⁸³ que, tendo acompanhado o desenvolvimento do Colégio durante a primeira década, deixou registrados os seguintes dados:

Em janeiro de 1933 o casarão do Colégio de Campos contava apenas com 60 alunas, entre internas, externas e pensionistas. Era urgente providenciar a maneira de melhorar a situação. Havia necessidade de começar o Ginásio, único meio de levantar o Colégio. As dificuldades eram enormes. Veio em auxílio do Colégio o Exmo. Dom Mourão, bispo salesiano de Campos: emprestou o laboratório de física e química do Seminário; mandou o vigário geral, o boníssimo Mons. Uchoa, ao Rio, para providenciar os papéis necessários para a inspeção. Os pais, desejosos da abertura do ginásio, enviaram um abaixo assinado à madre Inspetora, pedindo o exame de admissão naquele ano: era assinado por quarenta mães. A madre aceita; há o exame, e 38 alunas são aprovadas. Começa nova vida no Colégio: 38 alunas na primeira série; oito pensionistas da segunda série pedem transferência, e assim começa o ginásio. Afluem crianças: o número de alunas passa de 200. Não há um canto desocupado da casa; as professoras fazem do

⁸³ Foi diretora do Colégio Auxiliadora de Campos nos anos 1931-1936, faleceu em 1989.

palco sala de estudo. Anos de heroico espírito de sacrifício. O Ginásio continuou sempre florescente; veio depois a Escola Normal, e a construção do grande Ginásio atual (AZZI, 2002a, v. 2 p. 169-172).

A escola normal foi um espaço difusor do ser mulher, da educação feminina. As alunas recebiam a formação moral e religiosa conforme os padrões utilizados nos demais colégios das religiosas. No setor da instrução, eram seguidas as normas estabelecidas pelo Ministério da Educação.

3.5.1. 1ª Fase: 1937 – 1940 - Luta para a criação do Curso Normal

Quem ensina deve interrogar muito, interrogar muitíssimo. No ensino, as explicações devem ser fiéis ao texto, explicando bem os seus termos. Explicações muito altas é o mesmo que dar golpe no ar [...]. No ensino, abaixar-se até à capacidade dos alunos, não ficar em dissertações sublimes e longas (MB XI, 218, 291) [tradução nossa].



Figura 10: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos (1936-1944)
Nova ampliação do prédio
Fonte: ACENSA

A década de 1930 foi um período marcado por intensa dinâmica sociopolítica que deu origem a episódios importantes da história do Brasil, como a Revolução de 1930, a Revolução Constitucionalista de 1932 e a instauração do Estado Novo em 1937⁸⁴ que foi resultado de um golpe de Estado que implantou um regime ditatorial, comandado por Vargas, sob a justificativa de manter a ordem institucional, supostamente ameaçada pelos regionalismos, pelas divergências entre os grupos dominantes (setores agrários e burguesia industrial) e

⁸⁴ Sobre a Era Vargas, verificar: Edgard Carone (1977), O Estado Novo (1937-1945), Boris Fausto (1997), A Revolução de 30: Historiografia e História, entre muitos outros.

pelas manifestações das forças de oposição, especialmente o Partido Comunista. Em suma, a Era Vargas caracterizou-se pela transição do modelo econômico agroexportador para o de produção industrial. Nesse cenário de intenso desenvolvimento das forças produtivas, a educação escolar foi considerada não apenas como propulsora do progresso e instrumento de construção nacional, em conformidade com as aspirações republicanas, mas também como meio eficaz de promoção e ascensão social.

O Estado Novo, em relação ao professorado, estabeleceu uma política marcada pela ambiguidade, pois mantinha a categoria num esquema de contenção salarial enquanto procurava dignificar a imagem profissional. As mulheres, que já eram maioria no magistério, detinham, do ponto de vista social, uma imagem assexuada ao incorporar a maternidade e o papel de guardião da moral da família e da pátria. O exercício do magistério representava um prolongamento das funções maternas, instruir e educar crianças era considerado não somente aceitável para as mulheres, como era também a profissão ideal em vista delas possuírem moral ilibada, sendo pacientes, bondosas e indulgentes para lidar com os alunos. A escola normal iria, paulatinamente, suprir uma necessidade e um desejo femininos (ALMEIDA, 2006, p. 81-82). No entanto, para as professoras primárias da primeira metade do século XX, o magistério foi o ponto de partida, o possível no momento histórico em que viveram. Significou o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de algo que não fosse o único e prestigiado serviço doméstico, como reduto da feminilidade (ALMEIDA, 1998).

Para a instalação do Curso Normal no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, houve uma verdadeira “batalha”. Pinheiro (1947) relatou os motivos que justificaram a sua criação para a Congregação: “1º- Curso de maiores possibilidades de formação moral e religiosa. 2º- Necessidade de elevar o nível moral e principalmente religioso da sociedade campista e circunvizinhanças”. Vemos claramente a busca de uma *tessitura católica* na formação dessas professoras.

Pinheiro (1947) comenta que a maior dificuldade inicial para a instalação do curso normal foi o Capítulo V, Art. 63 do Regulamento “Das Escolas Equiparadas”. Segundo esse Regulamento, o Governo poderia equiparar à Escola de professores dos Institutos de Educação o estabelecimento de ensino secundário

que, funcionando regularmente durante cinco anos, *onde não exista estabelecimento daquela natureza, pública ou particular*, se propusesse adotar no seu plano de estudos curso destinado à preparação técnica de professores primários. Na cidade de Campos já havia a Escola Normal pública.

Logo após a Inspeção preliminar de 15 de março de 1934 e o início do Ginásio, a direção e irmãs do Colégio começaram a tramitação para conseguir a inspeção permanente e a implantação da Escola Normal.

A Inspeção Permanente, Criação e Reconhecimento do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, foi aprovada pelo Decreto Presidencial nº 3.184/38 e saiu publicada no Diário Oficial de 18/10/1938.

A escola desenvolveu toda uma “estratégia” de convencimento perante os órgãos públicos para conseguir implantar o curso normal. No ofício ao Interventor Federal do Rio de Janeiro, Dr. Ernani do Amaral Peixoto, em 12 de novembro de 1937, a diretora, Irmã Verônica Farronato fez alguns “considerandos”:

Considerando que o Liceu de Humanidades de Campos, único instituto de ensino normal nesta cidade, *não possui internato*, o que impossibilita a matrícula, em seus cursos, de grande número de *candidatas residentes no interior do Município e do Estado*;

Considerando que, excetuando o Estado do Rio de Janeiro, outras unidades da Federação concedem equiparação aos institutos de ensino normal particulares que observam as prescrições de sua legislação, mesmo nas cidades onde já existem institutos congêneres oficiais, como acontece, por exemplo, na capital do Estado de São Paulo, onde a Congregação das FMA mantém uma Escola Normal em vias de ser equiparada, não obstante a existência de Escolas Normais oficiais da mesma cidade;

Considerando que o Colégio N. S. Auxiliadora de Campos, pela sua *organização modelar*, pelas suas instalações *obedecendo aos preceitos da educação moderna*, pelo *valor técnico e cultural do seu corpo docente*, pelo seu corpo discente de 500 alunas, pelo *seu curso secundário sob inspeção federal*, possui todas as condições necessárias para a obtenção da equiparação estadual [grifo nosso].

Em seguida, enviou os abaixo-assinados de pais e responsáveis de alunas do CNSAC, e acrescentou:

O Colégio N. S. Auxiliadora é o *relicário precioso das tradições espirituais cristãs da comunidade campista*. Daí o prestígio merecido desse grande instituto de educação de que é expressão eloquente o vultuoso número de alunas matriculadas nos seus cursos e provenientes, não só deste Município, como de toda a rica, próspera e populosa região de Campos que é o centro natural de convergência. Além disso, o Auxiliadora é o único estabelecimento de ensino que mantém internato exclusivamente para moças, em todo o Norte do Estado do Rio. Ora, o Liceu de Humanidades de Campos, que é o único Instituto de ensino normal desta cidade, não possui internato o que torna impossível a matrícula nos seus cursos de grande número de candidatas que residem no interior do

Município e do Estado. Nessas condições, julgamos ser uma medida de mais alto alcance educativo, econômico e social, a concessão da equiparação solicitada pelo “Colégio N. S. Auxiliadora”, *o que virá beneficiar grande número de moças do interior que aspiram ser professoras, além de atender ao idealismo das mães campistas que desejam uma educação genuinamente cristã para suas filhas*” (Campos, 12/11/1937 [101 assinaturas]) [grifo nosso].

No dia 20 de fevereiro de 1938, a diretora da escola escreveu ao Secretário do Interior e, em 12 de abril de 1939, foi realizada a vistoria e feito o relatório informativo da Inspetoria Regional. Alzira Colares Quitete dá parecer favorável ao Colégio: “Faz-se mister em Campos a existência de um Estabelecimento Normal com internato, onde se possam matricular as candidatas residentes nas cidades que lhe ficam próximas”.

Em 22 de julho de 1940, Dom Octaviano Pereira de Albuquerque escreveu ao Interventor do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto:

Peço a V. Excia. que haja por bem resolver em definitivo a criação da Escola Normal no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na cidade de Campos, atendendo aos principais motivos que passo a expor:

1º - Essa faculdade concedida às Irmãs Selesianas em nada prejudicará a Escola Normal de Campos, porque *esta recebe uma pequena contribuição das alunas, e as Irmãs, por constituírem uma Escola particular, são obrigadas a cobrar das alunas muito maior mensalidade;*

2º - *As Irmãs têm internato e a do governo não tem*, ficando assim, as famílias que não residem em Campos, privadas de enviar suas inocentes filhas para o curso Normal, pois que *não podem elas ser alojadas, sem perigo moral*, em casas de pensão por melhores que sejam e entregues a si mesmas, o que seria absurdo e impossível;

3º - Em todos os Estados amigos de vulgarizar a instrução nas escolas normais particulares, sem prejuízo algum para as dos governos, servindo as particulares até de estímulo para as do Estado;

4º - Se há quem alegue a existência da lei antiga no Estado do Rio, para, em seu nome, vedar ou dificultar o Decreto do Governo Estadual, a favor desse justíssimo anseio das famílias do Município, obrigada assim, a mandar suas filhinhas fazer o Curso Normal longe, é preciso notar que a nova situação política do País e do Estado não está sujeita aos preconceitos passados e que, actualmente, *basta a interferência da autoridade de V. Excia. para a criação da Escola Normal no Colégio das Irmãs.*

5º - Pode crer V. Excia. que *o seu já grande prestígio popular no Estado*, crescerá muito mais ainda com esse Decreto que *virá merecer os aplausos de muitos pais de família.*

6º - Sei que já tudo está pronto para receber a prometida promulgação, sanção de V. Excia, mas, infelizmente, ainda não foi esse ato publicado, conforme manda a lei, para ter valor. Perdoe-me V. Excia, a quem muito estimo e cujo governo procuro, na medida de minhas débeis forças, prestigiar o mais possível ao lhe fazer este instante pedido. [grifo nosso].

O Interventor Federal recebeu do Ministro de Estado de Justiça e Negócios Interiores o seguinte ofício:

Tenho a honra de comunicar a V. Excia. haver o Snr. Presidente da República, por despacho de 31 de Agosto último, aprovado o projeto de decreto-lei que equipara à Escola de Professores do Instituto de Educação do Estado o curso normal anexo ao Colégio N. S. Auxiliadora de Campos. Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha elevada estima e distinta consideração. (a) Francisco Campos

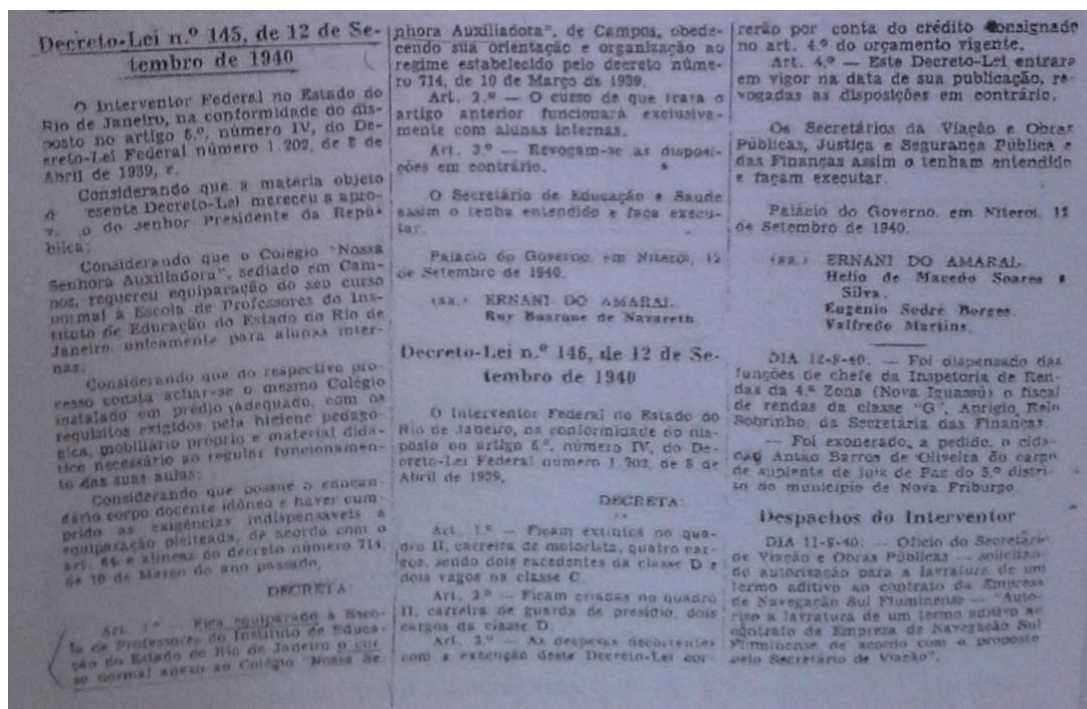


Figura 11: Decreto Lei nº 145/40 de 12/09/1940 da SES, D.O. 13/09/1940.

Fonte: ACENSA

Após essas pressões, o Colégio teve seu Curso Normal equiparado à Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, mas somente para alunas internas, conforme o Decreto Lei nº 145/40 da Secretaria de Educação e Saúde, publicado no Diário Oficial de 13/09/1940.

O Despacho do Presidente da República e a força da Igreja institucional (bispo diocesano) foram fundamentais para que fosse publicado o Decreto de equiparação do curso normal.

3.5.2. 2ª Fase: 1940-1944 – Equiparação, início do curso para as alunas internas

É profundamente humano e de uma riqueza afetiva incalculável colhemos a realidade do 'Auxiliadora' em sua fecundidade e significado social. Ele compreende um fenômeno muito mais amplo que sua história individual sintetiza e encarna um sonho e um ideal que nos foram transmitidos por Dom Bosco e Mazzarello (CHALOUN, *apud* CARVALHO, 2009b, p. 75-76).

Assim que o Curso Normal foi equiparado, *só para alunas internas*, logo em seguida iniciou-se a luta para mudar o Art. 2º do Decreto-Lei nº 145. As autoridades da cidade enviaram ao interventor Ernani do Amaral Peixoto um “Memorial” em 21/11/1940:

A 12 de Setembro de 1940, o Governo Fluminense, atendendo as solicitações de *todas as classes sociais campistas*, resolveu conceder ao Colégio autorização para manter uma Escola de Professores, anexa ao seu Curso Fundamental. O Decreto de nº 145, entretanto limitou a autorização unicamente para um curso de alunas internas no estabelecimento. Os abaixo assinados pedem vênica para apresentar a V. Excia. as seguintes considerações:

A obrigatoriedade do Internato vem encarecer sobretudo a terminação do Curso, já de si mesmo muito dispendioso,

A nova Escola de Professoras *em nada poderá prejudicar as matrículas da Escola congênere*, anexa ao Instituto de Educação, pois aquela outra se destina a completar o Curso de suas próprias alunas;

A restrição imposta pelo decreto de nº 145 *veio atingir somente as alunas de menores recursos econômicos*, impossibilitadas que se acham de concluir seu curso no mesmo ambiente e sob a mesma direção do início dos estudos;

As assinaturas do presente memorial representam eloquentemente o grande interesse geral, despertado em todo o Município, em que o Governo Fluminense, minuciosamente a par das realidades educacionais do Estado, venha completar os benefícios do Decreto de nº 145 de 12/09/40 [grifo nosso].

Assinaram o Memorial, escrito pelo escrivão Esmeraldo Delorme Baptista:

- Bispo Diocesano - Dom Octaviano Pereira de Albuquerque
- Prefeito - Dr. Mario Pinheiro Motta;
- Delegado Regional – Dr. Hernani de Carvalho;
- Juiz de Direito da 1ª Vara Civil – Dr. Luiz da Silveira Paiva;
- Juiz de Direito da 2ª Vara Civil – Dr. Caetano Thomaz Pinheiro;
- Juiz Criminal em exercício – Dr. Antonio Eugênio Fritschs;
- Escola de Direito Clóvis Bevilacqua – Dr. Gastão de Almeida Graça;
- Sindicato Agrícola de Campos (pelo) – Dr. Antonio Peçanha Junior;
- Diretor Presidente do Sindicato de Açúcar e Alcool – Julião Jorge Nogueira;
- Procurador Geral – Dr. Isimbardo Peixoto;
- Promotor de Justiça – Dr. Ruy Alves Tinoco.

A escola não iniciou o curso em 1941, os motivos são descritos no ofício da Diretora de estudos, Ir. Ondina de Souza Santos ao Secretário de Educação do Estado, Dr. Ruy Buarque de Nazareth. Nesse Ofício, comunicou que o funcionamento do curso só ocorreria no próximo ano letivo, isto é, em 1942.

Motivos: as Autoridades Superiores da Instrução determinaram o levantamento das instalações novas para o Curso a fim de lhe garantir o máximo de resultado no campo técnico-pedagógico, obra a ser executada no decorrer do ano e considerando que o Decreto-Lei nº 145, de 12 de Setembro de 1940, com o qual o Governo do Estado concedeu equiparação ao curso de Professores, não determinou tempo para início de seu funcionamento.

O início do Curso Normal no Colégio Auxiliadora deu-se no dia 6 de abril de 1942, com quatro alunas, devido à cláusula do decreto de equiparação que limitava esse curso somente para alunas internas.

Pedidos de ampliação do Decreto continuaram tramitando entre a escola e o interventor: Ofício da Ir. Ondina (11/02/1942) e de Ir. Benedita Braga (26/10/1943). O Interventor visitou a cidade para inaugurações e a cronista narrou:

Duas irmãs e algumas alunas, a convite do prefeito, assistem a inauguração do parque infantil onde são apresentadas ao ilustre visitador que promete o externato para a Escola Normal. *Este favor se deve ao senhor prefeito que tomou como sua a causa do colégio. E seja bendito o Senhor! Demos graças!* (Cron. CNSAC, 09/01/1944) [grifo nosso].

Em 24 de outubro de 1944, a Escola recebeu a visita do Dr. Aldo Muyllaert, que mostrou não aprovar o funcionamento da escola, dizendo que Campos não comportava duas Escolas de Professores, tanto que no Instituto a matrícula ainda não estava completa. Entretanto deixou escrito:

Visitei nesta data, o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora. Percorri todas as suas dependências; apreciei as grandes obras que se estão fazendo. Troquei ideias, principalmente sobre o ensino normal, com a sua ilustre diretora e distintas auxiliares. De tudo colhi a melhor impressão, tendo-se acrescido a confiança que sempre depus neste excelente educandário assim como a fé na missão do professor (MUYLLAERT, Aldo. Chefe de Divisão de Ensino Industrial, Secundário e Normal, Livro de Termo de Visitas do Auxiliadora, 24/10/1944).

A escola foi à luta, enviou telegrama seguido de 41 assinaturas das alunas em 08/12/1944. O Telegrama foi acompanhado de um pedido político do Sr. Romualdo Monteiro de Barros, pai de uma das alunas que desejava fazer o curso normal, como realmente fez (concluiu em 1946). Aí sai o despacho do interventor:

Processo em que Romualdo Monteiro de Barros e outros pedem ampliação dos dispositivos do Decreto-Lei nº 145, de 12 de Setembro de 1940 – “Deferido – O elevado número de matrículas no estabelecimento oficial de ensino, em Campos, aconselha a concessão da medida solicitada. Tomam-se as providências para alteração na legislação em vigor (DIÁRIO OFICIAL RJ, de 12/01/ 1945).

E a crônica da Casa traz esta passagem referente a este despacho:

Acontecimento maravilhoso! Chega a tão agradável notícia do Decreto do Sr. Interventor concedendo o regime de externato para nossa escola normal. Com um “*Deo gratias*” de reconhecimento, bendizemos a Deus, suplicando-lhe a ajuda necessária para fazer maior bem à juventude (Cron. CNSAC, 12/01/1945).

As quatro primeiras turmas (1943, 1945, 1946 e 1947) foram formadas pelo Decreto nº 714 de 10/03/1939.

Segue a relação nominal das duas primeiras turmas de formandas da Escola de Professoras anexa ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos, conforme as respectivas fichas de matrículas:

QUADRO 3: 1ª Turma de Normalistas do Auxiliadora (1942-1943)

Nº	Normalista	Pais ⁸⁵	Profissão	Interna/Externa	Data e local de Nascimento	Data da Matrícula/ Idade da formanda
1	Juracy Barros Rosa	Julio Rosa Rangel e Caetana de B. Rosa	Fazendeiro Do lar	Interna Estudou 9 anos	20/04/1918 São Fidélis	06/12/1935 (25 anos)
2	Nely Peçanha Carvalhido	Santiago C. Filho e Neves P. Carvalhido	Tabelião Do lar	Externa Estudou 7a	25/03/1925 Campos	1º/03/1937 (18 anos)
3	Neli da Silva Venâncio	Francisco Ribeiro Venâncio	Fazendeiro	Interna Estudou 2a	08/03/1922 Campos	04/02/1942 (21 anos)
4	Yolanda Viana	Valdemiro P. Vianna e Adélia T. Vianna	Fazendeiro Do lar	Interna Estudou 8a	11/01/1925 Campos	29/02/1936 (18 anos)
2ª Turma de Normalistas do Auxiliadora (1944-1945)						
1	Anna Maria Araujo da Siqueira	Julio Grovi e Isabel de A. Siqueira	Tabelião Do lar	Externa Estudou 6a	11/06/1927 Campos	11/12/1939 (18 anos)
2	Maria Aparecida de Miranda Barros	José Ribeiro de Barros e Stella de M. Barros	Comerciante Do lar	Externa Estudou 6a	21/04/1928 Campos	11/12/1939 (17 anos)
3	MªThereza de Queiroz Almeida Cunha	João José C. de A. Cunha e Evelina de Q. M. Cunha	Fazendeiro Do lar	Interna Estudou 6a	30/06/1927 Macaé	27/02/1940 (18 anos)
4	Selenita de Souza Pedra	Benedito de S. Pedra e Aíde Ribeiro	Fazendeiro Do lar	Interna Estudou 8a	10/01/1925 Campos	10/03/1938 (20 anos)

Fonte: Arquivo do GENNSAC/RJ, fichas de matrícula organizado por LOPES, 2012.

⁸⁵ Quem assinou as fichas de matrícula sempre foi o pai.

Com relação às egressas das duas primeiras turmas formadas (1943 e 1945), oito alunas, destas, cinco pais eram fazendeiros, dois tabeliães e um comerciante. Das sete mães que aparecem na ficha de matrícula, todas são identificadas como “do Lar”. Uma mãe não foi registrada.

Dessas oito alunas, cinco eram internas e três externas. Como justificar isso, diante do artigo 2º do Decreto nº 145/40, que limitava a autorização unicamente para um curso de alunas internas no estabelecimento?

Vemos no dia 5 de setembro de 1941 o Conselho da Inspeção Santa Catarina de Sena/SP deliberando sobre o Curso Normal na casa de Campos (VERBALE, Liv 3, 1941, p. 53 verso). Comentam que a casa deve fazer funcionar o curso normal, mas o Decreto governamental é que este seja só para alunas internas, que seriam em número reduzido, portanto “[...] Pensamos de fazer passar as externas para uma espécie de pensionato no mesmo Colégio, com direito de sair aos sábados à tarde e voltar segunda-feira de manhã” (anexo nº 10).

Acreditamos que foi isso que aconteceu, as alunas que não eram internas e moravam em Campos, ficavam no pensionato durante a semana. Destas oito alunas, duas eram de outra localidade: Macaé e São Fidelis, as outras três moravam em fazendas no município de Campos.

Das oito alunas, uma entrou no Colégio para fazer somente o curso normal, as outras sete já eram alunas desde o ginásio ou primário. A idade delas quando concluíram o curso: 17 anos (1); 18a (4); 20a (1); 21a (1) e 25 anos (1).

Em 1942 e 1945, houve uma desistência ou transferência cada ano. Não foi possível saber o motivo que as levou a deixar a escola.

As disciplinas ministradas eram as exigidas por lei.

QUADRO 4: Matriz Curricular do Curso Normal e Professores (1942-1947)

Nº	Disciplinas	Curso Normal		Professoras/es ⁸⁶
		1ª	2ª	
1.	Noções de agricultura (iniciação zootécnica)	x	-	Ir. Zilda Assis de Castro Ir. Irene Cavaggioni
2.	Educação Física, Recreações e Jogos	x	X	Ir. Alba Gladys Precht Avé, Ir. Maria Imaculada Ferreira, Ir. Flora Lencioni Celia Gomes Cruz

⁸⁶ Com o Decreto n. 19.890, de 18/04/1931 foi instituído o registro de professores a ser efetivado no Departamento Nacional de Ensino (art. 58). Os professores do Auxiliadora possuíam registro.

				Maria do Carmo Almeida ⁸⁷
3.	Música e canto orfeônico	x	X	Ir. Maria Imaculada Ferreira Ir. Flora Lencioni
4.	Desenho	x	x	Ir. Josefina Nogueira, Ir. Francisca Travassos, Ir. Josefina Rosalina Fonseca
5.	Problemas Sociais e Econômicos do Estado do RJ	x	-	Ir. Maria José Pinheiro Ir. Tereza Quadros
6.	Biologia Geral e Educacional	x	-	Drº Albano Seixas Filho Ir. Zilda Assis de Castro
7.	Psicologia Geral Educacional e Noções de Estatística	x	-	Ir. Maria José Pinheiro Ir. Leontina Duarte
8.	Sociologia	x	x	Ir. Tereza Quadros Ir. Maria José Pinheiro
9.	Pedagogia	-	x	Ir. Maria José Pinheiro
10.	Puericultura e Higiene	-	x	Drº Albano Seixas Filho Ir. Zilda Assis de Castro
11.	Prática de Ensino– Educação – Pedagogia Educacional	-	x	Ir. Maria José Pinheiro
12.	Artes	-	x	Ir. Maria José Goulart Ir. Rosalba Isabel Mª Autran Ir. Francisca Travassos

Fonte: ACENSA, organizado por LOPES, 2012.

Neste período houve somente um professor do sexo masculino e duas professoras que não eram religiosas.

Quanto ao programa de ensino do estabelecimento, os Estatutos trazem: aulas e exercícios de declamação, representações dramáticas, execuções de peças musicais, conferências morais e religiosas, com projeções luminosas, exercícios de ginástica, comemorações das datas nacionais. Completam o programa de ensino do estabelecimento: piano, violino, flores e pintura, pagos à parte, para aquelas que desejarem aprender. Todas as alunas teriam aulas de civilidade, canto coral e ginástica (E 1937, Art. 75; E 1953, Art. 60-62).

Foi possível localizar o Plano Curricular da Escola Normal, programas bimensais do 2º ano de 1943 (apêndice L).

3.5.3. 3ª Fase: 1945-1961 – Consolidação do Curso Normal - entrada das alunas externas, promulgação da Lei Orgânica do Ensino Normal/1946 e Lei de Diretrizes e Bases/1961

Pela manhã, após as apresentações e fala da diretora, termina com a apresentação do livro de ouro e a distribuição dos distintivos as alunas do curso normal. As três horas da tarde se faz a procissão de agradecimento em honra a S. José, dando assim cumprimento ao voto feito da diretora que ao patrocínio do grande santo

⁸⁷ Professora do Instituto de Educação de Campos [IEC].

confiou a favorável solução de obtenção que o externato pudesse frequentar a escola normal (Cron. CNSAC, 16-18/04/1945).



Figura 12: Fachada do prédio Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - 1960
Fonte: ACENSA

É sob a égide da Lei Orgânica do Ensino Normal, Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, que as turmas de 1949 a 1961 são formadas. Para o funcionamento da Escola Normal, essa legislação indicava uma instituição em que houvesse Jardim de Infância e escola primária, para atender à prática de ensino.

O relatório da Ir. Maria José Pinheiro, fala com pormenores do andamento do curso no final de 1946: Horário: de 13 às 17h acompanhando o horário do curso primário anexo que consta das classes de 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos, ainda uma classe de pré-primário (Jardim da Infância) completamente entregue às alunas do curso normal para a requerida prática justificada pela estrutura de ensino proposta pelo Decreto Lei nº 8.530/46. Havia algumas turmas nas escolas públicas: Escola Antônia Lopes e Escola Estadual Mariana Barreto que funcionaram como espaços destinados à prática de ensino. Nesses locais, as normalistas desenvolviam, na prática, as teorias estudadas na sala de aula.

Programas, aulas, provas e exames, tudo de acordo com a legislação em vigor e, em casos especiais, orientando-se pelo Instituto de Educação com o qual mantinham amistosas relações. Quanto à parte de formação religiosa, recebiam as alunas do curso normal, aulas teóricas e práticas dadas pelas Irmãs e pelo Padre Jomar Vasconcelos, Diretor do Ensino Religioso Secundário em Campos. As três

turmas diplomandas: 1943: 4 alunas. 1945: 4 alunas e 1946: 15 alunas, todas receberam, juntamente com o diploma de Professora Primária, o diploma de Catequista, solenemente entregue.

Queridas irmãs, procurem ensinar primeiro de tudo ‘os caminhos de Deus’ e depois uma profissão que as coloque em condições de ganhar honestamente o pão da vida. Isto verdadeiramente é o fim do nosso Instituto (VESPA, A. in LUCOTTI, E. Carta Circular, nº 298, 24/04/1946) [tradução e grifo nosso].

Por iniciativa toda particular, foram ministradas às alunas do curso normal aulas de Português pela professora Irmã Celeste Avé Prechet, registrada no Departamento Nacional de Educação.

Houve, no período, significativa expansão das Ciências da Educação, marcadamente com uma produção teórica e com campanhas para a erradicação do analfabetismo, pelos direitos humanos e para o incremento de projetos educativos, notadamente ao final da primeira metade do século XX⁸⁸.

Com a deposição de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo, em 1945, José Linhares assumiu o poder e marcou as eleições presidenciais vencidas por Eurico Gaspar Dutra (1946-1949). Com a mudança de regime político no Brasil, após o fim do Estado Novo, a política educacional também precisou ser revista. A nova Constituição, promulgada em 18/09/1946, estabeleceu que caberia à União legislar sobre as diretrizes e bases da educação, dando liberdade de ensino à iniciativa particular.

Antes da aprovação da LDBEN, entretanto, foi promulgada a Lei Orgânica do Ensino Primário e Normal por meio dos Decretos Lei nº 8.529/46 e nº 8.530/46. Com a Lei Orgânica do Ensino Normal, o curso foi dividido em dois ciclos: o primeiro formava “regentes de ensino primário” em quatro anos, e o segundo ciclo diplomava “mestres primários” em três anos. O Capítulo III deste Decreto-Lei estabeleceu os tipos de estabelecimentos de Ensino Normal: o Curso Normal Regional, a Escola Normal e o Instituto de Educação.

O Curso Normal Regional seria o estabelecimento destinado a ministrar tão somente o primeiro ciclo do Ensino Normal. A Escola Normal seria o estabelecimento destinado a dar o curso de segundo ciclo desse ensino e ciclo

⁸⁸ Criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1945, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 1946 e a Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (OMEP) em 1948, instâncias que alertavam para as desigualdades entre os países e o importante papel da educação.

ginasial do ensino secundário. O Instituto de Educação seria o local que, além dos cursos próprios da Escola Normal, ministraria ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário.

Em relação à estrutura curricular do Curso Normal, o Decreto-Lei nº 8.530/46 (Cap. IV, Art. 14) recomendava uma elaboração “simples, clara e flexível” na composição e na execução dos programas. As bases e orientações a serem seguidas atenderiam aos seguintes pontos: adoção de processos pedagógicos ativos; a educação moral e cívica não deveria constar de programa específico, mas resultaria do espírito e da execução de todo o ensino; nas aulas de metodologia deveria ser feita a explicação sistemática dos programas de ensino primário, seus objetivos, articulação da matéria, indicação dos processos e formas de ensino e ainda a revisão do conteúdo desses programas, quando necessário; as aulas de desenho, trabalhos manuais, canto, educação física e recreação e jogos compreenderiam também, no último ano de estudos, a orientação metodológica de cada uma dessas disciplinas no primário, com especial atenção às necessidades regionais; o ensino religioso poderia ser estabelecido em caráter facultativo, não constituindo objeto de frequência compulsória por parte dos alunos.

Quanto aos critérios exigidos para admissão aos cursos normais de qualquer ciclo, no Título III (Cap. III, Art. 20), encontram-se assim apresentados: qualidade de brasileiro; sanidade física e mental; ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraponem o exercício da função docente; bom comportamento social; habilitação nos exames de admissão. Parágrafo único: Não serão admitidos em qualquer dos dois cursos candidatos maiores de 25 anos. Esses critérios eram de caráter excludente, as exigências adotadas para admissão se mostraram antagônicas aos princípios político-ideológicos estabelecidos pela Constituição de 1946, que se encontravam pautados no respeito aos direitos humanos, às garantias individuais e à liberdade de pensamento e expressão.

Sob o aspecto pedagógico, as Leis Orgânicas nortearam-se por uma orientação tradicional: currículos definidos *a priori*, instruções metodológicas definidas pelo Ministério, rigidez nos exames e na avaliação da aprendizagem.

A professora *Garça (1943-1950)*, ao ser interrogada sobre o programa de ensino da escola normal do Auxiliadora, disse: “O programa de ensino era próprio da época, com uma forte influência da “Escola Nova”, e *Canário*(professora

1959-1961) acrescentou “o método usado era o indutivo, eu explicava, mas procurava saber das alunas o que elas tinham noção daquilo que eu ia falar. Geralmente elas iam na biblioteca para fazer uma pesquisa antes, vamos supor se eu fosse dar um assunto sobre geometria, elas iam e pesquisavam, depois eu explicava, fazia exercícios”. A ex-normalista *Gérbera* (turma 1957) comentou:

O programa de ensino, no meu entender, era estandardizado. Era o mesmo de todas as escolas e era definido nos livros didáticos. Porém, a característica da época era construir 60 conteúdos (pontos) para o ano e 30 para o semestre, mesmo se para isso se devesse dividir capítulos mais longos dos livros.

QUADRO 5: Matriz Curricular do Curso Normal de Segundo Ciclo 1948– 1961⁸⁹ e Professoras (es)

Nº	Disciplinas	Séries			Professoras (es)
		1ª	2ª	3ª	
1.	Português	x	x	x	Ir. Celeste Mafalda Avé Precht, Ir. Alzira Madureira Lebrão, Ir. Ondina de Souza Santos, Ir. Alexandrina M. de Godoy, Ir. Silvia R. Lustosa, Ir. Yolanda Amado Ladeira, Ir. Joana D’Arc Fontes, Ir. Heloisa Pereira da Rocha, Ir. Alzira Miranda, Ir. Juliana Spur, Mª da Gloria Lahud.
2.	Matemática	x	x	-	Ir. Zilda Assis de Castro, Ir. Mª Helena T. Coimbra, Ir. Elsa Lamy, Ir. Odette Lamy, Ir. Elizabeth Barreto.
3.	Geografia das Américas	x	-	-	Ir. Maria de Faro Carvalho, Ir. Ruth Alvarenga Alves, Ir. Alcina J. Carvalho, Ir. Annita Felix.
4.	Geografia do Brasil, do RJ	-	x	-	Ir. Maria José Pinheiro, Ir. Maria de Faro Carvalho, Ir. Annita Felix de Sousa, Ir. Maria de Lourdes Alvarenga.
5.	História da América	x	-	-	Ir. Oline de Souza Santos, Ir. Alzira Madureira Lebrão, Ir. Alcina Junqueira Carvalho, Ir. Maria de Faro Carvalho, Ir. Annita Felix de Sousa, Maria Vitoria de Souza Pinto.
6.	Historia do Brasil, do RJ	-	x	-	Ir. Oline de Souza Santos, Ir. Tereza Quadros, Ir. Maria de Faro Carvalho, Ir. Annita Felix de Sousa, Ir. Maria da Fé de Lourdes.
7.	Física e Química	x	-	-	Dr. Albano Seixas Filho, Ir. Alzira M. Lebrão, Ir. Juliana Spur, Ir. Ruth Alvarenga Alves, Ir. Silvia R. Lustosa, Ir. Lilia Borges Cruwinel.
8.	Anatomia e Fisiologia Humanas	x	-	-	Dr. Albano Seixas Filho, Ir. Amália Barros do Vale, Ir. Conceição do Carmo Pinheiro, Ir. Maria do Carmo F. da Silva, Ir. Lilia Borges Cruwinel
9.	Biologia Educacional	-	x	-	Ir. Maria José Pinheiro, Ir. Conceição do Carmo Pinheiro, Ir. Maria do Carmo F. da Silva, Ir. Lilia Borges Cruwinel, Ir. Alzira Miranda, Ir. Joana Rodrigues Fernandes, Maria Vitoria Souza Pinto
10.	Higiene e Educ. Sanitária	-	x	-	Dr. Albano Seixas Filho, Dr. Mario Goulart, Ir. Conceição do Carmo Pinheiro
11.	Higiene e Puericultura	-	-	x	Dr. Albano Seixas Filho, Dr. Mario Goulart, Ir. Conceição Pinheiro, Ir. Lilia Borges Cruwinel
12.	Psicologia Educacional	-	x	x	Ir. Maria José Pinheiro, Ir. Irene Alvarenga, Ir. Silvia Rodrigues Lustosa, Ir. Maria do Carmo F.

⁸⁹ No sábado tinha Ginástica, Canto e Urbanidade (Cron. CNSAC, 17/03/1951).

	Noções de Estatística				da Silva, Ir. Joana Fernandes Rodrigues.
13.	Metodologia do Ensino Primário	-	x	x	Ir. Maria José Pinheiro, Ir. Irene Alvarenga, Ir. Silvia R. Lustosa, Ir. M ^a do Carmo F. Silva, Ir. Joana Fernandes Rodrigues, Ir. Alzira Miranda.
14.	Prática de Ensino	-	-	x	Ir. Maria José Pinheiro, Ir. Irene Alvarenga, Ir. Silvia Rodrigues Lustosa
15.	Sociologia Educacional	-	-	x	Ir. Celeste Avé Precht, Ir. Maria de Faro Carvalho, Ir. Alcina J. Carvalho, Ir. Joana F. Rodrigues, Ir. Odette Lamy, Ir. Elizabeth Barreto.
16.	História e Filosofia da Educação ⁹⁰	-	-	x	Ir. Alexandrina M. de Godoy, Ir. Alcina Junqueira Carvalho, Ir. Lilia Borges Cruwinel Roberto Wilson Fernandes.
17.	Noções de Agricultura	-	-	x	Ir. M ^a das Dores Cunha Lanna, Ir. Maria de Faro Carvalho, Ir. Juliana Spur, Ir. Heloisa Murgel, Ir. Flausina Ladeira.
18.	Desenho e Artes Aplicadas -Trabalho e economia doméstica	x	x	x	Ir. Francisca Travassos, Ir. Josefina Rosalina Fonseca, Ir. Conceição do Carmo Pinheiro; Ir. Elza Vieira, Ir. Niva Gomes, Ir. Elizabeth Barreto, Ir. Heloisa P. da Rocha, Ir. Flausina Ladeira, Ir. Lilia Borges Cruwinel, Irene Abreu de Azevedo.
19.	Música e Canto Orfeônico	x	x	x	Ir. Flora Lencione, Ir. Lucília Lima Correa, Ir. Jenny Furtado Portugal, Ir. Izabel Pereira da Silva, Ir. Margarida da M.T. Almeida, Ir. Maria Madalena Lombardo.
20.	Ed. Física e Recreação Jogos	x	x	x	Maria do Carmo Almeida, Ir. Joana D'Arc Fontes, Grauben B. Leite, Ir. Heloisa P. Rocha.
21.	Religião	x	x	x	Ir. Yolanda Ladeira, Ir. Odette Lamy, Ir. Marieta Reis.

Fonte: ACENSA.

Observamos também, através da legislação e dos depoimentos das alunas, que o currículo do Curso Normal seguiu em grande parte as determinações da Lei Orgânica do Ensino Normal nº. 8.530, que trouxe uma homogeneização curricular ao ensino normal em todo o país.

No Auxiliadora, o horário organizado para o curso normal em 1950 mostra cinco aulas diárias, de 2^a feira a sábado.

QUADRO 6: Horário da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora de Campos - 1952

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado
1º ano	Geografia Hist das Am Anatomia Português Religião	Química Ed. Física Física Desenho Matemática	Geografia Religião Artes Português Anatomia	Desenho Hist das Am Química Religião Musica	Matemática Física Português Anatomia Canto	Matemática Ed. Física Física Religião -
2º ano	Metodologia Biologia Geog do Br Ed. Física	Português Hist. Brasil Hig. Sanitária Matemática	Português Psicologia Religião Artes	Metodologia Biologia Geog Brasil Desenho	Português Psicologia Hig. Sanitária Historia Br	Ed. Física Matemática Biologia Religião

⁹⁰ As reformas educacionais, introduzidas a partir de 1930, incluíram a cadeira História da Educação nos planos das Escolas Normais. Em 1946, a Lei Orgânica do Ensino estabeleceu que no currículo das Escolas Normais deveria ser ministrada a disciplina *História e Filosofia da Educação*, na terceira série.

	Psicologia	Desenho	Metodologia	Psicologia	Canto	-
3º ano	Português, Artes Agricultura Prática Hist.Educação	Desenho Religião Psicologia Metodologia Prática	Sociologia Higiene Agricultura Metodologia Prática	Português Psicologia Hist. Educ. Prática Música	Religião Higiene Sociologia Metodologia Canto	Religião Agricultura Prática Educ. Física -

Fonte: ACENSA. Organizado por LOPES, 2012. Em 1952 acrescenta-se uma aula de religião, é tirada a aula de ginástica (matriz de 1950).

A matriz curricular da Escola Normal do Instituto de Educação de Campos (1955-1958) continuou obedecendo à organização estabelecida pela Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946, segundo Crespo (2009, p. 80-83). As disciplinas da ENC não divergiam da Escola Normal do Colégio Auxiliadora no período indicado (veja apêndice J e K).



Figura 13: Prática Agrícola - 1949
Fonte: ACENSA

Em 12/06/1958 a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) promulgou a Lei nº 3.649. Esta legislação estadual revogou as leis e os decretos-leis instituídos pela Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946, especificamente nos Artigos 1º e 2º. As determinações que integram o Artigo 1º abrangem a questão curricular, os dispositivos do Regulamento do Ensino Normal e o Exame de Adaptação para professores primários, formados por outros estados da federação. O Artigo 2º é alterado em função da Lei nº 1.870 de 18/04/1953 – Lei do Magistério. De acordo com a Lei Estadual nº 3.649 de 12/06/1958, o Artigo 9º da Lei Federal do Magistério passou a ter a seguinte redação para o Estado do Rio:

Art. 9º - Aos diplomados por estabelecimentos oficiais de 2º ciclo normal fica assegurada independentemente do concurso, em caráter efetivo nomeação para o cargo de professor primário desde que, além dos requisitos constantes no artigo 5º da Lei do Magistério, preencham as seguintes condições: ter feito todo curso normal em estabelecimento mantido pelo Estado; ter alcançado em cada série desse curso, média global oitenta pelo menos, e em nenhuma cadeira nota inferior a setenta; não ter sofrido penalidade. O parágrafo 1º deste artigo assegura aos diplomados, a nomeação para o município que desejarem. Não existindo vaga no município pretendido, o Governo Estadual criará o cargo.

Era a oportunidade de se conseguir, por mérito próprio, um vínculo efetivo no Estado. Nesse período, o curso normal do Auxiliadora continuava crescendo em número de matrículas e, para serem nomeadas como professoras, precisavam passar nos concursos.

Quanto à reformulação do currículo prevista no Artigo 1º da Lei Estadual 3.649/58, foi designada pela Secretaria de Estado de Educação/RJ uma comissão encarregada de propor a nova estrutura curricular para o Curso Normal. Durante quatro anos essa proposta tramitou entre a Comissão e o Conselho Estadual, vindo a ser aprovada em 19/03/1962, já sob a égide da LDBEN nº 4.024/61 (CRESPO, 2009, p. 84-85).

Em 20 de dezembro de 1961, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional - LDBEN nº 4024/61. A História da Educação registra que longos foram os debates até a sua promulgação. O projeto inicial dessa lei foi elaborado por Clemente Mariani, Ministro da Educação no governo Dutra. Os longos debates iniciaram-se após 1948, quando Mariani apresentou o projeto, e estão relacionados à disputa ideológica em torno do projeto educacional brasileiro. Os temas centrais, conforme Bento (2009, p. 67), são: centralização e descentralização, o público e o privado. Essa lei não trouxe soluções inovadoras para o ensino normal, conservando as grandes linhas da organização anterior, seja em termos de duração dos estudos ou de divisão em ciclos. Registramos apenas a equivalência legal de todas as modalidades de ensino médio, bem como a descentralização administrativa e a flexibilidade curricular, que possibilitariam o rompimento da uniformidade curricular das escolas normais.

Os anos 60 foram marcados por muitos acontecimentos: o uso da minissaia, o sucesso dos Beatles, do programa da Jovem Guarda; a ciência e a tecnologia se expandiam destacando-se a eletrônica e a informática, a chegada do

homem à Lua. Para o Brasil, essa década foi também marcada por crises. “Nos anos 60 a crise brasileira é econômica, é social e é política” (GÓES, 2002, p.8).

A década de 60 começou com problemas políticos: a renúncia de Jânio Quadros em 1961, a posse de João Goulart (1961-1964). Nesse período, houve um declínio no crescimento econômico e industrial.

Para a Escola Normal do Auxiliadora, a década de 1960 significou crescimento do número de alunas e consolidação do curso já na égide da LDBEN. Um novo período se inicia para a Escola Normal após a publicação das diretrizes, daí concluímos nossa pesquisa neste marco.

4. Os atores educativos “Assumem o cuidado” na escola de professoras do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora

Assumo hoje a inspeção deste educandário, [...]. Venho do Colégio Estadual de Campos, antigo Liceu, para o Colégio N. S. Auxiliadora. De uma tradição de renome para o renome de uma tradição onde o cuidado das alunas é de todo instante. Ali se ensina ainda, no culto dos mortos, a lição dos mestres; aqui se repete, hora a hora, momento a momento, contritamente, como quem aviva uma lâmpada sagrada, a imperecível lição do Mestre. Venho para onde, além do estudo dos seres e das coisas, se venera o Ser Supremo. Saio de uma escola e penetro em um templo. Aqui, na paz que a Verdade gera e assegura, na confiança que a Justiça inspira, na esperança com que a Fé acena, minh'alma bem poderá transubstanciar-se (VASCONCELLOS. A. N. de., - Inspetor Federal, Campos, 06/06/1947, Livro de termo de Visitas do Colégio Auxiliadora) [grifo nosso].

É necessário conhecer e caracterizar os atores educativos da instituição em estudo, o corpo discente e docente, administrativo e auxiliar; conhecer e avaliar as formas de participação por parte dos diversos atores, a título individual, grupal ou de representação, “conhecer a relação e a participação da comunidade envolvente, as relações com o poder central e com os poderes regionais e locais” (MAGALHÃES, 1999a p. 72-73).

Trata-se de procurar escapar ao vaivém tradicional entre uma percepção micro e um olhar macro, privilegiando um nível meso de compreensão e intervenção. As instituições educativas adquirem dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas (NÓVOA, 1992, p. 15).

A fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campos (1925) e a instalação do curso ginasial (1934) constituíram um marco que possibilitou a compreensão de como o contexto sócio-histórico foi determinante para o estabelecimento de diretrizes das políticas educacionais no processo de implantação de uma Escola Normal católica em Campos. As raízes das quais se originaram a Escola Normal anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, em 1940, encontram-se vinculadas a esse processo histórico da atuação da Congregação Salesiana na Igreja do Brasil e em Campos.

4.1. As Alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ

As instituições educativas encontram na sua clientela sua verdadeira razão de ser; no quadro geográfico local, constituem unidades orgânicas na gestão de

planos financeiros, espaços, pessoal e meios pedagógicos. Nesse sentido, “em torno da questão do acesso, recrutamento, tratamento, aproveitamento, seguimento dos alunos reside uma propriedade fundamental da instituição escolar, uma marca que tende a conferir-lhe poder autônomo e uma identidade nos quadros regional e local” (MAGALHÃES, 1999a p. 70).

Na certidão do Estatuto do CNSAC de 08/05/1935, afirma-se que “*o seu objetivo é a formação do coração e a educação do espírito das crianças do sexo feminino, de maneira a torná-las aptas a bem desempenhar a nobre missão que lhes é reservada na família, e na sociedade*”, ministrando-lhe educação moral, intelectual e física de acordo com orientação traçada por Dom Bosco, fundador das obras salesianas.

Este objetivo delineado nos documentos mostra claramente que o Colégio buscava formar o coração, imprimir-lhe um *ethos* cristão e assim tornar as meninas aptas para a missão na família e na sociedade conforme os ensinamentos católicos. Inscrever os filhos em uma escola católica representava um investimento educacional que permitia a acumulação de capital escolar propriamente dito, mas também de capital social e moral, na medida em que “os colégios católicos eram percebidos como o espaço por excelência de formação dos grupos de elite” (PEROSA, 2009, p. 77). No quadro abaixo, mostramos a estatística das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora desde a fundação para elucidar o crescimento da clientela desse estabelecimento.

QUADRO 7: Alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de 1925-1961

ANO	Alunas ⁹¹		
	Externato	Internato	Semi-Internato
1925	57	13	7
1926	91	37	5
1927	75	43	3
1928	69	-	-
1929	49	38	4
1930	58	-	-
1931	39	-	-
1932	35	18	2

⁹¹ A numeração do externato da escola, conforme a documentação, está correta. O número de internas e semi-internas foi retirado das estatísticas de cada ano enviadas a Roma, em alguns anos esses dados são incompletos.

1933	72	21	2
1934-G ⁹²	175	58	-
1935	299	80	-
1936	432	90	-
1937	567	69	3
1938	588	73	-
1939	710	75	-
1940	390	12	-
1941	340	47	-
1942-N ⁹³	421	58	2
1943	608	76	2
1944	406	78	2
1945	471	88	2
1946	692	88	172
1947	694	92	-
1948	722	90	-
1949 ⁹⁴	555	105	-
1950	611	-	-
1951	692	146	-
1952	710	169	-
1953	760	178	-
1954 ⁹⁵	684	160	-
1955	651	119	-
1956 ⁹⁶	738	129	-
1957	818	133	-
1958	807	137	-
1959	822	118	-
1960	783	106	-
1961	797	-	-

Fonte: ACENSA, Livro de matrículas e Estatísticas; organizado por LOPES, 2012.

4.1.1. O Internato, o Semi-internato e o Externato

Colibri, antiga professora(1957-1960), conta:

Quando fui para Campos, havia 150 ou 160 alunas internas. Eu era responsável pelo internato, a Assistente Geral. As mais simples iam para a escola doméstica. No internato, havia também a classe média e alta. Eram do interior. A maioria das internas era filha de fazendeiros. Havia internas da própria cidade, de cidades

⁹² Início do Ginásio. Além do Internato, Externato, Semi-Internato, havia a Aula Noturna e a Escola Doméstica, estas últimas, gratuitas.

⁹³ Início do curso normal.

⁹⁴ Mensalidade e anuidade cobrada das alunas nos anos letivos de 1948 e 1949. Internato: pensão Cr\$ 1.500,00; estudos Cr\$ 500,00. Externato: Mensalidade: Cr\$ 100,00.

⁹⁵ Anuidade do internato: pensão Cr\$ 10.000,00 estudo Cr\$ 2.000,00.

⁹⁶ Anuidade do internato: Cr\$ 13.500,00; Externato: Cr\$ 2.900,00; Exame de admissão: Cr\$ 50,00. Tratando-se de irmãs, havia o desconto de 10% na pensão da segunda menina, de 15% na terceira e 20% na quarta. (E 1953, Art. 26).

vizinhas ou mesmo do Espírito Santo e Minas Gerais. Não havia realmente uma boa escola perto destas cidades e os fazendeiros optavam por nossa escola. As alunas pobres que tinham dificuldade Ir. Zilda dava aula particular, recuperava as alunas com o reforço, à noite. As alunas externas: a maioria era da classe média ou alta. Minha convivência com as alunas era muito amigável e positiva. O meu relacionamento mais profundo era com as alunas internas, já que estava encarregada da assistência na “divisão” das Maiores. *As alunas eram amigas, dispostas a ajudar na assistência às menores e a cooperar com a assistente e com todas as demais educadoras em pequenas tarefas, no tempo livre das aulas* [grifo nosso].

Das 393 normalistas formadas entre 1943-1961, 103 foram internas. Para ser admitida no internato, a menina devia ter entre sete e 14 anos; tratando-se do curso secundário, a Diretoria julgava o caso segundo a conveniência. A candidata devia apresentar os documentos: certidão de nascimento e de batismo, atestado de vacinação e atestado de bom procedimento. Havia três saídas ao ano e 15 dias de férias em julho (E 1953, Art. 19).



Figura 14: Dormitório do Internato do GENNSAC-RJ
Fonte: ACENSA, 1950.

Cada divisão tinha o seu dormitório, nele, as camas dispostas em fileiras separadas por largos corredores intercalavam-se com pequenos armários (criado mudo), posicionados à cabeceira da cama, de tal modo que, quando se deitavam, as alunas viam-se separadas à direita e à esquerda pelos tais armários. A assistente devia circular pelos corredores, entre as camas, e deitar-se, num ângulo do próprio

dormitório, chamado “cela”⁹⁷, somente após certificar-se de que todas as alunas haviam adormecido.

O interessante é que, desde o prospecto da fundação, quando nomeadas as seções do colégio, notifica-se que “o pensionato é para alunas internas que queiram frequentar as aulas da Escola Normal pública ou Liceu de Humanidades ou outras (BOLETIM SALESIANO, Ano XXII, Set/Out 1925, nº 5), ou seja, desde a fundação houve uma preocupação com a formação de futuras professoras. Como ainda não possuíam o curso normal, abriam possibilidades de acolher jovens que iriam estudar na escola pública, mas teriam a formação cristã.

As funções das educadoras do Auxiliadora eram bem claras para as alunas e elas eram muitas vezes auxiliadas por pequenas agentes - alunas mais velhas ou que tivessem dado provas de terem assimilado melhor a disciplina, e coordenavam a liderança de algumas atividades (as companhias/associações, os recreios, ajudar arrumar a cama, cuidados pessoais), desta forma “estendiam a todas os efeitos da ação disciplinar” (FOUCAULT, 1984).

No meu caso, tive várias oportunidades de exercer liderança com alunas mais novas, seja sendo Assistente de turma das mesmas, seja na catequese escolar nas escolas públicas, que participava como catequista, orientada e acompanhada por uma irmã, me lembro de Ir. Zilda Castro nesse papel (*Gérbera*, turma 1957).

Recordando que a escola não deveria estar separada da vida e que o internato devia apresentar a imagem de uma família bem organizada, as educadoras tinham todo o *cuidado* para que as alunas fossem formadas para uma vida doméstica simples e digna, o que constituía, na percepção destas educadoras, uma das belas qualidades da vida social feminina na época. O horário a ser seguido era este: 6h levantar, 6h30 oração e missa, 7h limpeza dos ambientes, 7h30 café, 8h aula, 10h recreio, 10h20 aula, 12h almoço e recreio, 14h estudo, 15h30 recreio, 16h estudo e higiene pessoal, 18h30 jantar e recreio, 19h30 estudo, 21h oração e repouso.

Os internatos eram instituições fechadas do tipo total, conforme estudo do cientista social E. Goffman (1990), e devem ser entendidos nesse nível socioantropológico para que possamos compreender sua história e das internas

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho, onde grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da

⁹⁷ Era a única cama que possuía uma divisória, uma cortina, como se vê na foto do dormitório, figura 20.

sociedade mais ampla, por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (*idem*, 1990, p. 11).

Há um pressuposto na organização da vida social, sobretudo nas sociedades complexas, de que as diversas atividades humanas se realizam em esferas distintas (como dormir, brincar, trabalhar ou estudar), em que o indivíduo interage com diferentes grupos e sob comandos diferentes.

O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada momento da vida diária do participante é realizado em companhia de um grupo relativamente grande, mas dividido em pequenos grupos, fazendo as mesmas coisas, do mesmo modo. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários... e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras e formas explícitas (*idem*, 1990, pp. 17-18).

Para controlar tais atividades, o *cuidado* é fator básico, que se manifesta, desde a forma simpática da “superiora” do grupo, até aquela em que a iminência de uma infração faz surgir o controle manifesto, que pode chegar à sanção. Desse modo, o que se espera do internato é um comportamento padronizado, sem, contudo, fazer com que se percam as referências do mundo familiar. Tudo deve ser precedido por admoestações verbais privadas/públicas, passando pelas advertências próprias do sistema.

As internas eram designadas para uma divisão: maiores, menores ou médias. A divisão tinha o seu dormitório, a sua região no pátio, na igreja e no refeitório, na sala de estudo. Cada divisão era confiada a uma assistente cujas principais funções consistiam em, 24h por dia, providenciar para que as “alunas não ficassem jamais sozinhas”. As assistentes deviam ser as primeiras a chegar ao lugar onde as alunas deviam se reunir e entreter-se com elas, saber, a cada instante, onde se encontrava cada um dos elementos da divisão. A assistente, que tudo observava, conhecia as limitações e falhas de cada uma de suas assistidas.

Despertavam pela manhã, ao som das palmas ou da sineta da assistente que dizia em alta voz: *Benedicamus Domino!*, e todas respondiam *Deo gratias*. Despertadas, deveriam, em silêncio, fazer o asseio, trocar de roupa, arrumar a própria cama. Em seguida, dirigiam-se à Igreja para as orações da manhã que eram realizadas concomitantemente à celebração da missa, proferida toda em latim, uma espécie de catequese resumida e continuamente memorizada. Durante

as orações da manhã, havia a possibilidade de confessar-se, prática sacramental frequentemente recomendada.

Terminadas as orações, as internas seguiam para o refeitório e logo após para as “ocupações”, constituídas pela limpeza dos diferentes ambientes do colégio. Na sequência, vinham as aulas para as estudantes, refeição, recreio, estudo. Após o jantar, havia outro recreio e momentos de estudo ou ensaio de teatro... Às 21h, a um sinal da assistente, encerravam-se as atividades ligadas ao estudo, sendo realizadas as orações da noite marcadas por um exame de consciência e pelo ato de contrição. Momento do “boa-noite”, que consistia em rememoração ou avaliação moral de algum fato do dia, um conselho ou uma estória, objetivando manter na mente das ouvintes a constância dos preceitos cristãos e o estado de alerta frente aos inimigos do bem.

As moças, no internato, eram educadas principalmente para serem o esteio moral da família, as preservadoras da tradição e as perpetuadoras das regras religiosas. As ex-alunas foram marcadas pela educação do colégio, “até hoje casadas, com filhos continuam unidas a nós” diz uma das irmãs professoras (*Sabiá*, prof^a 1954-1959).

Na visão de uma das ex-alunas (*Gérbera*, turma 1957):

Eu fui beneficiada como pessoa. [...] O fato de a sociedade ter uma visão da mulher, mais especificamente como mãe e educadora, para os padrões da época, não deixou de marcar positivamente a formação, no curso Normal, que para a maioria das alunas, era o final do período escolar. Não creio que houvesse algo muito enriquecedor para a mulher, como tal.

Três atividades imbricavam-se para solucionar o problema da rotina nos internatos. No primeiro plano, as festas religiosas, cujas ocorrências distribuíam-se no decorrer do ano inteiro, juntem-se as festas cívicas, segunda atividade. Gomes (1991, p. 100) comenta que uma festa articulava-se em torno de quatro núcleos: “missa com pregação e comunhão geral, [...]; almoço festivo; contendas esportivas e apresentações de dramas ou comédias, cujos entreatos eram preenchidos pelo coral. Havia os tradicionais passeios contra o enfado do ambiente recluso”.

Essa tese não é, porém, sobre a vida religiosa e os internatos ligados à escola das religiosas, mas, sim, como foi a práxis educativa dentro do Curso Normal em que existiam normalistas internas, com características citadas por Goffman. As considerações teóricas têm por finalidade uma breve leitura socioantropológica dessa instituição, para facilitar a compreensão de um tipo de comportamento e socialização de uma determinada época.

O **Semi-Internato** funcionava anexo ao Externato; para a primeira matrícula a aluna devia ter mais de sete anos e menos de 14, entravam pela manhã às 7h e saíam às 17h (E 1937, Art. 54-55). De 1942 a 1944, algumas alunas utilizaram deste recurso para poder frequentar o curso normal que era só para alunas internas.

No **externato**, a pontualidade e assiduidade eram cobradas, e rogava-se às famílias que exigissem delas, todos os dias, algumas horas de estudo, em casa (E 1953, Art. 42, 44).

4.1.2. Escola Noturna, Escola Doméstica e Orfanato

É com grande satisfação que consigno neste termo o interesse da direção deste colégio pelo ensino gratuito, ministrado àqueles menos favorecidos pela sorte. (BORTOLUZZI, F. S. - Inspetor Federal do Liceu de Humanidades de Campos, 27/05/1937, *apud* Livro Termo de Visitas do Colégio N. S. Auxiliadora,).

Muitas Congregações, em suas origens históricas, eram destinadas às camadas pobres da população, por isso mantinham, ao lado da escola dirigida aos filhos e filhas de famílias ricas, um orfanato para atendimento dos mais carentes. Nunes (1983, 197-198) afirma que “a atuação das religiosas no campo da educação e no campo da saúde tem o caráter de suplência do Estado, incapaz, por essa época, de suprir às necessidades básicas da população”. É nas instituições religiosas que os velhos, as crianças abandonadas, os doentes, enfim, aqueles que são inúteis para o sistema capitalista vão encontrar certa proteção, os cuidados básicos. O Estado necessitava, naquele momento, desse tipo de atuação das religiosas e, em certos casos, as incentivava com verbas e doações. Os próprios latifundiários e empresários, muitas vezes, através de suas esposas, ex-alunas dos colégios religiosos, são os que contribuíam para a manutenção dessas obras.

Dom Bosco foi o pioneiro na abertura de **cursos noturnos**. Iniciados timidamente em 1844, firmaram-se depois, espalhando-se pelo Piemonte e por toda a Itália e se expandiram nas outras obras⁹⁸ fundadas por salesianos/as.

Atendendo ao apelo do Dr. Lourenço Filho, então Diretor do Departamento Nacional de Educação, o Auxiliadora criou o Curso Noturno

⁹⁸ O termo “obras” indica atividades diversificadas, educacionais, esportivas, religiosas e sociais com destaque para as escolas, oratórios, paróquias e obras assistenciais.

gratuito, que contava no ano de 1937 com matrícula de 132 alunas⁹⁹. Esse empreendimento mereceu francos elogios de Lourenço Filho, em telegrama de 15 de abril de 1937 e carta de 20 de julho do mesmo ano:

Exma. e Revdama. Ir. Diretora – Causou-me a mais agradável impressão a vossa carta que comunica a instalação em andamento do curso noturno para adolescentes e analfabetos, nesse Colégio, e que foi o primeiro a responder ao meu apelo. Ao invés de enviar-vos um ofício, em normas protocolares, desejo, por esta carta, exprimir-vos o meu reconhecimento, pela gentileza em vossa comunicação, e a convicção que tenho, onde quer que se encontrem as Filhas de São João Bosco, aí estará sempre *uma colmeia de trabalho e uma sementeira do Bem*. Com os cumprimentos de (a) Lourenço Filho [grifo nosso].

O curso foi fechado por alguns anos e retornou em 1956, como Escola Noturna "Sagrado Coração", destinada à alfabetização das jovens operárias e domésticas; eram dadas também aulas de corte e costura, tricô e bordado.

A **Escola Doméstica**¹⁰⁰, em regime de internato, era gratuita, uma obra de beneficência popular, destinava-se à formação moral e religiosa das meninas e moças pobres e compreendia um curso prático de economia doméstica, acrescentando-se a este a aprendizagem de trabalhos manuais, corte e costura; idade requerida 12 anos em diante, cursavam as aulas noturnas, o estabelecimento provia a manutenção e vestuário das alunas e fornecia-lhes assistência médica e odontológica (E 1937, Art. 59-62; E 1953, Art. 47-50).

Na reunião das Damas de Nossa Senhora Auxiliadora, no dia 24/11/1932, surgiu a iniciativa da fundação do **orfanato** “Dom Bosco”, anexo ao Colégio, com as primeiras quatro órfãs em 1933¹⁰¹.

No dia 27 de maio de 1945, à tarde, com a presença do bispo Dom Octaviano, do representante do prefeito municipal, de numerosa assistência, “se procedeu à benção da pedra fundamental do orfanato no terreno do colégio”. Prosseguiu a construção do orfanato, objeto da simpatia do povo e das autoridades que visitavam, com satisfação, as obras. A cronista assinala a visita da esposa do Governador, Senhora Macedo Soares, do Desembargador Sabóia, do Juiz de Menor e Deputado Thiers Cardoso, que prometeram auxiliar na construção (17/09/1948).

⁹⁹ Alunas da escola noturna: 1939 (245); 1943 (193); 1948 (113); 1957 (105) e 1960 (59).

¹⁰⁰ As fontes da Escola Doméstica são incompletas, há alguns dados que têm duas ou três fontes (documentos escolares, crônica, estatística enviada a Roma cada final de ano), e geralmente não coincidem. Em 1946 (39); 1956 (30); 1959 (33) e 1960 (40).

¹⁰¹ Em 1937, havia 10 órfãs, em 1939 (11), em 1942 (9), 1946 (14) e em 1949 (45).

No dia 16 de agosto de 1949, aconteceu a inauguração do Orfanato¹⁰² já como comunidade independente do Colégio Auxiliadora.

O empreendimento católico tinha que se afirmar e ser reconhecido como benemerência, doação de si, sacrifício cuidadoso, para ter legitimidade. E por isso boa parte das grandes escolas católicas mantinha outra escola, gratuita, mas fisicamente separada da escola privada, para atender crianças pobres.

4.2. As Normalistas da Escola de Professoras do Auxiliadora

Havia diferença social entre as alunas quanto à participação na vida social local, mas internamente, na vida escolar, o que importava eram as qualidades específicas de cada aluna: numa área, numa disciplina, num setor específico, teatro, esporte, movimentos culturais e/ou religiosos (*Garça*, profª 1943-1950).

No século XX, o caráter feminino do magistério primário se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria já era essencialmente feminina (VIANNA, 2002). Desde o século XIX, pouco a pouco os homens abandonavam as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica manteve-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passava o país e que acabaram por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho.

A Escola Normal do Auxiliadora despertava, em suas alunas, sentimentos de orgulho, fascínio, respeito, deslumbramento e proporcionou uma diferenciação no nível de formação e no papel que propunha ao professor primário, “o curso Normal era uma oportunidade de formação profissional para a maioria. Em geral, ao sair da escola, as alunas se empregavam como professoras. Toda a formação focava muito na responsabilidade e no cumprimento do dever” (*Azaléia*, turma 1960), “o curso exigia concurso para acesso e, no final, para ingresso no exercício do magistério” (*Gaivota*, profª 1958-1960).

¹⁰² No ano de 1956, começou a funcionar um pensionato com o escopo de, também, subsidiar as grandes necessidades do orfanato. Em 1959, foi fechado o pensionato e aberto um aspirantado que já começou com 56 jovens vocacionadas à vida religiosa salesiana. Neste ano, começou a funcionar, também, o Jardim de Infância com 43 crianças. Em 1960, começaram os cursos profissionais e a casa passou a se chamar “Instituto Profissional Laura Vicunha” (Crônica Casa Laura Vicunha, Ago/Set de 1949 e *Costumieri* [livro que anota os costumes da comunidade, como exemplo o horário da Casa]).

A cultura é formada por rituais inter-relacionados e a cultura da sala de aula é descontínua, provocadora de competições e conflitos. Trabalhos de Henry Giroux (1986) e Michael Apple (1989) sugerem que qualquer análise dos rituais escolares deve ser colocada num contexto de cultura que problematize a relação entre escola, poder, conflito e classe.

A escolha da família por um colégio católico, de frequência feminina, vocação para o magistério, satisfação ao gosto dos pais, o não querer cursar o clássico ou o científico e a continuidade dos estudos no GENNSAC era a opção fundamental, “nós éramos motivo de orgulho de nossas famílias” (Dália, turma 1954).

Louvo e agradeço a Deus por ter me conduzido para o Auxiliadora. Agradeço aos meus pais que souberam escolher o melhor para mim e as doces e ternas ex-professoras, as Irmãs Salesianas que com maestria e amor souberam me guiar pelos caminhos do bem, da verdade, da justiça e da paz, projetando-me para o futuro (*Lírio*, turma 1957).

No Auxiliadora, havia vivências ritualizadas¹⁰³. McLaren (1991, p. 30) adota uma perspectiva de ritual que o considera como uma produção cultural construída como uma referência coletiva ao símbolo e à expectativa localizada da classe social de um grupo. De acordo com isso, um ritual será considerado como um evento político, e como parte das distribuições objetificadas do capital cultural dominante da escola.

Com base nesse conceito de McLaren, observamos como o ritual atuava, influenciava, refletia-se na vida escolar das normalistas do Auxiliadora de Campos. Esse autor afirma que a dominação é trabalhada através de rituais e práticas que formam a vida escolar, atuando como uma força concreta que tem por finalidade disciplinar, administrar e limitar as atividades que, no caso, as alunas traziam com elas para a escola. Esses rituais forjam uma relação entre escola e comunidade que deveria ser uma relação harmoniosa, porém, a escola no momento em que reproduz a sociedade onde está inserida reproduz também as formas de exploração e dominação desta sociedade.

Para McLaren, existem dois tipos de rituais: micro e macro. O micro são as lições isoladas que ocorrem no dia a dia na sala de aula, já o macro consiste do

¹⁰³ Entende-se por ritualização a definição dada por Peter McLaren (1992, p. 88) : um processo que envolve a encarnação de símbolos, conglomerados de símbolos, metáforas e paradigmas básicos através dos gestos corporais formativos.

agregado de lições de sala de aula, observadas ao longo do dia escolar. Esses rituais podem ser compreendidos como variações do esquema do rito de passagem, porém o rito de passagem é mais aplicado à passagem geral do aluno pelo sistema escolar, passar do status de alunos do ginásio para alunos do curso normal, por exemplo.

No Auxiliadora, havia um ritual de passagem em particular. As crônicas narram que as alunas que concluíam o ginásio entregavam as chaves da sala às colegas que iriam cursar a última série ginásial

Último 24 do ano escolar. As alunas do curso normal e ginásio oferecem flores à Madona, em seguida há a distribuição dos prêmios, 1º e 2º de religião e conduta e 1º de estudo e prêmio especial à aluna que mais se distinguiu. Havia também a cerimônia simbólica com a qual a 4ª ginásial entregava a chave da classe à aluna da 3ª ginásial. Depois desta função, na capela, se fazia uma consagração à Madona, prédica dos lembretes para as férias, Te Deum e benção eucarística. À tarde havia, no salão, festa promovida pelas alunas internas (24/11/1943)[tradução e grifo nosso].

Os rituais de revitalização podem ser descritos como um evento processual que funciona para injetar uma renovação de compromisso com as motivações e valores dos participantes no ritual. Os rituais de intensificação compreendem um subtipo dos rituais de revitalização servindo principalmente para fortalecer alunos e professores, para unificar o grupo. É claro que os rituais não existem em um estado puro, são contaminados pelos contextos.

Na entrada, as alunas eram ‘revistadas’ em seu uniforme, deveriam estar impecáveis, no cumprimento estipulado, estarem sem pintura. O sino era o sinal para a formação das filas e a oração que continha vários gestos como o sinal da cruz, as mãos postas em oração. Terminada a oração, era feita a “acolhida”.

Essa escola formou, durante o período em estudo, 16 turmas, um total de 393 normalistas, destas 103 foram internas. Segundo as fichas de matrículas, a escola foi frequentada por moças de Campos (301), São Fidelis (13), Cambuci (13), Quissamã (8), Bom Jesus de Itabapoana (5), Itaperuna (5), Cardoso Moreira (4), Conceição de Macabú (4), Macaé (3), São João da Barra (3), Rio de Janeiro (2), Silva Jardim (2), Miracema (2), Nova Iguaçu (1), Cantagalo (1), Niterói (1), Santo Antonio de Pádua (1), Natividade (1), Dolores de Macabú (1), Santa Bárbara (1), Bom Jardim (1), Casemiro de Abreu (1), Miracema (1), São Gonçalo (1), Lajes do Muriaé (1), Santa Maria Madalena (1), Alegre/ES (1), Muqui/ES (1),

Mimoso do Sul/ES (1), São Pedro do Calçado/ES (1), João Pessoa/ES (1), Vitória/ES (1), Juiz de Fora/MG (1), Manhuaçu/MG (1), Leopoldina/MG (1), Bom Sucesso/MG (1)

QUADRO 8: Estatística Geral das Alunas Normalistas do Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora/Campos, por série e ano

Ano	1ª série	2ª série	3ª série	TOTAL
1942	4	-	-	4
1943	-	4	-	4
1944	4	-	-	4
1945	16	4	-	20
1946	12	15	-	27
1947	13	11	-	24
1948	7	10	-	17
1949	-	6	10	16
1950	23	-	6	29
1951	31	22	-	53
1952	30	26	22	78
1953	32	27	27	86
1954	44	32	29	105
1955	39	39	27	105
1956	50	38	36	124
1957	48	44	36	128
1958	58	42	40	140
1959	49	50	40	139
1960	43	41	48	132
1961	49	43	40	130

Fonte: ACENSA, LIVRO e FICHA de matrículas (LOPES e ACERBIS, 2011).

As alunas que concluíam a Escola Normal recebiam um diploma cujo modelo obedecia às determinações da autoridade competente. Foram encontrados vários modelos de diplomas. Expomos um de cada década estudada (anexo 7).

A formatura – “o rito de legitimação”, momento de consagração da diferença, um ritual que, segundo Bourdieu, objetiva “[...] fazer ver a alguém o que ele é e ao mesmo tempo lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade” (BOURDIEU, 1996, p.100).

No final do ano, realizava-se a formatura das estudantes, em ritual solene, com a presença das irmãs, professores, autoridades civis e religiosas. A solenidade seguia o programa oficial de escola normal do Estado, com alguns elementos particulares da educação salesiana: abertura solene da sessão pelo inspetor escolar; e, em alguns momentos da cerimônia, apresentação de cantos, música ao piano ou violino; saudação às autoridades presentes; Hino Nacional; compromisso

das professorandas; entrega dos diplomas; entrega do prêmio¹⁰⁴ Dom Bosco; discursos do paraninfo e da oradora da turma; encerramento. A missa, em ação de graças, antecedia à sessão da colação de grau. A solenidade de formatura era marcada em dois espaços diferentes – na capela e no salão da escola, (durante a reforma deste, a cerimônia acontecia no “*Automóvel Club*” da cidade).

O que marcou muito as ex-normalistas e as antigas professoras, daquele período, foram as festas de formatura. Foram analisadas todas as crônicas que descreveram este evento durante as 16 turmas de formandas entre 1943-1961.

A formatura das normalistas, sempre tradicionais, muito concorridas, vinha os pais, padrinhos; entravam sempre com aquela procissão, alunas, padrinhos, paraninfo. Na capela grande do colégio acontecia a missa e a entrega do diploma de catequista, a entrega dos certificados era no salão (*Canário*, prof^a 1959-1961).

QUADRO 9: Total de turmas, data da formatura e total de normalistas formadas – internas e externas do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos - RJ

Nº da turma	Dia e ano da Formatura	Total de normalistas	Internas	Externas
1ª turma	12/12/1943 ¹⁰⁵	4	2	2
2ª turma	16/12/1945	4	3	1
3ª turma	14/12/1946	15	5	10
4ª turma	13/12/1947	10	2	8
5ª turma	10/12/1949	10	3	7
6ª turma	10/12/1950	6	3	3
7ª turma	10/12/1952	22	3	17
8ª turma	08/12/1953	27	9	18
9ª turma	11/12/1954	29	5	24
10ª turma	10/12/1955	27	12	15
11ª turma	08/12/1956	36	10	26
12ª turma	14/12/1957	36	8	28
13ª turma	13/12/1958	40	5	35
14ª turma	15/12/1959	40	11	29
15ª turma	14/12/1960	47	10	37
16ª turma	13/12/1961	40	12	28
Total - 16	-	393	103	290

Fonte: ACENSA. No período da pesquisa, o ano de 1960 é o que traz o maior contingente de formandas, 47 normalistas. (Obs.: de 1943 até 2012 foram 2.551 formandas/os).

Os rituais se repetiam em cada uma das **formaturas**: pela manhã, missa festiva celebrada pelo bispo (11 vezes), na ausência deste, era um celebrante

¹⁰⁴ Àquela que obtivesse a melhor média durante o curso normal.

¹⁰⁵ “Às 7h santa missa festiva celebrada pelo arcebispo Dom Octaviano P. de Albuquerque. Às 14h solene canto do “*Te Deum*” e benção eucarística precedida de bela prédica ocasional feita pelo Monsenhor Julio Moura e, logo após, em sessão festiva, no salão, vêm distribuídos os diplomas de normalistas. A palavra do paraninfo, Inspetor Estadual, Carlos Henrique Silva, é cheia de conselhos pedagógicos, o seu discurso foi muito apreciado e também o da normalista Juracy Barros Rosa. Os cantos executados mereceram louvores. Julio Moura encerra a reunião com belas palavras de louvor ao Colégio que tanto bem vem operando nesta cidade. Louvores sejam dados a nossa cara Mãe Maria Auxiliadora” (Cron. CNSAC, 12/12/1943).

importante, como o superior dos redentoristas, o Padre Jomar Vasconcelos, Diretor do Ensino Religioso do Ensino Secundário da Secção de Campos e Monsenhor Ochoa. A data geralmente era escolhida num sábado (sete vezes), ou domingo (três vezes).

Festa da Imaculada e formatura. A jornada começa com a missa festiva na Catedral às 8.30' para celebrar as novas mestras e concluintes de 1953. Segue a solene cerimônia do juramento das catequistas que recebem da mão do bispo, o diploma. Do púlpito o bispo benze os anéis. Às 16h no salão da cidade “Automóvel Club” se realiza a cerimônia da entrega dos diplomas e certificados as normalistas e ginásianas. Tudo se desenvolve brilhantemente para a satisfação de todos (Cron. CNSAC, 08/12/1953).

O curso normal era de alta categoria, inclusive o exame de religião era feito por Dom Antônio. As normalistas estudavam no catecismo de *Collie*, difícil, cheio de anotações ao pé da página, que deviam ser decoradas e fazer o exame oral com o Bispo. Recebiam o diploma de catequistas assinado por ele (*Gaivota*, profª 1958-1960).

Durante a missa, as normalistas recebiam o anel e o diploma de catequista das mãos do bispo ou do seu representante. O diploma era assinado também pela salesiana Ir. Zilda Castro. Elas assumiam perante todos que seriam outras “auxiliadoras”, outras *cuidadoras* da educação religiosa cristã, “professoras catequistas”, fazendo este juramento:

Eu, N..., professora primária de Religião, cõnscoa de meus deveres para com a Santa Igreja e os alunos que me forem confiados, prometo, com a graça de Deus, cumpri-los fielmente, e dar o exemplo de vida cristã que pede a Igreja daqueles a quem confia a missão de formar fiéis nos rudimentos da Religião. Eu, N..., firmemente creio e professo todos e cada um dos Mistérios da nossa Santa Religião Católica, e tudo quanto nossa Santa Madre Igreja nos propõe para crer. Detesto e condeno todos os erros condenados pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Assim nos ajude Deus e estes Santos Evangelhos que toco com minhas mãos.

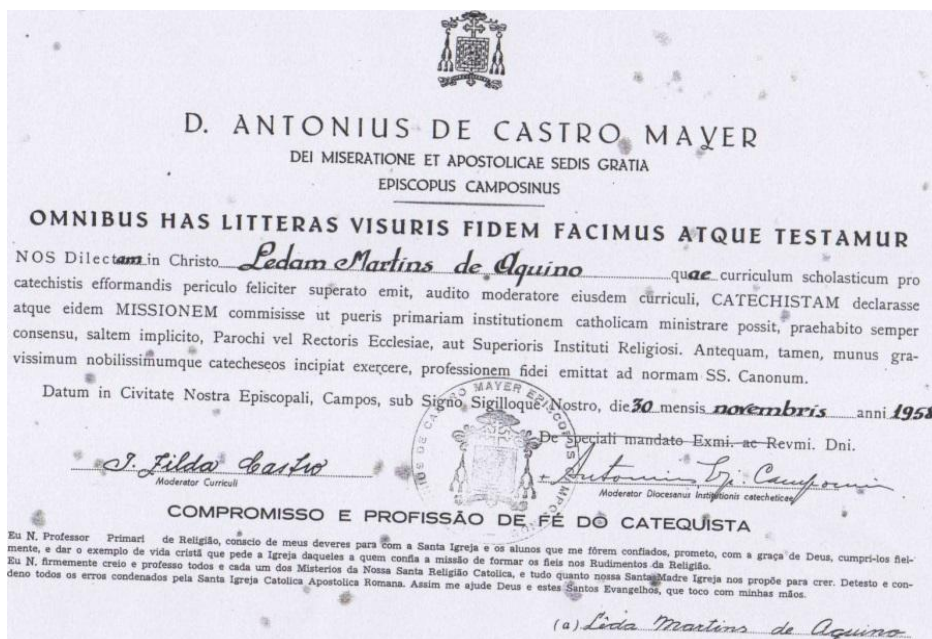


Figura 15: Diploma de Catequista das Normalistas do Colégio Auxiliadora de Campos - 1958

Fonte: Leda Martins de Aquino

À tarde, entre 14 e 16h, canto do *Te Deum* e a Bênção Eucarística, a passeata de automóveis pelas principais ruas e avenidas da cidade e culminava a noite com a festa, a academia e exposição de trabalhos para os pais, parentes, amigos e autoridades. O auge da festa acontecia neste horário (13 das 16 formaturas foi à noite). Sessão solene de entrega dos diplomas na presença de autoridades civis e eclesiásticas, geralmente presidida pelo Inspetor Seccional ou pelo Bispo.



Figura 16: Formandas e seus pais ou Padrinhos, 1947

Fonte: Zilda Venâncio Petrucci



Figura 17: Formandas de 1948¹⁰⁶

Fonte: ACENSA

¹⁰⁶ Ir. Tereza Maritano (Diretora); Inspetora de ensino; Paraninfo; Maria Queiroz; Dr. Mario Goulart (professor), outros...



Figura 18: Formandas 1952
Fonte: ACENSA



Figura 19: Formandas 1953
Fonte: Ivandra Barcelos

Eis um programa dessas solenidades:

Em 1960: Parte artística: canto do “Hino de Despedida” de Anfossi, declamação da poesia “Exortação” pela Professoranda Magdala França Vianna e, ao piano, foi executada a Sinfonia do Guarany de Carlos Gomes. Condecoração das primeiras classificadas em estudo e discurso do Parainfo, Pe. Virginio Fistarol, inspetor salesiano, falou sobre o sistema preventivo e a necessidade de sua aplicação, terminando por presentear a cada uma de suas afilhadas com um exemplar de ‘Dom Bosco Educador’, disse no seu pronunciamento: A função da professora é servir a Pátria e a família (Cron. CNSAC, 14/12/1960).

Em alguns anos, foi registrado que, após a função da entrega dos diplomas, era ofertada uma mesa de doces e chocolate às normalistas, familiares e amigos. A cronista narra em 14 de dezembro de 1946: “A capela, o salão e o refeitório pareciam um jardim florido, mesa de doces ofertada aos presentes e orquestra, tudo pago pela Maria Queiróz, paraninfa da turma” naquele ano e em 1952.

Outros paraninfos citados: o Inspetor escolar, Carlos Henrique Silva (1943), os prefeitos da cidade: 1945 e 1959, o bispo Dom Antônio Mayer em 1950, 1957 e paraninfo de honra (1959), Dr. Décio Cretton em 1957 (Folha do Povo, 15/12/1957 p. 3), o Padre José Vasconcelos/SDB, em 1956 e 1958.

Em 1954, Dr. Miguel Couto, eleito Governador do estado, delegou a função ao Dr. Hernani Carvalho Inspetor Federal do Curso primário. Naquele ano, houve uma polêmica publicada no Jornal *Folha do Povo* (ano VIII, nº 396 de 18/12/1954, p.1): “Um convite põe em cólicas o PSD campista e a direção de um Colégio Católico” (anexo 5). A crônica da casa foi comedida, não fez qualquer

comentário referente a esse artigo, aos comentários e polêmicas levantadas, tudo é silenciado.



Figura 20: Dom Antônio, no Auxiliadora
Fonte: ACENSA (1954)¹⁰⁷.



Figura 21: Formandas de 1955
Fonte: ACENSA

Solenidade da entrega dos diplomas e certificados. São 29 normalistas e 60 ginasianas. O padrinho das normalistas é o Dr. Miguel Couto, eleito governador do Estado, mas não podendo vir por motivos imperiosos, delegou o Dr. Hernani Carvalho, inspetor Federal do curso primário. As 8.30, missa festiva na catedral, com a presença dos familiares. O ato solene da entrega dos certificados e diplomas se realizou a noite com grande imponência no nosso salão de teatro, inaugurado para esta circunstância. Estavam presentes muitas autoridades, o bispo, o vigário geral, outros sacerdotes entre eles o P. José Vasconcelos, salesiano. Os dois inspetores: estadual e federal, o prefeito da cidade e outros. A solenidade se desenvolveu a contento de todos (Cron. CNSAC, 11/12/1954).

Algumas oradoras das turmas: Juracy Barros Rosa (1946); Arlete Arruda Felix (1947); Maria Conceição de Moraes Coutinho (1952); Yvone Moreira Marchon (1957); Maria Angélica Cerqueira Marins (1960) e Thereza Maria Pereira da Silva (1961). A cronista da casa anota que Thereza “Apontou as suas companheiras, em suas magistrais palavras, *a meta a seguir como educadoras cristãs, e mais ainda, como educadoras salesianas formadas pelo sistema preventivo* do pioneiro da educação, o humilde pastorzinho dos Becchi, - São João Bosco” [grifo nosso]. Não foi encontrado nenhum dos discursos das oradoras, somente estes comentários que confirmam a tessitura católica destas professoras.

Outro ritual que marcou esta escola de professoras foi o **encerramento do ano** com as normalistas. Acontecia sempre no mês de novembro, de preferência

¹⁰⁷ Turma de formandas de 1954 – Inauguração do novo auditório (Dr. Abelardo Vasconcelos; Dom Antonio de Castro Mayer; Pe. José Vasconcelos; Ir. Tereza Maritano (Diretora); Ir. Eunice Grossi; Ir. Maria da Conceição Pinheiro) Fonte: ACENSA.

no dia 24 que é o dia dedicado a Maria Auxiliadora¹⁰⁸. A cronista anota este evento nos dias 24 de novembro dos anos: 1943, 1946, 1950, 1952, 1954 e 1957. Outras datas registradas: 23 e 17 de novembro. Começava pela manhã, na Igreja, oferecendo flores, especialmente lírios, símbolo de pureza e agradecimento para a Auxiliadora dos Cristãos. Em seguida, faziam a “Consagração a Nossa Senhora”. Logo após, no salão, havia a distribuição de prêmios de conduta, religião e estudo. A diretora dava alguns lembretes para o período das férias que se aproximava.



Figura 22: Turma de 1956
Fonte: ACENSA.



Figura 23: Turma de 1959¹⁰⁹
Fonte: ACENSA.

Os ritos de passagem constituem uma tentativa de superação dos problemas que as diversas fases da existência suscitam, esses ritos constituem um meio de interação social, mediante símbolos icônicos (gestos, palavras, objetos utilizados numa cerimônia). “Havia um incentivo, especialmente nas festas de Nossa Senhora e do Coração de Jesus para o bom comportamento, com disputa entre alunas e turmas, através de indústrias, florzinhas”¹¹⁰ (*Rosa*, turma 1957), as “normalistas deixam aos pés de Maria, como generosa oferta, os atos de virtude da semana, conseguidos com sacrifícios, em uma belíssima cestinha aos pés do altar de Maria, cantam e declamam em sua honra” (Cron. CNSAC, 08/05/1954).

¹⁰⁸ A grande festa, a solenidade de Maria Auxiliadora é no dia 24 de maio; nas casas salesianas, é comemorada esta data todos os meses.

¹⁰⁹ 1- Madre Palmira, 2- Ir. Irene Lanna 3- Ir. Odete Lamy 4- Ir. Anita Felix 5- Ir. Alzira Miranda 6- Ir. Joana Rodrigues 7- Ir. Yolanda Ladeira.

¹¹⁰ “Indústrias” e “florzinhas” são pensamentos indutores de práticas específicas que ocupassem a mente da aluna durante todo o decorrer do dia. Eram formas criativas, “plásticas”, de colocar em prática as virtudes almeçadas, por exemplo: falando da bondade e como a jovem deveria ser bondosa se fazia uma escada ou outro desenho perto de N. Senhora ou do Coração de Jesus, com flores, carneirinhos etc e a cada gesto de bondade que a jovem praticasse ela mesma ia elevando o seu símbolo que geralmente tinha o seu nome, até ficar bem próximo de Maria. Ou eram espinhos no Coração de Jesus e cada gesto de bondade você retirava um espinho.

Os rituais são atividades naturais encontradas, mas não confinadas a contextos religiosos, estão sempre em toda parte presentes na vida. Esses rituais são inerentemente sociais e políticos, não podem ser entendidos isolados do mundo, eles tornam-se parte dos ritmos socialmente condicionados, historicamente adquiridos e biologicamente constituídos. Eles são as forças geradoras através das quais nós, enquanto atores sociais, julgamos nossos conflitos instintivos com a cultura que nos cerca com símbolos públicos e privados, ao mesmo tempo eles são os mecanismos articuladores do controle social que literalmente "nos coloca no lugar". Os rituais podem ser considerados como encarnações gestuais dos estados interiores cognitivos ou afetivos, pois os gestos são metáforas do corpo, apontando para além de si mesmos, dotando rotinas e costumes de um significado mais amplo.

O estado de estudante refere-se a uma adoção de gestos, disposições atitudes e hábitos de trabalho esperados do "ser de uma estudante". As alunas eram forçadas a entrar nesse estado mediante um sistema de prêmio e punição ritualizado e institucionalizado, "tínhamos nota de comportamento (excelente, ótimo, bom, regular, sofrível). Se chegasse atrasada ficava ao lado da fila, em alguns casos alunas sem recreio. Filas impecáveis para entrar e sair da sala de aula, silêncio absoluto nos momentos de estudo individual" (*Angélica*, turma 1955), "[...] ajustei-me bem aos regulamentos da escola. O uniforme, nem tanto: meias compridas, saia pregueada, mangas compridas, blusa branca, é que eu não conseguia conservar limpa" (*Acácia*, turma 1950).

McLaren chama de "estado de casa" os pais compartilharem papéis de autoridades semelhantes aos dos professores. As regras normativas que governam o estado de casa parecem, em muitos casos, ser semelhantes às da escola. Isto quer dizer que eles se sobrepõem e se inter-relacionam, "a disciplina da escola era rigorosa, mas era a mesma usada nas famílias, o respeito, a obediência" (*Angélica*, turma 1955).

Os rituais da escola tendem a servir para unificar o domínio público e não são sempre simbolicamente ponderados na direção de reproduzir a opressão, são maneiras implícitas de interiorizar valores e normas da ideologia dominante.

Tudo induzia as alunas a aceitarem as regras e a se deixarem educar e moldar por essa "pedagogia ambiental", fortemente impregnada de piedade, trabalho,

serenidade e harmoniosa convivência. Poucas “resistiam” e, aos poucos, acabavam se encaixando no estilo da escola, até para não serem “diferentes”. Na época, isso ainda era possível, dentro de certa homogeneidade de classe social, sexo (só feminino), tipo de família e cultura (*Colibri*, profª 1957-1960).

Segundo o depoimento das ex-alunas, as normalistas da Escola de Professoras do Auxiliadora eram bem vistas pela sociedade campista. As entrevistadas disseram que eram valorizadas, “na cidade não havia faculdades... Afinal, era a conclusão de uma fase da vida da mulher. Poucas faziam faculdade, pois deveriam mudar-se de cidade, em geral para o Rio de Janeiro” (*Orquídea*, turma 1950).

Muito bem vistas, competentes, responsáveis... Quem saía deste colégio, saía com uma base sólida de formação, principalmente cristã, com um emprego garantido pois passava tranquilamente nos concursos;[...] com muito orgulho, a profissão era reconhecida e apreciada pela sociedade (*Gaivota*, profª 1958-1960).

A sociedade campista estimava, valorizava as professoras muito mais do que hoje e ser professora dava um *status* maior que o de hoje, mesmo que a remuneração não fosse alta, parecia compatível com a situação feminina da época. A sociedade valorizava as professoras, mas esta profissão era muito feminina (*Colibri*, profª 1957-1960).

As entrevistadas, ao comentarem sobre rivalidade entre as normalistas do Auxiliadora e de outros colégios da cidade, disseram que havia um pouco, “porque fomos das primeiras instituições particulares, no Estado, a termos nosso curso equiparado ao do Instituto de Educação. Tivemos que fazer o concurso público para cursar o Normal, mesmo já tendo escolhido o Colégio das Irmãs” (*Orquídea*, turma 1950). Outra afirma que “sempre houve certa rivalidade entre o Auxiliadora, o Liceu e o Colégio Batista, disfarçadamente, ainda perdura... Acredito que o colégio Batista seja por causa da religião, o fundador era um ex-padre” (*Gaivota*, profª 1958-1960). Quanto às educadoras, disseram que não, mas que “existia um pouco de provocação de algumas alunas do Instituto de Educação e, reciprocamente, de algumas alunas do Auxiliadora” (*Colibri*, profª 1957-1960). Quatro das entrevistadas disseram simplesmente não haver rivalidade entre as escolas, pelo menos que se lembrassem.

Em relação à religião professada: “as alunas não eram todas católicas, mas as que não eram, não se manifestavam, a gente ficava sabendo que não eram católicas por baixo do pano, pois participavam de tudo que a escola oferecia” (*Gaivota*, profª 1958-1960).

Ao perguntar como elas se sentiam “moldadas”, como foram “tecidas” para serem professoras católicas, responderam:

Sinto-me fruto de uma educação que contribuiu muito no senso de responsabilidade e sensibilidade social, de cidadania e de uma fé prática e coerente. Quanto à profissão, deu-me o gosto e a paixão pela educação. Não fui prejudicada. O que sempre me deixou intrigada foi o fato de viver num ambiente simultaneamente exigente e rico em calor humano. Sentia-me querida, amada pelas Irmãs, professores e colegas; foram-me dadas oportunidades múltiplas de desenvolver os mais diversos dons, culturais, sociais e religiosos. Meus anos de colégio foram muito felizes! (*Orquídea*, turma 1950).

As normalistas eram preparadas, curricular e teoricamente, para o ministério de professoras e tinham um período de estágio e prática de ensino nas classes primárias da mesma escola, no último ano do curso. Mais do que isto, eram fatores formativos: o exercício da responsabilidade pedagógica, a firmeza nos conteúdos, os bons hábitos adquiridos, o Sistema Preventivo como linha de conduta na educação, e não só instrução de alunas (*Colibri*, profª 1957-1960).

A escola normal voltava-se para a educação feminina como parte do projeto civilizador da nação de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da educação familiar e do fortalecimento da família. Durante as primeiras décadas do século XX, o magistério e a enfermagem representaram praticamente as únicas carreiras abertas às mulheres. O fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar. Mantinha-se a ordem social vigente e as mulheres que reivindicavam por educação teriam uma escola que lhes proporcionaria isso e ainda forneceria um diploma que lhes permitiria sustentar-se em caso de necessidade. *Cuidar* de crianças e educá-las era o destino que se esperava que fosse cumprido. Alicerçava-se assim o ideário proposto e se perpetuava a tradição. A função materna, *cuidadora*, não era mais apenas biológica, mas principalmente social e patriótica.

Podemos perceber que, na Escola de professoras anexa ao Auxiliadora no período de 1942 a 1961, a educação desenvolvida privilegiou mais do que os saberes ensinados e aprendidos, um elemento “não dito” que se dava pelo campo de experiência, do cotidiano ritualizado. Eram princípios que marcavam, para além do pedagógico, o discurso religioso. Valorizava-se a assistência contínua, o bom trato, as regras claras e precisas, a correção feita pelo bem querer, obediência pronta, espírito de piedade. Era preocupação da escola para além das práticas

ritualizadas do cotidiano escolar, que a futura professora saísse formada com a síntese conhecida e aprendida entre teoria, prática de sala de aula e a vivência religiosa para escolher o melhor método a ser adotado futuramente na profissão, elas seriam outras “*auxiliadoras-cuidadoras*” no seu ambiente de trabalho. Percebemos que o ensino teria levado em consideração a prescrição católica de que a educação diz respeito a um todo harmonioso, em que as atividades são endereçadas ao fim último do ser humano. “O Auxiliadora muito contribuiu para a minha formação. Eduquei meus filhos e alunos com os valores lá aprendidos. Valeu muito!” (*Tulipa*, turma 1958).

As fontes documentais da escola deixam claro que havia a preocupação não só com conteúdo que as professorandas deveriam aprender para transmitir às crianças, mas principalmente com o modo de ensinar. Mas era a formação religiosa das futuras professoras que recebia tratamento e destaque especial. Para um maior conhecimento da religião católica, contribuía as aulas de religião e o curso para catequista. A finalidade da formação religiosa seria oferecer às alunas uma espécie de “proteção” contra os chamados “perigos do mundo moderno”.

4.2.1. Atuação das Normalistas como Professoras nas Escolas de Campos e região

No início dos anos trinta, em termos simbólicos, a professora primária já estava pronta. As formas pelas quais ela era representada – “heroína”, “sacerdote”, “missionária”, “líder social” – era mais produto das circunstâncias sociais, políticas e culturais e da configuração de forças específicas de cada região. Pouco a pouco o diploma do curso normal é tornado imprescindível para o exercício do magistério (MÜLLER, 1999, p. 105-137).

No Curso Normal do Auxiliadora, das 393 alunas que se formaram entre os anos 1943-1961, foi possível identificar que 347 (88,29 %) (apêndice H) exerceram a profissão de professora em escolas públicas, algumas em escolas particulares; dentre estas quatro fundaram escolas particulares e 18 foram professoras universitárias.

Como fundadora de escola, procurei desenvolver uma formação integral - religiosa: preparei mais de 40 turmas para a 1ª Eucaristia, Coral na Escola e na Igreja, festas religiosas. Civismo, o amor à Pátria, respeito à Bandeira Nacional e os seus símbolos. Moral: acompanhamento, orientando com aulas especiais e a parte intelectual de acordo com a pedagogia do Estado. Algumas ex-alunas

salesianas trabalhavam na minha Escola, parecia até uma extensão do Auxiliadora (*Angélica, turma 1955*).

Essas normalistas eram filhas¹¹¹ de fazendeiros (26), comerciantes (23), lavradores (10), tabeliães (6), médicos (6), usineiros (4), negociantes (3), engenheiros (2), advogados (2), dentistas (2), e de funcionário público, ferroviário, motorista, empresário, escriturário, farmacêutico, gerente de usina, economista, fiscal de renda, corretor de imóveis, professor (1). As mães, nesse período, se identificaram, quase todas, como “do lar”, sete como professoras, uma telefonista, uma costureira.

O contato com as fontes documentais direcionou nosso olhar para a diversidade da clientela atendida e concluímos que nem todas eram de classe média e alta, havia jovens pobres. O Colégio Auxiliadora formou professoras de origens diferentes.

Instaladas em Campos, as irmãs iniciaram as atividades educativas no colégio e no oratório festivo, logo mais no orfanato, escola doméstica e noturna. Entre as normalistas, havia alunas da classe média como também alunas bolsistas ou gratuitas. A *Folha do Povo* (26/03/1960 p. 1) traz a relação dos alunos do município de São João da Barra que obtiveram bolsa de estudo do governo em estabelecimentos de ensino de Campos, entre as internas do Auxiliadora houve uma normalista do 2º Normal, Maria Edite Codeco Coelho de Almeida.

O jornal, *Folha do Povo*, 26/03/1960 na p. 1, traz uma lista de professores diplomados de Campos e São João da Barra que obtiveram classificação no concurso para lecionar. Das 56 professoras classificadas, 12 eram ex-alunas do Auxiliadora.

Para lecionar em Campos (43 passaram, 10 eram do Auxiliadora):

- Amarylis Tinoco dias (turma 1959).
- Arlene Neto Campelo (turma 1957).
- Benedita Pereira Gomes (turma 1955).
- Egnez de Maria Alves (turma 1958).
- Helena Tinoco Dias (turma 1959).
- Lais Soares (turma 1958).

¹¹¹ As profissões citadas foram as que se encontram registradas na ficha de matrícula das alunas, muitas fichas estão sem essa informação.

- Leda Aquino (turma 1958).
- Maria Tereza Carvalho Nogueira (turma 1957).
- Marlene Oliveira Barreto (turma 1958)
- Neide Raparine de Almeida (turma 1952).

Para lecionar em São João da Barra (13 passaram, duas do Auxiliadora):

- Therezinha Bastos Monteiro Costa (turma 1952).
- Wilma Armindo Felix (turma 1954).

4.3. A Comunidade Educativa “família-cuidadora” e a profissionalização das Salesianas da Escola de Professoras

Fim único: educação cristã das alunas, sua formação para a vida. [...] *O nosso trabalho como assistente ou professora, é simplesmente este: 1) fazer amar e praticar a religião; instruir, dar bom exemplo; 2) ser exatas, pontuais; vigiar maternalmente sempre, na forma sugerida no nosso sistema; velar sobre companheiras, livros, lugares frequentados; as assistentes devem aconselhar, orientar. 3) Advertir as que estão ao seu cuidado, atentas as mudanças de comportamento e tendências para dizer a breve palavra que encoraja, sustenta, salva!* (VESPA, A. Carta Circular nº 313, 24/10/1947) [grifo e tradução nossa].

Das fontes, colhemos que a missão educativa não é só fruto de entusiasmo, de zelo apostólico e de formação religiosa, requer uma preparação pedagógica adequada. Dom Bosco estava consciente disso, como se evidenciam, entre outras, as temáticas tratadas no primeiro capítulo geral da Congregação Salesiana, em 1877. Naquela assembleia, tratou-se da missão das Irmãs e da necessidade de cuidar adequadamente da formação profissional, de modo que elas se habilitassem para “*assumir o cuidado da educação das jovens dos vários países, especialmente das pobres e abandonadas*”, e fizessem pelas meninas o que os salesianos faziam pelos meninos (VERBALE, 1877, p. 139, *apud* CAVAGLIÀ, P.; COSTA, A. 1996, 196-201).

O elemento fundamental de toda instituição salesiana, para assegurar uma ação educativa e para dar respostas concretas às demandas e às necessidades das novas gerações, é a presença de uma **comunidade educativa**, pois a educação é exercício de humanização, e a tarefa educativa conta com a efetiva participação de todos os membros da comunidade na construção e realização do projeto. Nela se busca a convergência e a continuidade de intervenções educativas que envolvem

não só as crianças, adolescentes e jovens com seus educadores, religiosas e leigos, mas também os pais e as ex-alunas.

A vida comunitária, animada do “espírito de família”, é uma experiência que confirma a linha do “*assumir o cuidado*” uns dos outros, no acolhimento das diversidades e na valorização recíproca, colocando os dons a serviço da vida.

Quanto a métodos aplicados (como era o sistema de ensino), o que era mais valorizado no Sistema Preventivo: a razão, a bondade, a religião, a familiaridade, formação humana, cristã, valores para a vida familiar e profissional, o diálogo, a valorização da criatividade, as festas e o esporte; o incentivo e apoio formativo para a liderança nos movimentos religiosos de catequese e promoção social junto a comunidades populares. Os valores humanos cristãos que, coincidiam com os valores transmitidos também por minha família. Eles foram incorporados em minha vida e constituíram a base de meu agir e viver (*Orquídea*, turma 1950).

Se procuro fazer uma análise menos racional sobre a questão, acredito que o que mais me marcou foi a alegria, a bondade, com jeito de familiaridade, de confiança, sempre me senti acolhida (*Garça*, educadora 1943-1950).

Para o bom desempenho da tarefa educativa, vista como crucial na disseminação do ideal cristão, as salesianas entendiam a qualificação do/a professor/a como um elemento fundamental, o que justificava o encaminhamento de ações diversas destinadas a disponibilizar os saberes considerados necessários à formação das normalistas. As salesianas apresentavam sua visão de magistério – apoiada, por sua vez, na própria concepção de “educação integral”, sobre a qual duelavam com os “escolanovistas”, integrando ciência e fé, razão e espiritualidade, amorevolezza [bondade, afeto].

Do cruzamento dos dados dos mapas de movimento dos professores do curso normal dos anos de 1942 a 1961, encontrados no arquivo da secretaria do Colégio e dos relatos orais das seis antigas professoras entrevistadas, e questionários respondidos por 17 ex-normalistas da escola de Professoras do Auxiliadora, podemos aferir que o corpo docente dessa escola era formado, em sua maioria, por Irmãs Salesianas e pouquíssimos professores leigos. Dos 62 docentes, 53 (85,53 %) eram religiosas e nove (14,46%), leigos (não religiosos). Dos nove leigos, seis eram mulheres e somente três homens. Entre todos os professores, a porcentagem de professores do sexo feminino era 95,16% e do sexo masculino somente 4,84 %. No entanto, eles permanecem no Colégio por um longo período.

QUADRO 10: Número de Professores, religiosas e leigos, que atuaram no Curso Normal do Colégio Auxiliadora a cada ano

Anos	Professoras religiosas	Professoras leigas	Professores leigos
1942	5	-	1
1943	5	-	1
1944	6	1	-
1945	5	1	-
1946	8	1	1
1947	6	1	1
1948	9	1	1
1949	12	1	1
1950	9	1	-
1951	8	1	-
1952	11	1	-
1953	8	1	-
1954	10	1	-
1955	9	1	-
1956	11	-	-
1957	12	1	-
1958	10	2	1
1959	10	2	1
1960	9	1	-
1961	8	4	1

Fonte: ACENSA; Mapas de professores (1942-1961) organizado por LOPES.

Conforme o observado, os docentes dessa escola possuíam registro ou autorização para lecionar, porém houve exceções de professoras com justificativas nos quadros de pessoal cuja documentação já estava encaminhada¹¹².

Trabalharam no Auxiliadora, naquele período, além das 53 Irmãs professoras e dos nove docentes leigos, cinco diretoras gerais do estabelecimento, cinco conselheiras escolares ou diretoras de estudo, seis Irmãs secretárias e seis tesoureiras/ecônomas. A comunidade educativa¹¹³ do Auxiliadora era grande, havia as conselheiras da casa e escolares¹¹⁴, as professoras, a ecônoma, a secretária, as assistentes do externato e a do internato, assistentes de dormitório,

¹¹² “Em princípios de 1945, foram enviados ao Departamento de Niterói todos os papéis necessários ao registro em Psicologia, Pedagogia e Prática de Ensino, da Ir. Maria José Pinheiro. Até esta data (03/01/1947) nenhum despacho relativo ao mesmo” (PINHEIRO, 1947).

¹¹³ O Manual Regulamento das FMA de 1928, que dá as aplicações práticas das Constituições de 1922, traz os artigos referentes à comunidade educativa: Art. 279 a 288 – 1ª conselheira ou vigária; Art. 289 a 296 – 2ª conselheira; Art. 297 a 305 – Ecônoma/tesoureiras; Art. 306 a 320 – professoras de estudo e de trabalho; Art. 321 a 333 – assistentes; Art. 334 a 337 – despenseiras; Art. 343 a 348 – cozinheiras; Art. 349 a 355 – roupeiras; Art. 356 a 361 – porteiras; Art. 362 a 365 – sacristãs; Art. 366 – 377 – encarregadas do teatro.

¹¹⁴ O Conselho local é eleito pela Inspetora/Provincial e seu Conselho. O Conselho Inspetorial é eleito pela Madre Geral e seu Conselho, (fazendo antes uma pesquisa junto às irmãs que votam em três nomes) normalmente permanece no cargo 3 anos. São 3, 5 ou 7 pessoas, dependendo do número de pessoal da inspetoria ou casa. Elas têm voto deliberativo nas decisões mais importantes.

de refeitório, enfermeira, cozinheira, lavadeira, roupeira, porteira, a responsável pelo oratório festivo, pelas órfãs, pela catequese paroquial¹¹⁵.

Ao “*assumir o cuidado*” das jovens, no estilo do Sistema Preventivo, a comunidade tinha por finalidade ajudá-las a descobrir o projeto de Deus para a vida e realizá-lo como condição da própria felicidade e como caminho da santidade na trama do cotidiano.

As **Diretoras** da Escola de Professoras – mulheres consagradas às suas educandas: “a diretora deve consagrar-se totalmente a seus educandos: jamais assumir compromissos que o afastem das suas funções” (BOSCO, 1877), “deve ter três qualidades especiais: rápido para perdoar; lento para punir; rapidíssimo para esquecer” (MB VIII, 416).

Na pessoa da diretora, está o núcleo da pedagogia prática de Dom Bosco. Ela é o ponto de coesão e de dinamismo de toda ação educativa. Mais que administrativa e diretiva, sua função é educativa, ou seja: ele é a mãe da comunidade que, com *amorevolezza*, conquista a afeição confiante e filial do educando traduz a pedagogia do ambiente numa pedagogia pessoal e individualizante.

Era a responsável da escola perante as autoridades escolares e civis, como também ante as famílias das alunas. O oratório festivo, as associações dependiam dela. Entre suas características destacam-se: a amabilidade, a cortesia, a capacidade de animar, entusiasmar e de criar horizontes, testemunhar a paternidade/maternidade de Deus, tornar-se próxima e conhecer as educandas, constituir em sua pessoa a sacralidade da presença do “Bom Pastor”, unir todos pelo ideal comum. Outras atribuições: cuidar para que os teatrinhos fossem conforme as orientações do Manual, procurar que a contabilidade fosse feita com

¹¹⁵ Exemplos: Em 1942 as Conselheiras do Auxiliadora eram as irmãs: Zilda de Assis Castro, Leontina Duarte, Alba Avé e Ondina Santos, esta última era a encarregada dos estudos, como diretora técnica, a conselheira escolar. Ir. Angelina Bocchi era a ecônoma, Ir. Otilia Michelin da rouparia, Ir. Justina Gretter da cozinha, Ir. Olga Gabriel secretária da escola, Ir. Maria José Goulart era enfermeira das irmãs e alunas internas e externas. Ir. Ana Zutin, responsável das órfãs e da ordem da casa. Ano de 1959: Assistente das internas: Ir. Heloisa Pereira da Rocha, Ir. Heloisa Murgel, Ir. Joana Fernandes, Ir. Maria Conceição Carneiro, Ir. Annita Felix de Sousa (1ª C), Ir. Niva Gomes (2ª C), Ir. Conceição Nogueira (ecônoma), Ir. Maria de Carvalho (secretaria e enfermagem), Ir. Sebastiana da Silva (cozinha), Ir. Maria da Gloria Almeida Pinto (portaria), Ir. Adalgiza Garcia (rouparia das internas), Ir. Maria das Dores Camargo (rouparia das irmãs), (*apud* Contra capa da Crônica do Auxiliadora nos anos: 1942 e 1959).

toda exatidão, zelar pelo arquivo e *costumiere* (livro dos usos e costumes da casa). Portanto, o papel da diretora salesiana era muito amplo.

É ela que, “no início do ano, reúne o pessoal docente e assistente para recordar as normas pedagógicas do fundador e exortar à unidade de método e à convergência educativa. Ao menos uma vez por mês visitará todas as salas de aula, fará conferência às professoras e assistentes” (CAVAGLIÀ, 1994, p. 200).

A diretora da Escola viajava a Niterói para afazeres referentes à Escola Normal, estava presente nos eventos promovidos pela província religiosa, levava representação de alunas da escola em eventos em Campos ou em outros lugares. [...] “A diretora viaja para São Paulo com seis candidatas à gincana catequética inspetorial” (25/10/1941).

A diretora com um grupo de alunas assiste a missa, na catedral, celebrada em agradecimento pela passagem do 64º aniversário do Instituto de Educação. Às 15h duas irmãs com um grupo de alunas representam o Ginásio na solene seção comemorativa. Com uma bela poesia, uma nossa aluna saúda o Instituto oficial da cidade, oferecendo-lhe um belíssimo crucifixo. Este gesto de cordialidade foi muito apreciado e recebido como prova de simpatia e solidariedade (Cron. CNSAC, 22/11/1944).

A diretora viajava para cursos, encontros, formação pessoal: “A chegada da diretora da Itália foi um verdadeiro delírio da parte das educandas e irmãs, os sinos anunciaram festivos o seu aproximar-se” (Cron. CNSAC, 23/08/1951). “A Ir. Diretora não se preocupava apenas com a administração da Escola, mas dedicava grande parte de seu tempo ao atendimento pessoal às alunas” (Colibri, profª 1957-1960).

A diretora mantinha um bom relacionamento com as autoridades escolares, o que transparece nas notícias sobre a vida da escola para a comunidade campista por meio do Jornal da cidade:

Despedindo-se, após seis anos de fecunda gestão, da direção do Ginásio e Escola Normal N.S. Auxiliadora, para assumir outros cargos no Instituto Auxiliadora de S. J. del Rey, em Minas, a irmã Irene Lanna dirigiu, ao inspetor seccional do ensino secundário em Campos, Dr. Tarcísio Tupinambá Gomes, um ofício: “Durante os seis anos da minha permanência neste estabelecimento, tudo fiz para que o ensino aqui fosse ministrado de acordo com as determinações do MEC. Sempre foi meu desejo atender às menores determinações das autoridades educacionais, e este dever procurei transmitir às nossas alunas” [...]. A transferência da diretora do Ginásio e Escola Normal N.S. Auxiliadora causou tristeza não só as alunas do educandário, e a seus professores e auxiliares de ensino, como aos inspetores federais e estaduais que nela viam as melhores qualidades de administradora e orientadora educacional (*MONITOR CAMPISTA*, 16/02/1961, p. 1 nº 32 ano 127).

QUADRO 11: As Diretoras da Escola de Professoras anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ

Ano	Diretora
1937- 1942	Ir. Verônica Farronato (Comunidade religiosa e geral) Ir. Oline de S. Santos (Diretora Técnica da escola de 1939 - 1942)
1943 -1948	Ir. M ^a Benedita Magalhães Braga (Comunidade religiosa e geral) Ir. Maria José Pinheiro (Diretora Técnica do Curso Normal de 1943-1948)
1949 - 1954 (1964-1965)	Ir. Teresa Maritano (Comunidade religiosa e geral) Ir. Maria de Faro Carvalho – (Diretora Técnica do Curso Normal de 1949; 1951-1953). Alexandrina M. de Godoy (Diretora Técnica do Normal – 1950) Ir. Joana Fernandes Rodrigues – (Diretora Técnica do Curso Normal – 1954-1960).
1955 - 1960	Ir. Irene Lanna (Diretora da Comunidade Religiosa e da Escola).
1961-1963	Ir. Maria Conceição Fernandes de Araújo

Fonte: ACENSA; Crônica da Casa; Elencos do Instituto, organizado por LOPES.

Encarnado, na maternidade da Diretora, o papel de uma verdadeira mãe, razão pela qual a Diretora jamais anunciava castigos ou decisões disciplinares, cabendo-lhe, no reverso, a prerrogativa de comunicar tudo que, de uma maneira ou de outra pudesse ser do agrado das alunas.

A 1^a Conselheira, ou Vigária, deveria cuidar das alunas. Tinha a responsabilidade da disciplina, dos hábitos das educandas, do horário das alunas, das professoras e assistentes. Cada sábado dava os votos de conduta, ordem e urbanidade; cuidava dos ensaios teatrais, das academias (Art. 380-389 in CAVAGLIÀ, 1994, p. 201).

Nos documentos oficiais do Instituto, a 2^a Conselheira era denominada “Conselheira Escolar” ou “Assistente Geral” da escola.

Era função prioritária dessa conselheira: promoção de encontros formativos para educadores e alunos. O seu papel postula, mais que segurança profissional, uma especial capacidade de tecer vínculos relacionais, construtivos e propositivos, a unidade e convergência de ações e metas. A Conselheira, muitas vezes, comparada à irmã mais velha, responsável pelos estudos, leitora das notas de comportamento, era uma mulher temida cabendo-lhe, a qualquer custo, a manutenção da disciplina; mas era também amada porque competia-lhe a condução de tudo o que quebrava a rotina da escola, as competições esportivas, a representação mensal de teatro, as excursões.

A **Assistente** geralmente era a jovem professora que ia aprender, na prática, a ser salesiana, uma vez que prevenir é da essência da prática do sistema salesiano de educar. A figura educativa da assistente no espírito salesiano “é chamada a ser a vida de cada ato comum; desenvolver as atividades entre as alunas, promover o entusiasmo, iniciar os jogos para ter todas as alunas concentradas no que fazem e participando alegremente dos divertimentos” (VESPA, C. C., 24/06/1953).

Em relação às pessoas que exerciam a função da assistência na escola, o documento “*Educazione Salesiana*”(1907) assevera que o seu trabalho deve ser ativo, buscar o bem intelectual e moral das alunas, por serem elas o objeto de todos os seus “*cuidados e atenções*” e no bem ensinar, assistir e encorajar, atendimento das internas nos momentos de estudo, refeições, recreios, passeios e repouso.

A metodologia preventiva é toda confiada ao **professor**. São chamados a ser totalmente “consagrados” aos alunos, seus “pais/mães, irmãos/ãs, amigos/as”, numa partilha de vida, idêntica a dos membros adultos da família, com um acréscimo emotivo, que ultrapassa a própria família, com relacionamento de qualidade, chegando à interioridade das consciências.

Professor, visto somente na aula, é professor e nada mais. Mas se está no pátio com os jovens, se torna irmão. Quem é visto somente falar do púlpito passa a imagem de quem está cumprindo uma obrigação, mas se fala uma palavrinha no recreio demonstra que ama (Cartas de Roma *apud* FERREIRA, 2008, pp. 86-101).

O professor é chamado a apresentar-se como modelo ativo de tudo o que, segundo a razão, a religião, a *amorevolezza*, tem de válido em si e, ao mesmo tempo, por meio disto se torna amável, atraente, estimulante, fascinante para o aluno, deve representar de forma dinâmica, em relação a todos os possíveis fins educativos, modelo de moralidade. Podemos, portanto, estabelecer como princípio invariável que a moralidade das alunas depende de quem as orienta, as assiste, as dirige. É a partir de uma “cosmovisão” católica, de determinados referenciais teóricos e convicções que os educadores salesianos escolhem valores, mediações, procedimentos e estratégias que configuram sua proposta educativa.

O professor é chamado a ser este “anjo” para seus educandos, o *custódio*, o *cuidador*, deve ser aquele que se preocupa não só com o saber, mas deve estar atento como um jardineiro que cuida de seu jardim, “em todo jovem, mesmo no mais infeliz, há um ponto acessível ao bem e a primeira obrigação do educador

é a de buscar este ponto, esta corda sensível do coração e tirar bom proveito" (LEMOYNE, 1905, p. 367). "As professoras eram 'brilhantes': tinham uma vasta cultura geral e muita criatividade do ponto de vista didático, eram nossas amigas!" (Garça, 1943-1949).

Nas escolas salesianas, o professor tem uma função muito além de realizar atividades ou ensinar conteúdos. Ele é presença constante ao lado dos jovens, apresentando um interesse sincero pelo educando, "*assume o cuidado*". Havia, na escola em estudo, grande preocupação, em formar professoras de acordo com as normas da pedagogia católica. "A relação era de muito respeito e as irmãs educadoras me transmitiram valores que conservo até hoje e sempre procurei transmitir aos meus descendentes" (Begônia, turma 1956).

As **secretárias**¹¹⁶, acreditamos que elas tinham consciência da importância do arquivo como fonte documental da escola, pois encontramos os arquivos muito bem organizados.

Às **tesoureiras**¹¹⁷ era confiada a administração geral, cuidavam da contabilidade e supervisionavam a casa a fim de que tudo fosse feito com ordem e limpeza. A Secretária e a Tesoureira/ECônoma eram escolhidas pela Diretora e pela Inspetora. Permaneciam no cargo "*ad nutum*" e suas atribuições eram determinadas pela Diretora (E 1958, Art. 8).

As **roupeiras** tinham a seu cuidado o enxoval das educandas bem como toda a roupa da casa. As **cozinheiras** zelavam para que a alimentação fosse sadia, de acordo com as normas da higiene, com qualidade e quantidade nutritiva.

Na comunidade educativa de Campos, havia um papel imprescindível, a presença do padre, **capelão do colégio**, guia espiritual dos educadores e educandas e, em particular ocasião, também conselheiro dos pais das alunas. A sua intervenção era relativa ao ministério sacerdotal, mas este era momento privilegiado de uma obra de formação mais ampliada e contínua, em colaboração direta com a diretora e os outros educadores.

¹¹⁶ Ir. Maria Teresina da Veiga (1937-1940), Ir. Augusta Azinda Medeiros (1941-1944) Ir. Olga Furmankiewicz (1945- 1948), Ir. Maria Hulda de O. Souza (1949 -1954), Ir. Niva Gomes (1955 - 1960), Ir. Elsie Martins Sette Câmara (1961- 1962).

¹¹⁷ Ir. Rita Ceron (1938), Ir. Maria Castagnari (1939), Ir. M. Jose Goulart (1940), Ir. Angelina Bocchi (1941-1947), Ir. Caterina Muratore (1948), Ir. Conceição Nogueira (1949-1960).

As crônicas revelam alguns sacerdotes que exerceram a capelania no Colégio Auxiliadora: Pe. Luiz Arione (1927-1928); Pe. Jayme Barbosa (1936); Pe. Venceslau Carvalho (1937); Pe. Pedro Maria de Oliveira (1938); Pe. Henrique Luiten (1939); Pe. Martinho (1941); Pe. Romeu Pedruzzi (1954-1959): “O Pe. Romeu, salesiano, era o nosso capelão e foi ele quem iniciou a construção do Colégio Dom Bosco. Depois vieram: o Pe. Raimundo, Pe. Davi e Pe. Nicolau. Eles moravam onde estava sendo construído o colégio e celebravam para nós” (Gaivota, profª 1958-1960).

Lembro-me de que um Sacerdote que ajudou bastante na formação das alunas foi o Pe. José Vieira de Vasconcelos que, periodicamente, fazia conferências para as alunas maiores e atendia às penitentes voluntárias que quisessem sua direção, no sacramento da Confissão (Colibri, profª 1957-1960).

Quando em Campos ainda não havia casa dos salesianos, as irmãs buscaram ajuda com os redentoristas e com o clero diocesano local; mas, nas festividades, vinha um salesiano de outra localidade, para assim, acreditava-se, manter o carisma congregacional, o “espírito salesiano”.

É necessário ter presente que o horizonte cultural da congregação religiosa feminina, fundado por Dom Bosco, era aquele europeu (italiano) e que foi transplantado para outros países, e que, desde a fundação do Auxiliadora, Dom Mourão garantia que era *modelar*, com um programa institucional bem delineado.

QUADRO 12: Nº de irmãs da Comunidade Educativa do Colégio Auxiliadora de Campos/RJ (1925-1961).

Ano	Irmãs	Ano	Irmãs	Ano	Irmãs	Ano	Irmãs
1925	7	1935	13	1944	21	1953	21
1926	6	1936	15	1945	20	1954	26
1927	9	1937	17	1946	21	1955	29
1928	10	1938	15	1947	23	1956	27
1929-30	9	1939	21	1948	20	1957	23
1931	8	1940	19	1949	21	1958	22
1932	9	1941	20	1950	18	1959	20
1933	6	1942	25	1951	21	1960	24
1934	8	1943	28	1952	18	1961	24

Fonte: Estatísticas da Crônica da casa; elencos do Instituto; lista de professores da escola (1925-1961), organizado por LOPES.

O quadro que traz o número de religiosas educadoras que moraram no Auxiliadora desde a fundação até o término desta pesquisa¹¹⁸ nos mostra um

¹¹⁸ No apêndice E há uma pequena biografia de várias irmãs que atuaram na Escola de Professoras de Campos.

aumento considerável de Irmãs, talvez seja um dos motivos para que houvesse poucos professores leigos atuando no colégio no período.

Algumas educadoras salesianas faleceram em Campos entre 1925-1961: “Depois de longa enfermidade que inspirava cuidados desde março, vem a falecer a caríssima Ir. Judith Sacchi, a primeira FMA que aqui chegou ao fim de sua peregrinação na Terra” (Cron. CNSAC, 31/08/1926). “O funeral de Ir. Teresa Quadros foi uma apoteose. Acompanharam-na ao cemitério: as irmãs, alunas, orfãs, Filhas de Maria, povo, todos chorando e bendizendo a cara extinta” (Cron. CNSAC, 10-11/09/1950; CARVALHO, 1991, p. 401). “Morre a Irmã Josefina Fonseca” (Cron. CNSAC, 07/06/1953).

As Salesianas, em Campos, atuaram também em Escolas Públicas com a Educação Religiosa, na Faculdade de Filosofia como professoras, e na pastoral diocesana, como coordenadoras da catequese, da ação social dos jovens e necessitados.

Nesse período, era pequeno o número de **funcionários externos** que atuavam no Colégio; as órfãs e as alunas da Escola Doméstica assumiam a maioria dos trabalhos da casa. Uma das entrevistadas recordou de algumas:

As Irmãs faziam muitos dos serviços. Lembro-me que, por um período, uma sala de aula que frequentei teve que passar para a tarde e o “ofício” da sala era feito por nossa assistente. Várias vezes, me senti na obrigação de ajudá-la. Em geral, as educandas da ‘Escola Doméstica’ cujos pais não podiam pagar a escola é que ajudavam nos serviços domésticos. Havia algumas funcionárias. Não me lembro de nenhum funcionário do sexo masculino (*Lírio*, turma 1957).

Professoras salesianas “peritas na arte maiêutica”. A **profissionalização das Salesianas**, conforme a “*Folha do Commercio*” de Campos:

O seu corpo docente, composto de ótimas professoras diplomadas e *educadoras modelares*, é, segundo nos informam, de absoluta e conhecida idoneidade. A educação que essas ótimas preceptoras ministrarão as suas alunas será mais completa que se possa desejar, pois, além da aprimorada educação moral, intelectual, cívica e doméstica, será objeto de especial *cuidado* a cultura física e artística das alunas. Está, pois, de parabéns a nossa cidade por mais este melhoramento que será sem duvida apreciado no seu extraordinário valor por todos aqueles que se interessam pelas mais puras e legítimas glórias da nossa terra (*FOLHA DO COMMERCIO* de 25/01/1925) [grifo nosso].

Quando Linda Lucotti¹¹⁹ era Conselheira Escolar do Instituto escreveu às diretoras e comunidades educativas falando da necessidade de professoras preparadas para levar avante as obras que a congregação possuía, acentuando que a educadora salesiana deve ser uma perita na arte “maiêutica”, ter um olhar que vai além da aparência e saber colher e fazer emergir os recursos escondidos, descobrir os dotes verdadeiros, não parar nas aparências.

Senti a necessidade de ter pessoal preparado, instruído, apto a sustentar a obra, porque a exigência cresce, a instrução e a habilidade nos vários ensinamentos ampliam o prestígio do instituto, atrai as juvenzinhas que a nós vem, e que devemos formar à vida cristã, *valendo-nos dos ensinamentos que a elas transmitimos* (LUCOTTI, E. in: VASQUETTI, L. Carta Circular nº 125, 24/02/1930) [tradução e grifo nosso].

Se considerarmos que as religiosas à frente da Escola de Professoras nasceram nas primeiras décadas do século XX, compreendemos que, para muitas delas, ingressar na vida religiosa pode ter significado muito mais do que a expressão de suas crenças. A julgar pelos questionários respondidos e pelas entrevistas realizadas, tinham também em vista a possibilidade de exercício de uma carreira profissional feminina valorizada em um período em que alternativas eram limitadas para as mulheres.

Por meio da ação destas religiosas, nota-se que a perspectiva de realização fora do casamento e da família de origem, mas sob o aval da Igreja Católica, dava espaço a uma carreira feminina que estava alicerçada sobre o exercício desta *maternidade* simbólica, praticada por meio das ações de socorro, do cuidado e da educação das crianças e das mulheres (PEROSA, 2009, p. 92) [grifo nosso].

Durante os anos do governo de Madre Ângela Vespa como Conselheira Escolar (1937-1955) e como Madre Geral (1958-1969), houve abertura a novas perspectivas relacionais nos ensinamentos e ela promoveu, em particular, a formação profissional e catequética das Irmãs, convicta de que, sobretudo em uma época caracterizada pela especialização e pela nova presença da mulher no mundo do trabalho, isto era particularmente urgente e necessário. Sem transcurar a eficiência organizativa, buscou, sobretudo, incrementar a formação pedagógica

¹¹⁹ Madre Linda Lucotti, Conselheira Escolar (1928-1937), Madre Geral (1943-1957), foi aluna de Casotti que aprofundou o método de Dom Bosco à luz da pedagogia contemporânea, em uma série de contribuições publicadas na revista *Scuola Italiana Moderna* (RUFFINATO, 2003, p. 285-287). Casotti, no seu empenho de promover e defender o patrimônio pedagógico católico, promoveu a descoberta de *Lambruschini, Caponi, Rosmini, Dom Bosco, Necker De Saussure e Laberthonniere*.

salesiana das educadoras, mostrando particular abertura à valorização das oportunidades culturais e didáticas do seu tempo¹²⁰.

A cronista do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Campos, nos brinda com informações sobre a participação das Irmãs em cursos, seminários, congressos: “A diretora e Ir. Oline vão a Belo Horizonte participar do Congresso de Educação” (17/06/1946). “Ir. Maria José viaja para São Paulo onde participará de um curso técnico naquela cidade” (17/06-22/07/1947). “Ir. Amália foi chamada ao Rio para os exames de suficiência para a patente de mestra” (28/06/1951). “No IV Congresso Interamericano de Educação Católica realizado no Rio de Janeiro tomam parte, Ir. Ondina, Ir. Irene e Ir. Alexandrina” (23/07/1951). “A diretora e a Ir. Ernestina vão participar junto a AEC de um curso no qual participam todos os diretores de estabelecimentos secundários, privados” (14/07/1952). “Ir. Maria da Fé vai a Lorena para prestar exames de História no curso superior” (15/07/1953). “Ir. Niva participou do curso de secretária escolar no Rio de Janeiro” (09/09/1955). Esses dados mostram que os educadores estavam em contínua formação.

Ao lançar a questão “e se tivesse que recomeçar... o que mudaria?”, as antigas professoras da Escola Normal responderam:

Naquele tempo, vivíamos na consciência de que estávamos fazendo um bom trabalho e éramos assim consideradas. Não havia exigências acima do que fazíamos: nossa escola era considerada modelo no campo da educação feminina. Hoje, sem dúvida, os tempos são outros, as exigências cresceram e nós temos nos esforçado para corresponder a elas, com a colaboração cada vez maior dos professores, e técnicos leigos, em várias áreas. Sobretudo, o ensino médio se expandiu, atingindo mais as classes populares e trazendo-nos a consciência de que antes estávamos educando uma juventude privilegiada, mesmo que, nos “oratórios festivos” e orfanatos tentássemos também educar as crianças do povo, público predileto de Dom Bosco. Também a nossa concepção de religião hoje é outra, bem mais aberta. De modo que mudaria muita coisa como, aliás, já está mudando e continuará mudando – para acompanhar os tempos e, principalmente, atingir mais a juventude popular, nosso verdadeiro destinatário, que hoje povoa

¹²⁰ Ângela Vespa buscou a formação pedagógica-salesiana das educadoras, utilizando com astuta perspectiva todas as possibilidades culturais, didáticas e editoriais das quais se podiam dispor naqueles anos: Instituiu a “*Revista Primavera*” para pré-adolescentes e adolescentes (1950), a fundação do “*Instituto Internacional de Pedagogia e Scienze Religiose*” (1954) e a promoção do grupo “*Escola Ativa Salesiana*” (SAS), era um centro, um laboratório de pesquisa e inovações educativas didáticas (1957-1997) para a produção e publicação dos livros de textos para a escola elementar média e inferior das escolas salesianas da Europa, para dar um novo impulso às escolas das FMA como resposta às inovações do tempo (RUFFINATO, P. 2003, p. 289). Não chegaram a ser traduzidos para o português. “Nas circulares que periodicamente enviava as educadoras, tratava das modalidades práticas para viver o Sistema Preventivo de Dom Bosco a fim de formar mulheres cristãs maduras e profissionalmente competentes” (CAVAGLIÀ, 1994, p. 208).

nossas obras sociais e comunidades de periferia. Tais mudanças constituem uma libertação de limites e condicionamentos próprios de cada época e que devem ser largados, como uma serpente deve largar, muitas vezes, sua velha casca - para viver sadia. Só não mudaria o “espírito” que nos animava e continua animando na missão educativa: o seguimento de Jesus Cristo, o evangelizar educando, o recriar sempre, junto com a juventude, (especialmente as/os jovens do povo) nosso “estilo” salesiano de Razão, Religião e “*Amorevolezza*” – característica e herança de família. O próprio Dom Bosco já o dizia: “Vou em frente como Deus me inspira e as circunstâncias exigem”. [...] Lecionar era muito trabalhoso, mas muito compensador, havia um relacionamento ótimo entre educandas e educadoras. Mas ganhar a vida como professora era complicado, os salários não compensavam e não eram suficientes para um bom desempenho do trabalho (*Colibri*, profª 1957-1960).

Sinto-me feliz em minha profissão de educadora (ainda trabalho aos 80 anos). É uma questão de ideal e de compromisso político”. [...] “Ganhar a vida como professora era quase que automático. Terminava-se o curso, fazia-se o ‘exame de carreira inicial’ e, logo após a aprovação, acontecia a nomeação para o exercício do magistério. O salário era bom, havia até a profissão de ‘*marido de professora*!’...(*Garça*, educadora 1943-1950).

Hoje, a proposta da sociedade é diferente e as oportunidades para a mulher muito abertas. O que mudaria na minha opção? Com certeza não escolheria o magistério sem uma análise mais profunda das oportunidades. E se escolhesse o magistério, a pedagogia, tentaria influenciar na organização e orientação do curso. Não se pode mais entender o(a) professor(a) como alguém que procura o curso por não ter outra opção [...] talvez por ter ingresso mais fácil na educação superior. Eu ia querer um curso com propostas mais sólidas e mais atuais [...]. Ser professora era uma tarefa encarada como missão (ao menos era o que nos ensinavam e o que percebíamos pela alegria de nossas professoras e pouquíssimos professores). Porém, era uma profissão valorizada na época e era, em geral, o campo profissional feminino [...] (*Gérbera*, turma 1957).

Ozouf (1973) comenta que arrancar os textos do sono pesado dos arquivos é sempre uma vitória: vitória maior ainda no seu caso, em que era a partir das lembranças adormecidas – e na proximidade da morte – que se deveria extrair as narrativas que, sem a pesquisa, não teriam jamais existido. Também no nosso caso, muito tempo depois, essas mulheres, antigas professoras e ex-normalistas, reuniram suas recordações, esquadrinharam os seus porões, desencavaram cadernetas amareladas e contaram as suas próprias histórias.

É importante recordar que a educação não é obra apenas de indivíduos agindo sobre indivíduos. É, sobretudo, obra da convivência que se cria, do ambiente que se vive. O Sistema Preventivo é vivido quando todos estão empenhados na criação de uma comunidade educativa, com sentido de pertença, adesão a valores e participação, num clima de família.

Magaldi e Neves (2007, p. 102-104) comentam que, para além da preparação formal em cursos especializados, com o recurso de leituras pertinentes ao currículo destes, entendia-se que a qualificação do professor – também compreendida em uma perspectiva de atualização constante – deveria ser buscada ainda de outras formas, por exemplo, com o auxílio da imprensa e com o estímulo à leitura de revistas e outras obras especializadas. Desse ponto de vista, emerge a representação do magistério dotada de dupla dimensão: a de competência científica, identificada ao exercício de uma função especializada, que demandava uma formação consistente, e também a de missão, de sacerdócio, a ser exercido com base em atributos imateriais e definida a partir da eleição divina.

4.3.1. Os Professores Leigos do Curso Normal do Auxiliadora

Os professores se lembrem de que a escola não é senão um meio para poder fazer o bem: eles são como os párocos na sua paróquia, missionários no seu campo de trabalho; portanto, de quando em quando, devem dar destaque às verdades cristãs, falar dos deveres para com Deus, dos Sacramentos, da devoção a Nossa Senhora; enfim, as suas lições são cristãs, e devem ser francas e amáveis no exortar os alunos a serem bons cristãos (MB X, 1018). Quando o professor é amado pelos alunos, sua palavra tem grande influência (MB VII, 855) [tradução nossa].

Na concepção católica de educação, o magistério é dotado de uma marca religiosa e o professor é elevado à condição de um dos principais agentes do processo de disseminação da doutrina católica nas escolas¹²¹. O professor é valorizado porque é através dele que há uma intervenção cristã na educação.

As boas escolas [católicas] são fruto, não tanto dos bons regulamentos, como principalmente dos *bons mestres* que, egregiamente preparados e instruídos, cada qual na disciplina que deve ensinar, e *adornados das qualidades intelectuais e morais exigidas pelo seu importantíssimo ofício*, se abrasam dum amor puro e divino para com os jovens que lhes foram confiados, precisamente porque amam Jesus Cristo e a sua Igreja de quem eles são filhos prediletos, e por isso mesmo têm verdadeiramente a peito o *bem das suas famílias e de sua Pátria* (PIO XI, 1958, p.36) [grifo nosso].

Conforme a citação, o “bom mestre” na concepção da encíclica, precisa possuir tanto uma preparação técnica adequada para exercer de maneira eficiente o magistério, como também uma preparação moral de base católica. Além disso, o

¹²¹ O uso de palavra “escola” no plural faz-se necessário devido ao fato de a ação dos educadores católicos no Brasil ser multidirecionada e abranger - por meio de diversas estratégias – todos os tipos de escolas (laicas, mistas e católicas).

mestre deve ser capaz de integrar ambos os aspectos durante sua prática em sala de aula, o que condiz com a concepção católica de educação ligada à religião.

O mestre, além de possuir o ofício de ministrar a instrução, também tem a incumbência da formação espiritual do aluno, formar o coração e a alma.

Regrar horários dos professores, fiscalizar a conduta nas salas de aula, exigir a presença em eventos e reuniões eram requisitos que exigiam uma série de virtudes por parte dos docentes leigos, quando contratados. Foi encontrado um “Regimento Interno para os Professores” de 1937. Ele estava anexado à ficha de classificação e relatório da revisão das condições do estabelecimento nos termos do Art. 54 do Decreto nº 21.241 de 04/04/1932. Esse Regimento é composto de 19 artigos e dá a impressão de que foi compilado para orientação dos professores leigos que começaram a trabalhar na escola desde a fundação, mas cujo número aumentou com a implantação do curso ginasial em 1934.

Os 19 artigos são muito normativos. O artigo 1º disciplina: “dado o sinal para o início das aulas, devem estar nas próprias classes onde esperarão as alunas”; só retirar-se da sala depois que a última aluna sair (Art. 4); durante as aulas, “o falar deve ser moderado, a fim de não perturbar o movimento das classes vizinhas”, “é terminantemente proibido falar de assuntos que se não relacionem de algum modo com as matérias lecionadas” (Art. 3, 6). O regimento dá diretrizes aos professores em relação ao método e a ordem:

Factores primordiaes de applicação e aproveitamento das alumnas são a ordem e o methodo. Haja, pois, cuidado extremo na preparação próxima às lições. Escreva-se antecedentemente no “Diário de classe” o esquema de matéria a ser desenvolvido na aula. Lembrem-se os Srs, Professores, que as alunas são os juizes mais severos e, quiçá, mais justos do preparo e da dedicação dos mestres” (Art. 7). “Cinco minutos antes de terminar a aula, as lições e trabalhos práticos devem estar passados, a fim de evitar confusões, atrasos e indisciplina nas saídas das classes”(Art. 8). “Semanalmente, passe pelo menos um trabalho prático, ‘tarefa’ (Art.9). As lições devem ser tomadas com regularidade, “durante o mez, cada alumna deve ser arguida pelo menos duas vezes, para que todas possam ter uma média equivalente” e mensalmente há “obrigação de se passar uma sabbatina escripta (Art. 10 a 12).

Por esse regulamento, sabemos da importância dada ao “Boletim Mensal”. Por ele, as famílias podem estar a par da aplicação de suas filhas durante as aulas. E que é “sumamente antipedagógico dar nota zero à alumna por motivo de procedimento” e acrescenta: “Aplicação e procedimento são cousas que se completam, mas não se confundem” (Art. 14 e 15).

Todo educador deve considerar-se um transmissor de valores. Será delegado de uma filosofia de vida ou teologia aceita livremente pelo educando ou por seus pais; será delegado da família da menina e também da religião professada por eles. A relação entre professores e alunas deve ser impregnada pelo amor para consolidar o respeito mútuo, que deve ir além do espaço escolar, ser permanente, mas distante de afeições e amizades comprometedoras.

Durante vinte anos, 1942-1961, houve apenas nove professores leigos na Escola de Professoras do Auxiliadora, muito apreciados pelas Irmãs e pelos pais, muito integrados na Comunidade Educativa. Seis mulheres e três homens.

QUADRO 13: Professores Leigos da Escola de Professoras Nossa Senhora Auxiliadora – Campos/RJ - 1942-1961, período e disciplina lecionada

Nº	Professores externos	Período que lecionou	Disciplinas
1.	Drº Albano Seixas Filho ¹²²	1942 e 1946 1943 e 1947	Biologia Geral e Educacional Puericultura e Higiene - Física - Química - História Natural
2.	Célia Gomes Cruz ¹²³	1944 - 1945	Educação Física
3.	Mª do Carmo Raparine de Almeida ¹²⁴	1946 a 1958	Educação Física
4.	Drº Mario Goulart ¹²⁵	1948, 1954, 1949	Higiene
5.	Grauben Barbosa Leite ¹²⁶	1959 a 1961	Educação Física
6.	Roberto Wilson Fernandes ¹²⁷	1957 - 1961	História e Filosofia da Educação
7.	Irene Abreu de Azevedo	1961	Trabalho e economia doméstica
8.	Maria da Glória Lahud	1961	Português
9.	Maria Vitoria de Souza Pinto ¹²⁸	1961	História

Fonte: ACENSA; organizado por LOPES.

A crônica do Auxiliadora traz informação referente a uma professora: “É convidada a senhora Elisa Siqueira, nossa ex-aluna, para lecionar no curso de admissão” (06/11/1951). Podemos afirmar que os professores leigos eram

¹²² Advogado, lecionou na Faculdade de Direito de Campos (FDC) e no curso de História da FAFIC; registrado no DNE sob nº 5.472. Falecido.

¹²³ Diplomada pela Escola Normal de Campos, 1929. Lecionou no Centro Experimental de Métodos, no Liceu de Humanidades de Campos e no Grupo Escolar Benta Pereira em Guarulhos. Nº de registro no DNE 5.083. Era muito católica. Já falecida.

¹²⁴ Possuía o curso da Escola Nacional de Educação Física. Nº de registro no DNE 629. Mora atualmente em São João da Barra/RJ, mas já adoentada. Ela, com as filhas, ex-alunas do Auxiliadora, fundou o Colégio Nossa Senhora das Graças, em Campos, atualmente extinto.

¹²⁵ Médico. Nº de registro: 13.351. Casado com a Assistente Social Diva Goulart, fundadora da APOE - Associação de Proteção e Orientação aos Excepcionais do Parque Turf Club em Campos dos Goytacazes e da UFF de Campos, que começou com o curso de Serviço Social. Ambos falecidos (informações de Sylvia Paes, 2012). Era ex-aluno e amigo dos salesianos de Niterói.

¹²⁶ Nº de registro 016. Era cunhada do professor Roberto Wilson Fernandes. Já falecida.

¹²⁷ Advogado, nº de registro no DNE 27.615. Lecionou na FDC e na FAFIC. As filhas dele deram aulas no CENSA. Ex-seminarista. Falecido (Informações de Sylvia Paes, 2012).

¹²⁸ Ex-aluna do CENSA. De Quissamã. Irmã de uma salesiana que depois deixou a congregação.

escolhidos “a dedo”, com cuidado, procuravam-se ex-alunas e pessoas idôneas, católicas para dar continuidade ao carisma, ao projeto educativo. “O relacionamento humano era ótimo entre as Irmãs e os professores leigos: diálogo, amizade, atenção, espírito de família, caráter, responsabilidade, senso do dever e solidariedade” (*Garça*, educadora 1943-1950).

As religiosas, os docentes e as alunas, formavam uma teia tecida com estreitos laços identitários, formando todos uma extensa família, o que possibilitava aos colégios um prolongamento da educação familiar sem nunca contestá-la, e sim valorizá-la.

4.3.2. Os Inspetores Escolares em visita ao Colégio Auxiliadora

As nossas recordações não são os restos descoloridos de uma imagem fotográfica que reproduz fielmente a realidade, mas sim uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimento que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretemo-lo à luz de novos pontos de vista (FONTANA, 1998, p. 267).

Os inspetores tinham algumas atribuições: comparecer à escola para visar o ponto do pessoal; verificar e visar os documentos de inscrição dos candidatos aos exames de admissão; verificar, assistindo às aulas com assiduidade, se a orientação didática adotada está sendo seguida; manter com a Diretoria Geral correspondência assídua, informando-a sobre qualquer irregularidade que se verifique na escola; resolver as dúvidas que apareçam na execução das leis e regulamentos do ensino, sujeitando seu ato à aprovação da Diretoria Geral; chamar a atenção do(a) diretor(a) da escola para as irregularidades que porventura verificar; acompanhar o inspetor geral ou o especial em suas visitas, prestando-lhe, com a diretoria da escola, as informações que forem solicitadas; justificar as faltas, atestar o exercício e informar os pedidos de licença do professor (DECRETO nº 4.600, de 30/05/1929, Art. 407, *apud* TANURI, 1979, p. 211).

Há provas da passagem de representante da inspeção escolar do Estado e Federal na Escola de Professoras do Auxiliadora em várias ocasiões:

Visita a cidade o Dr. Abgard Renault, Diretor do Departamento do Ensino Secundário. As nossas alunas tomam parte na ‘Parada’. Às 11.30, o ilustre personagem visita o nosso Ginásio. As alunas desempenharam com precisão as diversas partes do programa de recepção e foram muito aplaudidas. Sua excelência dirigiu belas palavras exaltando o ensinamento católico e terminou

com a frase: *Amai o vosso Colégio, trabalhai pelo progresso do Brasil nos caminhos de Deus!* (Cron CNSAC, 14/08/1943) [grifo nosso].

Designado para acompanhar os exames finais, da Escola de Professores anexa ao tradicional Colégio N. S. Auxiliadora, compareci à sede deste estabelecimento, para dar desempenho às minhas atribuições. Durante alguns dias aqui estive, permanentemente, durante os trabalhos de provas, acompanhando, concomitantemente, a vida interna do grande instituto de instrução primária, profissional e normal, que é, sem dúvida, *um dos mais conceituados do nosso Estado*. Distribuídas pelos diferentes cursos, possui o corpo discente do Colégio 709 alunos, sendo de admirar o espírito de ordem que impera nesta casa que representa uma das grandes realizações de Campos, na esfera cultural.[...] Faço em meu próprio nome e no do governo que represento, um preito de homenagem as beneméritas religiosas quem tanto mais merece pelo muito que vem realizando sem alarde e sem publicidade supérflua (MEMÓRIA, Jayme, Técnico de Educação. Livro Termo de Visitas do CNSAC, 13/12/1946) [grifo nosso].

Foram Inspectores de Ensino da Escola Normal do Auxiliadora: Carlos Henrique Silva (1942-1946); Tobias Tostes Machado¹²⁹ (1946); Marieta Lacerda Souto¹³⁰ (1946,1951-1954); Jayme Memória (10/12/1946); Maria Geny Ferreira da Silva (1949); Dalila Collares Quitete de Moraes¹³¹(1950,1956); Carlos Bruno (1955); Décio Ferreira Cretton (1957-1958); Mariana Simões Barrozo (1959); Vidalina Isabel da Cruz (1960-1961) e Inspectores do Ginásio: Dalila Collares Quitete (1937); José Alves de Azevedo (1938-1946); Abelardo Nascimento Vasconcelos (1947-1959)

4.4. Educação Ampliada: As Associações - A Marca Salesiana

O espírito e o crescimento moral de nossas casas dependem da promoção de grupos formativos (MB X, 1103).

O Associacionismo¹³² Juvenil é marca da pedagogia salesiana que decorre da convicção de que a ação pessoal deve articular-se com a interação solidária e responsável.

¹²⁹ Nomeado em outubro de 1946 para fiscalizar a escola e verificar a satisfação dos itens a,b,c,d,e,f,g, requeridos pelo Artigo 34, Cap II da Lei Orgânica do Ensino Normal.

¹³⁰ “Realizam-se os exames de admissão à Escola Normal. A fiscal é dona Marieta. Os exames são de matemática e francês, português, inglês e Noções várias” (23-26/02/1951). ‘O Diário Oficial publica e confirma a fiscal Senhora Marieta Lacerda Souto para os exames do 1º semestre do curso Normal’ (18/06/1952). “Comunicação do ministério da educação, reeleição da senhora Marieta Souto como fiscal para o Curso Normal. Deo Gratias!” (Cron. CNSAC, 18/06/1953).

¹³¹ Foi a primeira diretora, regente da Escola Modelo Seis de Março em 1916-1918 (BOYNARD, 2006, p. 14). Inspectora da Escola Normal Pública de Campos em 1956.

¹³² Dom Bosco, desde 1847, iniciou a Companhia de S. Luiz; em 1856, da Imaculada; em 1857, do Santíssimo Sacramento; e, em 1858, de S. José com os seus oratorianos em Valdoco.

Essas associações sucedem-se como degraus, por motivo de idade dos membros e da continuidade de formação espiritual: a Associação dos Santos Anjos (dos 7 aos 10 anos) a Associação Santa Maria Domingas Mazzarello ou Jardim de Maria (dos 10 aos 13 anos); a Associação das Filhas de Maria Imaculada Auxiliadora (com a seção preparatória das Aspirantes) para as meninas adolescentes e jovens. E uma quarta de caráter especificamente missionário: o Apostolado da Inocência, sem distinção de idade, com grupos de membros mais ativos denominados “Propagandistas Missionárias”. Os quatro regulamentos dessas associações foram aprovados em 05/01/1953. Em 1960, existiam 2.191 centros de Associações Marianas e 940 do Apostolado da Inocência espalhados por 46 nações. A organização reunia todas as Associações num único centro Internacional junto da Casa Generalícia do Instituto das FMA, mediante os Centros Provinciais e das Federações Nacionais. Tinha um folheto próprio “*Le nostre Pie Associazioni Giovanili*” e outros folhetos provinciais (Dom Bosco no mundo, 1960, p. 201-204).

Destinadas a promover entre os jovens a prática da vida cristã, cada companhia tinha características particulares, mas todas possuíam a prescrição de dar bom exemplo e empenhar-se para que houvesse ordem, bom andamento da escola e animação dos colegas a uma vida virtuosa.

No Auxiliadora de Campos, em 23 de maio de 1926, foi instalada a Pia União das Filhas de Maria. O Bispo veio admitir as 41 Aspirantes. Nesse mesmo ano, iniciam as Devotas e as Damas de Maria Auxiliadora (geralmente mulheres da alta sociedade) e, com as pequenas, começa o grupo dos Anjinhos.

Toda reunião terminava com uma deliberação a ser executada no decorrer da semana por todos os sócios da associação, de tal modo que havia uma vigilância mútua, a fim de que a deliberação fosse cumprida da melhor maneira. Uma se tornava “anjo da guarda” da colega, estendendo a assistência da ‘ortopedia moral’ a todas.

Escopo das Filhas de Maria: formar as meninas na devoção a Virgem, educando-as na imitação de suas virtudes representadas por escolhidas flores simbólicas. Estavam divididas em canteiros, cuidados por uma Filha de Maria que

Mazzarello e as primeiras irmãs pertenciam a uma associação, as Filhas de Maria Imaculada, e, em Mornese e Nizza, iniciaram as associações com as educandas já nos primeiros anos.

era chamada de jardineira. As flores, pela sua significação, correspondiam às virtudes: Caridade, obediência, pureza, sinceridade e humildade. Possuíam uniforme e estandarte próprios. As fitas usadas tinham cores diferentes.

As moças poderiam permanecer na associação até o casamento, a pureza sexual era um pré-requisito para participar da Pia União das Filhas de Maria.

As entrevistadas recordam:

Havia associações como as Filhas de Maria, os Anjinhos. As Damas de Maria Auxiliadora eram senhoras da sociedade. Usavam uma fita azul e rosa. Eu me lembro que os Anjinhos tinham uma fita, o Jardim tinha outra e a associação do Coração de Jesus tinha uma fita vermelha. As ex-alunas, geralmente, eram ex-normalistas e atuavam também no social. As ex-alunas e Damas de Maria Auxiliadora, mais antigas, fundaram o orfanato Laura Vicunha, no fundo do quintal do Auxiliadora (*Gaivota, profª 1958-1960*).

Uma associação oferecida era a das ‘Filhas de Maria’ da qual fiz parte, com muita relutância, pelas suas exigências comportamentais (modo de vestir, de se comportar...). Da associação missionária fui ‘zeladora’ (arrecadando pequenos valores para as missões e anotando, em números, as orações, jaculatórias, sacrifícios etc. das colegas) (*Gérbera, turma 1957*).

Havia vários grupos para as várias faixas etárias. Os distintivos eram de caráter religioso. Havia uma Irmã responsável para cada um dos grupos. Era quem os coordenava e presidia às reuniões, geralmente semanais ou mensais – sob a orientação da Diretora da Comunidade. Os empenhos eram de caráter religioso, educativo, caritativo e missionário (*Colibri, profª 1957-1960*).

As antigas confrarias e ordens leigas, remanescentes da época colonial, foram substituídas por novas associações fundadas e dirigidas por religiosos que colocavam os leigos sob tutela (OLIVEIRA, 1985, 296-297). Podemos dizer que a “clericalização” do catolicismo brasileiro teve como contraponto o processo de sua “feminização.” As mulheres se beneficiaram de algumas iniciativas católicas dessa época, sobretudo no campo da educação, mas também com a criação das associações femininas de piedade. No apêndice I, há uma demonstração estatística [incompleta] das associações que existiam no Colégio Auxiliadora no período em estudo. Quase todas as entrevistadas dessa geração tornaram-se Filhas de Maria e participaram ativamente das obras religiosas, filantrópicas e sociais desenvolvidas pela congregação ou Igreja local.

4.4.1. Associação das Ex-Alunas das Salesianas de Campos

Este é aquele exército aguerrido, espalhado pelo orbe inteiro, se acha unido pelo afeto mais grato e sincero cujos membros se ufanam de chamar-se ex-alunos de

Dom Bosco. Os representantes dessa imensa falange despertaram a atenção do mundo, e este passando ante um espetáculo de novo gênero, viu-se forçado a dar-lhe um nome e chamou-lhe: um fato novo na história da pedagogia (VALENTINI, 1930, p. 208) [grifo nosso].

Em 1897, em Nizza, festejando os 25 anos de fundação do Instituto das FMA, forma-se o primeiro “Comitê ex-alunas”. Em 1904, nos 25 anos do Colégio de Nizza Monferrato/It, reuniu-se o “Comitê permanente das Ex-alunas”. A fundação da Associação se deu com Dom Filippo Rinaldi, Reitor Mor dos SDB em 19/03/1908. A organização da federação em traços gerais é assim: as uniões locais formam a união regional (inspetorial), as regionais formam as associações nacionais e estas reunidas constituem a federação internacional. Em setembro de 1911, aconteceu o 1º Congresso internacional, o 2º em 1920 e o 3º Congresso ocorre em 1958 com a presença de 6.000 ex-alunas de 37 nações das 46 que compunham a Conferência. A Revista “*Unione*” começou a ser publicada em 1921. Antes havia o periódico *L'Eco delle Ex-Allieve delle FMA*, de 1911 (MANCINI, 2009, p. 38-39).

Ao término do período escolar, as alunas permaneciam ligadas à instituição não só pelos laços sutis da cuidadosa formação, mas também pela criação da Associação das ex-Alunas e outras associações afins.

Eis o dever de preparar na aluna de hoje a ex-aluna de amanhã! A diretora nos últimos meses do ano escolar, faça conhecer as alunas (*figliole*) do último ano dos vários cursos, a natureza, a finalidade e o escopo da associação das ex-alunas, explique o estatuto, faça participar do congresso anual e em tal ocasião proceda com toda solenidade possível a sua inscrição entre as fileiras das ex-alunas. Será esta a festa da “*matricoline*” do nosso movimento! (NOVASCONI C. Carta Circular nº 315, 24/12/1947) [tradução nossa].

Aconteceu a criação da União das Ex-alunas Campistas (UESC) em 1933¹³³ (apêndice F). Esta se propunha a manter vivo o espírito salesiano no agir profissional, familiar e social das antigas alunas do GENNSAC e promover a solidariedade entre elas e a partir delas por meio de projetos sociais que beneficiassem o desenvolvimento social dos mais necessitados. Com sede na própria escola, a UESC realizava reuniões semanais de reflexões e trabalhos práticos; organização e implementação de projetos sociais; além de momentos de lazer e de participação colaborativa nos compromissos assumidos.

¹³³ Associação regida por Estatutos próprios e ligada juridicamente à Federação Inspetorial (São Paulo e após 1948 Minas Gerais), Nacional e Internacional de Ex-Alunas das FMA em 1955.



Figura 24: Cinquentenário de formatura turma de 1955, ex-alunas normalistas do Auxiliadora¹³⁴
 Fonte: Dircéia de Azevedo (2005).

A Revista *Auxilium* traz a relação da primeira reunião das Ex-Alunas dos Colégios das Irmãs Salesianas do Rio de Janeiro, sobre a ‘Festa da Auxiliadora’ aos 17 e 24 de maio de 1936, no Instituto N. S. Auxiliadora, Rua Ibituruna/RJ:

Essa Associação tem como principal objectivo agrupar as ex-alumnas salesianas junto as antigas mestras e amigas, fazendo com que as antigas lições espirituais continuem a uni-las em torno de Maria Auxiliadora. Devem ellas cooperar para as obras de beneficencia a que se dedicam as suas mestras sobre tudo a preservação da “Juventude Operária” e das crianças menos favorecidas da fortuna, pela educação religiosa, escolar e profissional (REVISTA AUXILIUM, Chronica, Ano V, Ago/1936, nº 61, p. 8-9).

Elas frequentavam o Colégio, mantinham as práticas religiosas,

Comemoração de Maria Mazzarello, as ex-alunas fazem sua Páscoa. Um verdadeiro plebiscito de juventude alegre: mais de cem se aproximam do banquete eucarístico. Em seguida café e academia. O inspetor Lanna as anima a retornarem sempre ao seu antigo ninho” (C14/05/1950). [...] “Festa da Imaculada, consagração das crianças das ex-alunas a Maria, neste ano foram 40 (Cron. CNSAC, 08/12/1955).

Participam das conferências, promovem jornadas, concertos promocionais:

Reunião das ex-alunas, cada mês é mais numerosa a participação. A conferência foi sobre Mazzarello e sua canonização. Conselho: saber levar bem alto o título de ex-aluna salesiana, que é pertencer a uma família de santos (16/09/1951).

Realiza a jornada das ex-alunas pela circunstância da festa de dom Bosco, como de costume: missa festiva com comunhão geral celebrada pelo bispo Dom

¹³⁴ “Quando terminamos o curso em 1955, combinamos nos encontrar de 5 em 5 anos. Estamos mantendo estes laços de amizade. Nossos encontros são maravilhosos, com Missa no Auxiliadora, visita às novas dependências do colégio, encontro com as irmãs, sempre acolhedoras, almoço, fotos, lembrancinhas e mensagens. Muito gratificante, alegre, agradável. Éramos 27 alunas, hoje 23, pois 4 faleceram. Comparecem 17 ou 18 todos os anos” (Azaléia, turma 1960).

Antonio. Segue um abundante café da manhã e à noite há um concerto musical (de violino) com a Dorisa Teixeira, ex-aluna do Colégio de Santa Inês de São Paulo, a renda é para a construção da Igreja (Cron. CNSAC, 16/08/1953).

Passeavam juntas, iam a congressos, reuniões da Associação, mantendo laços de amizade e formação continuada “As ex-alunas com sua assistente fazem um alegre passeio de ônibus, até a Lagoa de Cima, são umas trinta” (18/10/1951), “[...] um grupo de ex-alunas vão passear em São Paulo, as acompanha as irmãs Jeny Portugal e Jandira Pastre” (10/07/1953), “[...] peregrinação das ex-alunas ao Santuário de Nossa Senhora da Penha em Vitória/ES” (Cron. CNSAC, 18/07/1954).

Recebiam as ex-alunas de outras uniões, de outros colégios: “Chegada festiva de um belo grupo de ex-alunas de Ponte Nova/MG, são dezoito. Vem junto as irmãs: Ruth Lustosa e Silvia Lustosa. São recebidas com grande cordialidade das irmãs e ex-alunas campistas. As ex-alunas realizam uma festinha litero-musical” (Cron. CNSAC, 15/04/1951). “Na planície goitacá ‘campistas’ e ‘cariocas’ irmanadas no dia da ex-aluna”. Este evento aconteceu em Campos, em 1959, com repercussão extrarregional. Foram convidadas as ex-alunas do Rio para participarem da reunião. Rádio, jornal e telefone funcionaram e apareceram logo as que ofereceram hospedagem em suas casas. Segue abaixo um relato detalhado do encontro:

Dia 4 – recepção na rodoviária, vieram 28 ex-alunas. Dia 5- Passeio à Lagoa de Cima propriedade de uma ex-aluna Hélyvia Dias D’Angelo, onde almoçaram. Visita à fábrica de Goiabada Yong. Usina São José e a fazenda do Limão, belíssima, onde andaram a cavalo. Dia 6 – missa a que assistiram os senhores prefeito e vice, acompanhados de suas esposas, ex-alunas. Às 11h, sessão solene presidida pelo prefeito Dr. José Alves de Azevedo que recordou o tempo em que frequentava o colégio como inspetor federal, conheceu a aluna Gina Aquino, hoje sua esposa. O Padre Vasconcelos fez uma conferência, seguida da cerimônia da condecoração da bandeira da União, repetindo o que se viu na Concentração Internacional em Turim. Eleição da nova diretoria, sendo eleita presidente Nilce Pereira Machado, senhora do vice-prefeito Dr. Edgar Machado. Ir. Zilda de Castro que há 21 anos faz apostolado catequético na cidade e nos arredores, *falou sobre o trabalho da ex-aluna catequista*. Resultado: foi criado o curso catequético para ex-alunas em todo 1º domingo depois da missa das 7:30. Houve consagração das crianças a Maria e hora da arte. Passeios ao jockey clube, à bela casa de Marília Aquino e vários pontos da cidade. Dia 7 – Assistiram ao desfile escolar e foram no Tênis Clube para o churrasco. As 13.30h, volta para o Rio, literalmente encantadas com as campistas, como afirmaram: “cultas, bem educadas, prendadas”... “Mas todas elas tocam algum instrumento!...”. Parabéns União do Auxiliadora (UNIÃO SALESIANA – Ex-alunas das FMA (Salesianas de Dom Bosco) no Brasil, Ano 3 nº 15 Nov/Dez de 1959).

No Brasil ocorreu a 1ª concentração nacional das ex-alunas salesianas no Colégio de Santa Inês (06 a 12/07/1955) com 412 participantes. Durante o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro em 1955, no dia 18 de julho foi fundada a Federação das Ex-alunas das FMA, sendo nomeada Lucinda Martins Azambuja a 1ª presidente nacional. Havia 12 países representados: Brasil, Irlanda, Hungria, Argentina, Colômbia, Equador, Chile, Uruguai, Portugal, Paraguai, Palestina, Itália. Adesão também da Venezuela e dos Estados Unidos. As ex-alunas do Brasil já formam uma união nacional, confederadas à internacional. Nesse período, estavam inscritas 6.873 ex-alunas brasileiras (MANCINI, 2009, p. 39-49; Revista *Auxilium*, Ano XXVII, Set/1957, p. 13-14).

A Diretora e as irmãs Conceição Pinheiro, Amélia Mourão, Maria da Fé e Anita Felix e 19 entusiasmadas ex-alunas vão ao Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro e participam da fundação da Federação das Ex-alunas do Brasil (Cron. CNSAC, 15/07/1955).

Esta poesia de uma ex-aluna das Salesianas mostra a *tessitura* de uma educadora, plasmada conforme suas mestras:

Olhando meus alunos, lembrei-me de você,
Do tempo em que também aluna era eu;
Das regras e lições que não pude esquecer;
De tanto bom exemplo que você me deu.
O tempo já passou
E só agora sei do zelo e do amor que uma Mestra tem.
Mas quando estudava, nunca imaginava
Que você reclamasse por muito querer bem.
Agora que sou mestra posso avaliar
O seu desprendimento e dedicação:
o coração de mestra é sempre um altar de amor e sacrifício.
Se o tempo voltasse:
Você a corrigir e eu a estudar,
Seria eu agora aluna exemplar.
Você bondosa mestra iria se alegrar.
Olhando meus alunos é você que enalteço
Como amiga leal e Mestra exemplar.
Posso tudo esquecer, não você,
Pois a mestra é mãe: Não se pode olvidar
(Mestra Laise de Luna Brito, 06/11/1960 da União das Ex-alunas de Petrolina/PE; *in*: UNIÃO SALESIANA – Ex-alunas das FMA (Salesianas de Dom Bosco) no Brasil, Ano 5 nº 22 Jan-Fev /1961).

Havia presença de um grau significativo de compartilhamento, entre as futuras professoras, de uma dimensão religiosa, de um sentido de missão,

articulado, por sua vez, à condição feminina, como um aspecto crucial na construção de sua identidade profissional.

As ex-alunas estão aí, no mundo. São professoras, psicólogas, assistentes sociais, jornalistas, advogadas, engenheiras, relações-públicas, sociólogas, políticas, empresárias. Muitas trabalham em favelas e comunidades populares dedicadas a obras sociais ligadas à Igreja. Outras são donas de casa e cuidam de suas famílias.

4.5. Os Oratórios Festivos aos cuidados do Auxiliadora

Lá em Campos havia um oratório festivo, muito grande com muitas senhoras que iam todos os sábados lá, levava as crianças e tinha aula de catecismo, era uma programação muito boa que a gente fazia, e também uma assistência social que Ir. Zilda de Castro coordenava, muita coisa a gente fez (*Canário*, profª 1959-1961).

O termo “Oratório”, ou “Oratório Festivo”, é o lugar em que se reúne a juventude, as crianças nos dias de festa ou diariamente para cumprir com seus deveres religiosos e divertir-se, recrear, com jogos e brincadeiras. Essa expressão designa a primeira instituição educativa de D. Bosco, quer em ordem cronológica, quer em importância apostólica. Reúne aos domingos e festas (e se possível todos os dias) meninos pobres, para que, a par de sãs diversões, tenham um ambiente de família, no qual irão receber a pouco uma formação humana e cristã. O conhecido estudioso Umberto Eco, escreveu em 1981:

O Oratório é a grande revolução de Dom Bosco. Dom Bosco a inventa e logo a exporta às redes paroquiais e a ação católica; porém o núcleo se encontra ali, quando este genial reformador entrevê que a sociedade industrial requer novas formas de agregação – em primeiro lugar juvenil, e depois adulta, – e inventa o oratório salesiano: uma máquina perfeita, na qual cada canal de comunicação, desde o jogo, a música, o teatro e a imprensa, está organizado automaticamente sobre bases mínimas; e utilizado e discutido de novo quando a comunicação chega de fora [...]. A genialidade do oratório radica em que prescreve aos que o frequentam um código moral e religioso, porém logo acolhe também a quem no o segue. Em tal sentido, o projeto de Dom Bosco abraça toda a sociedade da era industrial (ECO, Umberto. *L'Espresso* Roma, 15/11/1981) [tradução nossa].

Prelezzo (2004, p. 19-21) comenta que ao longo da história, o significado etimológico do termo Oratório – “lugar destinado ao retiro para orar com Deus” – foi se enriquecendo com acepções e significados diversos. Por exemplo, no âmbito artístico e cultural, se usa a palavra com o significado de composição dramático-musical, quase sempre de caráter sacro. Na segunda metade do século

XIX, os oratórios receberam um forte impulso no norte da Itália. Dom Bosco não foi o primeiro que criou esse tipo de instituição no Piemonte. O Oratório festivo e diário constituía uma modalidade flexível de obra juvenil, avaliada por experiência, na mesma cidade de Turim, de outro sacerdote empreendedor, Giovanni Cocchi (1840).

Dom Bosco se incorporou a esse movimento, de maneira original: “sentiu, desde o princípio com maior força, a necessidade de colocar - junto às práticas religiosas, as diversões e o catecismo – a instrução geral, mediante escolas dominicais e noturnas” (PRELEZZO, 2004, p. 20). Não é difícil entender a razão de seu comportamento. Grande parte da juventude com a qual ele entrou em contato era analfabeta. A partir de 1859, foi se consolidando um grupo de pessoas dispostas a consagrar-se ao cuidado da juventude “pobre e abandonada” (SDB-1859) e (FMA-1872).

Para Dom Bosco, o oratório festivo era a “paróquia” dos meninos abandonados. Ali, ele os ocupava com jogos, diversões e ensinava os rudimentos da fé cristã. Desde o início desse trabalho com a juventude desamparada, ele percebeu que, em termos de educação, o melhor era agir pela prevenção, a fim de que os jovens não incorressem em erros e perigos, e que não se tivesse de recorrer castigos ou métodos repressivos. Do Oratório Festivo surgiu a ideia de oferecer, além do espaço de brincadeiras e convivência saudáveis, um lugar onde os meninos pudessem aprender um ofício que os tornassem, no futuro, cidadãos úteis para o país. É assim que iriam florescer, no Oratório, as oficinas de artes e ofícios, que originariam as escolas profissionalizantes e agrícolas e, mais tarde, colégios com ensino primário e secundário.

Na cidade de Campos o Oratório Festivo foi espaço para formação e aproveitamento do tempo livre.

No Auxiliadora, antes mesmo de iniciar o ano escolar, em 1º de março 1925, aconteceu a abertura do Oratório Festivo. Geralmente as atividades desse Oratório ocorriam aos sábados e domingos à tarde, e constavam de estudo do catecismo e atividades recreativas no pátio do colégio com a presença das irmãs. Era uma proposta assistencial e educativa, mas não incluía atividades de escolarização. Além de terem o espaço dentro do colégio, as irmãs e algumas internas procuravam levar essa experiência a outras localidades para atingir maior

número de crianças e jovens e assim “evangelizá-las”¹³⁵. A cronista nos fala de uma concentração dos oratórios, “cerca de mil participantes com a presença do inspetor salesiano que celebra missa campal, a diretora distribui medalhas e doces” (Cron. CNSAC, 21/09/1947).

Chegou a Campos a Madre Geral. Irmãs, alunas e uma verdadeira multidão de pessoas, não excluídas as autoridades eclesiásticas e civis, tinham invadido o aeroporto. [...] Aumentando o trajeto do aeroporto ao Colégio, a Veneradíssima Madre passou em alguns centros de Catequese coordenados pelas nossas irmãs desta magnífica obra, [...]. *Uma irmã do colégio, ajudada da algumas outras irmãs e de uma dezena de catequistas, escolhidas entre as jovens mais afeiçoadas da casa, guiadas e instruídas em reuniões próprias, consegue atender o ensino Catequético em nove Escolas e seis Oratórios, com 3.800 alunos.* [...] No Colégio, grande e bonito, o único colégio religioso da cidade e da diocese, com 500 e mais alunas das quais 105 internas, a Madre teve outros motivos de alegrar-se e também pelas atividades de Apostolado que se estendem em quatro paróquias. O Bispo, assim falou das Irmãs: "As Irmãs são coadjutoras do Bispo... o Espírito Cristão que está no povo pode se dizer que é devido às FMA (*IL NOTIZIARIO delle Figlie di Maria Ausiliatrice nelle Missioni*, n. 12, 24 de Dezembro– 1949 – XX, p. 5-6)[grifo nosso].

Muito embora os oratórios não se constituíssem em atividade oficial que exigisse registros ou anotações devidas ao governo, seus mentores não deixaram de prover a quantificação dos destinatários da ação. A minuciosa contagem e registro de frequência dos meninos apontam para o grau de organização e controle da instituição, seguido do alcance que as múltiplas práticas educativas passam a ter em meio à juventude campista. Mesmo onde não houvesse colégios, imediatamente após a instalação, as FMA procuravam promover os encontros catequético-recreativos com aqueles que seriam os chamarizes das famílias e futuras alunas de seus colégios.

Com a presença do bispo, foi inaugurada a sala ‘Divina Providência’, obra de beneficência, organizada pelas ex-alunas em favor dos oratórios festivos da cidade que já eram 9 centros. “As ex-alunas se reúnem todos os dias das 15 às 17h para bordar, costurar e assim podem fazer um pouco de bem a juventude pobre e abandonada” (Cron. CNSAC, 24/03/1955).

¹³⁵ Em 1925, o número dos oratorianos era de 200, em 1935 (326), em 1944 (950) organizado em seis oratórios na cidade. Em 1948 (4.604), em 1954 (3.650). “Este ano [1939] foi possível iniciar com ótimo resultado, a Cruzada Eucarística e o Oratório para crianças das 8 as 10.30 com missa, recreação e catecismo. Com a ajuda das boas Filhas de Maria pudemos dar uma mão no ensinamento do catecismo em dois outros fora da cidade fazendo assim obstáculo a propaganda protestante” (Estatística Anual enviada a Roma, 1939, anexa a crônica da casa).

4.6. Novas Educadoras, filhas da terra

Olhando os censos do Brasil de 1872 e 1920, vemos uma mudança significativa no número das religiosas, que passou de 286 para 2.944, multiplicando-se mais de dez vezes. Se continuássemos a olhar o crescimento numérico das irmãs, veríamos que esse número triplicou entre 1920 e 1935, saltou de 2.944 para 8.826.

As congregações religiosas femininas, cujos efetivos cresceram velozmente, foram responsáveis por uma vasta rede de escolas e colégios para a infância e a juventude feminina que passaram a cobrir as cidades do país. “A mulher, até então bastante limitada em suas funções na sociedade brasileira, encontrou na vocação religiosa um caminho de realização não apenas espiritual, mas também humana” (BEOZZO, 1983, p.128).

As salesianas, ao chegarem ao Brasil, em 1892, eram 12. Em 1940, já eram 522 e, em 1961, houve um grande crescimento numérico, 1.315 irmãs. A independência administrativa mostra que as Irmãs Salesianas sabiam levar avante o projeto sem a custódia masculina, desde 1907, embaçadas na “*Normae secundum quas*”(1901).

A candidata a FMA devia ser filha legítima, gozar de boa saúde, não ter defeito físico ou moléstia que a incompatibilizasse com a vida que desejava abraçar, e possuir ao menos regular instrução (FMA, 1933, p. 36). A aptidão ou idoneidade para a vida religiosa é um conjunto de qualidades naturais, físicas, psíquicas, morais e religiosas. Era preciso que a jovem fosse normal em tudo: inteligência, boa saúde, equilíbrio psíquico. Qualidades morais indispensáveis: pureza, espírito de sacrifício, generosidade. Acima de tudo, precisava ter amor a Deus e ao próximo, querer dedicar-se, consagrar-se ao cuidado do outro.

Para melhor compreensão do funcionamento do período de discernimento para a vida religiosa, alguns esclarecimentos se fazem necessários. *Aspirante*: é a jovem no período para discernimento e orientação, também chamado de aspirantado. *Postulante*: é a jovem no tempo de imediata preparação ao noviciado, também chamado postulado. *Noviciado*: é o período da verdadeira iniciação à vida religiosa, depois de dois anos a candidata é admitida à profissão religiosa: a jovem torna-se professora. *Juniorato*: segue-se o tempo do tirocínio na

vida religiosa, comunitária e apostólica, com duração de seis anos. Depois a juniorista fará seus votos perpétuos (Constituições, Regulamento das FMA, 1992).

As salesianas de Campos procuraram atrair para a vida religiosa muitas de suas alunas, por meio de práticas religiosas que permeavam a vida do internato e que envolviam as alunas num ambiente de devoção e amor a Deus. Com essa finalidade, foram organizadas no Colégio as associações religiosas.

Em 1932, as crônicas do Auxiliadora trazem: “Surgem quatro vocações: duas no internato, uma no externato e uma no oratório”. “Uma ex-aluna, Léa Ramos, hoje advogada, deseja entrar nas nossas fileiras” (21/06/1950). “Ingressa conosco uma aspirante, Isabel Carvalho que frequenta o 3º normal” (1º/07/1953). “Ingressa como aspirante, a Jurema Velasco, de Cambucy, nossa ex-aluna e mestra” (13/09/1953). “Mais uma candidata para o Instituto, de São Fidelis, Maria Eugenia Barreto Porto, mestra, concluiu no Auxiliadora em 1947” (19/11/1953). Vocações que a casa deu ao Instituto: 29 Campistas e 33 do Estado do Espírito Santo. (AZZI, 2002a, Anexo v. 2– p. 13-15).

A expansão geográfica de um Instituto Religioso tinha estreita relação com o aumento ou a diminuição de seus membros. O número de missionárias que foram chegando da Itália e de outros países e as vocações locais levaram à frente o modesto “broto” das FMA no Brasil que se tornou uma “árvore frondosa”, cheia de seiva, que, já por 121 anos, atua em várias frentes no país.

5. A organização e o cotidiano da escola de professoras do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ

Posso atestar que o Colégio N. S. Auxiliadora prima pela organização perfeita que possui, pela ordem, disciplina e pelo sentido moral em que é orientado o seu ensino. As instalações, os laboratórios de Física, Química e História Natural satisfazem, inteiramente, as exigências das leis do Ensino Secundário do país. [...] Este termo é o preito de homenagem às Irmãs do Colégio N. S. Auxiliadora, pelo muito que já tem prestado moral, religioso e cívico às moças brasileiras (BORTOLUZZI. Flávio S. - Inspetor Federal do “Liceu de Humanidades de Campos”, 27/05/1937, apud Livro de Termo de Visitas do CNSAC)[grifo nosso].

Cada escola constitui uma organização específica sujeita a dinâmicas internas e externas que, por um lado, a inscrevem num “programa institucional” comum (a educação como forma de socialização, transformação do educando em cidadão) e, por outro lado, as diferenciam em função dos diversos contextos locais e do jogo estratégico dos atores. Barroso (2007, p. 155) põe em evidência a dimensão institucional das organizações escolares, isto é, o conjunto de princípios, valores, hábitos, comportamentos, regras que determinam um quadro de ação comum para a aprendizagem e socialização dos educandos, e a universalidade do seu programa.

Valores, normas legislativas, hábitos, atores, saberes, espaços, tempos e infinitas outras coisas que ali se cruzam constituem marcas distintivas da cultura escolar. Nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é fundamental olhar para o seu entorno, numa mesoabordagem.

Na dimensão física, elucidamos os espaços, contextos e estrutura arquitetônica do edifício que materializam em cada elemento de sua composição as opções, as concepções, os valores e preocupações humanas de sua época. Existe a dimensão humana: a relação entre alunos, professores, gestores, funcionários, as relações de poder, a participação da comunidade envolvente. Mostramos, neste capítulo, a cultura escolar que se manifesta nos tempos, espaços e práticas típicas das salesianas naquele contexto específico.

5.1. Os Tempos Escolares na Escola de professoras do Auxiliadora

O tempo escolar não é um simples esquema formal ou uma estrutura neutra [...] mas sim, [...] uma sequência, curso ou sucessão continuada de momentos em que se distribui o processo e a ação educativa, o fazer pedagógico; [...] valores e formas de gestão, um tempo a interiorizar e aprender. [...] um tempo pessoal e um tempo institucional e organizativo (VIÑAO FRAGO, 1995, p.73)

O tempo escolar é um dos elementos constitutivos da organização do trabalho pedagógico. O calendário escolar ordena o tempo: determina o início e o fim do ano, prevendo os dias letivos, as férias, os períodos escolares em que o ano se divide, os feriados cívicos e religiosos, as datas reservadas à avaliação, os períodos para reuniões técnicas, cursos etc. A organização do tempo do conhecimento escolar é marcada pela segmentação do dia letivo, e o currículo é, conseqüentemente, organizado em períodos fixos de tempo para disciplinas supostamente separadas.

O ano escolar do curso normal era de março a dezembro, de segunda a sábado, com cinco aulas diárias. De 1942 a 1947, o curso era de dois anos, a partir de 1948 são três anos, conforme a Lei Orgânica de 1946, que deu um prazo para a adequação das escolas. A divisão dos tempos pelas disciplinas e as hierarquias aí produzidas envolviam também os trabalhos extraescolares de alunas e professoras (es) na realização ou preparação de trabalhos escolares. No início, era só uma turma de cada série, em meados da década de 1950, houve séries com duas turmas.

Esse tempo escolar de preparação para a vida adulta, porque relacionado ao trabalho e à responsabilidade, era também um tempo de brincadeiras, de gozo, de felicidades.

As festas praticamente marcavam o fluir do tempo no Auxiliadora, prevalecendo nessa cultura escolar uma temporalidade religiosa, apesar da crescente racionalização. Os exames, as exposições, as premiações e as competições escolares, os desfiles cívicos nos chamam a atenção para os tempos em que a escola e os estudantes aparecem publicamente.

O Tríduo Escolar, a Festa do Regulamento, era uma das primeiras atividades do ano, na qual se liam e se comentavam seus principais tópicos. Em sintonia com a nova concepção de sociedade urbana, os alunos aprendiam no

pequeno mundo escolar que todas as suas ações diárias deviam ser pautadas pelas normas estabelecidas pelo regulamento do colégio.

Existe a partida definitiva das alunas do colégio, mas há aquelas intermediárias, as **férias**, que são um período fortíssimo do ano escolar, um período no qual se pode verificar, ao menos em parte, a eficácia da mensagem educativa das educadoras entre as alunas, “Cada FMA deve preocupar-se da primeira à última lição do ano, aquela que *ficará impressa como uma força motriz*: a lição do seu testemunho cristão. Esta gritará forte mesmo quando a sua voz calará” (LUCOTTI, L. *in*: VASQUETTI, L. C.C, nº 159, 24/05/1933) [tradução e grifo nosso].

O Instituto das FMA se preocupava com esses períodos; são muitas as recomendações, as orientações enviadas para as comunidades educativas.

Nas férias das nossas alunas procurem preservá-las do ócio, da apatia e de frívolos passatempos. As professoras devem aconselhar leituras adaptadas e formativas, sugerindo atividades, deixando-as livres na escolha e no desenvolvimento. Mostras escolares, desenhos, aquarelas, trabalhos de malha bordados, quadros a óleo, mapas geográficos, coleções de cartolinas, álbuns de economia doméstica, herbários, fascículos manuscritos, ilustrados de fotografias, vinhetas, artigos de jornais, etc. Destas exposições há o lado de tantas belas atividades, a importância do lado moral quanto do intelectual, pois estes trabalhos exigem estudo, observação, aprofundamento, o contato mais direto com as professoras para a orientação (*IL NOTIZIARIO delle Figlie di Maria Ausiliatrice nelle Missioni*, Anno XII, n. 10-11, 24 de Out/Nov – 1941 – XX, p. 1-2) [tradução nossa].

Quando as antigas professoras do Colégio Auxiliadora foram interrogadas sobre as férias escolares, uma respondeu:

As alunas eram preparadas para voltar ao “mundo” (especialmente as internas) sem esquecer o que se cultivava no ambiente do Colégio: as práticas de piedade, especialmente a missa e comunhão, a confissão frequente – semanal se possível, a devoção a Maria, a pureza de costumes, a fuga do pecado e das ocasiões perigosas, conservar o estado de graça – a fim de salvar a própria alma, estando sempre preparadas para o encontro com Deus, se chegasse o momento da morte. Era a espiritualidade católica da época, com suas luzes e sombras (*Colibri*, profª 1957-1960).

A “**boa noite**” no Sistema Educativo Salesiano é a última conversa da jornada feita entre educadoras e educandas com a finalidade de deixar no ânimo dos jovens uma duradoura impressão, deve ser rápida, simples e envolvente. Foi Dom Bosco quem introduziu essa prática que permanece ainda hoje nas obras salesianas e passou a ser chamada de “bom-dia”, “boa-tarde”, ou “boa-noite”, conforme o horário da escola, e mais utilizada como “acolhida”, é orientação do

dia, encorajamento, enfim, a grande meta a atingir: “Boas cristãs e honestas cidadãs”. Ela é a chave da moralidade, do bom andamento e bom êxito da educação.

Três elementos a constituem: a matéria, a forma e a duração. Todas as noites, depois das orações de costume e antes que as alunas vão repousar, ou no início da jornada escolar, a diretora ou quem lhe faz as vezes dirige-lhes, em público, algumas palavras afetuosas, dando-lhes algum aviso ou conselho relativo ao que se deve fazer ou evitar; procurando que o assunto se relacione com fatos ocorridos durante o dia, em casa ou fora; mas essas palavras não devem passar de cinco minutos.

As ex-alunas e antigas professoras recordaram muito desse tempo, dos ensinamentos dados e dos subsídios utilizados neste momento:

As palavrinhas de acolhida para as alunas eram tematizadas conforme o tempo litúrgico, ou segundo a necessidade de cuidar melhor de algum ponto do Regulamento, atenção a alguma visita ou acontecimento da cidade, uma exortação a partir de uma historinha, fábula, vida do santo do dia ou de um herói da pátria” (*Colibri*, profª 1957-1960).

Eu era aluna externa. Todas as manhãs nos reuníamos antes das aulas e a assistente geral, no pátio, recebia a todas e nos dirigia algumas palavras. Não me lembro qual era o teor da conversa mas sei que havia orientações a respeito de disciplina e um controle sobre a exatidão do uniforme ou, principalmente nas segundas feiras, uma avaliação para ver se alguém tinha vindo com esmalte colorido nas unhas (nesse caso era necessário retirá-lo) (*Gérbera*, turma 1957).

É interessante perceber que a cultura escolar envolve o conjunto do fazer escolar, aquele que determina o que e quando ensinar, o que inculcar, os fins a atingir, mais especificamente, o que transmitir. Os tempos e os espaços escolares participavam da racionalização da vida social e da construção da temporalidade urbana.

5.2. Ambiência Salesiana - Inventários e Materiais Escolares

“Os jogos dos passos moldam espaços... tecem lugares”
(CERTEAU, 2007).

Somos todas educadoras [...] Temos todas o dever de concorrer a formação do incisivo clima salesiano. Mas como se forma o ambiente? A oração, o bom exemplo, a regularidade, a serenidade e a santa alegria, o espírito de sacrifício, a união cordial entre as irmãs. Elementos preciosos que devem espalhar como uma

atmosfera (LUCOTTI, E., *in*: VASQUETTI, C.C., nº 122, 24/10/1929) [tradução nossa].

O espaço escolar não se reduz a um cenário. Ele está enredado numa trama, formando-se, assim, constituidor de sujeitos. Dom Bosco colocava como fundamental para o crescimento dos jovens a criação de um **ambiente educativo**¹³⁶, tecido humano no qual se entrelaçam múltiplas relações, onde os jovens podiam experimentar ser pessoalmente amados, estimados nos seus valores intrínsecos, na capacidade de abrir-se aos outros e a Deus. Como conhecedor da importância da família no crescimento sadio das crianças e jovens, decide reproduzir o estilo familiar nos ambientes de acolhimento dos educandos. Chamará “espírito de família” o clima que se respira nas suas casas.



Figura 25: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – Campos/RJ - 1925
Fonte: ACENSA

A Carta de Roma de 1884 (BOSCO, 2005) nos dá algumas características deste ambiente educativo onde reina a familiaridade, a espontaneidade, o respeito, a confiança mútua entre educadores e educandos, “sem familiaridade não se

¹³⁶ Perceber a importância do ambiente foi uma das primeiras aquisições que Dom Bosco incorporou na sua experiência de educador, inaugurando assim o que seria mais tarde chamado de ecologia educativa. O ambiente é formado pelos programas, pelos horários, pelas paredes, que podem manifestar alegria e acolhimento ou frieza e apatia; pela decoração, vasos ornamentais, flores, árvores, pelos jardins bem cultivados. Entretanto são as pessoas que dão o tom ao ambiente. Um ambiente educativo não é outra coisa senão uma comunidade de pessoas; o clima é formado pelo tipo de relacionamento que se estabelece entre elas e pelos valores que as unem. O ambiente, em linguagem moderna, o *ground*, exprime de maneira vivaz os valores que se quer proporcionar.

demonstra afeto e sem essa demonstração não há confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama”. Outra qualidade do ambiente salesiano é a alegria. Ela é a um tempo condição, meio pedagógico e efeito da educação. Concorrem para criar esse clima de alegria, além do pátio, o teatro, as declamações, as excursões, a música, o canto, a dança e tantas outras atividades que “levem o jovem a sair do ramerrão do dia a dia, para sonhar algo melhor, que ele é convidado a construir” (FERREIRA, 2008, p. 8-11).

O que há de mais sutil e especificante em um ambiente educativo são as relações que se processam nesse ambiente e que o constituem. Talvez a palavra clima possa captar a sutileza e a leveza da qualidade de um ambiente escolar.

Entre os vários dispositivos que constituem uma instituição educativa, chama a atenção a estrutura espacial: arquitetura, plantas, normas de construção dos prédios, comumente normatizadas por projetos estabelecidos pelo governo, impondo o cenário de uma determinada cultura escolar. Para Escolano (1998, p. 26), a arquitetura “é por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para (...) toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e ideológicos”.

A implantação do edifício na paisagem física e humana, seus acessos e formas de isolamento e/ou de relação e integração com a comunidade e o meio envolvente foram aspectos considerados no artigo da *Folha do Commercio* que comunicava aos campistas a fundação do Colégio.

O Colégio N. S. Auxiliadora funcionará no palacete e chácara que pertenceram ao dr. Joaquim Ribeiro de Castro e que foram para este fim recentemente adquiridos. O prédio sito a Rua Salvador Corrêa, está passando por uma completa reforma já quase terminada, que o transformará num edifício modelo para o fim a que se destina. A área de terreno da chácara é extensíssima, confrontando com três ruas num perímetro de algumas centenas de metros, abrangendo uma área de 30.000 metros quadrados, o que constitui um elemento de alto valor para um estabelecimento do gênero desse que a 1º de Março próximo se vai inaugurar (FOLHA DO COMMERCIO, 25/01/1925) [grifo nosso].

Temos, portanto, um Colégio situado em Campos, com área de 24.000m², ruas que circundam a quadra: Na frente: rua Salvador Correa, à direita, rua Voluntários da Pátria, à esquerda, rua dos Bondes, nos fundos, rua Formosa. Era uma grande chácara que pertencia à família Ribeiro de Castro. O prédio foi remodelado para o início da obra educativa. Possuía uma vastíssima área de

terreno, um quarteirão inteiro, em grande parte plantadas árvores frutíferas e ótimas condições para toda sorte de recreios ao ar livre. O terreno foi dividido em duas partes, atendendo planos da Prefeitura Municipal de reorganização da cidade e prolongamento da Rua Benta Pereira. Uma das partes foi destinada à construção do Orfanato N. S. Auxiliadora, (Cron. CNSAC, 16/08/1949) que muda o nome para Instituto Profissional Laura Vicunha em 1958. Depois dessa divisão o GENNSAC passou a ter uma área total de 17.825 m², vasto terreno que permitiu futuros acréscimos.

O edifício estava localizado em ponto elevado, salubre, com boas condições de isolamento e ventilação, isento de influência que pudesse perturbar a atenção das alunas. A parte nova do prédio foi inaugurada em 1936 de acordo com as exigências da lei em vigor, o Decreto 21.241/32. Era composto de dois pavimentos. O material de construção era de ótima qualidade. Possuía uma entrada geral ampla e duas secundárias, que permitiam fácil e rápida movimentação das alunas.

Nos estatutos e folhetos de propaganda, a fim de atrair a atenção dos pais, as salesianas procuraram enfatizar a boa localização do prédio, o clima saudável, a construção realizada dentro das orientações médicas sanitárias da época.

As “arquitetas” salesianas estabeleceram padrões de funcionalidade para conciliar, nas construções de colégios, ambientes fundamentais: pátio, igreja, salas de aula, dormitórios, refeitório, ambientes arejados e aconchegantes, cores alegres, para combinar com a proposta de uma escola cheia de vida.

Em 1937¹³⁷, o Colégio possuía extintores de incêndio, 10 caixas de água, com uma capacidade total de 19.150 litros, iluminação natural, que se projetava por grande número de janelas, cuja disposição permitia luz eficiente e abundante, a iluminação artificial era a elétrica.

Quanto ao asseio e instalações higiênicas, havia cinco bebedouros automáticos de água filtrada e quatro filtros que forneciam 2.000 litros de água, 55 lavatórios e 16 chuveiros distribuídos pelo estabelecimento, quatro “*bidets*” de

¹³⁷ Ano do Relatório para a Inspeção Permanente, Criação e Reconhecimento do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora que aconteceu com o Decreto Presidencial nº 3.184/38, publicado no Diário Oficial de 18/10/1938. O patrimônio desse Colégio em 1937 era de 900:000\$000 (novecentos contos de reis) valor dos seus móveis e imóveis, o prédio era próprio e construído especialmente para esse fim. A principal fonte de renda eram as pensões das alunas internas e as mensalidades das alunas externas e semi-internas.

louça de sistema moderno, 17 W.C. de louça, com caixas de descarga e nove banheiras esmaltadas.

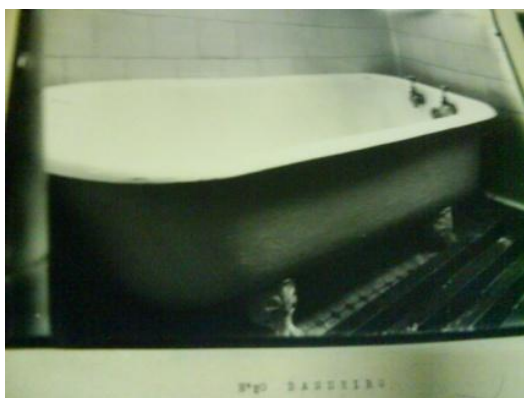


Figura 26: Banheira, – 1937.

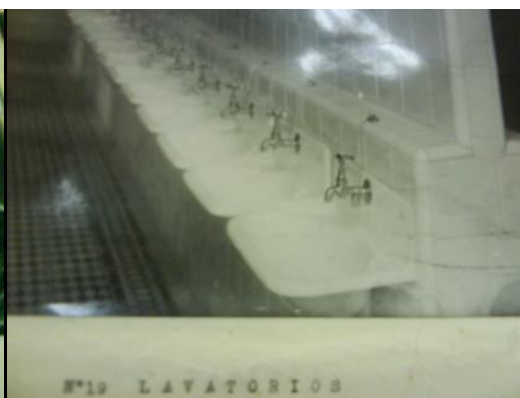


Figura. 27: Lavatórios - pias – 1937.

Fonte: ACENSA – Arquivo do Colégio N. S. Auxiliadora, 1937.

No relatório (PINHEIRO, 1947), consta que havia naquela época 12 salas de aula e um pavilhão em construção que viria aumentar esse número e atenderia todas as exigências do ensino e do moderno sistema pedagógico.

As instalações do internato eram muito boas, havia dois grandes dormitórios e um menor, obedecendo às seguintes dimensões:

Dormitórios	Dimensões	Área	Iluminação	n. de janelas	nº de camas
1º	14,70 X 8,20	120,54	9	23,22	40
2º	11,30 X 8,20	92,66	7	16,52	32
3º	6,60 X 6,70	44,22	2	8,04	9

Os dormitórios apresentavam características comuns: Camas de ferro esmaltado com lastro de arame. Colchões e travesseiros de crina vegetal e algodão. Criado mudo, cada aluna possuía um à cabeceira para os objetos de “*toilette*”. As alunas eram distribuídas nos dormitórios, de acordo com a idade, sendo os cuidados noturnos feitos por uma ou duas irmãs assistentes em cada um deles.

Rouparia: duas salas com armários para guardar os uniformes e a roupa das alunas, de acordo com as idades: maiores, médias e menores.

O gabinete dentário era bem montado e moderno, sob a direção de um profissional para atendimento às alunas. Havia uma enfermaria para os casos de emergência e dois quartos isolados para doenças mais graves.



Figura 28: Gabinete dentário do Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ - 1950
Fonte: ACENSA

O Colégio possuía um refeitório para o internato e semi-internato, medindo 220m², com mobiliário adequado. A copa, despensa e cozinha eram bem instaladas. Uma lavanderia completava as instalações para o internato.

Mobiliário: Carteiras adaptáveis à estatura das alunas, mesa, cadeira para uso dos professores, armário e outros pertences, conforme exigência da matéria lecionada, oferecendo condições de conforto e higiene.

Em relação às salas especiais e materiais didáticos, havia o auditório, salão que comportava cerca de 450 pessoas, em que se realizavam sessões cívicas e literárias. No fundo, existia um palco para representações teatrais.



Fig. 29: Palco para Festa - Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ - 1929
Fonte: ACENSA

Entre os ambientes que compunham o conjunto da escola, existia uma pequena biblioteca para os professores, e uma para o uso das alunas com mobiliário apropriado e dotada de livros¹³⁸ e revistas relativos à cultura geral e especial do ensino secundário.



Figura 30 e 31: Biblioteca - Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ – 1937 e 1950
Fonte: ACENSA

Havia uma área coberta, ginásio, para educação física medindo 250 m².



Figura 32: Ginásio de Educação Física - Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ – 1940
Fonte: ACENSA

¹³⁸ Portuguez e literatura: 133 volumes, Francez, Ingles, Latim, Italiano: 94 vol. Geographia: 56 vol. Historia: 57 vol. Mathematica: 47 vol. Physica e chimica: 42 vol. História Natural: 34 vol. Desenho: 14 vol. Instrução Moral e Cívica: 13 vol. Religião 320 vol. Sociologia: 14 vol. Dicionários de vários idiomas: 14 vol. Tesouro da Juventude: collecção completa, Revista “A Ordem”, “Revista La Scuola Italiana Moderna”, “Revista Vozes de Petrópolis” e “Revista Auxilium” (Relatório, 1937).

A importância da educação física apareceu a partir das preocupações biológicas e higiênicas e, além da Ginástica constar no currículo, o programa preocupava-se em passar às mestras primárias uma pedagogia dos jogos e brincadeiras recreativas.

A sala de Geografia era instalada com mobiliários adequados à ministração do ensino dessa disciplina: tabuleiros de areia e de Lange, globo terrestre, bússola, termômetro, barômetro, coleção de mapas, de produtos nacionais, de paisagens do Brasil e de outros países, atlas, amostras de madeiras, máquina cinematográfica.



Figura 33: Sala de Geografia -Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ – 1937
Fonte: ACENSA

Ciências Físicas e Naturais e o Laboratório de Física, Química e História Natural eram reunidos numa mesma sala, podendo comportar 30 discentes em demonstrações práticas (apêndice G).



Figura 34 e 35: Laboratório de Química e Sala de Ciências - CNSAC/RJ – 1937 e 1950
Fonte: ACENSA

O Museu de História Natural do Colégio era bem completo.



Figura 36: Museu de História Natural - CNSAC/RJ – 1937
Fonte: ACENSA

A Sala de Desenho possuía coleção de modelos em gesso, em gravura e em cerâmica, sólidos geométricos em madeira, réguas, esquadros, transferidores, compassos.



Figura 37: Sala de Desenho e Artes - Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ – 1937
Fonte: ACENSA

Nesse conjunto significativo, existiam escritórios de educadores que exerciam funções especiais (direção, conselheira escolar etc). Esses escritórios deveriam estar ao alcance de qualquer aluna, e todas deveriam ter certeza de poder contar a qualquer momento com a cordialidade dos educadores. Quanto aos

ambientes das irmãs, embora localizados no corpo do prédio da escola, é como se estivessem fora, pois, protegidos pela clausura¹³⁹, eram inacessíveis às alunas.

5.2.1. Espaços Simbólicos do Auxiliadora: Capela, Pátio, Sala de Aula

Pelas relações que faz e pelas relações que estabelece o historiador atribui um sentido inédito às palavras que arranca do silêncio dos arquivos (CHARTIER, 2002).

No projeto educativo das Salesianas em Campos, o ambiente estrutural da escola tinha muita significatividade em alguns setores, pelo grau de comunicação de que era portador. A **capela** interna como lugar onde Deus está presente e aguarda a visita de alunas e educadores, quer individualmente ou em grupos. A capela não era um simples espaço no conjunto arquitetônico do colégio, representava o eixo central, em torno do qual deviam girar todas as intervenções educativas, o centro irradiador da ação formativa das salesianas, deixando claro o poder que a religião tinha naquele contexto.



Figura 38 e 39: Capela do Colégio N. S. Auxiliadora, reformada e inauguração oficial 1958¹⁴⁰

Fonte: ACENSA

A igreja, nau que conduz ao céu, dividia-se em duas naves nas quais se dispunham bancos comuns, alinhados em perfeita simetria.

¹³⁹ Clausura e silêncio na Constituição das FMA, 1944, Art. 97 e 98. Em cada casa haverá uma parte reservada exclusivamente às irmãs, na qual não se admitirá nenhuma pessoa estranha, sem licença da superiora, que havendo necessidade, poderá com a devida cautela, permitir a entrada de outras pessoas cujos serviços forem necessários.

¹⁴⁰ Bênção litúrgica da nova Capela, da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, oferta da Senhora Inês Sence, e dos quadros da Via Sacra (Cron. CNSAC, 25-29/10/1956). A cerimônia se realizou em caráter particular, ficando as solenidades de inauguração oficial para outra oportunidade (18/05/1958).

O **pátio** era tido como lugar importante onde a comunicação acontecia e as relações educativas eram mais espontâneas, descontraídas, alegres, expansivas, lúdicas e festivas, com os educadores em meio aos educandos nos momentos de intervalo de dedicação ao estudo. Era inconcebível uma escola salesiana sem amplos pátios, dizia-se que os pátios eram a “alma” da casa.

O caráter formativo do pátio se concretizava por meio das imagens da cruz e da Virgem aí colocadas, como também nos corredores, nas salas de aula. A ocupação dos espaços com esses símbolos tem “um sentido formador, apontando aqueles ou aquelas que devem ser modelos, permitindo que as alunas se reconheçam nesses modelos, constituindo-se como mulheres castas e piedosas” (LOURO, 1998, p. 58).

Salas de aula – Estudo: As aulas não eram menos disciplinares do que em qualquer outra escola; inclusive o Auxiliadora ostentava a imagem de rígida disciplina. No internato, o estudo - nome indicador da ala e do tempo que aí se permanecia - merece algumas observações. Este período destinava-se à leitura e à feitura das tarefas, aulas de boas maneiras, divulgação das notas, observações semanais do comportamento de cada um e outras atividades afins. Na sala de estudos, à frente, sobre estrado, estava a cátedra da assistente, de modo a permitir-lhe, olhando por sobre as cabeças, ter uma visão instantânea e global do ambiente. A assistente experiente deveria circular entre as fileiras.

A fixação do aluno em seu lugar específico, como acontecia em todos os outros ambientes, garantia o preenchimento de todos os espaços e a rápida localização de eventuais ausências.

As salas de aulas eram espaçosas, com carteiras individualizadas, com estrados onde o professor ficava em uma posição de destaque, com símbolos religiosos.

Não só o espaço físico, mas todo o conjunto didático pedagógico era um revelador significativo da cultura de uma instituição: uma dimensão que envolve a ação educativa em si, os professores, as disciplinas, a metodologia de ensino, as estratégias, a organização curricular, os alunos, os gestores. É possível, mediante esta descrição, afirmar que o Auxiliadora era uma escola com estrutura e ensino nos moldes de uma ciência moderna, mas com as marcas do seu caráter confessional.



Figura 40: Uma sala de aula do Colégio N. S. Auxiliadora – Campos/RJ - 1950
Fonte: ACENSA

5.3. As Práticas Educativas das Salesianas

Nos quatro anos em que trabalhei no Colégio N. S. Auxiliadora de Campos (1957-1960) houve festivais de música e poesia. As alunas participavam das festividades do “Dia da Pátria” na cidade, desfilando com uniformes impecáveis, pequena fanfarra, bandeiras. Também tinha especial destaque a “Festa da Gratidão”, na pessoa da Irmã Diretora, com homenagens preparadas por cada grupo representativo: Maiores, Médias, Menores, Escola Doméstica, Externato, Ex-alunas... Além da missa festiva, havia festa de palco, com recitais de canto, piano, dança e uma peça de teatro (*Colibri*, profª 1957-1960).

A busca pela compreensão das instituições escolares passa, necessariamente, pela análise da cultura escolar, para, assim, chegar ao conhecimento das práticas educativas presentes no cotidiano das instituições. Desta forma, buscamos, neste trabalho, a análise das práticas educativas do Curso Normal do Auxiliadora. De acordo com Julia (2001):

a cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, é um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos (JULIA, 2001, p. 10).

Na invenção da modernidade urbana, criavam-se nos colégios femininos novas formas de sociabilidade e de sensibilidades, expressas no canto, na música, no teatro. A educação estética, artística constituiu um complemento importante da formação cultural da juventude pertencente à burguesia emergente. Não bastava apenas exibição das boas maneiras nas relações sociais, as jovens deviam também mostrar seus dotes artísticos, aprender a tocar piano, violino, a declamar poesias, cantar, representar.

No Auxiliadora, associados ao conjunto dos aspectos pedagógicos, estavam aqueles ligados à formação cristã, a aquisição e o fortalecimento dos fundamentos religiosos, condição de todo “edifício educativo” junto com a educação cívica e patriótica. Aliados a esses meios, surgiam os recursos: as festas religiosas ao longo de todo o ano letivo, nelas as alunas tinham oportunidade de demonstrar seus dotes artísticos, as boas leituras, os momentos das “boas noites”, as “florzinhas” em honra de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus, as datas de nascimento e morte dos fundadores e do aluno santo, Domingos Sávio, São José, São Francisco de Sales, Santa Teresa de Jesus e Anjo da Guarda, dentre outros. As meninas eram exortadas a participar das associações religiosas, bem como dos retiros espirituais.

5.3.1. As Festas Religiosas e Cívicas, demonstração de Arte

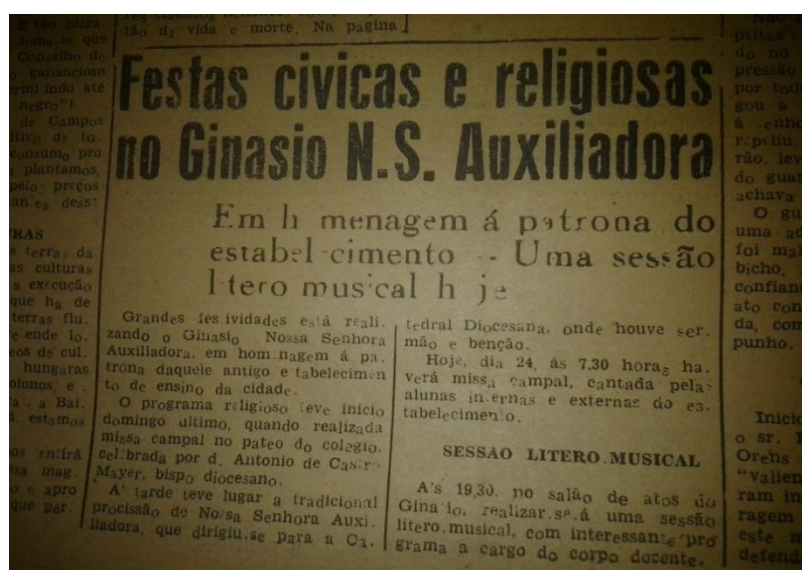


Figura 41: Artigo sobre as Festas Cívicas e Religiosas do Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora - 1949

Fonte: Jornal “*Monitor Campista*” 24/05/1949 p. 1 nº115 ano 115

A vida como **feira** é elemento fundamental da pedagogia salesiana, nela estão articuladas alegria e dever, “a festa reforça os laços afetivos e religiosos, eleva o ser humano a um plano superior àquele vivenciado no dia-a-dia, aflora desejos, atualiza e revigora tradições sociais”(CHALOUB, 2005).

A festa, como instrumento educativo, trazia, no seu bojo, a marca da disciplina e da ordem. Para as FMA, a boa educação pautava-se nesses elementos

para a aquisição completa de uma educação integral num ambiente festivo e alegre. A alegria é o "décimo primeiro mandamento das casas salesianas". Ela nasce como expressão espontânea daquele que se sente amado e que é capaz de amar, de cuidar, por isso, a festa como celebração da vida e do compromisso; “de festa em festa, se chega ao céu” é um provérbio muito vivenciado pela família salesiana.

O ano letivo era constelado de festas litúrgicas, tríduos, novenas, mas nada disso era pesado, tudo era intercalado com jogos, brincadeira, charadas, conversas alegres e impregnadas de seriedade e construção educativa.

No Auxiliadora, havia **festas de cunho cívico e religioso**. As primeiras sempre eram compostas de discursos e de alguma apresentação ou torneio de ginástica; já nas segundas, além dos discursos e das coreografias de ginástica, realizavam-se apresentações de cantos, instrumentos musicais, alguma atividade de piedade ou culto. Em ambas, não podiam faltar autoridades civis e religiosas.

5.3.1.1. As festas e atividades promovidas pelo Colégio Auxiliadora

Maria Auxiliadora “Mestra e Mãe” na pedagogia salesiana

No sonho dos nove anos, o Senhor de majestoso aspecto diz a Joãozinho, enquanto mostra a Senhora: *Eu te darei a Mestra, sob cuja direção podes tomar-te sábio*, e sem a qual qualquer sabedoria se torna estultice (MB I, 124) [grifo nosso].

Uma coisa é certa: temos trabalhado só para representar ao vivo a Auxiliadora (VESPA, A., Carta Circular nº 378, 24/11/1953) [tradução nossa].

Maria está presente na história do Instituto das FMA desde o nome escolhido: *Filhas de Maria Auxiliadora*, e neste título está contida a vocação de *auxiliadoras*, convidadas a estar ‘presentes’ entre as jovens por toda a vida.

Para as salesianas, Maria é mãe, mestra, guia e protetora, mas também modelo de fidelidade, de atitude discípula, de entrega total. O culto a Maria Auxiliadora é vivo em cada FMA e elas procuram difundi-lo em suas alunas para que estas, por sua vez, o difundam nas próprias famílias e no ambiente profissional.

No dia 24 de maio de 1925, começou a devoção a Maria Auxiliadora, em Campos, “a 1ª festa com missa campal, cantada, primeiras comunhões, procissão com a imagem oferecida ao Colégio por uma ex-aluna de Ponte Nova, Mercedes

Boeschenstein, distribuição de fitas dos devotos de N. S. Auxiliadora” e, ano após ano, essa devoção foi se consolidando na vida das ex-alunas.

Eis o grande dia da nossa cara Mãe Auxiliadora! As 7h, no salão transformado em capela para conter toda a família salesiana, missa cantada. Grande é o fervor e o entusiasmo! Um belo grupo se aproxima pela primeira vez da mesa eucarística. O canto “Viva Maria Auxiliadora” é a chave de ouro desta fervorosa manhã. As 19h solene oferta de flores a Auxiliadora; recepção de novas Filhas de Maria; bênção eucarística. Academia das alunas internas (Cron. CNSAC, 24/05/1943).

Destaque especial era dado às solenidades dedicadas à Virgem Maria. Era bem celebrada, com missa festiva, cantada pelas alunas até a três vozes, com acompanhamento de órgão e, às vezes, violino. “As alunas internas tinham almoço festivo, todo o Colégio, familiares, ex-alunas participavam da homenagem, à tarde, na capela (coroação, poesias, jograis, composições literárias) e procissão pela cidade” (*Colibri*, profª 1957-1960).

A festa e a novena da Auxiliadora com coroações, cantos, procissões, campanhas, que envolviam alunas e seus familiares se tornaram indelévels em minhas lembranças. No dia da festa ganhávamos bombons e havia ainda o chocolate quente após a missa festiva! O amor a Maria foi alimentado com muito carinho (Garça, educadora 1943-1950).

O mês de maio era todo dedicado a Maria. No dia 24 de maio acontecia a festa principal da escola, a patrona, Nossa Senhora Auxiliadora. Essa festa era precedida da novena que se iniciava no dia 15 e durante esses nove dias havia as “indústrias, florzinhas”, a oferta dos corações e flores e a coroação da imagem entre cantos e vivas, feita por alunas vestidas de anjinhos.

O mês de maio era muito bonito, muito festejado, as procissões que fazíamos, o andor que preparávamos para Nossa Senhora, a cidade inteira participava. O trajeto passava, ia até a Rua dos Homens, paralela a Catedral, íamos pela Beira Rio e voltávamos pelo centro, até o Colégio onde acontecia a bênção de Maria Auxiliadora, coroação da estátua de Maria. Havia uma academia após a missa (*Canário*, profª 1959-1961).

A novena era feita com muito amor e piedade, a procissão, o andor muito bem ornamentado, as ruas da cidade ficavam cheias de pessoas que aplaudiam a imagem e na chegada a emoção era muito grande com orações, cantos, vivas e muito choro (*Angélica, turma 1955*).

Neste dia era comum fazerem a 1ª eucaristia, admitir novos membros para as associações: Filhas de Maria, Damas de Maria Auxiliadora, Jardim de Maria, Anjinhos... O canto ‘Viva Maria Auxiliadora! Glória Maria!’ Cantado com muito fervor e devoção pelas alunas e povo, até hoje é recordado por todas. “Na festa cantávamos: ‘Glória Salve oh! Mãe Dulcíssima! Glória, salve Auxiliadora!’ Após a missa os sanduíches que recebíamos pois estávamos em jejum” (*Rosa, turma 1957*).

Até hoje choro ao ouvir o canto ‘Glória, Salve!’ (*Lírio*, turma 1957).

No dia 02/03/1954, a comunidade se reuniu para programar as atividades do ano mariano, e decidiram:

1) solene comemoração de todos os dias 8 e 24 de cada mês; 2) participação das festividades promovidas pelo bispo; 3) campanha do rosário recitado em família; 4) trabalhos de classe e estudos pedagógicos sobre Maria; 5) concurso de poesias, cantos; 6) Solene consagração de todas as crianças das ex-alunas nascidas durante o ano mariano, a realizar-se no dia 8 de dezembro; 7) campanha da medalha distribuída para cada aluna, oratoriana; 8) o grupo “União das Mães” deve se empenhar para que a Nossa Senhora Peregrina visite as famílias; 9) conferência mensal a todas as irmãs de Campos com o tema de Maria; 10) peregrinação das ex-alunas em agosto a um santuário mariano; 11) em setembro tríduo mariano, terminando com uma solene concentração de estilo ameno cultural e doutrinal no Teatro Trianon.

O 3º normal celebra solenemente o último 24 de maio no colégio: “missa celebrada por Dom Antônio especialmente para as normalistas, a noite houve uma academia lítero-musical” (Cron. CNSAC, 24/05/1954).

O “poema sinfônico em homenagem a Maria foi um triunfo, estavam presentes cerca de 3.000 pessoas, autoridades civis e eclesiásticas no Teatro Trianon” (Cron. CNSAC, 27/10/1954).



Figura 42: Procissão de Nossa Senhora Auxiliadora – 29/05/1955
Fonte: ACENSA

O Jornal da cidade publica:

Tem início hoje o programa de festejos em louvor a N. S. Auxiliadora padroeira da obra salesiana representada em Campos pelo Colégio N. S. Auxiliadora e pelo Instituto Dom Bosco. A parte culminante será cumprida no dia 28, com a tradicional procissão. Atos de hoje 6.30, missa festiva para a comunidade; 8.30 solene missa cantada; 16.30 consagração das crianças à Maria; 19h, sermão e bênção do Santíssimo Sacramento (*MONITOR CAMPISTA*, 24/05/1961 – p. 1 nº 109).

Em junho, Festa do Papa – Amor à Igreja

Dom Bosco deixou como norma aos salesianos uma fidelidade irrestrita à Santa Sé, ao Papa. Apregoeou verdadeira devoção ao Pontífice traduzida em expressão de amor à Igreja. Ele vivera numa época em que o modelo eclesial tridentino, com sua tônica hierárquica, fora fortalecido pela proclamação do dogma da infalibilidade pontifícia e pela celebração do Concílio Vaticano I. As Salesianas em Campos/RJ foram fiéis a esse ensinamento, faziam anualmente a semana do papa, com orações, estudos, trabalhos e representações dramáticas. O 5º dia da semana do Papa, em 1950, esteve a cargo da escola normal, Dom Antônio presidiu a sessão e o tema era a infalibilidade e a invencibilidade da igreja e o ano santo. Na festa em 29/06/1955, recolheram Cr\$ 1.500,00 que entregaram para D. Antônio, o óbolo de São Pedro.

Festa Missionária



Figura 43: Campeonato Missionário de Nossa Senhora Auxiliadora – 1942
Fonte: ACENSA

O encerramento do mês das Missões, outubro, era festivo, “com a premiação do grupo que maior resultado econômico tinha conseguido para os grupos ou lugares de Missão (índios, africanos, favelados etc.)”. A cronista registrou no dia 1º/11/1942:

Termina o intenso movimento do mês missionário com um magnífico programa de cantos polifônicos, algumas alegorias e uma comédia. Preside a festa o Bispo Dom Octaviano com alguns sacerdotes e autoridades locais. O salão é literalmente cheio de pessoas externas e famílias das alunas. No final são distribuídas as medalhas “Ao mérito” as alunas vitoriosas na “Campanha pró

Missão”, sendo classificadas como: grau de Tenente a que conseguiu 100\$000; grau de Capitã a que conseguiu 200\$000; grau de Major a que conseguiu 300\$000; grau de Coronel a que conseguiu 400\$000; grau de General a que conseguiu 500\$000; grau de Generalíssima a que conseguiu mais de 500\$000. No fim entrega da bandeira pontifícia a série vencedora.

A linguagem utilizada era típica da época quando o país estava sob o regime do Estado Novo e os militares eram cultuados como heróis da pátria. Em 1947, essa academia rendeu Cr\$ 26.200,00.

Festa da Gratidão

A primeira festa da gratidão à diretora¹⁴¹ (Cron. CNSAC, 15/07/1925) constou da parte religiosa e de uma academia, uma sessão dramático-musical “a Rev.da Superiora foi cumprimentada pelas senhoras da aristocracia campista e recebeu valiosos presentes”. Em 28-29/08/1946, essa festa foi ornada de pompa, com missa campal, muitos presentes e oferta de chocolate com pão doce, números de ginástica, jogos intercalados com poesia, oferta do “mimo espiritual”. Na homenagem à diretora, em 24/09/1955, no salão da escola, em ambiente de cordialidade e entusiasmo, a juventude enalteceu as virtudes da festejada: maternidade, bondade, alegria e compreensão. Entre os convidados estavam o prefeito da cidade Drº. João Barcelos e o juiz Dr. Moacir Land.

Festa do Regulamento ou Tríduo Escolar

Era um dos componentes pedagógicos do projeto educativo das salesianas, a explicação do Regulamento Escolar às alunas, estabelecendo os princípios e regras pelos quais a escola era regida; dava-se no início do ano letivo com um “Tríduo”, que culminava com uma festa. Essa prática de levar ao conhecimento das jovens as regras realizava-se desde os tempos do fundador, por este defender que, se as regras estivessem claras, seriam evitados e prevenidos futuros constrangimentos. O Regulamento das casas salesianas é um verdadeiro código de boa conduta, um código de ética colegial. Nele são apresentadas diversas normas exigidas para a convivência social na comunidade escolar. Existem capítulos específicos referentes ao “comportamento na aula e no estudo”, ao “comportamento para com os superiores”, bem como sobre o “modo de se portar com os colegas”. As crônicas da escola mostram ano por ano a realização desse

¹⁴¹ A festa da Gratidão à Diretora, acontecia todos os anos. Para Dom Bosco e Mazzarello esta festa tinha um profundo significado pedagógico: era um modo de educar os jovens à serem gratos.

evento, sempre com a presença de um salesiano, vindo do Espírito Santo, de Niterói ou de São Paulo. Em um dos dias, havia confissões para todas que já fizeram a sua primeira comunhão.

Aconteciam muitas outras festas, como a da beatificação e canonização de Dom Bosco (1929 e 1934), de São Domingos Sávio (05/03/1950), de Maria Domingas Mazzarello (1951). Quanto a esta, após uma grande propaganda pelos jornais e rádio, as irmãs começaram o tríduo em preparação a sua santificação, que ocorreu em 24 de junho de 1951. O tríduo realizou-se na Catedral, no 3º dia aconteceu uma solene comemoração no mais suntuoso teatro da cidade, “*Trianon*”, “impossível descrever a alegria que sentimos nestes dias assim significativos para nós nos quais se comemora a glória de nossa Santa Madre, Maria Mazzarello” (Cron. CNSAC, 10 e 14/10/1951).

Outras atividades da Escola

As **práticas de piedade** para as internas compreendiam a missa diária com a récita do terço e a oração da noite. Para as alunas externas, consistia na récita de uma breve oração da manhã ou da tarde. Usava-se um livro próprio, “*A Jovem Instruída*”¹⁴².

Sobre o incentivo dado à frequência dos sacramentos da confissão e comunhão, a frequência à missa, uma entrevistada recorda:

A participação dos sacramentos era incentivada nas aulas de Religião, também em outros momentos exortativos e encontros pessoais ou comunitários com as Irmãs. Além disso, ofereciam-se oportunidades, na preparação imediata das festas, para quem quisesse se confessar. Depois, no dia da festa, seguia-se naturalmente a missa com a comunhão. Isso para as alunas externas. As internas,

¹⁴² Nas Casas Salesianas, o livro “**A Jovem Instruída** na prática de seus deveres religiosos” era um compêndio utilizado todos os dias e em todas as orações. A Obra divide-se em três partes: na primeira encontra-se o que a jovem deve fazer e o que deve evitar para ser boa cristã, virtuosa e ser consolação dos parentes e a honra da sociedade civil. Nesta parte, há sete meditações para os vários dias da semana. Na segunda parte, estão colecionadas várias práticas devotas em uso nas paróquias e nas casas de educação; orações da manhã, da noite, a missa, instruções sobre a confissão e comunhão, a bênção e visitas ao Santíssimo Sacramento, modelos de comunhão espiritual, os exercícios de boa morte, novenas de Natal, devoções ao Sagrado Coração de Jesus. Devoções a Maria: terço, novena da Imaculada, consagrações, coroa das sete dores e sete alegrias de Maria. E devoções diversas: ao Anjo da Guarda, a São José, a São Luiz Gonzaga, São Francisco de Sales e orações diárias. Na terceira e última parte, encontra-se o Ofício de Nossa Senhora, as Vésperas e Ofício dos Defuntos. No final ainda encontramos três apêndices contendo um diálogo relativo aos fundamentos da religião e uma coleção de cantos. As considerações para os vários dias da semana: domingo - fim do homem; 2ª feira: O pecado mortal; 3ª feira: A morte; 4ª feira: O juízo; 5ª feira: O inferno; 6ª feira: A eternidade das penas e no sábado: O paraíso. O que deviam rezar cada dia: 2ª feira: atos de agradecimento, 3ª feira: atos de amor, 4ª feira: atos de oferecimento, 5ª feira: atos de reparação, 6ª feira: atos de petição, Sábado: atos de união e no Domingo: atos de adoração.

normalmente, já estavam imersas no ambiente que as levava a participar da Eucaristia todos os dias – uma Eucaristia alegre, com lindos cantos, a capela cheia de jovens com seus véus brancos e, logo atrás, as Irmãs com seus véus negros: uma bela liturgia para iniciar a manhã de cada dia. Nesse ambiente, não era difícil a participação aos sacramentos (Colibri, profª 1957-1960).

O **exame de consciência** é técnica pela qual a pessoa é encaminhada para uma produção da verdade-de-si. Não se trata de qualquer verdade, mas de uma verdade de salvação. O que mede o que se deve ser são os dez mandamentos da lei de Deus. Era feito todas as noites com as internas e com todas na preparação para a confissão.

Há, nas Crônicas, referências constantes aos **exercícios, retiros espirituais**, pregações, e intervenções formativas do bispo, de padres, da Inspetora, da Madre Geral, - esta esteve em Campos no ano de 1949 -, e das visitadoras, das próprias irmãs; eram revestidas com grande pompa, “o 1º Retiro Espiritual das alunas, foi pregado pelos Padres João Crisóstomo Campos e Manuel Duarte, salesianos” (13-17/09/1925); “inicia o retiro das alunas feito pelo conselheiro escolar de Niterói, do Colégio Santa Rosa, Pe. Heriberto José Schmitt, salesiano. Ele fala com as alunas e irmãs sobre o sistema educativo de Dom Bosco” (27/09 a 1º/10/1948).

As ex-alunas recordam:

Os retiros mensais eram coordenados pela “Assistente Geral” e o anual era sempre pregado por um salesiano. Nos dias de retiro, havia sempre uma refeição gostosa e não podia faltar o bombom ou chocolatada. Em geral o pregador, além das palestras formativas, contava muitas histórias e alegres piadas de salão para tornar o clima mais leve. O retiro não era obrigatório, mas a adesão era muito grande. Nele havia sempre uma curta apresentação teatral com tema bíblico (*Garça, 1943-1950*).

Havia retiros no final do ano, desde a 1ª série ginásial. Eram organizados no colégio em clima de pregação, oração e silêncio. Eu participava sempre, e em clima de semi-internato. Passávamos o dia no colégio e quem participava, gostava. Quem pregava era algum salesiano que atendia a um grande número de confissões (*Miosótis, turma 1958*).

Havia os retiros espirituais de carnaval para ex-alunas, União das Mães e senhoras da cidade; em 03-06/02/1951, houve 105 participantes. Já os exercícios espirituais de Natal para as Filhas de Maria chegavam a acolher 180 de várias cidades, umas 50 ficavam internas (27-31/12/1951). Dias de retiro pregados por Dom Antônio para o professorado de catequese da cidade são 45 (Cron. CNSAC, 13/09/1951).

As **aulas de Religião**, embora não constassem no rol das disciplinas oficiais, eram ministradas durante os três anos do curso de formação de professoras. Aparecem no horário semanal, onde havia um espaço do não dito, mas totalmente compreendido e experimentado, que perpassa todo o ensinamento da escola, de *forjar e moldar* identidades e comportamentos sociais de mulheres.

A escola procurava proporcionar às normalistas saberes católicos consistentes, que iam muito além dos rudimentos de catecismo, pois tratava-se de oferecer a elas uma sólida formação cristã.

O currículo de Religião do Colégio Auxiliadora no ano de 1958: 1) Missa; 2) Formação do coração e da vontade, amor à oração, ao sacrifício; 3) Vida de santos; 4) Parábolas e milagres de Jesus; 5) Culto, relíquias, cruzes e imagens; 6) Dotes intelectuais e morais da catequista; 7) Os Concílios da Igreja; 8) O sacrifício na antiga lei; 9) As perseguições, os mártires; 10) Idolatria, superstição; 11) Mandamento da lei de Deus e da Igreja; 12) Sistema Preventivo; 13) Dever do descanso aos domingos e dias santos; 14) Suicídio, cemitério, catacumbas, criptas; 15) Homicídio, guerra e duelo; 16) Sacramentos da confissão e comunhão; 17) Direito de propriedade, formação da consciência moral, amor à verdade; 18) A Igreja, os apóstolos, primado de Pedro e seus sucessores, infalibilidade do papa; 19) Violação dos segredos, difamação, juízo temerário; 20) Detenção e dano injusto, reparação da injustiça.

Desde 1949, acontecia semanalmente no Auxiliadora uma lição, um **curso de religião** para o professorado católico com frequência média de 40 membros. Em 1951 e 1952, esse curso consistiu em uma lição por semana aos sábados, das 16 às 18h, sendo primeiro uma lição de prática administrada por uma das irmãs do Colégio.

Os **Congressos, gincanas, certames e ano catequético** na diocese “eram organizados pela Ir. Zilda de Castro, ela envolvia as normalistas e várias escolas” (Cron. CNSAC, 19/09/1952; 05/11/1955). Os certames aconteciam na catedral, com os vários centros de doutrina cristã da paróquia, dirigida pelas irmãs. “No final do ano havia o certame de religião, na presença do Bispo Dom Antônio de Castro Mayer” (*Azaleia*, turma 1960). Este exame dava direito ao diploma de catequista para as normalistas. A atividade mnemônica e a aprendizagem literal do

catecismo eram estimuladas mediante os certames, a fim de determinar quem sabia melhor o texto decorado.

O **Congresso Mariano** em 1953, no Auxiliadora de Campos, comemorou o cinquentenário da coroação pontifícia de Maria Auxiliadora em Turim. O programa do dia: missa festiva, e posterior estudo de todas as alunas na própria classe sobre temas distintos: “hoje é o normal que desenvolve os temas nas sessões: Símbolos de Maria, 1º normal e Figuras de Maria, 2º normal” (Cron. CNSAC, 28-30/05/1953).

No **Congresso Eucarístico**, em 1955, o colégio participou “cedendo o salão para as sessões solenes e se encarrega do ornamento do carro que levará o Santíssimo, as alunas do curso normal do Auxiliadora cantam no solene encerramento com o pontifical do arcebispo Dom Jaime Câmara” (Cron. CNSAC, 24/04/1955).

No ano catequético da diocese de Campos, em 1959, houve três semanas de atividades em Campos e Macaé. O planejamento e a direção dos trabalhos estiveram a cargo da Irmã Zilda de Castro/FMA. Nessa 3ª semana, realizaram-se concentrações nos pátios do GENNSAC. A senhora Dilce Pereira Machado, Presidente das ex-alunas salesianas, fez uma conferência: “Dom Bosco, influxo e refluxo do seu sistema preventivo na formação e perseverança da vida cristã” (CATOLICISMO, nº 108, dez 1959).

Os pontos basilares da educação religiosa eram: a confissão e a comunhão frequentes, a instrução catequética, os exercícios espirituais, as novenas, os tríduos, a devoção, a piedade, o acatamento à Igreja na pessoa do Papa, os temas dos novíssimos (morte, juízo céu, inferno), a oração e as práticas de piedade; a indicação de um programa de vida pessoal para o jovem.

O calendário festivo de uma instituição reflete a sua memória e esclarece de que maneira os *senhores* dessa memória desejam vê-la perpetuada. As festas existem para estabelecer a correspondência de um tempo remoto com um tempo presente, são rituais que evocam a tradição, explicam as nossas origens, criam vínculos onde há hiatos, evitam discursos conflituosos, desvios de interpretação, lacunas. Cuidadasas em relação ao cerimonial, apoiavam-se em suportes materiais como hinos, bandeiras, legendas, vestimentas, símbolos que lhes garantiam credibilidade.

5.3.1.2. As festas e atividades de que a escola participava na cidade

Festa do patrono da cidade, o Santíssimo Salvador. As festividades aconteciam geralmente na última semana de julho e primeira de agosto, concluindo no dia 6, “as alunas participam ao pontifical na catedral e vão à procissão, confiada este ano ao colégio Auxiliadora” (Cron. CNSA, 04/08/1946). “O dia 6 de agosto era dia santo e feriado, as alunas internas e externas do colégio iam à procissão com o uniforme de gala” (*Gaivota*, profª 1958-1960).

Para a execução da festa, havia uma comissão escolhida de um ano para outro. O programa durante muitos anos era bem extenso, o que transcrevemos é de 1952, há juízes, paraninfos (cada dia é responsável um grupo: sindicato dos motoristas; médicos e farmacêuticos; magistratura, advogados, tabeliães e funcionários do Fórum; bancários, industriários, comerciários; engenheiros e dentistas; fazendeiros e lavradores; colônia Sírio Libanesa; professores e funcionários públicos) e os pregadores do novenário (convidados especiais que pregavam entre as ladainhas solenes), coral confiado ao Conservatório de Música da cidade, pessoal responsável pela ornamentação do altar, missas de comunhão geral, festa da Bandeira com procissão coordenada pelos “juízes” da festa. Havia crisma e pontifical¹⁴³.

A grande procissão do Santíssimo Salvador era acompanhada por bandas e compareciam as Ordens Terceiras com seus hábitos, as Irmandades com suas cruzes e insígnias; Arquiconfrarias, Confrarias e Associações Religiosas com os estandartes. As Ligas, as Congregações Marianas e Vicentinos, Cruzadas Eucarísticas, Colégios e Juventude Feminina Católica. Acontecia nesse período o *Te Deum* (louvor e ação de graças), as Retretas, as Regatas, as Corridas de Bicicletas, um número especial, numa das noites era um cantor sertanejo; fogos de artifícios após a procissão.

O Colégio Auxiliadora estava sempre presente nesses festejos. No programa das missas de comunhão geral de 1952, o dia 29 de julho estava sob a responsabilidade das Damas, União das Mães, Associação das Ex-alunas do Colégio Auxiliadora e outras entidades da diocese como a Arquiconfraria das Mães Cristãs. No dia 3 de agosto, a responsabilidade era das alunas do Colégio

¹⁴³ É a Missa solene cantada pelo Bispo.

Auxiliadora e de outros colégios da cidade. No dia 4 de agosto, os paraninfos do novenário foram os professores das Escolas Normal, Colegial, Ginásial, Comercial, Industrial e Primário; lá estavam os professores do Auxiliadora.

Em **âmbito civil**, aconteciam as festas solenes de comemorações de datas cívicas (Dia da Pátria, Descobrimento, Proclamação da República¹⁴⁴; Bandeira Nacional¹⁴⁵; dia do Soldado¹⁴⁶, Independência¹⁴⁷), e outras, como aniversário do Bispo, do Presidente da República ou do Estado, festa do dia do professor. Eram festas que sinalizavam o reconhecimento às autoridades, à hierarquia e às leis estabelecidas, pois à educação cabia formar e “moldar” as alunas ao que era já instituído pela sociedade. Mediante a participação e implementação da formação cívica como parte integrante do currículo, angariavam não só a simpatia do governo e autoridades, mas atuam no sentido de fortalecer e desenvolver na definição dos saberes o valor de uma educação que fosse ao mesmo tempo religiosa e cívica. Os Estatutos do Colégio são enfáticos:

Todas as alunas recebem regularmente aulas e conferências, lições teórico-práticas de polidez, civilidade e cortezia que as habilitam a um proceder correto afável e gentil no seio da família e na sociedade. As alunas participam de festas patrióticas e desportivas, marchas, desfiles, ao mesmo tempo em que se desenvolvem fisicamente, aprimoram cada vez mais a sua educação cívica e patriótica, adquirindo galhardia de corpo, firmeza de vontade e constância de caráter, hábitos de ordem, disciplina e respeito à autoridade (E 1937, Art. 83-84, E 1953, Art. 70-71).

As festas cívicas podem ser consideradas “espetáculos de poder”, em que além de exaltar o poder do Estado, em momentos de exacerbação autoritária, lidam com uma “comunidade imaginada” (ANDERSON B., 2005), de símbolos, costumes e tradições que são apropriados e reapropriados a partir do jogo de imagens e discursos.

O governo municipal determinou, em 1942, que cada Instituto de educação da cidade prestasse, em dia determinado, o próprio tributo de homenagem ao **‘ilustre Presidente da Nação’**.

¹⁴⁴ “As alunas fazem parte da garbosa parada, participam de uma manifestação pública escolar, a qual tomam parte todos os colégios da cidade em comemoração a Proclamação da República” (Cron. CNSAC, 07/09/1940-1941).

¹⁴⁵ “O colégio desfila em homenagem a bandeira, pelas ruas da cidade” (19/11/1944).

¹⁴⁶ “As nossas alunas participam do desfile em homenagem aos nossos soldados combatentes” (Cron. CNSAC, 13/05/1945).

¹⁴⁷ “Dia da independência e consagrado a Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil. Fazemos homenagem à pátria participando do desfile, passeata cívica com outros colégios da cidade” (Cron. CNSAC, 07/09/1951).

Sendo hoje dia determinado para nós, o Colégio desenvolveu com todos os cursos, o seguinte programa: Desfile das turmas de todas as alunas. Hasteamento da bandeira à chegada do prefeito municipal. Entrada das alunas no recinto do colégio e garbosamente enfileiradas diante das autoridades e a figura nobre do Sr. Presidente recebe a saudação das alunas com poesias e cantos. Fala um professor do colégio. A diretora lê um telegrama que vem subscrito de todas as autoridades presentes concebido nos seguintes termos: Exmo. Sr. Presidente da República, hoje alunas salesianas colégio N. S. Auxiliadora Campos, intimamente unidas professores, autoridades presentes, homenageiam vossa excelência, felicitam, aplaudem entusiasticamente. Pedem a Deus conservação preciosa existência. Respeitosas saudações (Cron. CNSAC, 18/04/1942).

O Presidente da República visitou a cidade, todos os colégios formaram fila à sua passagem, “uma das alunas do Auxiliadora ofertou, entre flores, um quadro artístico e simbólico, isto suscitou admiração e aplausos dos presentes” (Cron CNSAC, 28/05/1943).

Além dos desfiles, o Colégio promovia e participava de outras atividades cívicas: “irmãs e alunas vão a uma sessão cívica na cidade, assistem a conferencia sobre Caxias, no dia do soldado” (25/08/1943), “[...] celebra-se o centenário do grande brasileiro Rui Barbosa em discurso do catedrático do Liceu Dr. Carlos Gualda” (05/11/1949), “[...] O prefeito reúne os colégios para organizar o centenário de José do Patrocínio, grande patriota e campista” (Cron. CNSAC, 25/09/1953). O colégio buscava formar a mulher, a “boa cristã e honesta cidadã”.

A formação do caráter, cerne do modelo civilizatório e educativo cristão nesse período, baseava-se na observância da disciplina e na introjeção do senso do dever, obediência, hierarquia, responsabilidade, espírito de família e recato.

O projeto educativo das salesianas baseava-se no princípio de que toda a vida da mulher cristã implicava no cumprimento de obrigações e na subordinação de suas opiniões pessoais aos juízos mais elevados. O exercício da vontade, para os quais muito contribuía os retiros espirituais, também chamados de “exercício da boa morte”, realizados periodicamente pelas alunas, seria atingido pelas práticas de piedade, das orações matinais e noturnas, das meditações e exames de consciência, da frequência diária a santa missa e da prática da confissão, pelo menos mensal. Essas práticas eram pontuadas por um extenso calendário de festividades religiosas, acompanhadas de retiros, jejuns e participação em obras religiosas, filantrópicas e sociais. Outro meio considerado de grande eficácia para fomentar a verdadeira piedade e a prática da virtude era a participação nas congregações internas.

As festas religiosas, as formaturas, as cerimônias cívicas, a finalização do ano escolar, as quermesses beneficentes, eram celebradas num ambiente reiteradamente qualificado de familiar. Eram apoiadas e prestigiadas por políticos e pela imprensa que divulgava os eventos.

5.3.2. A Música, o Teatro, as Excursões e os Passeios educativos

A música dos meninos a gente ouve com o coração e não com os ouvidos (MB XV, 76).

Além da escola e outras tarefas, é necessário empenhá-los a ocupar-se com a música... e sua mente, assim, estará em contínuo trabalho. Se nós não os ocupamos, eles se ocuparão por si mesmos e certamente em coisas menos nobres (MB V, 346).

A função da música instrumental e vocal no sistema educativo salesiano está estreitamente unida ao seu conceito de educação mediante a alegria, a atmosfera que tranquiliza o refinamento do gosto estético e dos sentimentos, “a razão principal deve ser procurada na eficácia salutar que ele lhe atribuía sobre o coração e sobre a imaginação dos jovens, a fim de torná-los gentis, fazê-los crescer e torná-los melhores” (CERIA, 1941, p. 691-701). A música dá um tom vivo de festa a todas as solenidades: ritos religiosos, procissões, passeios e excursões, recepções e despedidas, distribuição de prêmios, academias e teatrinhos (BRAIDO, 2004, p. 301-304). Em 1859, Dom Bosco mandou escrever uma frase na porta da sala de música: “Uma escola sem música é um corpo sem alma” (MB XV, 57; MB V, p. 540).

Numa fidelidade aos ensinamentos de Dom Bosco, a música sempre ocupou no Auxiliadora um lugar expressivo. Em termos de música vocal, as alunas aprendiam os mais diversos gêneros: cantos sacros para serem entoados nas cerimônias religiosas, hinos patrióticos para manifestações cívicas, cantos amenos e recreativos na comemoração de eventos e festas escolares. No colégio, houve fanfarra durante muitos anos.

As normalistas “vão a São João da Barra, onde são convidadas a cantar em honra do patrono do local” (17/06/1950), [...]“sempre gostei de participar do coral, algumas apresentações tiveram caráter de qualidade comprovada, com apresentação no teatro mais importante da cidade” (*Jasmim*, turma 1957).

Estudei música e pintura. Além disso, participava dos treinos, torneios e campeonatos de vôlei, dos ensaios e apresentações teatrais, dos encontros de preparação das atividades pastorais com alunas do ginásio e dos arredores das Usinas (na época eram mais de 20). Eu adorava essas atividades e movimentos! Foram o incentivo à minha formação de educadora e de vida religiosa (*Garça, 1943-1950*)

Em 1952, o Colégio promoveu uma serenata artística no clube Trianon, um dos principais teatros da cidade em benefício da nova igreja do Auxiliadora¹⁴⁸.

O Teatro educativo

A primeira representação teatral nos colégios salesianos foi em 29 de junho de 1847, no incipiente Oratório de Valdocco/It, por ocasião da visita do arcebispo Frasoni. Carlo Tomatis, que morou no oratório de 1849 a 1861, enquanto Dom Bosco, no sábado à noite, estava ocupado nas confissões, tomou a iniciativa de entreter os mais jovens companheiros internos, com mímicas, teatros de marionetes, farsas, comédias (MB III, 592-594).

Para os anos de 1847 a 1852, encontra-se documentado um outro tipo de atividade teatral, com diálogos e representações didáticas sobre a História Sagrada, o Sistema métrico decimal, geralmente unida à atividade das aulas noturnas e dominicais, algumas vezes na presença de personagens especiais, como Ferrante Aporti e Carlo Bon Compagni (MB III, 231, 623-652; IV, 410-412; BS 4 (1880), n. 12, Dez., p. 5-6).

Dom Bosco reserva ao teatro finalidades recreativas, culturais e educativas. Fala aos diretores em janeiro de 1871:

Gostaria que os teatrinhos tivessem como base divertir e instruir; e nada de mostrar aquelas cenas que podem endurecer o coração dos jovens ou dar má impressão aos seus frágeis sentidos. Sejam oferecidas até mesmo comédias, mas coisas simples, que tenham uma moral. Que se cante, porque cantar, além de alegrar, é também parte de uma educação muito necessária nos nossos tempos (MB X, 1057).

As exibições teatrais realizadas nos colégios salesianos podem ser divididas em quatro categorias principais: peças religiosas, dramáticas, amenas e musicais. As peças religiosas evocam tema sacros ou apresentam figuras de santos

¹⁴⁸ Lucro: Cr\$ 20.000,00. Programa da *1ª Parte*, piano: 1º Primeiro luar (Gael); 2º Sinos da tarde (Billi); 3º Convite a valsa (Weber); 4º Dança negra (Ascher); 5ª Sonata in lá (Scarlatti); 6º Bailado indígena (Brama Bilhar); 7º Brisa primaveril (Bohn) a 8 mãos; 8º Seresteiras (Vila Lobos); 9º Dança Macabra (Saint Saens) a 4 mãos. *2ª parte*, 1º Invocação a N.S. Aparecida (3 vozes); 2º Florestal (M.E. de Lima) 4 vozes; 3º Casinha da colina (Manfredini); 4º Bazzum (Villa Lobos); 5º Minha terra tem palmeiras (Cron. CNSAC, 04/10/1952).

da história do catolicismo; a apresentação de drama tinha uma finalidade moralista explícita, procurando indicar aos alunos exemplos de fé e de virtude. Através da representação de situações da vida, procurava-se inocular nos alunos o sentido do dever, da justiça e da bondade. As comédias tinham a finalidade de diversão, mas envolviam um fundo moral, a correção dos costumes.

No Auxiliadora, em 29/10/1939, houve teatro e academia com o drama: “*Charitas Cristi*”. “O teatro da escola era muito usado quando o assunto envolvia valores e preferiam utilizar o do colégio e não o da cidade” (Gaivota, profª 1958-1960). “O que me marcou foi a participação na ‘montagem’ das peças: cenários, iluminação, decoração, além da dramaturgia e apresentação” (Garça, 1943-1950).

Na Revista “*Teatro delle giovani*”, de 1949 a 1952, foram publicadas 70 composições de várias naturezas e argumentos produzidos pelas FMA e algumas dessas peças foram traduzidas e encenadas no Auxiliadora.

O teatro, como lazer, estetiza o sentido de vida pelas encenações ou representações religiosas ou morais, em que o vício é punido e a virtude é premiada, ou pelo gosto da alegria das representações cômicas da vida do povo ou do colégio.

Recursos pedagógicos: passeios e excursões

Os relatos dos passeios e excursões mostram o teor educacional dos mesmos. Quebram a rotina, embalam a vida e lhe dão sentido, propiciam dias de alegria de viver, brincar e divertir-se. Os passeios organizados por Dom Bosco não eram simplesmente deslocamentos de um lugar para outro, mas sim verdadeiras viagens de estudos. Ele os preparava bem, anunciando as metas, com as coisas mais interessantes que haveriam de ver. Era uma maneira de por em prática o princípio de “amar aquilo que o jovem ama, para que o jovem ame o que ama o educador”. As excursões contribuem para “criar um clima de alegria cristã que é parte essencial da formação integral do jovem” (BRAIDO, 2004, p. 305-306).

As salesianas entravam em plena sintonia com as recomendações médicas, para as quais o exercício físico era muito importante para a saúde, os passeios foram sempre mantidos nos colégios dirigidos por elas.

As crônicas narram esses passeios e excursões em Campos: “passeio anual das externas, vão à ‘Usina de Queimado’ onde tomam banho e fazem recreação”

(15/10/1946), “passeio das internas à ‘Usina Martins Lage’ e à ‘Usina de Santo Antonio’” (06/04/e 08/09/1947). “A escola doméstica, em três ônibus, vai a passeio na ‘Lagoa Feia’, lugar lindo em contradição ao nome e lá festeja o onomástico da diretora” (15/10/1951). “Passeio das irmãs com as alunas na ‘Lagoa de Cima’ em quatro ônibus” (14/04/1952).

Os passeios tinham por objeto amenizar o enfado rotineiro. Precedidos em geral pelo retiro do mês ou depois de uma grande festa, eram momentos de lazer, realizados em algum lugar próximo, cuja duração não ultrapassava a um dia, possibilitando o constante cuidado. O deslocamento dos corpos, a distribuição, organização e delimitação dos espaços não escapa à ação planejada e preventiva das dirigentes do Auxiliadora.

5.3.3. Recreação, ginástica e higiene. O corpo saudável e robustecido

A recreação, a ginástica, a educação física teve no Colégio Auxiliadora um lugar de destaque, “a ginástica, os jogos ao ar livre em amplo pátio, os torneios, as frequentes excursões pedestres a jardins e lugares arborizados, são os meios pelos quais o estabelecimento favorece a educação física das suas alunas, no empenho de realizar o *mens sana in corpore sano*” (E 1953, Art. 69).

A **recreação** constitui uma radiografia do colégio, se o recreio corresponde aos anseios dos alunos, eles o amam; é um instrumento educativo que ajuda a desenvolver a personalidade: “Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios eficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde” (BRAIDO, 1965).



Figura 44: Pátio do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – Campos/RJ – Década de 1960
Fonte: ACENSA

O recreio favorece, em primeiro lugar, o encontro espontâneo da educanda com seus educadores. A teoria de que o brinquedo serve para empregar as energias supérfluas era bem aceita no projeto salesiano, ademais, o instinto social da criança e adolescente encontra campo para seu desenvolvimento e poderia receber a necessária orientação do educador. Assim, a criança vê associados o esforço e a alegria, a virtude e o prazer. A religião e a virtude nunca serão algo triste.

Ao invés de ficar à distância advertindo ameaçadoramente quem erra, o salesiano fique no meio dos jovens como pais, irmãos, amigos; os superiores não se sintam superiores. O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão, ganha confiança que estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores (BOSCO, 1987, p. 297).

Orquídea, (turma 1950) recorda: “As alunas faziam recreios movimentados com jogos e ensaios para academias que eram novidades para as alunas, participei do time oficial de vôlei da escola e tive oportunidade e formação de liderança nos movimentos estudantis”. Os troféus constituem indícios significativos de práticas relacionadas à educação física, especialmente os certames e as competições esportivas do Auxiliadora.

A Higiene no Auxiliadora de Campos

Em minuciosa visita hoje realizada a este Colégio, tive oportunidade de verificar o asseio e a boa ordem que presidem à sua organização, o que me apraz aqui registrar (BRITO, Mario de., Livro de Termo de Visitas do CNSAC, 03/03/1938).

Ordem, limpeza e disciplina são componentes primordiais para uma boa

organização escolar, pois fazem parte de um conjunto de dispositivos de contenção dos gestos, dos instintos, das emoções. As representações em torno da higiene escolar contribuíram para reforçar valores morais relacionados a padrões de comportamento considerados civilizados. Ao redigir o texto do sistema preventivo na educação da juventude, Dom Bosco dedicou um capítulo especial à “educação física e higiene”.

Um adágio romano antigo afirmava que uma mente saudável pressupunha um corpo sadio. As FMA mantiveram-se fiéis a esse axioma. Oferecer condições favoráveis para um adequado desenvolvimento físico dos alunos constituiu uma das atuações significativas das salesianas. Esse enfoque era importante, levando-se em conta a precariedade de condições de saúde até então existentes nos centros urbanos.

Podemos afirmar, portanto, que as salesianas, como educadoras da juventude, mostraram-se bastante sintonizadas com o discurso médico sobre a necessidade de criar condições saudáveis para o desenvolvimento físico das crianças e dos jovens, como narra a crônica sobre a festa da criança que constituiu o centro de interesse de todas as atividades escolares da semana:

Palestra relativa à higiene a cargo das alunas, cantos, jogos, exercícios ginásticos executados pelas pequenas do curso elementar. As alunas ofertam todo o trabalho da semana das crianças às meninas do oratório festivo. Como término de tudo se faz uma larga distribuição de objetos de higiene pessoal e merenda a todas as pequenas do oratório. Estiveram presentes na festa o prefeito municipal, Dr. Salo Brand, autoridades civis e escolásticas e várias famílias (Cron. CNSAC 25/10/1942).

O Dr. Afonso Celso Garcia era o dentista estabelecido para atendimento das alunas internas (1950). Faziam exame médico exigido para as aulas de educação física (1952). No ano de 1954, a crônica traz um título curioso “Graça extraordinária: o afastamento do colégio do médico de educação física, justos motivos nos movia a tanto”. O dr. Mário Goulart, ex-aluno salesiano e professor do curso normal, o substituiu. Não foram expostos os motivos.

Havia “as matérias Higiene e Puericultura para a formação da mulher, porque, naquela época, não se falava em trabalhar fora. Trabalhar fora era ser professora. Trabalhava-se mais esta parte do ser mulher e profissional como professora. Não se ouvia falar muito de mulher em outras profissões” (*Gaivota*, profª 1958-1960).

5.3.4. Os Exames Avaliativos, as Exposições e as Premiações

Havia provas escritas e orais, com exigência de uma linguagem correta e erudita. Não era admitida nenhuma expressão popular nas apresentações dos trabalhos escolares. Eram frequentes as visitas, até mesmo em sala de aula, do inspetor público, que verificava a aprendizagem das alunas e presidia as bancas de exames orais (*Hortência, turma 1946*).

Os inspetores da secretaria de educação estavam presentes: assistiam ao sorteio dos três pontos a serem trabalhados (uma dissertação e dois “pontos” de perguntas). No exame oral, havia também uma banca examinadora com pelo menos mais um (a) professor(a) da matéria (*Margarida, turma 1953*).

No início - perduraram por um bom tempo, os **exames** de admissão ao curso normal se realizavam “por disposição governamental no vizinho Liceu do Estado” (Cron. CNSAC, 04-05/03/1942). Em 29/11/1945, o exame já aconteceu no colégio com a presença do inspetor técnico.

Nos exames de admissão à Escola de Professores, a classificação das alunas que fazem o curso ginásial no nosso Colégio tem sido bastante consoladora, chegando no ano de 1944 a serem classificadas em 1º, 3º e 4º lugares, em todo o Estado, com médias superiores a 80. No mesmo ano de 1944, no Concurso para ingresso no magistério, curso primário e pré-primário, organizado pelo Departamento e feito em Niterói, o primeiro lugar coube a uma aluna que fez aqui no nosso Colégio, o curso ginásial e normal. Provam esses casos, os Diários Oficiais do Estado, de 19 de Fevereiro e de 21 de Março de 1944. Por mais de três vezes fomos cumprimentadas pelo Diretor do Instituto de Educação, Dr. Nelson Pereira Rebel, depois Diretor do Departamento de Educação do Estado por algum tempo (PINHEIRO, 1947).

A **avaliação** no boletim anual de exames do curso normal em 1947 era desta forma: primeiro exame em junho, prova parcial¹⁴⁹, segundo exame em novembro, exame final com prova escrita, prova oral ou prática, daí a média final.

Para manter a uniformidade de método e conteúdo entre os trabalhos das professoras, eram enviadas às diretoras e professoras normas bem detalhadas, que elucidavam em subdivisões mensais o programa ministerial, com instruções e normas pedagógicas práticas para facilitar o desenvolvimento dos princípios comuns nas diversas condições de lugar, idades e classes, como é o caso do manual *Norme Didatiche* (GENGHINI, 1907)¹⁵⁰, que norteou a prática de ensino

¹⁴⁹ O anexo 6 mostra um horário das provas parciais em 1950. Os apêndices (L e M) trazem os pontos da prova parcial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em 1943 e 1949.

¹⁵⁰ Um documento “*Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per la maestra*”, colecionado e escrito, em 1907, por P.P. Scaglione, tendo por fundamento as orientações da madre Clélia Genghini, secretária da madre vigária Enriqueta Sorbone, encontrado no Arquivo da

das professorandas das Escolas Normais das salesianas para a alfabetização das crianças.

O encerramento do ano letivo e a formatura da Escola Normal assumiam sempre um caráter solene com a “distribuição de **prêmios** às melhores alunas quanto à conduta, civilidade, estudos, piedade, e com a **exposição dos trabalhos** escolares e manuais” (Cron. CNSAC, 24/11/1955).

As práticas de premiação e toda a relevância a ela manifestada se revestiam de pompa, cumprindo um ritual festivo que gerava a competição entre as alunas. Um telegrama do ministério do trabalho comunicava que a aluna Maria José Tavares de Cambucy foi premiada com a soma de Cr\$ 1.000,00 pelo seu trabalho de literatura feito durante o ano, “somos gratas a Deus por tudo isso, pois é uma glória para a nossa escola” (Cron. CNSAC, 20/12/1953). Uma circular vinda de Belo Horizonte avisava a escola que “duas alunas foram premiadas no concurso mariano inspetorial, 1º e 3º prêmio. A ganhadora do 1º prêmio, Maria Paes Ferreira Landin, viaja para Belo Horizonte” (Cron. CNSAC, 10/10/1954).

Visando estimular os alunos mais aplicados dos estabelecimentos de ensino secundário, a Inspetoria Seccional de Campos promovia a divulgação dos “Dez Mais” estudiosos de cada escola, contemplados com incentivador ofício do seu titular, Dr. Tarcisio Tupinambá Gomes. Do GENNSAC:

1. Regina Maria Bianchi dos Guaranus; 2. Vera das Mercês Paes Ferreira Landim; 3. Darcília Helena Anesi Labor; 4. Ivete Drago; 5. Rosemeri de Oliveira Batista; 6. Suely Dorian Farch Rabello; 7. Nadi Auaber David; 8. Clotildes Zandonadi; 9. Dalva Teixeira Sarlo; 10. Virgínia Maria Cunha Cavour P. Almeida (*MONITOR CAMPISTA*, 13/01/1961, p. 1 Ano 127 n. 7).

A estudante Clotildes Zandonade escreveu uma carta de agradecendo ao Dr. Tupinambá, publicada no *Monitor Campista* (12/04/1961 – p. 1 nº 78).

As notas de comportamento individualizavam para premiar. Pequenas distinções e a solene festa de premiação, no final do ano, a medalha de bom comportamento, tudo isso fazia parte do cotidiano do Auxiliadora.

As exposições de trabalho constituíam-se em espaços de encontro, de sociabilidades e de comemorações, configurando-se como lugares da estética da sensibilidade e como vitrines da qualidade e da eficácia do ensino escolar católico.

Inspetoria S. Catarina de Sena/SP normatiza as posturas das diferentes casas da Inspetoria do Brasil, buscando uniformizar as práticas dos diferentes colégios, tendo em vista a fidelidade aos princípios da casa matriz na Itália.

5.3.5. Disciplina, Castigos, Uniformes e Valores Morais

Nós aqui toleramos qualquer traquinagem, qualquer capricho, qualquer desgosto, mas nunca a ofensa de Deus (MB XII, p. 585).

Encontramos neste estabelecimento, tão superiormente dirigido pelas Irmãs de Maria Auxiliadora, *o máximo da ordem, da disciplina e do amor pelo estudo* (QUITETE, D. C.; BORTOLUZZI, F. S.; MAGALHÃES, T. Inspectores membros da comissão, designados por Portaria nº 224 de 05/11/1937; 04/12/1937) [grifo nosso].

No Sistema Salesiano, a **disciplina** sem castigo é fator integrante. Apela para as forças interiores e entende a disciplina como uma conquista a partir de dentro da pessoa, não é algo que se impõe de fora, mas deve ser assumida como convicção.

Na ideia de Dom Bosco, o “Sistema” praticamente tem três pontos que são como três centros de muitos outros círculos interferentes cujas circunferências tocam o centro das outras: disciplina, frequência aos Sacramentos, vida do pátio.

Algumas entrevistadas narraram que a disciplina no Colégio Auxiliadora, mesmo dentro da característica do “espírito de família”, era bastante rígida, exigindo das alunas o cumprimento fiel do Regulamento, a pontualidade nos horários, exatidão impecável no uniforme, fineza de trato, modos educados. As Assistentes Gerais, tanto do internato como do externato, reuniam-se semanalmente com as outras assistentes e professoras, para avaliar cada aluna, nos seguintes aspectos:

Comportamento (disciplina e silêncio: nas aulas, nos deslocamentos, nos estudos, ou seja, conduta adequada em qualquer ambiente); 2.Ordem (cuidado com a própria aparência pessoal, com as próprias coisas e com os ambientes) e 3.Civilidade (finura de trato e urbanidade com todos). Geralmente a avaliação se expressava com as seguintes palavras: Exemplar – Ótima – Boa – Regular – Deficiente. Ganhar sempre “Exemplar” nos três aspectos era o normal de uma boa aluna. Ganhar “Ótima” em algum aspecto já era um alerta: faltava algo. “Boa” era um conceito bem medíocre; “Regular” era baixíssimo e “Deficiente”, se fosse repetido várias vezes, já seria o caso de uma aluna à beira de ser convidada a deixar a escola. Tudo isso, no entanto, dentro do espírito de “amorevolezza” sugerido pelo Sistema Preventivo, que suavizava a rigidez das exigências. *‘Fortiter in re, suaviter in modo’*, ou seja: ‘De jeito forte na coisa em si, de jeito suave no modo de fazê-lo’” (Colibri, profª 1957-1960).

Realmente eram exigentes. Aliás, eram um pouco os instrumentos para repassar os valores, creio. Entretanto, na época, era o que a sociedade esperava de uma escola séria e exigente: estudo e disciplina. Embora minha ‘turminha’ de colegas fosse sempre muito “animada” eu não encontrava muita dificuldade em conseguir as ‘medalhas de bom comportamento’ nos finais de ano (*Begônia, turma 1956*).

A disciplina era rigorosa, mas era a mesma usada nas famílias, o respeito, a obediência.

Exigência firme e constante, mas o relacionamento entre professoras e alunas era de familiaridade e afetividade, sentíamos que éramos amadas e que a formação do próprio caráter exigia disciplina e respeito” (*Angélica*). “O barulhinho da campainha na mão da Irmã era o bastante para ser atendida. Regulamento rígido, mas que me fez muito bem, pois completava a educação que recebia dos meus pais (*Hortência*, turma 1946).

De acordo com McLaren (1992, p. 128), dobrar o cós da saia, ir namorar vestida com o uniforme da escola fazem parte do ritual ativo de resistência, ou seja, tentativas intencionais e/ou conscientes por parte dos estudantes de sabotar instrução, regras e/ou normas exigidas pelos professores e/ou autoridade da escola.

De outubro a dezembro, o calor era intenso (sem ventilador, sem ar condicionado). Nós abaixávamos um pouco as meias e suspendíamos as mangas (só um pouco) isso era o suficiente para a aula parar. A Ir. Yolanda (professora de português e literatura) ficava olhando para a turma sem dar uma palavra. Até que uma “corajosa” perguntava: o que está acontecendo? A Ir. Yolanda muito vermelha e séria falava: Comportem-se! Então, era aquela pressa e resmungos para levantar as meias e abaixar as mangas. Só assim, a aula continuava! (*Margarida*, turma 1953).

Dom Antônio corrigia o que íamos dar em filosofia. Bitolava, dava sua ordem. Dizia: ‘Cuidado, você vai dar filosofia, cuidado com isso, com isso, com isso’... Eu falava que sim, mas depois o que eu fazia era outra coisa! (*Sabiá, profª 1954-1959*).

Vemos, nesses depoimentos, rituais ativos de resistência ao estabelecido, tanto das alunas quanto das educadoras.

Castigos “fortiter in re, suaviter in modo”¹⁵¹

O castigo no pensamento de Dom Bosco, em um século no qual a “disciplina era ao som da vara”, foi uma das ideias audazes sustentadas por ele. Só sabe corrigir o educador que conquista a confiança e o coração do educando, o educador consagrado ao bem dos seus alunos e todos da escola têm a obrigação de dar avisos e orientar se for preciso.

Queria fazer eu próprio uma pregação a todos, ou melhor uma conferência sobre o espírito salesiano que deve animar e guiar as nossas ações e todas as nossas conversas. O Sistema Preventivo seja verdadeiramente nosso; *jámais castigos penosos, jámais palavras humilhantes, jámais repreensões em presença dos outros, mas só palavras de doçura, de caridade e de paciência. Nunca palavras mordazes, nunca um tapa forte ou leve. Faça-se uso de castigos*

¹⁵¹ De jeito forte na coisa em si, de jeito suave no modo de fazê-lo.

positivos, e sempre de modo que os que são avisados, se tornem amigos nossos mais que antes [...] o salesiano faça-se amigo de todos [...] Je não lembre as coisas uma vez perdoadas...doçura no falar, no agir, no avisar (BOSCO, Carta ao Padre Costamagna, 10/08/1885, in: CERIA, Epistolário, v. IV, 1955, Carta nº 2556, p.332-333) [grifo nosso].

Dom Bosco considerava os jovens em três categorias: os bons, aos quais bastaria a regra geral; os levados, que formam a grande massa, têm muitos defeitos e também boas qualidades; e por fim os difíceis, de mau caráter, de más tendências, é esta categoria que o (a) assistente não deve perder de vista.

Sobre a aplicação dos castigos, retirar a benevolência pode ser um dos piores castigos. No momento do erro, se o educador se afastar do jovem, com o qual possui uma relação de confiança, nada mais será necessário para adverti-lo, pois a supressão desse amor corrigiria o culpado. Assim, o primeiro a conversar com o jovem seja aquele professor ou assistente mais próximo.

Quando se aplica o castigo, deve-se fazer longe dos outros jovens. A lógica disciplinar pretende atuar no indivíduo, não na multidão, pois acredita que é na individualização do castigo que se modela a moral; modelando-a, institui-se a autorregulação e a regulação do outro, não é preciso público, o alvo é o sujeito.

Ao castigar, jamais o executor do castigo poderia estar envolto por paixões mundanas, desejos de vingança. Todavia, antes de qualquer atitude, o culpado deve confessar sua culpa e é este o momento oportuno para a correção. Assim, ao confessar, o jovem admite seu erro, reconhece a necessidade da correção, portanto, o que ele recebe são conselhos, repreensões amigáveis. A conscientização passa a responsabilidade para o educando, e o educador não será mais o agente da força bruta, o repressor. Não é o outro que me corrige, castiga, sou eu quem erra.

Corrigir o corpo, curar a alma do pecado original e educar para o catolicismo e para o trabalho é prática cirúrgica incisiva, positiva, cautelosa.

Não me lembro de castigos infligidos às educandas. Quando havia algum desrespeito às normas do Colégio, depois de se tentar uma ação corretiva por meio de uma palavra amiga da assistente (a célebre palavrinha ao pé do ouvido)¹⁵² ou do diálogo com a Diretora, após vários ‘avisos’ e ‘esperas’ para perceber se houvera esforço e melhora, se nada disso surtisse efeito, os pais eram

¹⁵² Algo em que o educando deve pensar sem que os outros saibam do que se trata. Palavrinhas ao ouvido, bilhetinhos com mensagens personalizadas etc. comunicavam uma cultura, um modo de colocar-se em relação com Deus, com o mundo e com os outros.

notificados e se resolvia cada caso com o entendimento entre escola e família (Colibri, profª 1957-1960)

Realmente, não me lembro de castigos. Lembro-me de indisciplinas que, no máximo, mereciam uma conversa séria com a assistente geral ou a diretora. Havia um incentivo, especialmente nas festas de Nossa Senhora e do Coração de Jesus para o bom comportamento, com disputa entre alunas e turmas (Girassol, turma 1957).

Ora, se eu voltasse atrás faria tão diferente! No meu internato eram muito exigentes comigo e eu copiava, era exigente demais com as meninas (Gaivota, profª 1958-1960).

Muito cedo, as alunas adquiriam grande temor da “vassourinha de Nossa Senhora”. O termo expulsão, geralmente, não era utilizado nas casas salesianas, dava-se preferência a sinônimos mais brandos. A “vassourinha” era um desses termos e com certas vantagens: incutia-se a crença de que Maria, no mês de maio, viria com sua vassoura limpar a sua casa (toda instituição salesiana era uma casa de Nossa Senhora) de todos aqueles que houvessem recusado emendar-se de suas faltas, sobretudo das transgressões não percebidas pelos educadores (mas N. Senhora via).

A disciplina se obtém, segundo um justo sistema maternal, que não dispensa, no tempo oportuno, a necessária correção dos defeitos, uma correção quase sempre eficaz. Privar a aluna de uma demonstração de afeto e manifestar o próprio desgosto, mostrando à culpada a falta cometida, são meios que deram resultados tanto que, durante o período da pesquisa, uma vez apenas foi necessário recorrer ao instrumento disciplinar extremo: a expulsão, pelo menos, o que foi constatado na documentação e nos depoimentos. “Se retira a aluna A. C., que entrou neste colégio há poucos meses, por motivo de indisciplina” (Cron. CNSAC, 03/06/1952). Se houve outros casos, não foram registrados.

Segundo Foucault, essa inversão disciplinar é um dos maiores efeitos das tecnologias do eu e do panoptismo¹⁵³.

¹⁵³ A palavra “panopticon” foi usada por Jeremy Bentham, filósofo e jurista. Ele concebeu o panóptico (sistema de vigilância) no século XVIII. Era um projeto de prisão modelo para reformar encarcerados. Também foi um plano para todas as instituições educacionais, de assistência e de trabalho. Uma solução econômica para os problemas, o esboço de uma sociedade racional. Segundo Foucault, Bentham confiava na força do olhar, do olhar do poder. Assim, sistemas de vigilância observavam as pessoas. As autoridades passaram a acreditar que as pessoas só se tornariam virtuosas pelo simples fato de serem vigiadas.

No que se refere ao castigo escolar, frequentemente funcionava num nível simbólico, para dar ao estudante uma antecipação do que pode ser esperado pelos imprudentes que transgridem as regras. Assim, através dos ritos de ensino, eficientes e superracionais, os professores tentavam transformar o comportamento de suas alunas daquilo que percebiam como teimosia, petulância e resistência em condutas dóceis, adaptáveis, obedientes e bondosas, tornando as estudantes capazes de facilmente serem condicionadas às normas.

Éramos avaliadas semanalmente em ‘procedimento, ordem e civilidade’. Como era triste uma ‘normalista’ perder ponto em um desses itens! Os castigos eram simbólicos e, mais que tudo, era alimentado em nós o sentido a responsabilidade e o testemunho diante das alunas do ginásio (*Violeta*, turma 1955).

A observância da disciplina era meio de atingir o pleno controle de si, pela aceitação da vigilância “maternal” das mestras, da participação aos jogos e nas atividades lúdicas e permanente atenção para com a compostura e as boas maneiras.

O uniforme era a grife, a marca da escola

Uma particularidade da cultura escolar do curso normal era a estética do uniforme escolar. As fotografias revelam detalhes ausentes das demais fontes. Entre eles, o uniforme, “um sinal distintivo, na medida em que apenas os colégios voltados para o público pagante mais abastado podiam se dar o luxo de tê-los. Eles aparecem como uma verdadeira obsessão nos colégios femininos” (PEROSA, 2009, p. 61). No Auxiliadora, as órfãs e a Escola Doméstica também eram uniformizadas, divergindo em parte da afirmação de Perosa.



Figura 45: Alunas uniforme 1927.
Fonte: ACENSA



Figura 46: Alunas 1955¹⁵⁴
Fonte: ACENSA

¹⁵⁴ 3º ano normal faz as provas escritas e orais de religião na presença de Monsenhor Jason e da diretora para obter o diploma de catequista.

Nas reuniões do Conselho Inspetorial dos dias 5 e 17 de novembro de 1934 (VERBALE, Liv 3, 1934, p. 14 verso e 16), veio à tona a questão do uniforme diário das educandas para o Colégio de Santa Inês, a título de *experimentum*, para se tornar, mais tarde, adotado em definitivo nas outras casas da inspetoria. Discutiram o tecido e a cor para alunas e para as órfãs, para os dias comuns e os dias festivos. A igualdade de uniforme das alunas de todos os colégios e ginásios foi aprovada na reunião do dia 3 de julho de 1943 (*ibem*, 1943, p. 60).

O vestuário tem uma linguagem própria, assim a utilização do uniforme na escola católica seria uma forma de, mediante o controle deste, remeter aos valores morais estabelecidos pela Igreja. É impossível usar roupas sem transmitir sinais sociais. Cada traje conta uma história, frequentemente sutil, sobre a pessoa que o usa. As funções da roupa, tal como concebe Morris (1997, p. 213), são três: “conforto, recato e ostentação.” O conforto é a função utilitária da roupa. Em cada época, as regras sociais de recato foram variando, mas o princípio básico permaneceu o mesmo, quanto mais antissexuais as exigências da sociedade, mais abrangentes eram as roupas.

Pio XII, em um discurso (*La Letizia*, 1943, p. 13), procurava orientar a juventude feminina contra o que ele chamava de vestido e atitudes imodestas: “Edifique, mostrando praticamente ao mundo feminino como uma jovem pode harmonizar muito bem vestidos e atitudes às leis superiores da virtude com as normas da higiene e da elegância”.

Mesmo nas escolas não religiosas, a utilização do uniforme representa, além de um caráter prático, uma forma de padronizar comportamentos e até mesmo modelos de condutas. O uniforme é superior à roupa comum, por causa de sua grande precisão e facilidade na observância de normas. O uniforme, via de regra, deve simbolizar a escola por meio daquele que o utiliza, daí a preocupação da instituição de ensino em controlar a utilização desse símbolo.

Os depoimentos das ex-alunas normalistas deixam transparecer a preocupação das religiosas do Auxiliadora em relação ao uniforme, coerente com as orientações da Igreja Católica. A ideia de que um vestuário inadequado pudesse levar ao pecado ou à intenção dele estava presente no imaginário da Igreja, das religiosas. O Papa Pio XII assim se pronunciou:

A Igreja sabe e ensina que o corpo humano [...] foi elevado pelo Divino Redentor a templo e instrumento do Espírito Santo, e como tal deve ser respeitado [...] é inegável que, ao lado de uma moda honesta há outra impudica, causa de perturbação nos espíritos tranquilos, quando não, incentivo ao mal (ALOCUÇÃO sobre a moda, 1957, p.12-13)

Além da vigilância sobre os uniformes, as Irmãs responsáveis pelo Curso Normal do Colégio procuravam controlar outras manifestações da moda, os penteados, a maquiagem, o cuidado com as unhas, fazia parte também da normatização, e, segundo as irmãs, da moralização dos costumes.

É importante salientar que a preocupação com vestuário e com adornos, os quais pudessem colocar em evidência a figura da mulher reveste-se da preocupação com trato da sexualidade. O corpo feminino, ainda que colocado como símbolo da perfeição divina nas publicações religiosas, pela função da maternidade, não pode ser visualizado, tampouco se permite qualquer comportamento que demonstre o desejo de contato entre os sexos. O fato marcante é o comprimento da saia das moças “Lembro-me bem da cobrança quanto à altura das saias. As irmãs mediam a altura do chão à saia, 30 cm”... (*Lírio*, turma 1957), “nas aulas de ginástica, usávamos um vestido abaixo do joelho e o calção, tipo ceroula” (*Rosa*, turma 1957).

O uso do uniforme associado à ideia de pertencimento a uma instituição, a exigência de ser impecável, causar boa impressão, foi lembrado por várias egressas do Auxiliadora, que o definiam como “o mais bonito da cidade: saia azul-marinho com pregas, quatro dedos abaixo do joelho, blusa branca com mangas compridas, sapatos pretos, meias de algodão longas, boina e gravata azul-marinho, luvas brancas, estrelas douradas, nas festas. Sem pintura no rosto, nem nas unhas” (*Angélica*, turma 1955). “Eu tinha orgulho de usá-lo” (*Hortência*, turma 1946). “Um belo uniforme! Nós nos orgulhávamos do nosso uniforme” (*Rosa*, turma 1957).

A lembrança dos uniformes do curso normal foi absolutamente recorrente na memória das egressas, sendo rememorado pelas antigas professoras e antigos da cidade. As roupas têm uma linguagem própria, porque a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, serve para transmitir certos significados como identificar a posição social de quem a usa (ECO, 1989). O cuidado com o vestuário e com a apresentação de si é, segundo Bourdieu (2008, p. 174), uma

maneira de afirmar sua distinção em relação às classes menos privilegiadas. Tratava-se de um treinamento para a observação do olhar e do julgamento do outro.

Os valores morais, o controle do corpo, a polidez

O respeito e a disciplina são o apanágio dos educandários dirigidos pelas religiosas que, em nosso paiz, muito tem contribuído pela educação intelectual, cívica e moral da juventude feminina. *E este termo é o preito de homenagem às Irmãs do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, pelo muito que já tem prestado moral, religioso e cívico às moças brasileiras* (BORTOLUZZI, F. S. - Inspetor Federal do Liceu de Humanidades de Campos, Livro de Termo de Visitas, 27/05/1937) [grifo nosso].

Dom Bosco recorda na Circular do dia 05/11/1874: “A moralidade dos alunos depende de quem os ensina, de quem os dirige. Se, portanto, queremos a moral e a virtude entre eles, devemos possuí-la nós e fazê-la resplandecer em nossas ações, conversas e em toda a nossa vida”. As virtudes que formam o ornamento de um jovem cristão são: a modéstia, a humildade, a caridade e a obediência que é a base e a garantia de qualquer virtude (MB IV, 748; MB III, 166; MB XVII, 890).

No início deste ano visitei este admirável colégio. Estava vazio; as alunas estavam ausentes. *Parecia um corpo sem alma. Vi-o ontem vibrante. Fiquei encantado. E levo a impressão de que só a educação moral-religiosa, como é aqui praticada, pode salvar a mocidade de nossa terra* (SOUZA, J. C. de Melo. Catedrático da Universidade do Brasil. Livro de Termo de Visitas, 20/10/1939) [grifo nosso].

Na questão levantada nas entrevistas sobre os valores transmitidos no período da escola, recordaram: “Solidariedade, responsabilidade, autodomínio, sinceridade, alegria que desafia os contratempos, fidelidade” (*Colibri*, profª 1957-1960).

Segundo Guacira Louro (*apud* COSTA, 1998), “a formação do bom cristão não apenas começa pelo **corpo**, ela o envolve e o implica. Ela também não se dá apenas sobre ele, mas se faz com e no corpo”. Não um corpo que é só fisiológico, mas um corpo que é muito mais alma e consciência, um corpo que deverá ter uma postura condizente com as verdades da época, que deverá olhar e caminhar a partir de um padrão normalizado, que deverá cuidar de si, moralizar-se.

O **controle do corpo** é uma exigência básica do capitalismo, do projeto burguês (medicina e controle social), garantir uma maior e melhor produtividade

no regime de trabalho livre. Dentro da instituição católica, persistia ainda outra forma de controle físico: o corpo deveria assumir uma atitude dependente do espírito, evitando que se manifestasse altaneiro pelo orgulho, ou maculada pelas paixões da carne.

O domínio corporal era considerado um elemento básico da ascese católica. A conduta formativa uniforme baseava-se no pressuposto teológico da teologia agostiniana, considerando a natureza humana decaída e atraída desde o nascimento para o mal, em consequência do pecado original.

A partir de 1920, os superiores da congregação salesiana começaram uma reação quanto aos rumos da educação nos colégios do Brasil. Segundo eles, os/as salesianos/as estavam se acomodando aos padrões da sociedade burguesa, com seu ideal de bem-estar corporal. A essa mentalidade mundana era necessário contrapor o ideal da pureza. Maria Goretti, São Luiz Gonzaga são apresentados como lírios de pureza, eram os protótipos para essa educação angelical, onde o corpo era negado (AZZI, 2003b, pp. 158-161).

As **boas maneiras** passaram a constituir um dos elementos formadores da sociedade urbana em afirmação. As salesianas incorporaram a noção de polidez em sua atividade educacional, sob o nome de urbanidade, cortesia ou civilidade.

As alunas aprendiam modos polidos, ou seja, mostrarem-se sempre com boas maneiras em sua conduta. A maneira de caminhar, de sentar, de comer, de rezar, todos os movimentos do corpo eram regulados por normas precisas. Recomendava-se um modo de vestir adequado, atitudes decentes e uso de linguagem correta.

Em 1952, foi editado um *Compêndio de civilidade para uso dos colégios salesianos*; nele, a aparência pessoal era altamente valorizada dentro dos padrões de etiqueta da época.

As religiosas educadoras tinham a fineza no trato com as pessoas, na convivência em sociedade e buscaram transformar a rusticidade das alunas em polidez, nas mais diversas manifestações do comportamento diário, educavam, sobretudo, com o exemplo.

5.3.6. O trabalho e a profissionalização das jovens

Você me diz que precisa trabalhar muito, e isso me deixa contente porque o trabalho é o pai das virtudes, trabalhando fogem os grilos e a alegria é perene. Enquanto eu lhes recomendo que trabalhem, recomendo-lhes também que cuidem da saúde, e a todas recomendo trabalhar sem nenhuma ambição (MAZZARELLO, C 25.5).

Meus caros jovens, não lhes recomendo penitências e disciplina, mas trabalho, trabalho, trabalho (MB IV, 216).

Os meninos de Turim não eram propriamente delinquentes, conheciam as prisões. Não tinham trabalho, nem onde dormir ou o que comer. Careciam de uma profissão, de família, de amigo. Havia necessidade de preparar os jovens para o mundo do trabalho. Vindos do meio rural não resistiam no meio urbano:

Desenraizados do seu meio rural, limitado pelo analfabetismo, e dominados pelo ritmo esgotador pelo trabalho e pela exploração de todo tipo, não conseguiam estabelecer uma nova síntese religiosa. Por outro lado, enquanto a promiscuidade das fábricas favorecia a imoralidade, os operários procuravam esconder suas mágoas e seu vazio, entregando-se ao vício. A situação da massa proletária em Turim apresentava-se assim complexa e problemática (SCARAMUSSA, 1979, p. 26).

A origem da congregação, atendimento à juventude pobre de Turim, levou o fundador a optar pelo ensino profissional que é marca característica dos salesianos e das salesianas, fator de crescimento e expansão da obra por diferentes regiões e estratégia de recuperação da influência da Igreja junto às classes sociais e regiões que apresentam sinais de perda dessa influência. Os alunos aprendiam a trabalhar trabalhando.

Dom Bosco concebeu o trabalho no sentido educativo e assim o cultivou nas suas escolas. Uma instituição educativa salesiana sem a música, o canto, o teatro, as oficinas, os laboratórios, embora construindo fortes personalidades cristãs, não pode, certamente, considerar-se organizada com o timbre e o método de Dom Bosco e de Maria Mazzarello, que, desde o início, ensinou a costurar, a bordar, para que as meninas tivessem um ganha pão, se não inserir esses jovens no mundo do trabalho, possibilitando a realização pessoal, o crescimento humano e formação profissional.

A contraposição entre a utilidade do trabalho e os malefícios da ociosidade fazia parte da pregação progressista, tanto dos liberais como dos positivistas. Tanto os defensores da ordem, como os propugnadores da liberdade não deixavam

de ressaltar a importância do trabalho para o progresso da nação. O discurso salesiano favorável ao progresso favoreceu bastante a aceitação da obra de Dom Bosco, eles e elas [salesianos] eram os “apóstolos do progresso”, conseguiram exercer sua função educativa numa complementaridade de ação com o Estado na sua faina civilizadora.

Em suma, podemos afirmar que a educação para e pelo trabalho no interior do Colégio Auxiliadora teve ação junto às camadas mais pobres da população, isto através do orfanato, da escola doméstica e da escola noturna, dos oratórios. A formação das normalistas, oriundas de diferentes classes sociais, tinha também a preocupação em preparar mão-de-obra que, em parte, atenderia às demandas do processo modernizador e iria expandir o sistema preventivo e a ação evangelizadora da Igreja em Campos e em outras localidades. Por fim, a formação de individualidades ordeiras, cônscias de seus deveres e conformadas para os papéis e funções a ser por elas desempenhadas no corpo social.

5.3.7. Relacionamento da Escola e Família

O fundamento da presença educativa salesiana é a caridade traduzida na modalidade relacional da doçura que se harmoniza com a firmeza. Esta requer das educadoras capacidade de acolher as pessoas, conhecer no concreto da sua história e do ambiente no qual estão vivendo, mas também habilidade no ter sempre presente o horizonte da finalidade última para as quais orientar o empenho e as buscas das educandas. A educadora, portanto, cultiva a atenção vigilante a cada pessoa, a compreensão das complexas situações que obscurecem o ato educativo (LUCOTTI, L. In: VASQUETTI, L., C. C. nº 129 de 24/6/1930) [tradução nossa].

A Igreja ancorou-se na figura da família, célula *mater* da sociedade, alegando que somente esta tinha soberania para tomar decisões que dissessem respeito à educação dos filhos. A ênfase na missão educativa dos pais, compreendida como de ordem natural, constituída por Deus, apresentava-se de modo inequívoco. A influência do grupo católico na legislação federal foi bastante efetiva nas Constituições de 1934, 1937 e 1946. Acreditava que, ao estimular o poder materno cristão no lar, poderia reconquistar o poder do catolicismo. A intervenção materna agiria de acordo com a teoria dos “círculos concêntricos” (MANOEL, 1996, p 49), ou seja, a mãe catequizaria o filho e conquistaria o marido para o catolicismo e estes fariam repercutir as ideias maternais católicas na sociedade. Dessa forma, quanto maior o número de mães cristãs, maior o número

de famílias cristãs, levando a uma sociedade recristianizada. Porém, essa ação feminina no lar e na sociedade deveria obedecer aos limites do seu gênero, respeitando a hierarquia entre homem e mulher. A ação feminina deveria ser persistente, porém suave e sutil.

Para Dom Bosco e Mazzarello, os colégios eram casas e o ambiente educativo deveria ter o clima de família, em que as educadoras faziam o papel de mães, de cuidadoras. A educação e a santidade deveriam se realizar na alegria e, por isso, os jogos no pátio, o teatro, a música, os passeios, o canto, a presença do educador entre os jovens, vivendo com eles, foram sempre a marca registrada da educação salesiana.

Para as salesianas, a relação educativa rica de afetividade, de sensibilidade, de sentido ético e de profunda religiosidade confia a sensibilidade educativa da maternidade das educadoras a sua capacidade de falar ao “coração” dos sujeitos dos quais se “*assume o cuidado*”. Prevenir, para elas, se traduz, portanto, na criação de uma rede de relações positivas, capazes de estimular e sustentar as forças interiores dos jovens e orientar para a doação de si. Cria laços com a família.

A nossa ação não deve ser feita ao acaso, mas sim com um fim preciso [...] Portanto cada professora, na sua obra deve propor-se de ministrar a juventude os *conhecimentos necessários para a vida* (COPPA, C. C. nº 109, 24/04/1927) [grifo e tradução nossa].

Valorizando a maternidade como “arte de cuidar” da vida, na ótica da “cultura da vida”, a contribuição que as FMA oferecem para uma educação à reciprocidade está inscrita em seu próprio nome: ser “auxiliadora”.

Quando as antigas professoras e ex-normalistas foram questionadas sobre a participação da família na escola, elas disseram que “os pais e principalmente as mães estavam sempre presentes nas grandes festas e demonstravam seu apreço com mensagens, presentes, doces” (*Sabiá*, profª 1954-1959), “havia reuniões periódicas para os pais¹⁵⁵ e também o convite à participação em festas, apresentações esportivas, culturais, religiosas, nas solenidades de formatura, os pais prestigiavam e se orgulhavam de suas filhas” (*Rosa*, turma 1957; *Acácia*, 1950 e *Cravo* turma 1949).

¹⁵⁵ A escola preparava encontros formativos, em um deles o “Pe. Roberto/SDB vem a Campos para uma conferência, participaram 98 pais” (23/08/1940).

Em 1933, as famílias passaram a insistir para que se abrisse também o curso ginásial para as meninas, o que aconteceu em 1934, e, a partir daí, houve a possibilidade de buscar a instalação da escola normal.

A caderneta escolar era entregue aos pais mensalmente, informando-os do procedimento, aplicação e aproveitamento de suas filhas (anexo 8). Assim informados, a escola acreditava que os pais poderiam intervir com sua autoridade, auxiliando o trabalho educativo do Colégio.

A diretora e seis alunas foram participar da gincana catequética inspetorial que aconteceu em São Paulo, “ao retornarem são recebidas na estação ferroviária, numerosa representação de parentes, alunas e amigos da escola que as conduzem até a casa onde foram recebidas com festa pela ótima classificação: 1º lugar e dois 2º lugares” (Cron. CNSAC, 04/11/1941).

As associações, agremiações da escola expandiram-se também com as mães, as ex-alunas e as cooperadoras: “Hoje se faz a primeira reunião da “União das Mães”, presentes: 82” (30/03/1950). Realiza-se a 2ª reunião da “União das Mães”, estavam presentes: 122. Dom Antônio Mayer vem presidir a reunião que se desenvolve cordial e festiva. A senhora Drª Lea Ramos fala com elas sobre a tese intitulada: “A mãe e a família” (Cron. CNSAC, 23/04/1950)¹⁵⁶.

Entre as inovações educativas das Salesianas em Campos, colocava-se o Sistema Preventivo aplicado à educação feminina e difundido por muitas das ex-alunas que se tornaram “mestras cristãs” em Campos e nas cidades interioranas. “A educação do colégio só me fez bem. Sou grande admiradora de tudo que se faz por lá. Ele continua sendo "o Meu Auxiliadora" como sempre chamo!” (Acácia, turma 1950).

Não é demais ressaltar que o Auxiliadora se apresentava como um colégio católico, que aliava o tradicional rigor disciplinar a um ambiente escolar “familiar”, no qual as alunas recebiam a formação de um capital moral, não apenas prescrito pelas boas maneiras, mas também pelo intensivo investimento na educação e moral católicas.

¹⁵⁶ “Na 3ª reunião da “União das Mães”, cresce o número das associadas, passa para 165. O P. Jomar Vasconcellos faz uma conferencia sobre os deveres principais do estado de vida: Casadas, Mães” (Cron. CNSAC, 18/05/1950). Outros temas das reuniões da União das Mães: “A missão da mãe” e “Santidade do matrimônio, consequências funestas do divórcio”.

6. Considerações finais

A instituição, como toda realidade social, está carregada de memória, grávida de passado; há nela um impulso e uma interrupção, incubação e antecipação do que ainda não veio a ser (BLOCH, 2005, p. 14).

As escolas católicas fizeram parte da paisagem urbana, tornando-se ícones do progresso local e atraindo, para suas salas de aulas, jovens do âmbito regional.

Gostaríamos de chamar a atenção para a importante contribuição que o estudo sobre organizações educativas podem dar para a elucidação do processo de construção do “programa institucional” e o trabalho realizado no/sobre o outro, entendido dentro de uma transmissão de hábitos, costumes, valores e formas de ação e disposições adquiridas pelo processo de socialização (DUBET, 2006, p. 24) no domínio da educação católica em Campos. Se, como propõe este autor, entendermos por programa institucional “o processo social que transforma valores e princípios em ação e em subjetividade através dum trabalho profissional específico e orientado” vemos bem a relevância da “história das instituições educativas” para a compreensão do modo como esse processo se constituiu e se desenvolveu.

A pedagogia de Dom Bosco foi uma pedagogia inovadora, dialogava com o que havia de mais moderno no pensamento pedagógico da época. Um exemplo é a ênfase que ele pôs nas relações dialógicas, os jogos, o trabalho, a ambiência, a música, o teatro, as excursões. E há uma categoria que é central, chave, no pensamento de Dom Bosco, que é também assumida por François Dubet: a categoria do cuidado. A questão do cuidado já estava posta desde Pestalozzi, Flöebel, grandes expoentes da renovação pedagógica do século XIX.

A reflexão do cuidado sobre o outro, da socialização e profissionalização das moças realizada na escola ocupa uma espécie de posição central.

Por outro lado, a ação educativa na escola, o poder do discurso religioso, as prescrições moldadas por uma moral católica, o ritual estabelecido nesse jeito de educar, são elementos pelos quais se trançam os *fios da tessitura* da educação feminina salesiana na Escola Normal do Auxiliadora de Campos. As educadoras colocam em prática o programa institucional, o projeto educativo salesiano.

Celebrar é comemorar, lembrar juntos. Mais do que isto, queremos ressaltar-lhe a dimensão simbólica: olhar o “Auxiliadora” a partir de dentro, do que ele significa para nós e para Campos dos Goytacazes [...]. Vemos que o “Auxiliadora” não se reduz a um espaço físico, por tão grande que ele seja, a uma simples pessoa jurídica. [...] É esta visão simbólica que nos permite abrir as janelas da alma, fazer o coração sentir a presença do inexplicável e conservar a magia das coisas e dos tempos passados e sempre atuais pela força de uma experiência de vida. O trabalho educativo contínuo de orientar cada criança, adolescente ou jovem, no processo de maturação do saber, no sentir, no julgar, no crer e no agir para encontrar sua verdade na construção da própria identidade que se realiza na convivência e nas relações sócio-comunitárias e transcendentais do dia a dia (CHALOUB, 2005, *apud* CARVALHO, 2009b, p. 75-76).

Magistério e maternidade, missões que se aproximavam muito nesse espaço educativo feminino. Não se faz educação sem mestres, sem ideias e concepções, motivo pelo qual entender a formação dos indivíduos é compreender a tessitura de uma cultura em construção.

Nos anos 1940 a 1950, a competição com outras religiões e o declínio do monopólio religioso católico reestruturaram as relações da Igreja com o Estado e a colocam frente à necessidade de desenvolver uma missão pastoral mais sistemática mediante a modernização de suas práticas e de um amplo projeto de formação de líderes pastorais (MAINWARING, 2004, p. 50). A escola católica e a liberdade de educar nos discursos e nas práticas das instâncias da Igreja católica ao longo do século XX reafirmaram o caráter estratégico atribuído à educação e legitimaram a identidade da escola católica e de seu projeto social.

Juntar papéis, remontar aspectos da cultura e do cotidiano escolar, decifrar instruções normativas e legais nos permitiu acessar os fundamentos ordenados de uma determinada época e escola, para escrever as origens e trajetória de formação de professoras católicas em Campos dos Goytacazes e regiões circunvizinhas do Estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. A história não é nem justiceira nem justificadora, não deveria condenar nem absolver apressadamente, sua “tarefa essencial, não fácil é compreender, acolher certos estados de ânimo, certas mentalidades, reconstruir suas raízes, para em seguida estudar os frutos, quaisquer que sejam” (ZIMNIAK, 1997, p. 25). Assim, “cheirando a odor dos tempos idos”, foi-nos possível reconstruir o ambiente, reedificar o passado.

Esta pesquisa se dedicou ao projeto educativo das Salesianas na escola normal em Campos, primeira escola normal das Filhas de Maria Auxiliadora no Estado do Rio de Janeiro; deteve-se sobre os anos 1937 a 1961, e procurou

preservar do esquecimento pessoas e eventos que construíram uma história educativa católica no interior norte fluminense. Buscou entender a construção da identidade institucional, o seu programa institucional (seu projeto educativo), “o trabalho realizado no/sobre o outro”, entendido dentro de uma transmissão de hábitos, costumes, valores e formas de ação e disposições adquiridas pelo processo de socialização.

Os caminhos trilhados por esta pesquisa buscaram contribuir para a História e Historiografia da Educação Brasileira, por meio de uma abordagem sócio-histórica, trazendo à luz, ao mesmo tempo, a singularidade e a totalidade, os gestos, as expressões, a rede de relações desenvolvidas no GENNSAC.

Uma dimensão da pesquisa foi identificar as formas de socialização escolar e religiosa que compõem a identidade das docentes e discentes selecionadas para a análise, o ethos religioso que impregnava a configuração social, a experiência profissional - a construção das identidades que, para Dubar (1997), se faz na articulação entre os sistemas de ação que propõem identidades virtuais e as trajetórias vividas pelos sujeitos, por meio e no seio das quais se formam as identidades reais, em um processo constante de negociação, que se realiza dentro de um determinado campo de possibilidades, e entender a tessitura da professora católica, o perfil da normalista desta instituição e a constituição de sua identidade profissional produzida ao longo de sua formação. A composição do tecido, da textura, do modo como estavam organizadas as práticas no curso normal, como se construiu a professora cristã, as distintas estratégias de construção da identidade docente na escola normal confessional de Campos. Esse processo assumiu as mais variadas formas e contou com a participação de diferentes agentes. Contudo, as ações mais sistemáticas e intensas partiram do poder da Igreja, dos católicos e influentes do local.

Esta pesquisa abordou uma entidade cujo raio de ação se estende à educação popular (escolas noturnas), à luta pelo atendimento à criança pobre (orfanato), ao ensino religioso e catequese nas escolas públicas e paróquia, nos oratórios, à atuação de educadores comprometidos com o catolicismo, à formação de normalistas que atuavam em instituições educacionais confessionais e públicas de Campos e do entorno. Verificamos que o Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora fez parte da paisagem urbana, tornou-se ícone do progresso

local, constituiu-se como um espaço de referência na região, também na formação docente, pois até os dias atuais ainda mantém o curso. Atendeu muitas jovens normalistas internas (103) provenientes de muitos lugarejos do interior fluminense (26), até de outros estados, Espírito Santo (6) e Minas Gerais (4); estas normalistas, ao concluírem o curso e voltarem para as suas regiões, foram trabalhar, ampliaram a ação salesiana (seu programa, seus valores) ao colocarem em prática o que haviam recebido. O colégio preparou muitas normalistas para o mercado de trabalho, fez de muitas de suas egressas universitárias e professoras universitárias.

Quanto ao porquê esta escola foi criada, se já havia uma escola normal pública na cidade, e quais foram as estratégias utilizadas para ocupar seu espaço e a legislação pertinente a essa escola, foi possível confirmar as hipóteses levantadas. Ela valeu-se dos pressupostos religiosos e congregacionais, construiu o seu projeto pedagógico a partir de um amalgamento de propostas da pedagogia católica com as inovações educacionais da época. O objetivo era garantir a formação da professora primária. A identidade profissional das entrevistadas - seis antigas professoras e dezessete ex-normalistas - está marcada pela especificidade da socialização das Salesianas, o que implicou a internalização/externalização de um ethos católico salesiano.

O Colégio, além de ser reconhecido como escola de “elite”, também foi composto por um público escolar feminino oriundo de outras frações de classe, ou seja, suas discentes provinham de diferentes origens sociais e culturais.

Ao longo da pesquisa, foi possível identificar três fases distintas de trajetória desta escola de professoras, no período temporal demarcado entre 1937 e 1961. A primeira (1937-1940) caracteriza-se pela luta para a criação do curso normal, já que a lei não permitia essa criação numa cidade em que já houvesse outra escola normal, e Campos já possuía a escola normal pública que funcionava no Liceu de Humanidades; na segunda fase (1940-1944) aconteceu a equiparação e início do curso, somente para alunas internas; e na terceira (1945-1961), é permitida a entrada das alunas externas. Neste período, aconteceu a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Normal, em 1946, e, posteriormente, a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1961.

Embora o recorte de tempo, do nosso objeto de estudo, fosse entre os anos 1937 e 1961, buscamos um levantamento da fundação da escola para compreender a intencionalidade, os motivos que levaram as irmãs a instalar um curso normal em Campos, cidade que já possuía uma escola normal pública.

A organização desta escola atendeu inicialmente às orientações do Decreto nº. 714 de 10/03/1939. Foram quatro turmas que formaram sob esta égide. As outras 12 turmas de normalistas foram formadas sob a orientação do Decreto-Lei nº 8.530/46. A escola se adequou a esta lei orgânica após dois anos, prazo permitido pelo próprio Decreto. Concluímos a pesquisa com o marco da implantação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 4.024/61 que mudou os rumos do curso normal a partir de 1962.

A sua principal razão de ser, enquanto escola salesiana, reside no seu valor cultural e educativo, na sua peculiar capacidade de formar mulheres e mestras cristãs, profissionalmente preparadas a “assumir uma missão” na sociedade. Para as religiosas, a escola normal, a formação de professoras daria continuidade à ação educativa salesiana, voltada para a educação integral (moral, religiosa, profissional, associativa) da criança e da juventude em Campos e nas localidades da redondeza, alargando seus raios de ação para os municípios do entorno e atingindo jovens de outros Estados: Espírito Santo e Minas.

A escola normal foi importante na formação da mulher e da professora no período, foi representativa das particularidades da educação católica, especialmente da salesiana, no Brasil, em Campos e redondeza.

Esta escola comporta um projeto que manteve relação, quer com as prescrições da Igreja e da Congregação, quer com a dos poderes oficiais da educação brasileira, estava em conformidade com o programa estabelecido pela Diretoria de Instrução Pública do Estado, e assumia, a julgar por sua matriz curricular, a preocupação em formar suas professoras para que viessem a ser boas mestras e boas conhecedoras do universo infantil, segundo os critérios estabelecidos em lei para tal formação. A sua matriz curricular não era diferente da escola pública de Campos, mas havia algumas particularidades, próprias do ethos cristão, dos valores a ser transmitidos.

A análise das fontes disponíveis permite perceber a trajetória pela qual passou a Escola Normal para cumprir os requisitos legais a fim de ter um bom

funcionamento. No entanto, embora a preocupação com as questões legais preocupasse as irmãs nessa escola, outra era mais acentuada: a de promover uma formação moral cristã de suas alunas.

Com a finalidade de promover a formação religiosa das alunas nos colégios, as irmãs adotavam associações religiosas, como a Pia União das Filhas de Maria Imaculada, As Devotas de Maria Auxiliadora, a Companhia dos Santos Anjos, a Obra dos Tabernáculos, o Jardim de Maria, a Guarda de Honra do Sagrado Coração e outras de cunho social caritativo como as Damas de Maria Auxiliadora, as Ex-alunas Salesianas e a União das Mães. Essas associações desenvolviam atividades de amparo aos menos favorecidos, como as órfãs, os oratorianos (crianças e jovens das periferias da cidade que se reuniam semanalmente em vários centros) que eram atendidos pelas Irmãs, Ex-alunas, Damas e até mesmo as alunas internas do curso normal.

Outra forma para complementar a formação cristã das meninas eram as celebrações de datas religiosas, em especial, a festa da padroeira da Congregação, Nossa Senhora Auxiliadora, como atestam a crônica, os jornais e boletins.

A experiência vivida, quer seja pelas ex-alunas ou pelos educadores, durante a frequência na Escola Normal, está ligada também aos fatores extraescolares que ficaram marcados na memória desses sujeitos. Se a educação da fé era o principal objetivo da ação educativa das irmãs, esse objetivo estava enraizado na boa formação moral das alunas, direcionando-as para padrões de conduta que fossem condizentes com a moral católica da época. Toda a ação educativa voltava-se para o intuito de formar um ideal de mulher que estivesse em sintonia com o desejável para a sociedade, e mais, com o que a própria sociedade esperava da formação feminina em uma escola religiosa. O modelo de mulher que constituía o ideal era o de dona de casa, capaz de gerir a vida doméstica.

É inegável que, pelo menos em parte, as congregações religiosas contribuíram para a ascensão social do sexo feminino e para que, por meio da educação, muitas mulheres chegassem a um enfoque crítico de sua existência feminina. As irmãs salesianas do Auxiliadora de Campos, ao formarem a moça professora, tinham como finalidade a formação integral das mesmas, ou seja, formar a mulher, mãe, esposa e a professora. Essa formação pode ser assinalada

nos depoimentos das ex-alunas, no decorrer dos capítulos, ao narrarem as experiências vividas durante a frequência a Escola Normal do GENNSAC.

O Auxiliadora é uma “casa de educação” inspirada no projeto salesiano, porque, em todas as fases do seu processo histórico, conservou a sua identidade de escola católica com as características que desta são típicas.

Em um contexto no qual era elevado o analfabetismo, sobretudo no campo feminino, a escola entendia oferecer uma modesta, mas eficaz resposta à demanda de instrução e de educação emergente do povo e em particular das mulheres.

Com esse princípio orientador, o percurso pedagógico, social e humano do curso de formação de professoras do GENNSAC/RJ foi construído nas décadas delimitadas pela pesquisa. E isso só foi possível ser visualizado mediante a luta para a sua implantação no marco teórico das políticas educacionais e de uma hermenêutica cruzada entre a instituição, a cidade, os arquivos e as memórias, com a finalidade de gerar uma identidade institucional específica, o que pressupõe um processo – não se pode compreender a questão da identidade como um produto acabado. Para Nóvoa (1995, p. 16), “a identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço em construção”. Assim, os diferentes contextos de uma cidade, associados à memória escolar e às trajetórias da vida, compõem um espaço histórico-social.

A educadora católica, particularmente a irmã professora e a religiosa educadora no período em questão, foi modelo para muitas jovens normalistas que buscavam no magistério, a estabilidade econômica, o reconhecimento social e a realização profissional.

Os indícios das práticas pedagógicas, desenvolvidos para a formação da professora primária, foram detectados mediante as entrevistas realizadas com seis antigas professoras e os 17 questionários respondidos por ex-normalistas perpassaram pelo afeto/amorevolezza, pelo engajamento e educação continuada na associação das ex-alunas.

A força da presença feminina na administração do colégio, desde a fundação, é uma marca nesta escola e em outras mantidas por congregações religiosas. Um colégio que se mantém por 88 anos, sempre administrado por mulheres religiosas, sugere a existência de um paradigma de administração

feminino profundamente impregnado pelo religioso, pelo cuidado. Fica uma sugestão para pesquisas futuras.

O “cuidar” é uma dimensão da feminilidade e da maternidade, comporta ter consciência do valor da pessoa e querer que ela seja ela mesma e faça brotar de si o que tem de melhor.

Muitas sugestões de resposta podem ser oferecidas sobre a temática e a problemática escolhida, assim como também se pode formular uma série de novas perguntas sobre elas.

A identidade nunca é dada, ela é sempre construída e reconstruída ao longo do tempo. O "Auxiliadora" se constituiu em um espaço escolar feminino, em que o modelo de ensino implementado pelas Salesianas proporcionou as suas antigas normalistas uma identidade caracterizadora de "ser ex-aluna salesiana" e, apesar de ser uma educação escolar modelada em padrões conservadores, era de interesse dos pais de famílias das elites e da classe média da época.

Assim, observamos que a atuação educacional das salesianas na sociedade campista caracterizou-se pelas motivações que as trouxeram para a região, pelas relações estabelecidas com parte da juventude feminina e pelas marcas deixadas pela proposta pedagógica implementada, caracterizada pela identidade que proporcionou às alunas. Dessa maneira, esse espaço escolar feminino se inseriu na cultura escolar de Campos/RJ e contribuiu para a História da Educação da cidade. Ao retratar a história e memórias do curso Normal do Auxiliadora de Campos/RJ, no período de 1937 a 1961, este trabalho tornou-se relevante para compreender o trabalho educacional desenvolvido em um espaço escolar feminino, por uma congregação religiosa italiana, numa importante cidade da região norte fluminense. Assim, constitui-se um estudo não apenas significativo para a historicidade local, regional, como também para a História da Educação Brasileira.

Os depoimentos produzidos por antigas professoras e ex-alunas revelaram aspectos importantes da trajetória desta escola de professoras, ou inquietaram pelos silêncios e lacunas.

A escola de professoras, embora mantendo sua pedagogia católica, salesiana, em que instrução e educação estavam fortemente marcadas pela religião, moral e civismo, construiu um caminho bastante peculiar, em que a

tensão entre o tradicional e o moderno constantemente se mantiveram presentes, por exemplo, o controle disciplinar, a presença vigilante em vista do bom costume e prática de piedade e a preocupação e adoção de métodos pedagógicos próprios da modernidade (métodos que privilegiavam o interesse e o cotidiano da criança) que fossem em tudo idênticos ao oficial, para que as formandas tivessem uma formação à altura das professoras que eram formadas pelas escolas normais oficiais, especialmente a Escola Normal de Campos.

A formação de professoras, para a Igreja, para o Auxiliadora, valia como multiplicação de aliadas nas fileiras da pedagogia cristã, processo importante porque fortalecia trincheiras avançadas da luta de posições – a escola formando gerações. Importante, também, porque a direção católica que se imprimia na formação das professoras não se restringia ao apenas educacional escolar, mas, certamente incorporava, como uma filosofia de vida, um modo de ser religioso-católico no modo de ser professora, um “ethos”. Em ambos os casos, a religião católica e as salesianas alargavam forças.

A Lei do Magistério, Lei nº 1.870 de 18/04/1953, que beneficiava quem estudava nas escolas normais públicas, não foi empecilho para a escola normal do Auxiliadora; nesse período, o número de alunas cresceu e em todos os concursos que houve elas passavam e eram lotadas nas escolas públicas ou trabalhavam nas particulares.

Quanto ao percurso das professoras, podemos verificar que a maioria das egressas do Auxiliadora (88,29%) seguiu a docência no magistério primário, várias em universidades, daí concluímos que muitas realizaram outros estudos depois do curso normal.

Apesar das alterações pelas quais passaram as escolas confessionais católicas ao longo do século XX, podemos depurar da proposta educacional da Igreja Católica, como fez Crespo (1991, p. 145), as seguintes linhas mestras: um ensino que evita a massificação e pautado numa grade curricular tida como de excelente nível acadêmico; um quadro de profissionais com alto índice de compromisso e competência e muito boa qualificação; uma estrutura de serviços e de equipamentos auxiliares, bastante sofisticada e considerada como atual e eficaz; uma ‘aura’ de respeitabilidade e credibilidade; uma assistência religiosa concreta.

Dom Bosco propôs aos educadores uma ‘presença pessoal’, amiga, que estimule e guie o amadurecimento do jovem, ‘que não seja apenas material, mas eficazmente educativa’, num clima de plena liberdade (BRAIDO, 1965, p. 295). O acento é colocado sobre a ajuda, o encaminhamento, a assistência (no seu sentido etimológico de ‘estar presente para ajudar’). Apelo dirigido aos salesianos (as) pelo P. Duvallet que por vinte anos trabalhou na reeducação dos jovens:

Tendes obras, colégios, oratórios para os jovens, mas só tendes um tesouro: a pedagogia de Dom Bosco. Num mundo em que os jovens são traídos, dissecados, triturados, instrumentalizados, o Senhor confiou-vos uma pedagogia em que triunfa o respeito pelo jovem, pela sua grandeza e pela sua fragilidade, pela sua dignidade de filho de Deus. Conservai-a, renovai-a, rejuvenescei-a, enriquecei-a de todas as descobertas modernas, adaptai-a a essas criaturas do vigésimo século e aos seus dramas, que Dom Bosco não pôde conhecer. Conservai-a! Mudai tudo, perdei as vossas casas se é o caso, mas conservai este tesouro, construindo em milhares de corações a maneira de amar e de salvar os jovens, que é a herança de Dom Bosco (AA.VV., 1974, p. 314).

A história do curso normal do Auxiliadora de Campos foi revisitada, reelaborada no decurso de 25 anos. Assim se constrói a tessitura de uma trajetória: valorizando o passado, para fundamentar a compreensão do hoje e projetar um futuro com bases sólidas.

Conhecer e valorizar o patrimônio escolar são aspectos importantes, pois também contribuem para a preservação da identidade das instituições, reforçam os laços dos atores que por elas passaram, fortalecendo também a sua identidade social. A conservação da memória coletiva torna-se fundamental para dar um sentido de continuidade entre as gerações. A divulgação deste patrimônio é importante para a instituição, para os que por ela já passaram e também para os seus alunos atuais, ajudando-os a fortalecerem os laços de pertença, com a sua escola e com a própria sociedade.

“Espero morrer com o rosto voltado para o futuro” (ATHAYDE, T. Memórias improvisadas, Petrópolis, 1973, p. 117).

7. Fontes de investigação

7.1. Fontes documentais

LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS DA ESCOLA - Arquivo do CENSA: Centro Educacional N. S. Auxiliadora, Campos dos Goytacazes, RJ [ACENSA]

- BRASIL. Decreto nº. 19.890 de 18/04/1931. Dispõe sobre a organização do Ensino Secundário. In: www.soleis.adv.br, Acesso em 15/06/2012.
- BRASIL. Decreto nº. 19.941 de 30/04/1931. Dispõe sobre o Ensino Religioso. In: www.soleis.adv.br, Acesso em 17/06/2012.
- BRASIL. Decreto nº. 21.241 de 04/04/1932. Disponível em: <www.senado.gov.br/sicon>. Acesso em: 10/09/2012.
- BRASIL. Decreto de 15/03/1934, Inspeção preliminar, Colégio N. S. Auxiliadora.
- BRASIL. Decreto Presidencial nº 3.184, publicado no Diário Oficial de 18/10/1938, de Inspeção Permanente – Criação e Reconhecimento do Colégio N. S. Auxiliadora.
- BRASIL. Decreto nº. 2.393 de 25/02/1939. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 30/05/2012.
- BRASIL. Decreto nº 714 de 10/03/1939; Art. 64 e alíneas. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 20/01/2013.
- BRASIL. Decreto Lei nº 145/40 da Secretaria de Educação e Saúde, publicado no Diário Oficial de 13/09/1940 que Equipara o Curso Normal anexo ao Colégio N. S. Auxiliadora de Campos ao Instituto de Educação do RJ.
- BRASIL, Decreto nº 3.085 de 03/03/1941, dispõe sobre o Registro de Professores no Ministério da Educação e Saúde e no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Disponível em: <www.senado.gov.br/sicon>. Acesso em: 10/09/2012
- BRASIL. Decreto nº 4.244 de 09/04/1942. Lei Orgânica do Ensino secundário. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 25/03/2012.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 8.529 de 02/01/1946 - Lei Orgânica do Ensino Primário. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 20/09/2012.
- BRASIL. Decreto nº 8.530 de 02/01/1946 - Lei Orgânica do Ensino Normal. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 28/05/2012.
- BRASIL. Decreto nº 2.981, de 03/12/1946 - D.O. 04/12/1946.
- BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: Documenta nº 1, Rio de Janeiro, mar.1962.
- BRASIL. Constituição Federal de 1934. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 05/07/2012.
- BRASIL. Constituição Federal de 1937. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 20/09/2012.
- BRASIL. Constituição Federal de 1946. Disponível em: www.soleis.adv.br. Acesso em: 20/05/2012.
- ALERJ. Lei do Magistério, nº 1.870/53 de 18/04/1953.
- ALERJ. Lei nº 3.649/58 de 12/06/1958.

-
DOCUMENTOS DA ESCOLA

- ABAIXO ASSINADO dos pais para o Interventor Federal do RJ, 12/11/1937.
- ATAS DE EXAMES PARCIAIS E FINAIS (1942-1961).
- ATAS DOS ESTATUTOS do Colégio N. S. Auxiliadora de Campos (E 1958).
- ATO nº 14 de 05/08/1959.
- CADERNETA ESCOLAR das alunas da Escola Normal – (1957).
- CARTA do Bispo Dom Octaviano Pereira de Albuquerque ao Interventor do Estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto em 22/07/1940.
- CARTA de Manoel Bergström Lourenço Filho, enviada ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em 20/07/1937.
- CONTRATOS de professores (Novembro de 1937).
- CRÔNICA da Casa das Irmãs do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos, (1925-1961) citada como: (Cron CNSAC).
- DESPACHOS do Interventor Federal indeferindo os processos: 1º) Ficha nº 59-41 de 15/04/1941 e 2º) Ficha nº. 237-44 do dia 04/02/1944.
- DESPACHO do Interventor Federal deferindo o processo em favor da escola, autorizando as externas a frequentarem o curso normal - Diário Oficial de 12/01/1945.
- DIÁRIOS DE CLASSE do curso normal (1943 e 1949)
- DIPLOMAS (1946, 1950, 1957 e 1961).
- ESTATÍSTICAS da Casa das Irmãs do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, enviadas a Roma no final de cada ano (1925-1961) citada como: (Estatística CNSAC).
- ESTATUTOS do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos (E 1953).
- FICHAS de matrícula de alunas (1942-1961).
- HORÁRIO da prova parcial (1949 - 1950).
- HORÁRIO das aulas (1949 - 1950).
- INVENTÁRIO do material na Escola N. S. Auxiliadora em 1937 feito pelos inspetores: QUITETE, BORTOLUZZI e MAGALHÃES. Nov/1937.
- LISTA de alunas e divisão das classes (1942-1961).
- LISTA de professores e diretoras do Colégio N. S. Auxiliadora (1942-1961).
- LIVRO de Registro de Diplomas – (1943-1961).
- LIVRO de Registro de notas – aproveitamento das alunas (1942-1961).
- LIVRO Transferência de alunas – (1942-1961).
- LIVRO de Termos de Visitas do Colégio N. S. Auxiliadora, (1925-1961).
 - BORTOLUZZI, F. Sousa. Inspetor Federal do “Liceu de Humanidades de Campos”, Campos, 27/05/1937.
 - BRITO, Mario de., 03/03/1938.
 - SOUZA, J. César de Melo. Catedrático da Universidade do Brasil. Campos 20/10/1939.
 - MUYLLAERT, Aldo. Chefe de Divisão de Ensino Industrial, Secundário e Normal, 24/10/1944.

- MEMÓRIA, Jayme, Técnico de Educação. 13/12/1946.
- VASCONCELLOS. A. N. de., Inspetor Federal. 06/06/1947.
- MATRIZES CURRICULARES (1942 -1946); (1947-1960); (1961).
- MEMORIAL enviado ao Interventor Federal pelas autoridades da cidade em 21/11/1940.
- NOMEAÇÃO do Professor Carlos Henrique Silva, Técnico de Educação em Campos (1942 e Nov/1946).
- NOMEAÇÃO do Fiscal Dr. Tobias Tostes Machado para fiscalizar a Escola e verificar a satisfação dos itens a,b,c,d,e,f,g, requeridos pelo Artigo 34, Capítulo II da Lei Orgânica do ensino Normal (Out/1946).
- OFICIO de 23/07/1937 de Lourenço Filho, Diretor da Divisão de Ensino Secundário sobre a criação do curso noturno, gratuito, para adolescentes e adultos.
- OFICIO de 12/11/1937 da diretora, Irmã Verônica Farronato ao Interventor Federal do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Ernani do Amaral Peixoto.
- OFICIO de 20/02/1938 da diretora da escola ao Secretário do Interior.
- OFICIO do Ministro de Estado de Justiça e Negócios Interiores, Francisco Campos, para o Interventor Federal comunicando que o Presidente da República, por despacho de 31/08/1940, aprovara o projeto de Decreto-Lei que equipara o curso Normal do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ao Instituto de Educação do Estado.
- OFÍCIO de Ir. Ondina de Souza Santos, diretora técnica, ao Secretário de Educação Dr. Ruy Buarque de Nazareth, comunicando o início do curso normal em 1942.
- OFÍCIO de 11/02/1942 de Ir. Ondina de Souza Santos, diretora técnica, ao Secretário de Educação solicitando o início do curso normal em 1942, também para alunas externas.
- OFICIO de 20/05/1942, de Heitor Gurgel, Secretário do Governo, comunicando o indeferimento do curso normal para as alunas externas.
- OFÍCIO de 26/10/1943 da Diretora Ir. Benedita Braga ao Interventor, solicitando o funcionamento do curso normal para alunas externas.
- OFICIO da diretora reclamando que havia solicitado de registro de professoras desde 1945 e já era 03/01/1947 e ainda não havia recebido resposta.
- OFICIO da Secretária do Colégio Auxiliadora apresentando a nova diretora ao Inspetor Seccional (1961).
- PEDIDO POLÍTICO de Romualdo Monteiro de Barros (acompanhou o telegrama do dia 08/12/1944).
- PLANO CURRICULAR – PROGRAMA BIMENSAIS: 1943 e 1949.
- PONTOS DA 1ª e 2ª PROVA PARCIAL Curso Normal, ano 1943 - CNSAC.
- PONTOS DA 1ª PROVA PARCIAL Curso Normal do ano de 1949 - CNSAC.
- PORTARIA nº 224, de 05/11/1937, designa os Inspetores membros da comissão para a Inspeção Permanente do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: QUITETE, D. Collares.; BORTOLUZZI, F. S.; MAGALHÃES, Theodomiro.

- PORTARIA nº 884 de 05/09/1958, da Diretoria do Ensino Secundário, resolve aprovar a alteração do nome do Ginásio N. S. Auxiliadora para Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora.
- PROCESSOS DE PROFESSORES (anexo n. 7 -1937, Idoneidade Profissional do Corpo Docente enviado ao MEC para reconhecimento da escola).
- REGIMENTO interno dos professores da Escola Nossa Senhora Auxiliadora. Anexo nº 7c do Relatório e Ficha de classificação, 1937.
- REGULAMENTO da Escola, 1937 (anexo nº 3 da Ficha de classificação e Relatório da revisão das condições do Estabelecimento).
- REGULAMENTOS e ESTATUTOS do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos (Certidão) 1935 [RE].
- RELAÇÃO do corpo docente em exercício (1946-1961).
- RELAÇÃO DE DOCENTES (1944). Registro de professores, exigências do Departamento de Educação - divisão do ensino secundário e normal.
- RELATÓRIO DA REVISÃO DAS CONDIÇÕES DO ESTABELECIMENTO E FICHA DE CLASSIFICAÇÃO (Nov/1937), nos termos do artigo 54 do Decreto nº 21.241 de 04/04/1932.
- RELATÓRIO da Diretora do Curso Normal, 03/01/1947(PINHEIRO, 1947).
- RELATÓRIOS sobre exames de admissão, (1942-1946).
- RESUMO por disciplina da matéria lecionada (1949: 1º e 2º semestre – 2ª e 3ª série do curso normal).
- TELEGRAMA ao Interventor Federal, em 08/12/1944, com 41 assinaturas das alunas que queriam estudar o Curso Normal no Auxiliadora.
- TELEGRAMA de Manoel Bergström Lourenço Filho, enviado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em 20/07/1937.
- VISTORIA e RELATÓRIO Informativo da Inspetoria Regional, Alzira Collares QUITETE que dá parecer favorável ao Colégio em 12/04/1939.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO DA INSPETORIA SANTA CATARINA DE SENA, SÃO PAULO/SP [AISCS]

CARTAS MORTUÁRIAS:

- CARTA MORTUÁRIA de Alcina Junqueira. LANG, F. 1934.
- CARTA MORTUÁRIA de Madalena Lombardo. SANLORENZO. 1961.
- CARTA MORTUÁRIA de Mª Benedita M. Braga. PERILLIER, R. 1980.
- CARTA MORTUÁRIA de Irene Alvarenga. RAMOS, Lea. 1983.
- CARTA MORTUÁRIA de Francisca Travassos. PERILLIER, R. M. 1989.
- CARTA MORTUÁRIA de Josefina Nogueira. PELA, Sílvia. 1990.
- CARTA MORTUÁRIA de Celeste M. Avé Precht. PELA, Sílvia. 1992.
- CARTA MORTUÁRIA de Alzira M. Lebrão. ALMEIDA, Glória. 1992.
- CARTA MORTUÁRIA de Mª Hulda de O. Souza. MEIRELES, R. 1992.
- CARTA MORTUÁRIA de Olga Furmankiewicz. PELA, Sílvia. 1995.
- CARTA MORTUÁRIA de Angelina Bocchi. PELA, Sílvia. 1995.

- CARTA MORTUÁRIA de Conceição Nogueira. PELA, Silvia. 1997.
- CARTA MORTUÁRIA de M^a Conceição F. Araújo. ROLIM, M. A. 1998.
- CARTA MORTUÁRIA de Elza Lamy. MEIRELES, R.M. 2000.
- CARTA MORTUÁRIA de Marieta Reis. MEIRELES, R. M. 2000.
- CARTA MORTUÁRIA de Alba Gladys Precht Avé. MAISTRO, L. 2002.
- CARTA MORTUÁRIA de Alexandrina M. Godoy. MAISTRO, L. 2003.
- CARTA MORTUÁRIA de M^a Imaculada Ferreira. MAISTRO, L. 2003.
- CARTA MORTUÁRIA de Odette Lamy. AMBROSIM, Terezinha. 2004.
- CARTA MORTUÁRIA de Verônica Farronato. MAISTRO, Lúcia. 2006.
- CARTA MORTUÁRIA de Maria da Fé de Lourdes. CASTRO, A. 2006.
- CARTA MORTUÁRIA de Caterina Muratore. CASTRO, Amélia. 2006.
- CARTA MORTUÁRIA de Maria Helena T. Coimbra. PESCA, R. I. 2010.
- CARTA MORTUÁRIA de Elsie M. Sette Câmara. MONTEIRO, H. 2010.
- CARTA MORTUÁRIA de Lília Borges Cruwinel. MONTEIRO, H. 2011.

CRÔNICAS do Colégio N. S. Auxiliadora de Campos (1925-1942):

- Cron. CNSA, 19/02/1925.
- Cron. CNSA, 02/03/1925.
- Cron. CNSA, 24/05/1925.
- Cron. CNSA, 15/07/1925.
- Cron. CNSAC 13-17/09/1925.
- Cron. CNSAC 17-18/10/1925.
- Cron. CNSA, 15 e 23/05/1926.
- Cron. CNSAC, 31/08/1926.
- Cron. CNSAC, 24/11/1932.
- Cron. CNSAC, 15/10/1939.
- Cron. CNSAC, 29/10/1939.
- Cron. CNSA, 23/08/1940.
- Cron. CNSAC, 07/09/1940-1941.
- Cron. CNSAC, 25/10/1941.
- Cron. CNSAC, 04/11/1941.
- Cron. CNSA, 04-05/03/1942.
- Cron. CNSAC, 18/04/1942.
- Cron. CNSAC, 16/06/1942.
- Cron. CNSAC, 25/10/1942.
- Cron. CNSA, 1º/11/1942.

Il NOTIZIARIO delle Figlie di Maria Ausiliatrice nelle Missioni:

- *Il Notiziario delle Figlie di Maria Ausiliatrice nelle Missioni*, Anno XII, n° 10-11, 24 de Out/Nov – 1941 – XX, p. 1-2.
- *Il Notiziario delle Figlie di Maria Ausiliatrice nelle Missioni*, n°. 12, 24 de Dez/1949 – XX.

REVISTA *AUXILIUM*:

- Revista *Auxilium*, Ano XXVII, Set/1957, p. 13-14.
- Revista *Auxilium, Chronica*, Ano V, Ago/1936, nº 61, p. 8-9.

VERBALE do Conselho Inspetorial Santa Catarina de Sena/SP, (1924- 1943):

- VERBALE, Liv 2, 1924, p. 36-37.
- VERBALE, Liv 2, 1924, p. 41 – c.
- VERBALE, Liv 2, 1924, p. 49.
- VERBALE, Liv 2, 1926, p. 82.
- VERBALE, Liv 3, 1934, p. 14 verso e 16.
- VERBALE, Liv 3, 1941, p. 53 verso.
- VERBALE, Liv 3, 1943, p. 60.

COLLEZIONE di Elementi di Metódica ed altre Norme per le Maestre,
GENGHINI, Clélia. 1907, manuscrito.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO DA INSPETORIA MADRE MAZZARELLO,
BELO HORIZONTE/MG [AIMM]

- *ATTI dei Capitolo Generalle* (VIII-IX-X-XI-XII e XIII).
- CARTAS CIRCULARES das Madres Gerais e Conselheiras Escolares (1925-1961).
 - BONOMI, E. in: VESPA, Carta Circular nº 459, 24/11/1962.
 - COPPA, Carta Circular nº 097, 24/09/1925.
 - COPPA, Carta Circular nº 109, 24/04/1927.
 - LUCOTTI, E. in: VASQUETTI, L. Carta Circular nº 122, 24/10/1929.
 - LUCOTTI, E. in: VASQUETTI, L. Carta Circular nº 125, 24/02/1930.
 - LUCOTTI, E. in: VASQUETTI, L. Carta Circular nº 126, 24/03/1930.
 - LUCOTTI, L. in: VASQUETTI, L. Carta Circular nº 129, 24/06/1930.
 - LUCOTTI, L. in: VASQUETTI, L. Carta Circular, nº 159, 24/05/1933.
 - VESPA, A. in: LUCOTTI, E. Carta, nº 298, 24/04/1946.
 - NOVASCONI, C. Carta Circular nº 315, 24/12/1947.
 - VESPA, A. Carta Circular nº 313, 24/10/1947.
 - VESPA, A. Carta Circular nº 373, 24/06/1953.
 - VESPA, A. Carta Circular, 24/11/1953.
 - VESPA, A. in: LUCOTTI, E. Carta Circular nº 391, 24/04/1955.
- CRÔNICAS da Casa (1943-1961).
 - Cron. CNSAC, 24/05/1943.
 - Cron. CNSAC, 28/05/1943.
 - Cron. CNSAC, 14/08/1943.
 - Cron. CNSAC, 25/08/1943.
 - Cron. CNSAC, 24/11/1943.
 - Cron. CNSAC, 07/12/1943.
 - Cron. CNSAC, 12/12/1943.

- Cron. CNSAC, 09/01/1944.
- Cron. CNSAC, 02/09/1944.
- Cron. CNSAC, 22/11/1944.
- Cron. CNSAC, 19/11/1944.
- Cron. CNSAC, 12/01/1945.
- Cron. CNSAC, 16-18/04/1945.
- Cron. CNSAC, 13 e 27/05/1945.
- Cron. CNSAC, 29/11/1945.
- Cron. CNSAC, 17/06/1946.
- Cron. CNSAC, 04/08/1946.
- Cron. CNSAC, 28-29/08/1946.
- Cron. CNSAC, 15/10/1946.
- Cron. CNSAC, 14/12/1946.
- Cron. CNSAC, 06/04/1947.
- Cron. CNSAC, 17/06 a 22/07/1947.
- Cron. CNSAC, 31/08/1947.
- Cron. CNSAC, 08 e 21/09/1947.
- Cron. CNSAC, 10/09/1948.
- Cron. CNSAC, 17/09/1948.
- Cron. CNSAC, 27/09-1º/10/1948.
- Cron. CNSAC, 16/08/1949.
- Cron. CNSAC, 05/11/1949.
- Cron. CNSAC, 14/11/1949.
- Cron. CNSAC, 30/03/1950.
- Cron. CNSAC, 23/04/1950.
- Cron. CNSAC, 14/05/1950.
- Cron. CNSAC, 18/05/1950.
- Cron. CNSAC, 17/06/1950.
- Cron. CNSAC, 21/06/1950.
- Cron. CNSAC, 10-11/09/1950.
- Cron. CNSAC, 31/01/1951.
- Cron. CNSAC, 03-06 e 23-26/02/1951.
- Cron. CNSAC, 17/03/1951.
- Cron. CNSAC, 15/04/1951.
- Cron. CNSAC, 24/06/1951.
- Cron. CNSAC, 28/06/1951.
- Cron. CNSAC, 23/07/1951.
- Cron. CNSAC, 23/08/1951.
- Cron. CNSAC, 07/09/1951.
- Cron. CNSAC, 13 e 16/09/1951.
- Cron. CNSAC, 10-15/10/1951.
- Cron. CNSAC, 18/10/1951.
- Cron. CNSAC, 06/11/1951.
- Cron. CNSAC, 27-31/12/1951.
- Cron. CNSAC, 14/04/1952.
- Cron. CNSAC, 03/06/1952.
- Cron. CNSAC, 18/06/1952.
- Cron. CNSAC, 14/07/1952.
- Cron. CNSAC, 19/09/1952.

- Cron. CNSAC, 04/10/1952.
- Cron. CNSAC, 02/03/1953.
- Cron. CNSAC, 28-30/05/1953.
- Cron. CNSAC, 07/06/1953.
- Cron. CNSAC, 17/06/1953.
- Cron. CNSAC, 18/06/1953.
- Cron. CNSAC, 1º/07/1953.
- Cron. CNSAC, 10/07/1953.
- Cron. CNSAC, 15/07/1953.
- Cron. CNSAC, 16/08/1953.
- Cron. CNSAC, 18/08/1953.
- Cron. CNSAC, 13/09/1953.
- Cron. CNSAC, 25/09/1953.
- Cron. CNSAC, 19/11/1953.
- Cron. CNSAC, 08/12/1953.
- Cron. CNSAC, 20/12/1953.
- Cron. CNSAC, 02/03/1954.
- Cron. CNSAC, 08/05/1954.
- Cron. CNSAC, 24/05/1954.
- Cron. CNSAC, 18/07/1954.
- Cron. CNSAC, 26-28/09/1954.
- Cron. CNSAC, 10/10/1954.
- Cron. CNSAC, 27/10/1954.
- Cron. CNSAC, 11/12/1954.
- Cron. CNSAC, 24/03/1955.
- Cron. CNSAC, 24/04/1955.
- Cron. CNSAC, 29/05/1955.
- Cron. CNSAC, 29/06/1955.
- Cron. CNSAC, 15/07/1955.
- Cron. CNSAC, 09/09/1955.
- Cron. CNSAC, 24/09/1955.
- Cron. CNSAC, 05/11/1955.
- Cron. CNSAC, 24/11/1955.
- Cron. CNSAC, 08/12/1955.
- Cron. CNSAC, 15/07/1956.
- Cron. CNSAC, 25-29/10/1956.
- Cron. CNSAC, 02/09/1957.
- Cron. CNSAC, 18/05/1958.
- Cron. CNSAC, 14/12/1960.
- Cron. CNSAC, 13/12/1961.

CRONACA del Collegio Maria Ausiliatrice - Ponte Nova - Anno 1899.

REVISTA TEATRO *DELLE GIOVANI* (1949-1952)

UNIÃO SALESIANA – Ex-alunas das FMA (Salesianas de Dom Bosco) no Brasil:

- União Salesiana – Ex-alunas das FMA (Salesianas de Dom Bosco) no Brasil, Ano 3, nº 15, Nov/Dez de 1959.
- BRITO, Laise de Luna. União das Ex-alunas de Petrolina/PE, 06/11/1960. *In: União Salesiana – Ex-alunas das FMA (Salesianas de Dom Bosco) no Brasil, Ano 5, nº 22, Jan/Fev/1961.*

DOCUMENTOS DO ARQUIVO DA INSPETORIA NOSSA SENHORA DA PENHA – RIO DE JANEIRO [AINSP]

- BIBLIOGRAFIA SALESIANA.
- CRÔNICA do Centro Educacional Laura Vicunha, 1949.
- *COSTUMIERE* do Centro Educacional Laura Vicunha, 1949.
- COMUNIC...ANDO, Ano XXVI – n/ 122 Jan/Fev/Mar de 2012, p. 32-33.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO DO CENTRO SALESIANO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA – BARBACENA/MG [ACSDP].

PERIÓDICOS:

- A VERDADE, 28/11/1925.
- A VERDADE, 30/11/1926.
- BOLETIM SALESIANO 4 (1880), nº. 12, dez., p. 5-6.
- BOLETIM SALESIANO, Acção Salesiana, Ano XXII, Set/Out 1925, nº 5.
- BOLETIM SALESIANO, ano XXXII, nº 6, 1935, p. 162.
- BOLETIM SALESIANO, Editorial, 25 de Abril 2012, Cosenza, Araújo, Almeida e Moreira.
- REVISTA SANTA CRUZ, abril de 1924, p. 155.

CARTAS PASTORAIS DA DIOCESE DE CAMPOS – DOM MOURÃO:

- MOURÃO, Henrique Cesar Fernandes. O PRIMEIRO decênio da Diocese de Campos 1924 - 1934. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1934. 224 p.
- _____. Carta pastoral aos seus diocesanos sobre os três primeiros annos de governo da Diocese. Campos: [s.n.], 1927. 27 p.
- _____. Carta pastoral sobre o Congresso Eucarístico Diocesano comemorativo do primeiro centenário da cidade de Campos e da Congregação. Campos: [s.n.], 1935. 29 p.

DOCUMENTAÇÃO DO ARQUIVO PARTICULAR DO DRº WELLINGTON PAES – [ApWP]

CARTAS PASTORAIS DA DIOCESE DE CAMPOS – DOM MAYER

MAYER. Antônio de Castro. **Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno** e Catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos, 2ª edição, Campos: Boa Imprensa LTDA, 1953.

DOCUMENTAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO – [BN/RJ]

PERIÓDICOS

- CATOLICISMO, nº 108 dez 1959.
- FOLHA DA MANHÃ, 24/05/1985.
- FOLHA DO POVO, ano VIII, nº 396 de 18/12/1954, p.1.
- FOLHA DO POVO, 15/12/1957, p. 3.
- FOLHA DO POVO, 26/03/1960, p.1.
- FOLHA DO COMMERCIO, 25/01/1925.
- MONITOR CAMPISTA, 24/05/1949, p. 1 nº115 ano 115.
- MONITOR CAMPISTA, 1º/02/1951, p. 1.
- MONITOR CAMPISTA, 07/09/1952, p. 3.
- MONITOR CAMPISTA, 13/01/1961, p. 1 nº. 75, Ano 127.
- MONITOR CAMPISTA, 16/02/1961, p. 1, ano 127.
- MONITOR CAMPISTA, 12/04/1961, p. 1 nº. 78, ano 127.
- MONITOR CAMPISTA, 24/05/1961 p. 1 nº 109, ano 127.
- O DIA, 05/01/1949, p. 1 – ano XXVI.
- O ESTADO, 06/01/1925.

7.2. Fontes orais

- As seis entrevistas com ex-professoras foram feitas especificamente para a pesquisa sobre a Escola de Professoras anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ [Foram usados pseudônimos (nome de pássaros) para identificação dessas pessoas].

-17 questionários respondidos por ex-alunas normalistas da Escola de Professoras anexa ao Colégio Auxiliadora de Campos [Foram usados pseudônimos (nomes de flores) para identificação dessas pessoas].

-LANNA, Irene.

<<http://www.boletimsalesiano.org.br/portal/index.php/component/k2/item/94-ir-irene-lanna-testemunho-de-amor-raz%C3%A3o-e-religi%C3%A3o>>. Acesso em: 20/08/2012.

- PAES, Sylvia. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ivone.goulart@hotmail.com> Acesso em: 30 nov. 2012.

-CAVAGLIÀ, P. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ivone.goulart@hotmail.com> Acesso em: 02 mar. 2013.

8. Referências bibliográficas

- AA.VV. “**Il Sistema educativo di Don Bosco tra pedagogia antica e nuova**”, Atti del Convegno Europeo Salesiano sul sistema educativo di Don Bosco, LDC Torino 1974, p. 314.
- ACCÁCIO, Liette de Oliveira. (Org.). **As Instituições Escolares e a formação docente** – um destaque histórico do Rio de Janeiro, do norte e noroeste fluminense. 1ª ed. Curitiba/PR: CRV, 2011.
- _____. A preocupação com a profissão docente: antiga, mas insatisfatória. In: **Revista Educação em Questão**, v.23, n.9, p.79-101, mai/ago, 2005.
- AGUM, F. S. **O Curso Normal do Liceu de Humanidades de Campos**: o último percurso de uma longa trajetória (1947-1954) UENF (2007).
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: EdUNESP, 1998.
- _____. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D., SOARES, J. de A., SOUZA, R. de e VALDEMARIN, V. (orgs.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2ª edição, Campinas: São Paulo, Editores Associados, 2006.
- ALTOÉ, André Pizetta. A TFP em Campos dos Goytacazes: a participação feminina e a luta pela unidade. p. 19 a 55. In: SILVA, M. dos S. (Org.) **Gênero, poder e tradição na terra do Coronel e do lobisomem**. RJ: Quartet: FAPERJ, 2009.
- ALVES, Manoel. Sistema católico de educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n.16, p. 209-228, set./dez. 2005.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ANUÁRIO da Paróquia do Santíssimo Salvador – Catedral – Diocese de Campos, 1996, apêndice III.
- ANZELIERO, G. MAIOLI, E. **Facciamo memoria**, cenni biografici dele FMA defunte nel 1986. Stampato in próprio, Roma: FMA, 2013.
- APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ARECO, Neide M. de S. Moreira. **Instituto Maria Auxiliadora: 70 anos no coração de Rio do Sul**. Rio do Sul: Imprensa Continental, 1998.
- ARRUDA, M. A. de. “**Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades: o projeto educacional das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (1898-1905)**” tese de doutoramento, UERJ, 2011, p. 243.
- ASSMANN, H. **Reencantar a Educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- ATHAYDE, T. **Memórias improvisadas**. Vozes: Petrópolis, 1973.
- ATTI DEL CAPITULO GENERALE VIII dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (08-18/09/1922). Regolamento para “As Filhas da Casa”, Nizza Monferrato: Istituto FMA, 1922.
- ATTI DEL CAPITULO GENERALE IX dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (31/08 a 12/09/1928). Nizza Monferrato: Istituto FMA 1928.

- ATTI DEL CAPITOLO GENERALE X dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (02-07/07/1934). Torino: Istituto FMA 1934.
- ATTI DEL CAPITOLO GENERALE XI dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (16 -24/07/1947). Torino: Istituto FMA 1947.
- ATTI DEL CAPITOLO GENERALE XII dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (16 -24/07/1953). Torino: Istituto FMA 1953.
- ATTI DEL CAPITOLO GENERALE XIII dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice (14 -24/09/1958). Torino: Istituto FMA 1958.
- AZEVEDO, F. **A cultura Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- AZZI, Riolando. Dom Antonio Macedo Costa e a posição da Igreja diante do advento da república em 1889. **Síntese** – nova fase. Rio de Janeiro, p. 45-69, jul./dez. 1976.
- _____. O início da Restauração Católica em Minas Gerais: 1920-1930. **Síntese**, Rio de Janeiro, p. 65-91, 1978.
- _____. **Salesianos no Rio de Janeiro**. A consolidação da obra salesiana (1908-1928) v. IV. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984.
- _____. As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil. In: AZZI, Riolando; BEOZZO, José Oscar (Org.). **Os religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, p. 46-63, 1986.
- _____. **As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: Cem anos de história, – Implantação do Instituto: 1892-1917**, v.1, São Paulo: Serviços Gráficos Grupo Imprensa, 1999.
- _____. **As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história – A consolidação do Instituto: 1917-1942**, v.2, Lorena/SP: Centro Cultural Tereza D'Ávila, CCTA, 2002a.
- _____. **A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de história. – A consolidação da obra salesiana: 1908-1933**. v.2, São Paulo, Editora Salesiana, 2002b.
- _____. **As Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: cem anos de história – A expansão do Instituto: 1942-1967**, v.3, Lorena/SP: Centro Cultural Tereza D'Ávila, CCTA, 2003a.
- _____. **A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de história – A expansão da obra salesiana: 1933-1958**, vol. 3, São Paulo: Ed. Salesiana, 2003b, p. 125-163.
- BARROSO, João. A história das instituições escolares: A escola como objecto de estudo. In: **A História da Educação em Portugal, balanços e perspectivas** (org.) Joaquim Pintassilgo, Luís Alberto Alves, Luís Grosso Correia, Margarida Louro Felqueiras. Ed. ASA, Lisboa, Portugal, 2007. p. 147-177
- BATTAGLIA, E. B. As Filhas de M^a Auxiliadora (salesianas de D.Bosco no Brasil. In: **Grande Sinal** (XLVI), p. 681-7, Petrópolis: Vozes, 1992.
- BATTAGLIA, Salvatore. **Grande Dizionario della Lingua Italiana XX** – squitog, Torinese: Unionetipografico-editrice, 2000.
- BENTO, M. C. M. **A escola Normal das irmãs salesianas de Lorena**. São Paulo, história e memória, 1964-1974. Lorena: Instituto Santa Tereza, 2009, 200p.
- BEOZZO, J.O. Decadência e morte, restauração e multiplicação das ordens e congregações religiosas no Brasil (1870-1930). In: Azzi, R. (org.) **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- BIANCO, Mariapia, **Il Cammino dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice nei solchi della storia (1923-1943)**, v. 1. Roma: Istituto FMA, 2010.
- _____. **Il Cammino dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice nei solchi della storia (1943-1957)**, v. 2, Roma: Istituto Figlie de Maria Ausiliatrice, 2010.

- BÍBLIA SAGRADA** – Edição Pastoral. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.
- BLOCH, E. **O princípio esperança I**. Trad. N. Schneider. RJ: Contraponto, 2005.
- BLOCH, MARC, **Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien**. Cahier des Annales, 3. Paris: Librairie Armand Colin, 2e édition, 1952, 112 p.
- BORIS, Fausto. **A Revolução de 1930: Historiografia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- BOSCO, Giovanni. O Sistema Preventivo na Educação da Juventude. Turim, 1877. In: FERREIRA, A. da Silva. **Não basta amar... A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.
- _____. **Scritti Pedagogici e Spirituali**, Roma: LAS, 1987.
- _____. Sonho dos 9 anos. In: **A pedagogia de Dom Bosco através de seus escritos**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1983.
- _____. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855**. 3ª edição. Tradução: Fausto Santa Catarina. Introdução, notas e texto crítico preparados por FERREIRA, A. da Silva. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.
- _____. Carta de Roma de 1884. Carta sobre o estado do Oratório, escrita em Roma, aos 10 de maio de 1884. In: FERREIRA, A. da S.. **Não basta amar... A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Ed. Salesiana, 2005.
- _____. Carta circular sobre os castigos 29 de janeiro de 1883 (MB XVI, 439-447). In: SCARAMUSSA, Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco**. Roteiros de Iniciação, 3 parte, cap. II, nº, 15, Belo Horizonte/MG: CESAP, 1993.
- _____. **A Jovem Instruída na prática de seus deveres religiosos**. 10 ed. brasileira. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1953.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- _____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **Coisas ditas**. 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOYNARD, M. A.; MARTINEZ, S. A. Memória(s) da Escola Normal de Campos (1894-1954): Espaço Escolar e Gênero. **Anais do V Encontro Regional Sudeste de História Oral (ABHO)**, Tiradentes, 2003.
- BOYNARD, M. A. **A escola modelo anexa à escola normal de Campos: a experiência da Escola Municipal Leônidas Sobrinho Porto**. Dissertação de Mestrado, UFF, 2006.
- BRAIDO, Pietro. (Org.). **Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù**, Brescia: La Scuola Editrice, 1965.
- _____. (Org.). **Don Bosco educatore, scritti e testimonianze**, 2ª edizione accresciuta, Roma: LAS, Istituto Storico Salesiano, Fonti, serie prima 7, vol. VII, 1992. [Il Sistema Preventivo nella educazione della gioventù (1877), p. 211 a 239].
- _____. **Prevenir, não reprimir**. O sistema educativo de Dom Bosco. Tradução Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.
- BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao91.htm. Acesso em: 14 out. 2011.

BRASIL. Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm>. Acesso em: 8 dez. 2011.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>>. Acesso em: 20/02/2011.

BRASIL. Ato Adicional aprovado pela Lei 16 de 12 de agosto de 1834. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Educa%C3%A7%C3%A3o-no-Imp%C3%A9rio/ato-adicional-de-12-de-agosto-de-1834.html>>. Acesso em: 20 mar 2013.

BRASIL. Decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879. Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/34/doc01a_34.pdf>. Acesso em: 20/04/2012.

BROCARDI, Pietro, **Dom Bosco**: profundamente homem, profundamente santo, tradução Yvone Maria de Campos Teaeira da Silva. - 2. ed. revista e ampliada - São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

BRUNEAU, Thomas. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CAPETTI, Giselda. (a cura di), **Cronistória dell'Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice**. Roma: Istituto FMA, 1974-1978.

CARONE, Edgard. **A República Nova (1930- 1937)**. 3ed. São Paulo: DIFEL, 1982.

_____. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

CARVALHO, L. A. de. **Labirintos da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2009a.

_____. **Identidade Institucional Coletiva em tempos líquidos**: possibilidade ou ilusão? Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2009b.

CARVALHO, Waldir. **Campos depois do Centenário**. Itaperuna: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 1991.

CARVALHO, M. M. C. de. O território do consenso e a demarcação do perigo: política e memória do debate educacional dos anos 30. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). **Memória intelectual da educação brasileira**. 1ª ed. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 1999.

CASASANTA, Mario. **Dom Bosco educador**: um mestre velho da escola nova. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1934.

CATANI, D. B. Estudos de História da Profissão Docente. In: Faria Filho, L. M. de; Cynthia Greive Veiga; Eliane Marta Teixeira Lopes. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAVAGLIÀ, Piera. **Educazione e cultura per la donna**. La scuola “Nostra Signora delle Grazie” di Nizza Monferrato dalle origini alla Riforma Gentile (1878-1923). Collana “Il Prisma” 10, Roma: LAS 1990.

_____. Linee dello stile educativo di Maria Mazzarello, L’arte del “prendersi cura” com saggezza e amore. In: CAVAGLIÀ Piera - DEL CORE Pina, **Un progetto di vita per l'educazione della donna**. Contributi sull'identità educativa delle Figlie di Maria Ausiliatrice. Orizzonti 2, Roma: LAS 1994.

- CAVAGLIÀ, P.; COSTA, A. **Ormi di Vita trace di Futuro**. ROMA: LAS, 1996.
- CERIA, Eugênio. **Annali della società salesiana dalle origini alla morte di S. Giovanni Bosco (1841-1888)**. Torino: SEI, 1941.
- _____. **Epistolario di San Giovanni Bosco**, a cura di Eugenio CERIA, v. IV, 332-333 (10/08/1885 – a dom Giacomo Costamagna). Torino: SEI, 1955, edição estracommercial.
- _____. **D. Bosco com Deus**. Trad. António Dias da Costa. Lisboa: Província Salesiana Portuguesa, 1962.
- CERTAU, Michel de. “**A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer”. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CHALOU, S. B. **Informação verbal** da diretora geral do CENSA, – discurso proferido na festa de comemoração dos 80 anos da Instituição, em 02/03/2005.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHAVES, Miriam Waidenfeld. **Colégios católicos do Rio de Janeiro (1930-1960)**: retratos de professores e alunos do ensino secundário masculino. Vincula-se à pesquisa “A gênese da construção da identidade do professor secundário” coordenada pela professora Ana Waleska P. C. Mendonça, composta por um conjunto de pesquisas advindas do PROEDES, UERJ, CEFET e UENF, 2011.
- CINTRA, Sebastião Leme da Silveira. **Carta Pastoral saudando a sua archidiocese**. Petrópolis: Vozes, 1916.
- COMPÊNDIO de civilidade para uso dos colégios salesianos. São Paulo: Livraria Editora Salesiana, 1952.
- CONGRESSO CATHOLICO BRASILEIRO, 2, 1908, Rio de Janeiro. **Actas e documentos**. Rio de Janeiro: Of. d’O Universo, 1910.
- CONSTITUIÇÕES do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, fundadas por São João Bosco. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1944.
- CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Roma: Istituto FMA, 1992.
- COSTA, M. C. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- CRESPO, R.M.G. **Políticas Educacionais e Magistério em terras fluminenses**: Itinerários sócio-históricos do curso de formação de professores no Instituto de Educação de Campos, nas décadas de 1950-1960. Dissertação de Mestrado. Campos dos Goytacazes: UENF/RJ, 2009.
- CRESPO, Samyra B. de Serpa. Colégios católicos de elite (e algumas questões postas pela chamada “educação libertadora”), in: PAIVA, V. (org) **Catolicismo, Educação e Ciência**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- CRUZ, M. da. **Vinte anos a serviço da Educação**. Rio de Janeiro: AEC, 1966.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. 3ª. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986.
- _____. Um olhar sobre o manifesto dos pioneiros da Educação Nova de 1932. In: XAVIER, Maria C. (org.). **Manifesto dos Pioneiros de Educação**: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- DALCERRI, Lina. **Sintonia de Espírito e Método**: Dom Bosco e Madre Emília Mosca. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1981.
- DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. Coleção Repensando a História. São Paulo: Contexto, 1988.

- _____. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DELLA CAVA, Ralph. **Igreja e Estado no Brasil do século XX: Sete Monografias recentes sobre o Catolicismo Brasileiro, 1916/1964**. Rio de Janeiro: Estudos Cebrap, n. 12, p. 5-52, 1975.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: Simson, O (org). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália-Brasil). Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. (Encicl. Aberta de Ciências Sociais, 5).
- DIAS, M^a. N. G. Patrão.; SILVA, M. Guimarães. **Gente da terra, estudo sobre o município de Campos**. Apoio Cultural Petrobrás, 1986.
- DIAS. A. L. F. O. e MIRANDA, I. D. de. Escola Normal Maria Auxiliadora: patrimônio moral e intelectual de Minas Gerais na formação da mulher (1893-1922). Ponte Nova, Minas Gerais – Brasil (1893-1922). In: **L'opera salesiana dal 1880 al 1922 –Significatività e portata sociale** – vol. III. Roma: LAS, 2001.
- DI NICOLA, G. P. Coeducazione e cultura della reciprocità. In: **Orientamenti Pedagogici** v.6, n.37, 2006.
- DIOCESE DE CAMPOS. Disponível em: http://www.diocesedecampos.org.br/gal_bispos.html. Acesso em: 08/06/2012.
- DOM BOSCO NO MUNDO: breves estudos sobre a Congregação Salesiana e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, resenha histórica da Congregação Salesiana em Portugal – Brasil, estatísticas e atlas salesiano. Porto: Edições Salesianas, 1960.
- DUBAR, Claude. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- _____. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, p. 222-232, 1997.
- _____. **Le Declin de l'Institution**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- _____. A escola e a exclusão: **Cadernos de Pesquisa**, n.119, p.29-45, julho/2003.
- _____. Onde estariam as promessas de mudança no sistema escolar? **Presença Pedagógica**, v. 10, n. 59, p. 49-52, set/out. 2004.
- _____. **El declive de la institución**. Profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona (España): Gedisa, 2006.
- _____. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16 n. 47, p. 289-310, 2011.
- DUBET, F.; MARTUCELLI, D. **Les parents et l'école: classes populaires et classes moyennes**. *Lien Social et Politiques* – RIAC, Montreal, n. 35, p. 109-121, 1996.
- ECO, Umberto. **Psicologia do vestir**. 3^a ed. Lisboa: Assirio e Alvim, 1989 (Arte e produção; v.1).
- _____. *Diario Romano L'Espresso* el. 15/11/1981, p. 105, tradución Josep Lluís Busquera.
- ELENCO *GENERALE del Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice*, v. 2, 2009, Roma: Istituto FMA, tipografia privada.
- ELENCO *GENERALE*, Roma: Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice, v.2, Roma: Istituto FMA, tipografia privada, 2011.
- ELENCO *GENERALE del Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice*, v. 2, 2012, Roma: Istituto FMA, tipografia privada.

- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Los profesores en la historia. In: MAGALHÃES, J. e ESCOLANO, A. (orgs). **Os Professores na História**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999.
- _____. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: VINÃO FRAGO, A. ESCOLANO, A. **Currículo, Espaço e Subjetividade**. A arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.
- FASCIE, Bartolomeo. **Del método educativo di Don Bosco, Ponti e commenti**. Torino: SEI, 1927.
- FÁVERO, Osmar (org.) **A Educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas/SP: Ed. Autores Associados, 1996. (Col. Memória da Educação).
- FÁVERO, Marlene. Os 50 anos de caminhada. In: LIMA, Severina A. (Coord.). **Caminhos novos na educação**. São Paulo: FTD, 1995.
- FERREIRA, A. da Silva. **Não basta amar, a pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**, introdução, notas e comentários. São Paulo: Editora salesiana, 2008.
- _____. **Não basta amar... A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Ed. Salesiana, 2005.
- FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Maternidade e familiaridade Salesiana**. Torino: Istituto FMA, 1957.
- FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Facciamo Memoria**, cenni biografici delle FMA defunte nel 1926, Roma: Istituto FMA, 1987.
- FONTANA Josep. **História: análise do passado o projeto social**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- FRANCISCO, A. J. **Educação & modernidade: os Salesianos em Mato Grosso, 1894-1919**. Cuiabá-MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2010.
- FREITAS, M. C. de., BICCAS, M. de S. **História Social da educação no Brasil [1926-1996]**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FONTANA Josep. **História: análise do passado o projeto social**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- FOULQUIÉ, Paul. **A Igreja e a educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- FURTADO, Alessandra Cristina. **Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964)**. Tese de doutoramento, USP, 2007.
- GENGHINI, Clélia. **Collezione di Elementi di Metodica ed altre Norme per le Maestre**. 1907, manuscrito.
- GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GÓES, Moacyr de. Escola Pública: História e Católicos. In: CUNHA, Luiz Antonio (org.) **Escola Pública, Escola Particular: e a democratização do ensino**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990.
- GOMES, Delarim Martins. **Homem: objetivação de uma sujeição**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1991.
- GÓMEZ, J. Á. **Carisma e História**. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2001.
- GRÜN, Anselmo. **Despertar o cuidado**. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

- GUARIZA, Nadia Maria. As Guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano. Curitiba, 2003, p. 148. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR.
- GÜNTHER, Hartmut. **Como Elaborar um Questionário** (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003.
- HADDAD, Sérgio. A Escola Católica: seu passado, seu presente, seu futuro. In: **A Educação na América Latina: continente em vias de desenvolvimento**. São Paulo: Ammed, 1981.
- HAIDAR, M^a de L. Mariotto. **O ensino secundário no Império Brasileiro**. São Paulo, Grijaldo, Editora da Universidade de S. Paulo, 1972.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- HOORNAERT, E. A Igreja: instituição. In: BEOZZO, J. Oscar (coord.). **História da Igreja no Brasil**. Tomo II. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1979.
- IL SISTEMA PREVENTIVO, **Catechismo Illustrato**, pro manuscrito. Nápoli, MCMLIII.
- JUBILEU EPISCOPAL, São Paulo 1948-Campos 1973. São Paulo/SP: Editora Vera Cruz Ltda, 1973.
- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Trad. de Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação. Sociedade Brasileira de História da Educação. Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- LEMOYENE, G. Batista. AMADEI, Â. CERIA, E. **Memorie Biografiche di** (Don, Del Beato) San Giovanni Bosco, Torino: Tipografia della Società Editrice Internazionale, 1932.
- LIMA, V. M. N. C. de Oliveira. O exercício de rememorar minha escola de Formação: o centro educacional Nossa Senhora Auxiliadora - CENSA/RJ - (1970-1982). **Revista Visões**, v., n.6, p. 1-12, 2009.
- LOPES, E. M. Teixeira. **Da sagrada missão pedagógica**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- LOPES, Ivone Goulart. **Asilo S. Rita, Educação Feminina Católica (1890-1930), Cuiabá-MT**. Central de Texto: EdUFMT, 2006.
- _____. “O Asilo Santa Rita de Cuiabá: releitura da práxis educativa feminina católica (1890 –1930)”, dissertação de mestrado, UFMT, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. Produzindo Sujeitos Masculinos. In: COSTA, Marisa C. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.
- LUSTOSA, O. de F. **A presença da Igreja no Brasil**. São Paulo: Giro, 1977.
- MAGALDI, A. M. B. & NEVES, Carla V. “Valores Católicos e profissão docente: um estudo sobre representações em torno do magistério e do “ser professora” (1930-1950)”. **Revista brasileira de história da educação**, v.7, n. 3, p. 99-115, 2007.
- MAGALHÃES, Justino P. Breve apontamento para a História das Instituições Educativas. In: SANFELICE, J. L. SAVIANI, D., e LOMBARDI, J. C. **História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas: Autores Associados, 1999a.
- _____. Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo. In: FERNADES, R. e MAGALHÃES, J. (org.). **Para a História do**

Ensino Liceal em Portugal: actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Porto: Universidade do Minho. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999b.

_____. **Contributo para a História das Instituições Educativas** – Entre a Memória e o Arquivo. (Mimeografado) 1996.

_____. **Tecendo Nexos:** história das instituições educativas. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGNABOSCO, Arminda e NEPI, Adriana. **Facciamo Memória**, cenni biografici delle FMA defunte nel 1983-1984. Roma: Istituto FMA, 2011.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil – 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANCINI, Paola. **Caleidoscopio Memorie, cronaca e profezia della nostra associazione**. Confederazione Mundiale ex-allieve/i delle FMA. Roma: Stampa, tipolito Istituto Salesiano Pio XI, 2009.

MANOEL, I. A. **Igreja e Educação Feminina (1859-1910)**. Uma face do conservadorismo. São Paulo: EdUNESP, 1996.

MANUAL REGULAMENTOS das FMA de 1928. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1930.

MARTINEZ, Silvia Alicia. A Escola Normal de Campos – Uma trajetória no Magistério Fluminense. **Relatório de Pesquisa, FAPERJ**, 2004.

_____. A Escola Normal de Campos: uma trajetória na formação de professores no norte fluminense (1894-1954). **Relatório de Pesquisa**. Campos dos Goytacazes, RJ: UENF, 2004.

MAZZARELLO, M. D. **La sapienza della vita. Lettera di Maria Domenica Mazzarello**. A cura di M^a E. Posada, A. Costa e P. Cavaglià. Torino: SEI, 1994.

MB Memorie biografiche di Don [del Venerabile - del Beato - di San] Giovanni Bosco. 20 vols. San Benigno Canavese - Turim, 1898-1948, edição extracomercial.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Tradução de Juracy C. Marques e Ângela M.B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Rituais na Escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

MELO, C. W. M. de. **A nação é católica:** educação e cidadania nas primeiras décadas republicanas (1890 a 1930). Dissertação de mestrado, Franca: UNESP, 2006.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos (coord.) A construção da identidade do professor do ensino secundário, normal e profissional: uma abordagem comparativa. **Projeto FAPERJ**, 2012-2013.

MENDONÇA, Ana Waleska P. & RAMOS do Ó. História da profissão docente no Brasil e em Portugal (Dossiê). **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: SBHE/Autores Associados, 2007.

MENEGUSI, M. e RUFFINATO, P. Org. e trad. J. D'Arc Fontes, **Contigo Main, pelos caminhos da vida**, subsídio Projeto Mornese. Instituto das FMA, Âmbito da Formação, 2007.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MOGARRO, M^a João. **A formação de professores no Portugal contemporâneo** – a Escola do Magistério Primário de Portalegre. Tese de doutoramento. Portugal: Universidade de Lisboa/ Universidade da Extremadura, 2001.

- _____. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Pro-Posições**, v.16, n.1 (46), p.103-116, jan/abr-2005.
- _____. Arquivos em Educação: a construção da memória educativa. **História da Educação**. Campinas, n. 10, p. 76-99, jul/dez.2005.
- MORRIS, Desmond. **Você: um estudo objetivo de comportamento humano**. São Paulo: Círculo do Livro, 1997.
- MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Loyola, 2000.
- MÜLLER, Lúcia. **As construtoras da nação: professoras primárias na Primeira República**. Niterói: Intertexto, 1999.
- NÓVOA, António (org.) – **Profissão Professores**. Porto: Porto Editora, 1991
- _____. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- _____. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: D. Quixote, 1992.
- _____. **Profissão Professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- _____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997
- NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Scholla Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil – uma abordagem histórico-social. In: **Os religiosos no Brasil – enfoques históricos** (orgs.) Azzi e Beozzo. São Paulo: Edições Paulinas e Cehila, 1983.
- NUNES, Clarice. (1994). Prioridade número um para a educação popular. In: Teixeira, Anísio: **Educação não é Privilégio**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- OZOUF, Jacques. **Nous les maîtres d'école**. Paris: Julliard/Gallimard, 1973 (texto traduzido por Ana Waleska P. Mendonça).
- OLIVEIRA, Pedro A.R. de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romano no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.
- PAIVA, Vanilda. (org.) **Catolicismo, Educação e Ciência**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- PASTORAL COLETIVA dos senhores Arcebispos do Brasil da Província Eclesiástica de S. Sebastião do Rio de Janeiro, de Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1911.
- PASTORAL COLLETIVA dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de S. Sebastião do RJ, Mariana, S.Paulo, Cuyabá e Porto Alegre. Rio de Janeiro: Tipografia Leuringer: 1915.
- PASTORAL COLETIVA do episcopado brasileiro ao clero e aos fieis de suas dioceses por ocasião do centenário da independência. Rio de Janeiro: Pap. e Typ. Marques, Araújo & C., 1922.
- PAULA, Antonio Pacheco de. **Manual do colaborador salesiano: Salesianidade, Literatura Salesiana**, nº 1. Cisbrasil-Cib, 2008.
- PEIXOTO DE FARIA, T.J. **Arquitetura residencial urbana em Campos dos Goytacazes – Transformações ao longo do século XIX e início do século XX**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1992.
- PENTEADO, Yara. **Auxiliadora 70 anos**. Campo Grande/MS: Gráfica Ed. Ruy Barbosa Ltda, 1996.

PEQUENO MANUAL das Filhas de Maria Imaculada Auxiliadora. São Paulo [s.e.]1952.

PEREIRA PINTO, Jorge Renato Pereira. **Um pedaço de terra chamado Campos, sua geografia e seu progresso**. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima. 2 ed., 2006.

_____. **Um pedaço de terra chamado Campos, sua geografia e seu progresso**. Campos dos Goytacazes, RJ: Almeida Artes Gráficas, 1987.

PEREIRA, Luiza Ribeiro. **De donzela angelical e esposa dedicada...** a profissional da educação (a presença do discurso religioso na formação da professora). Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 1996.

PEROSA, Graziela. **Escola e destinos femininos**: São Paulo (1950/1960). Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

PIO XI (papa). **Divini Illius Magistri** (Sobre a educação cristã da juventude). Petrópolis: Vozes, 1958.

PIO XII (papa). **Alocução sobre a moda**: Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1958.

PIO XII (papa). Discurso **La Letizia** (1943). Petrópolis: Vozes, 1959.

PRECHET, Alba Avé. **Elas nos precederam...** depoimentos de várias Filhas de Maria Auxiliadora. São Paulo: Inspeção Santa Catarina de Sena, 1975.

PRELLEZO, José Manuel G. **El Sistema Preventivo em la educación, Memórias y ensaios**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S.L., 2004.

RAMPI, Dorcelina. **Formação de professoras da Escola Normal do Colégio Santa Inês**: a educação salesiana no Brasil inserida na pedagogia católica (1927-1937) Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2007.

RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e o nascimento da igreja**. Análise histórica e interpretação teológica da igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1982.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil** (1930/1973). 21ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. **História da educação no Brasil** (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1978.

RUFFINATO, P. **La Relazione educativa**, orientamenti ed esperienze nell'Istituto delle FMA. Roma: LAS, 2003.

RUFFINO D., **Cronache Dell'Oratorio di S. Francesco di Sales**. In: Archivio Salesiano Centrale, quad. 5,10.

SÁ, Olga de. Um estilo de Educação: As irmãs Salesianas e a práxis educativa nas escolas. In: **FMA Brasil – 92 um centenário**, n. 1, p. 22 - 33. Centro Cultural Teresa D'Ávila – CCTA. Lorena/SP: Gráfica Santa Teresa, 1993.

_____. **Um caminho pastoral da educação escolar II, histórico e subsídios**. Equipe de Lorena/SP: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 2001. 240p.

SCARAMUSSA, Tarcísio. **O sistema preventivo de Dom Bosco**. 2 ed. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1979.

_____. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco**: um estilo de educação. São Paulo: Ed. Salesiana DB, 1984.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, 16. Porto Alegre: Faced, UFRGS, 1990.

SCHWARTZMAN, Simon. A política da Igreja e a educação: o sentido de um pacto. In: **Religião e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SECCO, Michelina. **Facciamo Memoria**. Cenni biografici dele FMA defunte nel 1943. Stampato in próprio, Roma: FMA 1995.

- _____. **Facciamo Memoria**. Cenni biografici dele FMA defunte nel 1950. Stampato in próprio, Roma: FMA 1995.
- _____. **Facciamo Memoria**. Cenni biografici dele FMA defunte nel 1952. Stampato in próprio, Roma: FMA 1998.
- _____. **Facciamo Memoria**. Cenni biografici dele FMA defunte nel 1964. Roma: Istituto FMA, 2001.
- _____. **Facciamo Memoria**. Cenni biografici dele FMA defunte nel 1970. Roma: Istituto FMA, 2004.
- _____. **Facciamo Memoria**. Cenni biografici dele FMA defunte nel 1976. Roma: Istituto FMA, 2005.
- SEIBLITZ, Zelia Milanez de Lossis e. **Os arquitetos do paraíso**, RJ. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ 1992.
- SENRA, Álvaro de Oliveira. Matizes do privado: a AEC e a defesa da educação escolar católica (Brasil, 1945-1995). Tese de doutoramento. RJ: UERJ, 2007.
- SGARBI, Antônio D. Igreja, educação e modernidade na década de 30. Escolanovismo católico: construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. Dissertação de Mestrado, EF/PUC de São Paulo, 1997.
- SILVA, M^a A. F. do Amaral. **Educação de Mulheres no Vale do Paraíba** – Colégio do Carmo: 1892-1910. São Paulo: s.n., 2001.
- SILVA, M^a. Imaculada da., MENEZES, Isabella C. A atuação das Filhas de Maria Auxiliadora na educação oficial “Instituto N.S. Auxiliadora” Cachoeira do Campo, Minas Gerais – Brasil (1904-1922). In: **L’educazione salesiana dal 1880 al 1922. Istanze ed attuazioni in diversi contest**, v. II, Relazioni regionali: América, a cura di J. G. González, G. Loparco, F. Motto, S. Zimniak, Atti del 4º Convegno Internazionale di Storia dell’Opera salesiana, Ciudad de México, 12-18 febbraio 2006. LAS, Roma 2007.
- SILVA, Osório Peixoto. **500 anos dos Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural Jornalística Oswaldo Lima, 2004.
- SOUSA, H. Cyclo Áureo. **História do primeiro centenário de Campos (1835-1935)**. 2^a ed. Campos: Damadá Artes Gráficas, 1985.
- STELLA, P. Don Bosco e le trasformazioni sociali e religiose del suo tempo. In: **La famiglia salesiana riflette sulla sua vocazione nella Chiesa di oggi**. Turim: Leumann, Elledici, 1973.
- TANURI (1979): **O ensino normal no Estado de São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: FE/USP, 1979.
- _____. “História da formação de professores”. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, ANPEd/Campinas: Autores Associados, n. 14, p. 61-88, 2000.
- THOMPSON, E.P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- VALENTIM, José Luiz. **O Beato João Bosco: a obra dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil**. Nictheroy: Escolas Profissionais Salesianas, 1930.
- VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, n.17-18, p. 81-103, 2002.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Lá vem o Bonde das Normalistas ... uma incursão pelo cotidiano escolar do Instituto de Educação do Rio de Janeiro na década de 1930. In: ARAÚJO, José C.S.; FREITAS, Anamaria G. B. de. e LOPES, Antonio de P. C. (Org.). **As Escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas: Editora Alínia, 2008.

VILLELA, Heloísa. “O Mestre - Escola e a Professora”. In: Lopes, Eliane M. & FARIA FILHO, Luciano. (Orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

_____. A Primeira Escola Normal do Brasil: concepção e sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: ARAÚJO, José C.S.; FREITAS, Anamaria G. B. de. e LOPES, Antonio de P. C. (Org.). **As Escolas normais no Brasil: do império à república**. Campinas: Editora Alínia, 2008.

VIÑAO FRAGO, António. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 10, p. 63-82, set./dez., 1995.

_____. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. In: Warde, M. J. (org). **Contemporaneidade e Educação**. Temas de História da Educação. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura Escolar, ano 5, n. 7, 2000.

VV.AA. **Festas jubilares do XXV aniversário da chegada das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora** ao Brasil. São Paulo: Escolas Profissionais do Liceu Sagrado Coração de Jesus, 1917.

VV.AA. **As FMA no Brasil** [A obra salesiana no Brasil, no seu cicoentenário. (album), São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas do Liceu Coração de Jesus, Brasil, 1933].

ZIMNIAK, Stanislaw. **Salesiani nella Metteleuropa**. Istituto Storico Salesiano – Studio 10. Roma: LAS, 1997.

WAHL, OTTO. Assistência, uma palavra chave do método educativo de Dom Bosco, de notável relevância bíblica. In: **Caderno Salesiano 36**, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1985.

WEIL, S. O enraizamento. In: **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Antologia organizada por Ecléa Bosi. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

9. Apêndice

CARTA ACOMPANHA QUESTIONÁRIO

PESQUISA: Projeto educativo das Salesianas no Curso Normal N.S. Auxiliadora, Campos/RJ: 1942-1961

INSTITUIÇÃO: PUC – Rio

ORIENTADORA: Prof. Dr^a. Ana Waleska Pollo Mendonça

DOUTORANDA: Ivone Goulart Lopes

Prezada Senhora_____

Este questionário faz parte de uma pesquisa que a Puc-Rio, Departamento de Educação, linha de pesquisa “História da Educação” vem desenvolvendo: “*Gênese da Construção da Identidade do Professor Secundário*”, o objeto de estudo é/são a/as *Identidade(s) do(s) Professor (es) Secundário(s)*. Dentro desta macro pesquisa estou me dedicando à história educativa do Curso Normal da Escola Nossa Senhora Auxiliadora de Campos/RJ, no período 1937-1961.

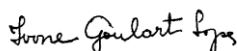
A sua participação é muito importante para que consigamos reconstruir esta história educativa. Tenho certeza de que, ao concordar em participar, a senhora contribuirá para que os nossos resultados sejam muito mais confiáveis e seguros. Lembre-se que é a experiência educativa como um todo que nos interessa aqui. Portanto, não existem respostas certas ou erradas; responda exatamente da maneira como sentir. Por favor, sempre que quiser registrar outras lembranças e recordações, utilize o verso da folha ou outras folhas. Faça o mesmo quando considerar insuficiente o espaço reservado para as respostas, não esquecendo de anotar o número da questão.

Não é preciso assinar o questionário, no lugar do nome coloque um pseudônimo (ex: nome de uma flor: acácia, azaleia, rosa, hortências, lírio, margarida, cravo, jasmim, angélica, crisântemo, girassol, tulipa, dália, etc.).

Portanto por ser ex-aluna deste Colégio, solicito à Senhora a gentileza de responder o questionário que segue anexo. É composto por quatro partes, são elas:

- I) DADOS DA ENTREVISTADA - DOS SEUS PAIS
- II) DADOS DO PERÍODO QUE FREQUENTOU O CURSO NORMAL NO COLÉGIO DAS IRMÃS SALESIANAS EM CAMPOS/RJ
- III) SOBRE O ENSINO E LEMBRANÇAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS
- IV) SUA PROFISSÃO

Agradeço imensamente a sua grande colaboração.



IVONE GOULART LOPES

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO – EX-ALUNAS DO CURSO NORMAL DO CENSA – CAMPOS – 1942 - 1961

I) DADOS DA EX-ALUNA – SEUS PAIS

1. Nome (coloque um nome de flor que lhe identificará)
2. Local e Data de Nascimento _____ / ____ / ____
3. Endereço Atual: Cidade _____ telefone ou email¹⁵⁷:
4. Nome do Pai _____ Profissão que teve _____
Escolarização: () primário () ginásio () secundário () superior
5. Nome da Mãe _____ Profissão que teve _____
Escolarização: () primário () ginásio () secundário () superior
6. Sua família tinha (ou teve) participação política na vida do município? Que tipo de participação?
7. Local/ Cidade de Residência dos pais à época em que senhora estudou no Colégio das Irmãs
8. Qual (is) os motivos apontados por seus pais para matricularem a Senhora no Colégio das Irmãs?
9. Em relação à possibilidade de fazer faculdade, qual era a posição de seus pais? Quais os cursos que você foi incentivada a fazer pela família, e no colégio?
10. Havia cursos considerados inconvenientes para você na sua família e/ou no colégio? Poderia citá-los?
11. A senhora se casou? () sim () não.
Se sim, qual a profissão do marido?
12. Teve filhos? () sim () não Se sim, onde seus filhos estudaram?
13. A senhora desenvolveu ou desenvolve algum tipo de atividade de caridade/filantrópica?
() sim () não Qual (s)

II) DADOS SOBRE O PERÍODO QUE FREQUENTOU O CURSO NORMAL

14. Período/ anos em que estudou no Colégio das Irmãs
15. Estudou em regime de () internato () externato
16. Sua (s) Irmã(s) estudaram no Colégio das Irmãs: () sim () não Quantas?
17. Vocês eram católicos? () sim () não (especificar se praticavam outra religião)

III) SOBRE O ENSINO E LEMBRANÇAS DO CURSO NORMAL

18. Quais as disciplinas em que as alunas eram mais cobradas a aprender? E quais disciplinas a Senhora mais gostava de assistir as aulas, por quê?
19. Quais as (os) professoras(es) mais exigentes? Por que os considerava exigentes?
20. Havia festa na escola? Quais? O que mais marcou a senhora nestas festas?
21. Além das festas, quais as atividades realizadas no Colégio que a Senhora mais gostava de participar?
22. A sua convivência com as colegas de Colégio, lembra-se de algum nome? Ainda hoje mantém algumas amigas do tempo da escola? (Quanto às alunas – havia diferença entre classes sociais?)

¹⁵⁷ Se for necessário entrar em contato para esclarecer alguma coisa ou fazer uma entrevista.

23. A relação com as Irmãs, com as/os Professoras/es, como era o ambiente físico e humano desta escolas - Quais os valores que mais lhe transmitiram?
24. Quanto a métodos aplicados (como era o sistema de ensino)
25. Quanto à disciplina, ao Regulamento, a uniforme... (lembra de alguma coisa?)
26. Quanto à formação, (humana – cristã - para a vida - profissão), valores que eram transmitidos quais eram? Sobre estes valores que lhe foram transmitidos, foram colocados em prática pela senhora, foram incorporados na sua vida, na sua profissão?
27. Quanto a conteúdos programáticos (lembra como era o programa de ensino?)
28. Quanto aos exames (provas etc... havia inspetores?)
29. Quanto à direção (você lembra-se de alguma diretora?) como ela agia?
30. Quanto a horários, calendário (você lembra como era a distribuição do horário? Turno?)
31. Quanto a férias (havia alguma recomendação? Tarefa?)
32. Quanto ao extracurricular, (o que se fazia fora de sala de aula? Teatro? Dança? Música? Passeio? ginástica? Leituras? Desfiles?)
33. Quanto às festas religiosas (o que você recorda do mês de maio, por exemplo,) – Como eram celebradas?
34. Quanto ao associacionismo, (companhias, grupos, associações, havia? Você fez parte de alguma delas? Como eram as reuniões, os empenhos, havia algum distintivo? Quem coordenava este evento?)
35. Havia castigos? Como eram dados os castigos?
36. Quanto aos Retiros de boa-morte (mensal) e os retiros espirituais no final do ano, havia? Como eram organizados? Quem participava? Quem pregava?
37. Quanto as Boas-noites ou Bons dias, (acolhida) como era feita esta prática? Como eram as práticas de piedade? Obrigatórias? (o que e quando se rezava... Havia algum manual? Bíblia?)
38. Como era incentivada a confissão? A comunhão, a frequência na missa?
39. A família, participava da escola? Em que sentido?
40. Havia Funcionários? Onde atuavam? Lembra-se de algum/a?
41. Você, como mulher, foi beneficiada com esta educação? Em que sentido? Em sua opinião, qual a contribuição que o ensino do Colégio das Irmãs trouxe para a sua vida, para a sua profissão?
42. Você, como mulher, foi prejudicada com esta educação? Em que sentido? Lembra de algo na sua experiência escolar que lhe fazia sofrer?
43. Você tem alguma foto, boletim, caderneta de notas ou algum Certificado deste tempo que poderia disponibilizar?
44. Havia alguma rivalidade entre vocês e as normalistas do Instituto de Educação?
45. Como vocês normalistas eram vistas pela sociedade Campista? Pelas famílias?

IV) SUA VIDA PROFISSIONAL

46. A senhora exerceu o magistério, lecionou? () sim () não - Onde lecionou? Quanto tempo lecionou? _____ anos
47. O que lhe foi ensinado à senhora transmitiu para seus alunos? (valores etc....) Como?
48. E se tivesse que recomeçar, escolher a profissão agora, qual seria a sua escolha? O que mudaria?
49. E a sociedade, estimava, valorizava os professores? Esta profissão era valorizada?
50. Era fácil encontrar emprego? Era bem paga? Conseguia trabalhar na escola pública?
51. Se não foi professora, exerceu outra profissão? Qual?
52. Fez algum curso superior? pós-graduação.

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

QUADRO 14: Irmãs entrevistadas (na pesquisa, usamos pseudônimo [nome de pássaros] para identificar as pessoas que se expõem)

Nº	PROFESSORAS RELIGIOSAS – (nascimento, período no Colégio, formação profissional).	LOCAL E DATA ENTREVISTA
1.	ANDORINHA – nasceu em 1926. Morou em Campos 1949-1961. Escola Normal e Secretariado.	Niterói/ RJ (12/11/2011)
2.	SABIÁ – nasceu em 1926. Morou em Campos 1954-1959. Pedagogia e Orientação Educacional.	Belo Horizonte /MG (20/11/2011)
3.	COLIBRI – nasceu em 1927. Morou em Campos 1957-1960. Cursou música.	Belo Horizonte /MG (Jan/2012)
4.	GAIVOTA – nasceu em 1929. Morou em Campos 1958-1960. Fez Filosofia e pós-graduação.	Belo Horizonte/MG (19/11/2011)
5.	CANÁRIO – nasceu em 1929. Morou em Campos 1959-1961. Faculdade de Matemática e Física.	Belo Horizonte /MG (19/11/2011)
6.	GARÇA - nasceu em 1932. Morou em Campos 1947-1950. Fez Filosofia e Ciências da Educação.	Campos/RJ (Out/2011)

EX-NORMALISTAS - QUESTIONÁRIO

QUADRO 15: Ex-normalistas que responderam o questionário (na pesquisa, usamos pseudônimo [nomes de flores] para identificar as pessoas que falam)

Nº	NORMALISTAS	CIDADE ONDE MORA	PERÍODO ESTUDO
1.	LIRIO – aluna externa, nasceu em 1940- Fez Psicologia.	Campos/RJ	1955-1957
2.	BEGÔNIA – aluna interna (Conselheiro Josino), nasceu em 1929.	Campos/RJ	1940-1947
3.	ACÁCIA – aluna externa, nasceu em 1934.	Campos/RJ	1940-1950
4.	AZALEIA – aluna externa, nasceu em 1928.	Campos/RJ	1945-1946
5.	GIRASSOL – aluna externa, nasceu em 1939.	Campos/RJ	1951-1957
6.	HORTÊNCIA – aluna externa, nasceu em 1936.	Campos/RJ	1950-1946
7.	JASMIM – aluna externa, nasceu em 1939. Fez Estudos Adicionais no próprio Auxiliadora.	Campos/RJ	1950-1957
8.	ANGÉLICA – aluna externa, nasceu em 1936. Fez Faculdade de História.	Campos/RJ	1947-1955
9.	MARGARIDA – aluna externa, nasceu em 1933. Estudou música, artesanato e cursos de línguas.	Campos/RJ	1946-1953
10.	ORQUÍDEA – aluna externa, nasceu em 1938. Fez pós em Gestão Escolar e mestrado em educação.	Brasília/DF	1951-1957
11.	MIOSOTIS – aluna externa, nasceu em 1939.	Campos/RJ	1951-1958
12.	ROSA – aluna externa, nasceu em 1939.	Campos/RJ	1945-1957
13.	TULIPA – aluna externa, nasceu em 1938. Fez Faculdade de música.	Campos/RJ	1954-1956
14.	CRAVO – foi aluna interna (Cambuci), nasceu em 1932. Fez faculdade de Administração.	Campos/RJ	7 anos
15.	VIOLETA – aluna externa, nasceu em 1937. Fez música.	Campos/RJ	1945-1955
16.	GERBERA – aluna externa, nasceu em 1930.	Campos/RJ	1946-1947
17.	DALIA – aluna interna (Conselheiro Josino), nasceu em 1935.	Rio de J./RJ	1946-1954

**PEQUENA BIOGRAFIA DAS IRMÃS QUE TRABALHARAM NA
ESCOLA NORMAL NOSSA SENHORA AUXILIADORA DE CAMPOS¹⁵⁸
(1942-1961)**

1. ALBA GLADYS PRECHT AVÉ - Nasceu em 05/03/1904, em Ponta Negra/RJ. Faleceu em 1º/09/2002. Concluiu o curso normal em 1925, em Petrópolis. Fez os primeiros votos religiosos em 1930. Funções que exerceu: Assistente, professora de Português, Francês, História, matérias para as quais era habilitada. Trabalhou no Colégio Santa Inês, em Guaratinguetá, Rio de Janeiro, Campos (1941-1950), Ribeirão Preto, Santo André e Moçambique. Mulher determinada, competente e dedicada (MAISTRO, Lucia. Carta Mortuária, 2002).
2. ALCINA JUNQUEIRA CARVALHO - Nasceu em Queluz/SP em 08/03/1901, faleceu em São José dos Campos/SP, em 08/09/1934. Lecionou Geografia e História na Escola Normal do Auxiliadora. Era poetiza e enfermeira (LANG, Francisca. Carta mortuária, 1934).
3. ALEXANDRINA MARIA DE GODOY - Nasceu em Pirambóia/SP, em 03/03/1920, e faleceu em 04/08/2003. Fez profissão religiosa em 06/01/1945. Coursou Letras Neo-Latinas na “*Sedes Sapientiae*”, Puc/SP, concluiu em 1948. Licenciatura na Faculdade Santa Maria de Belo Horizonte. Trabalhou no Santa Inês, Santo André, Lorena, Araras, Ribeirão Preto/SP, Ponte Nova, São João del Rei/MG, Goiânia/GO, Campos/RJ. Foi professora, assistente, catequista, bibliotecária, trabalhou na pastoral paroquial e popular, membro da CRB/SP (MAISTRO, Lúcia. Carta Mortuária, 2003).
4. ALZIRA MADUREIRA LEBRÃO - Nasceu em S. José dos Campos/SP, em 04/09/1901; faleceu em Belo Horizonte/MG, em 11/01/1952, fez a 1ª profissão em 06/01/1960. Ao entrar para a Vida Religiosa já era professora em escolas públicas. Hável na pintura (SECCO, ano 1952. Publicado em 1998, p. 219-220).
5. ALZIRA ROCHA MIRANDA - Nasceu em Campos dos Goytacazes/RJ, em 03/07/1906 e faleceu em Niterói/RJ, em 04/05/1992. Fez profissão religiosa em 06/01/1932. Era professora de português, literatura e latim; aulas particulares para as Irmãs e formandas, alfabetizava os funcionários. Foi assistente, catequista, professora e responsável pelas ex-alunas (ALMEIDA, Carta Mortuária, 1992).
6. ANGELINA BOCCHI - Nasceu em Bonfim Paulista, em 04/01/1910. Primeira profissão em 1935. Faleceu em 20/07/1995. Foi ecônoma por 31 anos, trabalhou em Campos/RJ, Araras, Ribeirão Preto, Batatais, Barretos, Santa Inês em SP; Belém/PA, Ponte Nova e Belo Horizonte em MG (PELA, Silvia. Carta Mortuária, 1995).
7. ANNITA FELIX DE SOUSA - Nasceu em Silvânia/GO, em 10/02/1913. Professou em 06/01/1934. Não conheceu o pai que era Professor e Deputado Estadual, havendo-o perdido ainda muito pequena. Foi professora e assistente durante sete anos no Colégio de Santa Inês em SP. Conselheira escolar – lecionava Higiene e Geografia. Trabalhou em várias outras casas: Anápolis, Ponte Nova, Campos, Goiânia, Belo Horizonte, Brasília, Macaé. Acompanhava a União das Filhas de Maria. Como assistente das ex-alunas, em Campos, envolvia as alunas da última turma do Curso Normal na reunião anual e persistia em incentivá-las a participar da Associação de Ex-alunas. Foi “sempre uma irmã muito aberta ao novo e à Igreja e era grande sua capacidade de renovar-se com os tempos”.

¹⁵⁸ Não foi possível encontrar dados de todas.

8. AUGUSTA AZINDA MEDEIROS - Nasceu em Monte Santo/MG, em 13/12/1902. 1ª profissão religiosa em 06/01/1936. Faleceu em 07/08/1983. Trabalhou em Campos/RJ, Ponte Nova, BH/MG, Ribeirão Preto, Lorena, Batatais, Guaratinguetá, São José dos Campos, São Paulo, Rio do Sul/SC, Foi enfermeira, professora, assistente, secretária escolar e ecônoma (MAGNABOSCO, 2011, p. 249-252).
9. CATERINA MURATORE - Nasceu em Trinitá/Cuneo-Itália, em 17/08/1908. Professou em 15/08/1931. Fez o magistério em Turim/It, veio para o Brasil em 1934. Faleceu em 25/03/2006. Trabalhou como professora, assistente, ecônoma em São Paulo, São José dos Campos, Rio de Janeiro, Campos/RJ, Pará de Minas, Rio do Sul, Ponte Nova, Cachoeira do Campo/MG. Secretária inspetorial em BH (1947-1967) (CASTRO, Carta Mortuária, 2006).
10. CELESTE MAFALDA AVÉ PRECHT - Nasceu em Niterói, em 18/12/1907. Fez a 1ª profissão religiosa em 06/01/1938. Faleceu em 1º/02/1992. Professora competente, assistente dedicada. Bibliotecária culta que incentivava os alunos a superarem as medidas das simples tarefas. Era perspicaz, não deixava passar ocasião para oferecer a sua colaboração, para ampliar a visão sobre um argumento ou de sugerir possíveis soluções para os impasses que surgiam. “Interessava-se pela situação mundial, pela posição político-econômica do Brasil” (PELA, S. Carta Mortuária, 1992).
11. CONCEIÇÃO NOGUEIRA - Nasceu em 19/05/1903 e faleceu em 09/09/1997. 1ª profissão religiosa em 06/01/1933. Trabalhou em Batatais, Campos (1949 a 1962), Macaé, Anápolis, Ribeirão Preto e Lorena. Ecônoma durante muitos anos (Carta Mortuária, PELA, S.1997).
12. ELSIE MARTINS SETTE CÂMARA - Nasceu em Ponte Nova/MG, em 1º/05/1922. Faleceu em 03/06/2010. O pai era médico dedicado à população da cidade. Sua mãe, pianista, da qual herdou o dom da música. Antes de entrar para a Congregação, trabalhava como bancária. Estudou o Normal na Escola N.S. Auxiliadora de Ponte Nova. Entrou no Instituto em 1949. Formou-se em canto orfeônico. Em seguida fez teoria musical no Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro e secretariado na UFG. Doou sua vida, trabalhando em diversas casas: Pio XII/MG, INSA/RJ, Anápolis e Goiânia/GO, Campos/RJ, Uberlândia, Ponte Nova/MG, como professora de Canto Orfeônico e educação musical, professora primária e secretária (MONTEIRO, H. I. Carta Mortuária, 2010).
13. ELZA LAMY – Nasceu em Campos dos Goytacazes, em 26/05/1908. Fez a profissão religiosa em 06/01/1941. Faleceu em Niterói/RJ em 1º/07/2000. Era uma aluna de notas máximas, tanto que, ao terminar o curso normal, na Escola Normal de Campos, em 1926, foi convidada pela escola, por ser a aluna de 1º lugar em tudo, a exercer o cargo de assistente na cadeira de Ciências Físicas e Naturais. Visto seu interesse e aptidão pela área das matérias exatas, ela se especializou neste campo e, em 1931, assumiu o cargo de regente da cadeira de Ciências Físicas e Naturais do Liceu de Humanidades de Campos, trabalho que assumiu até sua entrada na Congregação das FMA. Suas duas irmãs Odette e Hilda foram também salesianas. Trabalhou no Colégio Santa Inês/SP, Pio XII/BH, Campos/RJ, INSA/RJ. Sempre como professora de matemática, queridíssima das alunas. Era a mestra amiga, sempre ordenada e elegantemente vestida. Um porte esbelto de quem sabia o que queria, era convicta de suas responsabilidades e atenciosa no trato com as pessoas (MEIRELES, R. Carta Mortuária, 2000).
14. ELZA VIEIRA DA COSTA - Nasceu em Pedra da Anta, em 05/12/1920, fez a profissão religiosa em 06/01/1945 e veio morar em Campos, no Auxiliadora, onde foi assistente das internas menores e professora de Trabalhos Manuais para o Ginásio e

Escola Normal. Trabalhava também nos Oratórios e dava catequese nos finais de semana, em Campos. Era normalista. Morou em outras cidades: Silvânia, Anápolis, Cachoeira do Campo, Sete Lagoas, no Colégio Laura Vicuña de Campos/RJ. Faleceu em SP em 04/04/1986 (ANZELIERO, G. MAIOLI, E., 2013, p. 613-616).

15. FLORA LENCIONI - Nasceu em São Paulo, em 14/10/1891. 1º profissão religiosa em 20/1/1915. Morreu em Lorena, em 05/09/1970. Formada em Música, trabalhou com canto orfeônico, coral e lições privadas de piano e violino. Trabalhou em Campos, Guaratinguetá. Batatais, Ponte Nova, Ribeirão Preto, São Paulo (PRECHET, 1975, p. 167-168).
16. FRANCISCA TRAVASSOS - Nasceu em Lorena, em 26/09/1896. Professou: 20/01/1920. Faleceu em 28/05/1989. Trabalhou em Campos, Ponte Nova, Cachoeira do Campo, Bonfim/GO, Rio do Sul/SC, Batatais, Araras, Ribeirão Preto, Santo André, Guaratinguetá, São Paulo. Exímia professora de trabalhos manuais (PERILLIER, M. R. M. Carta Mortuária, 1989).
17. GUILHERMINA COSTA LEAL MOURA - Nasceu em 1908, faleceu em 23/02/1997, diretora técnica durante alguns anos, registrada no Departamento Nacional de Educação em Português, Geografia e Música. Diplomada pela Escola Normal “N. S. Auxiliadora” de Ponte Nova/MG, em 1923. Lecionou em Campos, em Ponte Nova, em São Paulo e outras localidades.
18. HELOISA MURGEL - Nasceu em 08/11/1929, em Cataguazes/MG. Formação: Normal e Faculdade de Matemática, Física. Disciplinas que lecionou: Matemática, Física, Ciências Físicas e Biológicas, Desenho Geométrico. Lecionou 51 anos (de 1949 a 2000). Morou em Campos 9 anos, em Macaé, BH/Pio XII, Ponte Nova. Atualmente mora em Belo Horizonte. “A Ir. Heloisa era motorista, naquela época que poucas mulheres dirigiam. Dirige até hoje com mais de 80 anos” (*Sabiá*, profª 1954-1959).
19. HELOISA PEREIRA ROCHA - Nasceu em 16/02/1929, Papagaio/MG. Formação: Normal e Faculdade de Filosofia. Fez pós-graduação em Metodologia de ensino. Tem curso de Inglês. Disciplinas que lecionou: Filosofia, Sociologia, Inglês, Religião, Latim e Desenho. Trabalhou na Fundação Superior de Campos (FAFIC) por 17 anos. Lecionou 50 anos. Morou em Campos: 1958 a 1960, voltou em 1978 até 2001. Atualmente mora em Belo Horizonte.
20. HENRIQUETA LEME - Nasceu em Areia/SP, em 03/10/1872 e morreu em Lorena/SP, em 08/10/1934. Era uma artista, ensinou pintura e artes por muitos anos. 1ª Diretora do Auxiliadora, inteligente, educada, granjeou logo a simpatia dos campistas. Levou e propagou na cidade a devoção a Nossa Senhora de forma que a procissão do dia 24 de maio veio a tornar-se um fato social. Ficou em Campos três anos e por problemas de saúde teve que ser transferida (PRECHET, 1975, p. 42-43).
21. IRENE ALVARENGA – Nasceu em Ponte Nova/MG, em 04/02/1919. 1º profissão: 06/01/1938. Morreu no RJ, em 08/12/1983. Diplomada na Escola Normal, em 1935 (Santa Inês/SP). Formada pela Faculdade S. *Sapiencia* SP. Trabalhou em Campos duas vezes, Ponte Nova, Anápolis, Belo Horizonte (RAMOS, L., Carta Mortuária, 1983).
22. IRENE LANNA - A história de sua vida, a FMA mais idosa do Instituto, é exemplo da atuação das salesianas no Brasil, dedicadas à educação dos jovens. Nascida em Ponte Nova/MG, em 11/06/1903. E é uma vida bem vivida, que traz ensinamentos importantes. Não por algum fato grandioso que a tenha marcado pontualmente. Mas porque é uma vida construída, ao longo dos anos, em fidelidade absoluta a um projeto

educativo, pastoral e religioso, Irene estudou no internato da Escola Normal N. S. Auxiliadora de sua cidade natal e, em 08/12/1920, recebeu o diploma de Normalista. Entrou no Colégio de Santa Inês, em São Paulo, em julho de 1922, como postulante, e, em janeiro de 1925, fez sua profissão religiosa. Em muitas escolas e obras, ela trabalhou em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso, nas quais atuou como professora e diretora. Entre elas, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campos dos Goytacazes, RJ. Com a fundação em BH da Inspetoria Madre Mazzarello, foi nomeada, em 1949, a primeira conselheira inspetorial brasileira (Editorial Boletim Salesiano, 25/04/2012, Cosenza, Araújo, Almeida e Moreira).

23. JENNY FURTADO PORTUGAL - Faleceu em Niterói, em 17/08/1997. Professora de música, diplomada pelo Conservatório, Instituto Nacional de Música do RJ em 1931. Lecionou música em Campos, Niterói, São Paulo e muitos outros locais. “O irmão dela foi Secretário Estadual de Saúde” (*Sabiá*, prof^a 1954-1959).
24. JOANA RODRIGUES FERNANDES - Nasceu em 1926, em Bom Jesus do Rio Doce/MG. Fez o curso Normal e Pedagogia em Belo Horizonte, fez também Orientação Educacional em São Paulo. Lecionou no curso primário, logo depois Filosofia, Psicologia e Orientação Educacional para o Normal. Foi Diretora Técnica do Curso Normal de Campos. Lecionou durante 51 anos. Hoje mora em BH/MG.
25. JOANA D’ARC FONTES - Nasceu em 25/05/1927, Minas Gerais. Fez o Curso Normal e Licenciatura em Letras. Lecionou Língua Portuguesa e Educação Física por mais de 40 anos em muitas casas da Inspetoria Madre Mazzarello. Morou em Campos. Atualmente mora em Belo Horizonte.
26. JOSEFINA NOGUEIRA - Nasceu em Batatais/SP, em 11/12/1910. Profissão: 06/01/1936. Faleceu em 29/07/1990. Professora de Artes, Trabalhos Manuais, Pintura e Desenho, foi diretora. Trabalhou em Campos, Ponte Nova/MG, Silvânia/GO, Ribeirão Preto, Batatais, São José dos Campos, Araras, Guaratinguetá, Lorena, São Paulo (PELA, S., Carta Mortuária, 1990).
27. JUDITH SACCHI - Nasceu: Pávia/Itália, 05/08/1904. 1º profissão: 31/01/1922. Morreu em Campos 31/08/1926. Professora de confecção de flores e assistente das alunas. (Filhas de Maria Auxiliadora, Facciamo Memória, 1987, p. 196-201).
28. JULIJANA SPUR - Nasceu em Mota-Ljutomer (Slovenia), em 19/06/1907, professou: 05/08/1930. Faleceu em Silvânia/GO, em 28/09/1986. Normalista em 1933. Veio para o Brasil em 1934. Trabalhou no Colégio Santa Inês/SP, em Anápolis e veio para Campos em 1951 até 1959. Morou também em Brasília, Uberlândia, Silvânia. Foi professora de Inglês, Física, Química e catequista. Tinha um hobby: a fotografia. Ela mesma revelava em um laboratório montado por ela (ANZELIERO, G. MAIOLI, E. 2013, p. 571-575).
29. LEONTINA DUARTE - Nasceu em Areia/SP, em 16/09/1883. 1º profissão: (20/01/1908). Faleceu em 12/01/1943. Trabalhou em Niterói, Guaratinguetá, RJ. Ponte Nova, Manaus, Campo Grande/MS, foi vice-diretora da Escola de Campos, trabalhou com as Damas de Maria Auxiliadora e as Obras dos Tabernáculos. Notável preparação intelectual, sempre prevaleceu sua cultura e experiência. Alegre e entusiasmada (PRECHET, 1975, p. 65-66). (SECCO, ano1943, publ. 1995, p. 124-5).
30. LILIA BORGES CRUWINEL – Nasceu em Rio Verde/GO, em 18 de julho de 1924. Professou como religiosa em 06/01/1947. Fez o Normal no Santa Inês/SP. Foi professora em Campos/RJ, Ponte Nova/MG, Goiânia/GO, Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro. Faleceu em 31/08/2011 (MONTEIRO, H. I. Carta Mortuária, 2011).

31. LUCÍLIA LIMA CORRÊA - Nasceu em Nopuranga/SP, em 05/12/1901. Primeira profissão: 06/01/1926. Faleceu em 14/03/1984. Filha de fazendeiros da região de Batatais. Trabalhou em Campos, Rio de Janeiro, Campo Grande, Ponte Nova, Batatais, Ribeirão Preto, Santo André, São Paulo. Laureada em Música, foi professora de música. De 1966 a 1970, colaborou na redação da *Revista Primavera* (MAGNABOSCO, 2011, p. 135-138).
32. MADALENA LOMBARDO - Nasceu em Niterói, em 25/04/1908, fez a primeira profissão religiosa em 06/01/1936. Fez a Escola Normal. Faleceu em Macaé em 14/11/1961. Morou em Goiás (Anápolis, Bonfim), Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Macaé (SANLORENZO, Madalena. Carta Mortuária, 1961).
33. MARGARIDA DA MARIA TEIXEIRA DE ALMEIDA - “Pianista formada em Conservatório de Minas Gerais. Professora de piano e música, morou em Campos onde foi professora e assistente das internas. Morou em Cuba (15 anos). Atualmente mora em BH/MG. É uma pessoa linda!” (*Gaivota*, profª 1958-1960).
34. MARIA BEATRIZ MARCIGAGLIA - Nasceu em Vicenza/It, em 25/07/1885 e faleceu em SP, em 03/01/1971. Formou-se no curso normal em 1906. Foi diretora, ecônoma. Com o fechamento do Colégio Santa Tereza em Niterói que ela dirigia, partiu para fundar o Colégio de Campos. Morou no Rio de Janeiro, Araras e outras localidades (PRECHET, 1975, p. 170-173).
35. MARIA BENEDITA MAGALHÃES BRAGA - Nasceu em 11/07/1888, em São Luiz do Maranhão e faleceu em 05/03/1980. Recebeu o diploma de professora em 1915. Atividades: 31 anos como diretora escolar, foi enfermeira, assistente, vigária. Morou em Araras, Batatais, S. José dos Campos, Guaratinguetá, São Paulo/SP, Baturité/CE, Manaus/AM, Campos/RJ (PERILLIER, M. Carta Mortuária, 1980).
36. MARIA CONCEIÇÃO FERNANDES ARAÚJO – Nasceu em Inhapim/MG, em 28/02/1913; Profissão Religiosa: S. Paulo, em 06/01/1934. Faleceu em 11/09/1998. Exerceu o magistério, ocupando a cadeira de Português, Literatura e Francês nos cursos Ginásial e Normal. Trabalhou em Ponte Nova/MG, (escola em que concluiu o curso normal em 1936) onde também dirigiu o Estabelecimento de 1943-1946. Transcrição de um trecho de carta de uma ex-aluna, escrita pela passagem das suas Bodas de Ouro de Consagração: *“Posso recordar a estupefação daquela criança insegura quando a senhora a escolheu para ser artista de seus teatros. Posso sentir a cálida sensação de orgulho, quando a senhora leu em classe uma redação minha, elogiando-me. Às vezes penso: Por que a senhora me deu tanto carinho e atenção? Será que pressentiu tudo que se passava em minha alma? Acredito que não, pois a senhora era assim com todas. Deus foi maravilhoso quando a colocou em meu caminho. Acredito que nestes 50 anos de consagração, inúmeras jovens como eu tiveram o privilégio de passar pelo seu caminho, recebendo seu carinho, sua compreensão. Sintetizo tudo o que penso da senhora com este pensamento: ‘Como é bom ser bom! Ter certeza de que se vive a serviço dos outros. Cansar conscientemente, em prol de qualquer um, do primeiro que aparece’”*. Trabalhou nos colégios de Ponte Nova, Campos, Brasília, Uberlândia e no Pio XII. Possuidora de grande talento artístico, dirigia as atividades teatrais do colégio, ensaiando peças e apresentações que encantavam a todos; Conselheira Escolar dedicada e competente, elevou o nível das escolas; Diretora de escola e comunidade aberta ao novo, ao futuro, aos valores salesianos, despertou e orientou muitas vocações; Coordenadora de Ex-Alunas, função que exerceu por 23 anos com o entusiasmo, a dedicação e o ardor que lhe eram peculiares (ROLIM, M. Américo. Carta Mortuária, 1998).

37. MARIA DA FÉ DE LOURDES - Nasceu em Ervália/MG, em 16/09/1919. Professou em 06/01/1947. Faleceu em 07/06/2006. Foi interna com as vicentinas em Mariana/MG e lá recebeu o diploma do curso normal. Foi professora, assistente, catequista, secretária e vigária em várias casas: Campos, Rio de Janeiro, Macaé, Ponte Nova, Belo Horizonte, Anápolis, Silvânia e Brasília (CASTRO, Carta Mortuária, 2006).
38. MARIA DE FARO CARVALHO – Nasceu em 1912, faleceu em 16/04/1994. Foi vice-diretora e professora de História e matemática, “era fidalga, prima do Eduardo Gomes que foi candidato a presidência da República” (*Gaivota*); “cuidava das internas” (*Sabiá*).
39. MARIA HELENA TEIXEIRA COIMBRA - Nasceu em Miracema/RJ, em 13/05/1917 e faleceu em 1º/01/2010. De família proprietária de fazenda cafeeira, com uma forte crise econômica perderam tudo e mudaram para Niterói. A mãe vai trabalhar com os salesianos no Colégio Santa Rosa. Ela entrou com as salesianas de Guaratinguetá e fez a profissão religiosa em 06/01/1942. Trabalhou como assistente, catequista, professora de Matemática, Inglês e Religião em Silvânia/GO, INSA/RJ, Ponte Nova/MG, Macaé/RJ, Campos/RJ, Petrolina/PE, Cachoeira do Campo/MG, Minas Novas/MG, Acari e Volta Redonda/RJ (Carta Mortuária, PESCA, R. I., 2010).
40. MARIA HULDA DE OLIVEIRA SOUZA - Nasceu em Fortaleza/CE, em 09/04/1919, professou como religiosa em 06/01/1948. Faleceu em 18/01/1999. Morou em Campos/RJ, São Paulo, Belo Horizonte, Ponte Nova, Rio de Janeiro e Niterói. Foi assistente e secretária (Carta Mortuária, MEIRELES, R. M., 1992).
41. MARIA IMACULADA FERREIRA - Nasceu em Piracaia/SP, em 17/05/1912 e faleceu em 27/07/2003. Formou-se no curso normal da primeira turma do Colégio de Santa Inês. Fez votos perpétuos em 1939. Cursos música no Instituto Musical de São Paulo, Canto Orfeônico, Teoria e Solfejo. Registrada em Português, Matemática e Ciências Naturais. Foi assistente, professora, bibliotecária, catequista. Trabalhou em Escolas Normais de Campos, Batatais, Ribeirão Preto, Barretos, Instituto N. S. Auxiliadora, Instituto N. S. do Carmo, Asilo N. S. Auxiliadora do Ipiranga, Instituto Madre Mazzarello e Instituto Anjo da Guarda, Santa Terezinha, São José dos Campos em São Paulo, Cambé/PR (MAISTRO, Lucia. Carta Mortuária, 2003).
42. MARIA JOSÉ PINHEIRO - Nasceu em 27/02/1911, em Ponte Nova/MG, diplomada no curso Normal e no Curso Oficial de Aperfeiçoamento Pedagógico, em Minas Gerais. Registrada no Departamento Nacional de Educação, em Português, Geografia Geral e do Brasil, sob nº 15.707. Foi Diretora do Curso Normal e Inspetora Provincial. Saiu da Congregação, já falecida.
43. MARIA TERESINA DA VEIGA - Nasceu em São Luiz da Paratinga/SP em 03/06/1883 e faleceu em 31/03/1963. Morou em Campos, Rio do Sul, Ponte Nova, Araras, Santo André, Ribeirão Preto, São Paulo. Exerceu o ofício de secretária escolar por mais de 30 anos (PRECHET, 1975, p. 136-137).
44. MARIETA REIS - Nasceu em São Francisco Xavier/MG, em 10/06/1918. Fez a profissão religiosa em 06/01/1945. Faleceu em 20/07/2000. Conheceu as FMA já diplomada como professora. Trabalhou em Campos/RJ, Silvânia/GO, São João Del Rey/MG, INSA/RJ, Ponte Nova/MG, Belo Horizonte/MG, Macaé/RJ, Ilha do Governador/RJ, Niterói/RJ. A música fazia parte do seu ser, lecionou a vida toda. “A sabedoria da existência consiste em aprender a ‘música’ dos outros, ainda que expressa em ritmos e melodias diferentes.” Com grande poder de comunicação, de acolhimento e gestos de bondade, conquistava, transformou suas aulas de piano numa

cátedra do bem. Vivendo a linguagem musical, fez da sua vida amor e serviço (MEIRELES, R. M., Carta Mortuária, 2000).

45. MELÂNIA SERRA - Nasceu em Biella/It, em 22/11/1880. Faleceu em São Paulo, em 20/09/1961. Trabalhou em muitas casas: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso. Foi diretora e ecônoma por breve tempo. Nos anos de 1ª guerra mundial, foi diretora da casa Maria Auxiliadora de Niterói que fechou, em Campos foi ecônoma nos inícios da obra e depois enfermeira e roupeira nos anos 1940 (PRECHET, 1975, p. 128-129).
46. NIVA GOMES - Nasceu em 17/12/1926, na cidade de Rio Doce/MG. Fez o Normal em Ponte Nova, e Orientação Educacional (Pedagogia), em Belo Horizonte. Foi professora de Português e Desenho, lecionava também Trabalhos Manuais, é florista e faz crochê, tricô e bordados até hoje aos 87 anos. Foi secretária e coordenadora de estudos por muitos anos em Campos. Atualmente mora em Niterói.
47. ODETTE LAMY - Nasceu em Campos dos Goytacazes/RJ, em 20/02/1914. Fez a profissão religiosa em 06/01/1940. Faleceu em 1º/02/2004. Estudou com as salesianas de Campos o primário, e fez o curso Normal no Liceu de Humanidades (naquela época ainda não havia o curso normal das salesianas). Estudou piano com uma professora do Conservatório. Gostava de tudo que era arte, de representar, de encenar no teatro, fez algumas peças que foram apresentadas no teatro da cidade. Professora laureada em Ciências Naturais e Matemática. Deixou rastros de uma educadora competente e bondosa, alguém que estava as vinte e quatro horas do dia ocupada com os jovens e não descansava sabendo que um deles podia estar correndo risco de vida. Morou em Campos/RJ, Anápolis/GO, Rio do Sul/SC, Ponte Nova/MG, Rio de Janeiro, Belo Horizonte/MG, Acari/RJ (na favela Coroadó, por 20 anos) e Niterói/RJ (AMBROSIM, T. Carta Mortuária, 2004).
48. OLGA FURMANKIEWIEZ - Nasceu em 14/10/1919 e faleceu em 19/10/1995. Fez a primeira profissão em 06/01/1941. Foi secretária escolar por muitos anos. Trabalhou em muitas casas: Campos, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (PELA, Silvia, Carta Mortuária, 1995).
49. OLIVEIRA DE SOUZA SANTOS - Nasceu em Macaé/RJ em 25/02/1914 e faleceu em 09/03/1970. Fez o Curso Normal em Ponte Nova (foi aluna de Campos) (SECCO, ano 1970, publ. 2004, p. 430-434).
50. ONDINA DE SOUZA SANTOS - Nasceu em Areias, em 16/09/1883 e faleceu em 12/01/1943. Ótima professora, sempre prevaleceu sua cultura e experiência. Morou em Niterói, Guaratinguetá, Rio de Janeiro, Ponte Nova, Manaus, Campo Grande/MS, foi vice-diretora em Campos, trabalhou com as Damas de Maria Auxiliadora e as Obras dos Tabernáculos (PRECHET, 1975, p. 65-66).
51. RITA DE PAULA - Nasceu e morreu em São Paulo (02/03/1873 - 26/10/1929). Professora diplomada; lecionou em São Paulo e Batatais. Em Campos, foi vice-diretora e responsável pela disciplina, irradiando sua atividade pelas diversas obras que iam surgindo, parecia incansável (PRECHET, 1975, p. 31).
52. ROSALBA ISABEL MARIA AUTRAN - Nasceu em 26/08/1917, em Aiuruoca/MG. Profissão Religiosa em 06/01/1942, em Campos-RJ. Formação profissional: Curso Normal de Ponte Nova/MG, 1937. Professora de Desenho, Geografia e de Matemática. Secretária escolar de 1941-1946 no Colégio Auxiliadora de Campos. Mora atualmente em Belo Horizonte.

53. SILVIA RODRIGUES LUSTOSA – Nasceu em 18/01/1925 em São João Del Rei/MG. Profissão Religiosa em 06/01/1945. Formação profissional: Pedagogia, lecionou Português, Francês, Religião, era catequista. Mora atualmente em Belo Horizonte/MG.
54. TERESA MARITANO - Nasceu em Turim/It em 07/07/1902 e faleceu em Ponte Nova em 19/12/1965. Professora de música em vários colégios: Batatais, São Paulo, Ponte Nova, Campo Grande, e em Campos foi diretora e professora de música (SECCO, ano 1965, publ. 2001, p. 259-265). “A diretora era alta, simpática. Tinha uma voz firme, bonita, de contralto e nos orgulhávamos de cantar uma música de sua autoria. Era uma pessoa entusiasmada, próxima das alunas” (*Garça*, 1943-1950).
55. TEREZA QUADROS - Nasceu em São Sebastião do Sacramento/MG, em 15/10/1888. 1ª profissão em 20/01/1916. Morreu em Campos, em 10/09/1950. Fez a Escola Normal em Ponte Nova. Foi professora do Curso Normal em Campos e por muitos anos a responsável pelas Filhas de Maria e pelas Damas de Maria Auxiliadora. Visitava os doentes e os encarcerados (SECCO, ano 1950, publ. 1995, p. 302-306).
56. VERÔNICA FARRONATO - Nasceu na Itália em 10/07/1908 e professou em 06/08/1928. Faleceu em 30/06/2006. Fez o Curso Normal em Ponte Nova em 05/08/1934. Foi diretora de escolas de 1937 a 1957 e em 1960. Registrada no Departamento Nacional de Educação, em História Natural e Desenho. Locais de trabalho: Campos, Ponte Nova, Ribeirão Preto, São Paulo. De 1961 a 1975 foi secretária, bibliotecária e arquivista inspetorial, competente, organizada, animada por alto sentido do valor histórico. Foi delegada junto aos Cooperadores Salesianos. Foi responsável pelas Pias Associações Juvenis. Foi membro da pastoral carcerária (MAISTRO, Lúcia. Carta Mortuária, 2006).
57. ZILDA ASSIS DE CASTRO - Nascida em 15/11/1905, em Piranga/MG. Aos 24 anos, tornou-se religiosa salesiana. Diplomada pela Escola Normal de Ponte Nova/MG em 1924. Lecionou na Escola Normal de Petrolina/PE, Escola Normal de Ponte Nova/MG. Foi como missionária no Nordeste do Brasil desde janeiro de 1938 até sua morte em 05/11/1976, morou em Campos e trabalhou no Auxiliadora por 38 anos, no Instituto de Educação de Campos e na Diocese com a catequese. Há uma rua em Campos que tem o seu nome. “Não tendo mais força para continuar suas andanças evangelizadoras e de promoção social pelo interior do município, nas periferias e nas escolas públicas da cidade, dedicou-se ao curso fundamental (5ª a 8ª) da Escola Noturna gratuita do Auxiliadora, dando diariamente aulas de matemática para seus alunos, operários, comerciários e domésticas” (Drº. Wellington Paes).
58. YOLANDA AMADO LADEIRA - Nasceu em Cataguases/MG em 1917, viveu 68 anos de Vida Religiosa. Faleceu em 22/01/2012, em Niterói. Lecionou Latim e Língua Portuguesa. Trabalhou em São Paulo, Ponte Nova (MG), Belo Horizonte/MG, Uberlândia/MG Campos/RJ, Anápolis e Goiânia(Go)e Niterói. Frei Beto deu seu testemunho: “Foi uma das pessoas de mais presença em minha vida. Preso pela ditadura durante quatro anos (1969-1973), recebia com frequência visitas de Ir. Yolanda. [...] Ela mesma, felizmente, nada temia, embora submetida a revistas na porta da prisão, gracejos humilhantes, a possível vigilância da repressão político-militar, visitava-me com alegria. [...] Além das visitas, trocamos intensa correspondência ao longo dos anos de prisão. Quase sempre, comentários sobre a Vida Religiosa e os impasses e desafios da Igreja Católica. Muitas cartas que escrevi à irmã Yolanda estão, hoje, publicadas no meu livro Cartas da Prisão (Jornal Atual, *apud* Comunic...ando, Ano XXVI – n/ 122 Jan/Fev/Mar de 2012, p. 32-33).

EX-ALUNAS DA UESC - GENNSAC/RJ

QUADRO 16: Ex-Alunas¹⁵⁹ do Ginásio e Escola Normal N.S. Auxiliadora

Anos	Estatística das Ex-alunas da União	Presidente da União	Irmã responsável pelas ex-alunas – (Delegada da comunidade)
1933	votos: 52	Maria Cristina de Oliveira	Ir. Clara Moreira - Diretora
1934	43	Maria Cristina de Oliveira	Ir. Clara Moreira - Diretora
1935	89	Maria Cristina de Oliveira	Ir. Clara Moreira - Diretora
1936	94	Maria Cristina de Oliveira	Ir. Clara Moreira - Diretora
1937	25	Maria Cristina de Oliveira	Ir. Odila Climaco
1938	86	Judith Bruzze Vieira	Ir. Odila Climaco
1939	105	Judith Bruzze Vieira	Ir. Guilhermina Leal de Moura
1940	152	Elisa Bastos Tavares	Ir. Guilhermina Leal de Moura
1941	205	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1942	253	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1943	260	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1944	416	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1945	399	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1946	362	Myrthes de Almeida Campos Reeleita	Ir. Maria José Pinheiro
1947	389	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1948	365	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1949	383	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria José Pinheiro
1950	389	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Irene Alvarenga
1951	1.213	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Irene Alvarenga
1952	400- votos: 61	Myrthes de Almeida Campos Reeleita	Ir. Maria de Faro Carvalho
1953	460	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Maria de Faro Carvalho
1954	570	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Anita Felix de Sousa
1955	372	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Anita Felix de Sousa
1956	438	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Anita Felix de Sousa
1957	861	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Alzira Miranda
1958	700	Myrthes de Almeida Campos	Ir. Alzira Miranda
1959	729- votos: 90	Dilce Pereira Machado	Ir. Odette Lamy
1960	770	Dilce Pereira Machado	Ir. Yolanda Amado Ladeira
1961	820	Dilce Pereira Machado	Ir. Yolanda Amado Ladeira

Fonte: ACENSA, organizado por LOPES e ACERBIS em 2012.

¹⁵⁹ Nos arquivos da UESC temos documentos elaborados para os 50 anos da União (1983) e dos mesmos foi possível encontrar os nomes das Presidentes e Delegadas. Só nos anos 1933, 1952 e 1959 encontrei o nº de votos para cada eleição (Ir. Giuliana ACERBIS, maio/2012).

MATERIAIS LABORATÓRIOS DO GENNSAC

Ciências Naturais: pia com torneira e trompa d'água, gerador de corrente elétrica, quadros muraes de representações eschematicas, diagramas, machinismos.

Física: Balança analytica com caixa de pesos, balança hydrostatica, modelo de precessão completo, material para provar o princípio de Archimedes, picnometros para sólidos e líquidos, parallelograma de metal com pesos, alavanca para demonstração das leis de apoio, plano inclinado, machina centrifugal, regulador watt, dinamômetro de demonstração, fogo de rodas dentadas, nível de bolha dupla, aparelho para verificação do princípio de pressão exercida sobre líquidos, jogo de vasos comunicantes sobre pé, torniquete hydraulico, tubo em U, jogo de tubos capilares, sobre pé, sifões, pipeta, jogo de hemisférios de Magdeburgo, baroscopio, bomba pneumática, manômetro de ar livre, aparelho para demonstração das ondas longitudinaes e transversais, tubos de ressonância, harmônica chimica, sereia de Seebeck e de Savert, diapasão chronographico, sonômetro, placas vibrantes – photometro de Ruhmkorff, espelhos planos, de ângulo variável, base espelhos côncavos, convexos, caleidoscópio, cuba de vidro para experiências de reflexão e refração, jogo de 6 lentes, disco de Newton, com 9 chapas de cores, microscópio, aparelhos para demonstração da dilatação dos líquidos, dos gases, Thermometro, pyrometro, aparelho para demonstração do ponto zero sem thermometro, criophoro de ácido sulfúrico, pluviômetro, thermometro de máxima e mínima, bússola, bolômetro, hidrômetro de Saussure, bastão de ebonite, torniquete electrico, machina electrostatica de Wimshurst, pilha de Daniel, Voltâmetro de volume com eletródios, bussola de tangentes, bobina de condução, lâmpada incandescente sobre suporte, suporte universal, machina para discos de Newton – Campânula de vidro, tubo de Newton.

Química: maçarico, lâmpada de álcool 100 cc., Gral de porcelana com bico e pilão, suporte com pinças, garras, anneis, tubos de ensaio, pinça de metal para cadinhos, pinça de madeira, tela metálica, rolhas de cortiça, frasco de Woulff com duas e tri-tubulares, frasco kitasato, cilindro dessecador, jogo de três retortas, jogo de balões de fundo chato, redondo e de fração (destilação), funis de segurança, tubos de vidro, tubo em U para clorcalcio, tubo de ensaio, jogo de provetas e pipetas graduadas, jogo de buretas de Mohr, bastões de vidro, aparelho de Kipp, aparelho para produção de ozoma, eudiômetro, livro de papel tornassol, papel de filtro, alumen pedra, amônia pura, biphosphesto de sódio, ácido bórico em pó, soda cáustica em bastões, potasse cáustica em bastões, cal virgem, chloreto de amônio, sódio, cálcio, zinco, alumínio, cobre, bromato de potássio, cianeto de potássio, carbonato de sódio, mármore em fragmentos, bisulfito de sódio, sulfato de sódio, nitrato mercurioso P.A. nitrato de prata, sub-nitrato, enxofre em pó, pedra pomes, iodo puro, phosphoro branco, zinco granulado P.A., limalhas de ferro, zinco, cobre, álcool absoluto, mercúrio vivo, glycerina, Ether sulfúrico, essência de thermebentina P.A., benzina rectificada P.A., merck, xilol, cafeína, azul de methileno, verde methila, azul eosina em solução, giensa em solução, eosina azulada, fuesina [manteve-se a escrita original].

O material da sala de **História Natural:** lâminas, lamínulas, modelo de olho humano, aparelho auditivo, coleção de insetos, orens mixtas, herbário, coleções: de typos de enflorescência, de minerais, de mapas (árvores e flores), esqueleto humano, quadros para estudos anatômicos [Manteve-se a grafia original]

EX-NORMALISTAS DO GENNSAC/RJ QUE EXERCERAM A PROFISSÃO DE PROFESSORAS

QUADRO 17: Ex-alunas da Escola de Professoras anexa ao Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora que foram Professoras do Estado, do Município, de Escolas Particulares e Universidades 160. De 393 formandas, 347 (88,29 %) lecionaram.

Nº	Professora Normalista do GENNSAC/RJ	Rede de ensino Escola onde lecionou	Referência Turma-ano
1.	Nely Peçanha Carvalhido	Escola Pública	1ª turma - 1943
2.	Nely da Silva Venâncio	Escola Pública	1ª turma - 1943
3.	Anna Maria Araujo da Siqueira	Escola Particular - Coração Eucarístico e em Niterói	2ª turma - 1945
4.	Mª Aparecida Miranda Barros	Escola Pública	2ª turma - 1945
5.	Selenita de Souza Pedra	Escola Pública	2ª turma - 1945
6.	Batildes Pacheco Soares	Escola Pública-Diretora em Tocos	3ª turma - 1946
7.	Crysolina Almeida Santos	Escola Pública e CENSA	3ª turma - 1946
8.	Deciléa Lobo de Azevedo	Escola Pública e CEFA, Fundou o Colégio "Lobinhos"	3ª turma - 1946
9.	Geleny Mattoso Faquer	Escola Pública e CENSA	3ª turma - 1946
10.	Heloisa Marinho	Escola Pública - Usina S. Antônio	3ª turma - 1946
11.	Maria Emília Cardoso Gomes	Escola Pública no interior e Instituto de Educação "Professor Aldo Muylaert" e aula particular	3ª turma - 1946
12.	Maria José Barreto Porto	Escola Pública - São Fidelis	3ª turma - 1946
13.	Marília Cunha Monteiro Barros	Escola Pública	3ª turma - 1946
14.	Nanete Bastos	Escola Pública	3ª turma - 1946
15.	Nelia Azevedo	Escola Pública	3ª turma - 1946
16.	Nilda Ribeiro Mossó	Escola Pública	3ª turma - 1946
17.	Olinda Helena Guimarães	Escola Pública	3ª turma - 1946
18.	Ruth Sampaio Bulhões	Escola Pública - S. João da Barra	3ª turma - 1946
19.	Sônia Maria Gomes	Escola Pública municipal	3ª turma - 1946
20.	Andréa Cruz Leite	Escola Pública - Santo Eduardo	4ª turma - 1947
21.	Arlete Armindo Felix	Escola Pública, diretora por 40 anos em Conselheiro Josias	4ª turma - 1947
22.	Arynete Reynaldo Coutinho	Escola Pública	4ª turma - 1947
23.	Diva Erthal Tardin	Escola Pública - Cantagalo	4ª turma - 1947
24.	Maria Alice Barros de Freitas	Escola Pública	4ª turma - 1947
25.	Maria Eugenia Barreto Porto	Escola Pública	4ª turma - 1947
26.	Nilza Gomes dos Santos	Escola Pública - Tocos	4ª turma - 1947
27.	Zelia (Elia) Gonçalves	Escola Pública	4ª turma - 1947
28.	Zilá Pereira Gomes	Escola Pública	4ª turma - 1947
29.	Delva Terezinha de Carvalho	Escola Pública - Bom Jesus	5ª turma - 1949
30.	Edda Silva Denys	Escola Pública - Pádua	5ª turma - 1949
31.	Irma de Moraes Ribeiro	Escola Pública - Bom Jesus	5ª turma - 1949
32.	Joanir Gomes Sanguedo	Escola Pública e Diretora FAFIC	5ª turma - 1949
33.	Lenise Rapparine de Almeida	Escola Pública. Fundou o Colégio N. S. das Graças.	5ª turma - 1949
34.	Lucia Lourdes Medeiros Lemos	Professora e Poetiza	5ª turma - 1949
35.	Magaly Monteiro Ribeiro	Escola Pública - Miracema	5ª turma - 1949
36.	Maria Geny Marins Peixoto	Escola Pública - LHC	5ª turma - 1949
37.	Therezinha de Jesus Bittar	Escola Pública	5ª turma - 1949

¹⁶⁰ O colégio preparou muitas normalistas para o mercado de trabalho, também fez de muitas de suas egressas universitárias e professoras universitárias, como atesta o levantamento realizado. As outras alunas não foi possível ter informações, pode ser que este número possa ser acrescido.

38.	Amarita Tavares Silva	Escola Pública	
39.	Irene de Queiróz Mattoso de Almeida Cunha	Professora na fazenda - Quissamã	6ª turma - 1950
40.	Maria Elisa Araujo de Siqueira	CENSA – Coração Eucarístico	6ª turma - 1950
41.	Maria Severina Mesquita	Escola Pública	6ª turma- 1950
42.	Suraya Benjamin Chaloub	Professora, diretora em Escolas e Universidades particulares, até hoje diretora do CENSA e ISECENSA	6ª turma- 1950
43.	Anna Amélia de Queiróz Mattoso de Almeida Cunha	Professora na fazenda - Quissamã	7ª turma - 1952
44.	Conceição de Maria Viveiros Sardinha	Escola Pública, Curso Normal IEPAM	7ª turma - 1952
45.	Dolores da Mata Siqueira	Escola Pública	7ª turma - 1952
46.	Heloisa Pinto Peixoto	Escola Pública	7ª turma - 1952
47.	Marcia Angela Lopo Lima	Escola Pública	7ª turma - 1952
48.	Maria de Jesus Ribeiro	Escola Pública	7ª turma - 1952
49.	Maria Galiléa Petrucci	Escola Pública e Particular, Coração Eucarístico	7ª turma - 1952
50.	Maria Lúcia Bastos Corrêa	Escola Pública	7ª turma - 1952
51.	Maria Ribeiro de Castro de Almeida Pereira	Escola Pública	7ª turma - 1952
52.	Neide Rapparine de Almeida	Escola Pública-Fundou o Colégio particular N. S. das Graças	7ª turma - 1952
53.	Solange Salvadora Correa Nani	Escola Pública	7ª turma - 1952
54.	Terezinha Nogueira Martins	Escola Pública municipal	7ª turma - 1952
55.	Teresinha Peçanha Carvalhido	Escola Pública - Niterói	7ª turma - 1952
56.	Theresinha Bastos M. Ribeiro	Escola Pública	7ª turma - 1952
57.	Arésia Maria Bastos Figueira	Escola Pública	8ª turma - 1953
58.	Cirley Machado Cruz	Escola Pública – Prof. e Diretora	8ª turma - 1953
59.	Dulce de Oliveira Lima	Escola Pública	8ª turma - 1953
60.	Edilma Silva	Escola Pública	8ª turma - 1953
61.	Elisa Lucia de Lima Bastos	Escola Pública	8ª turma - 1953
62.	Elza Maria Escocard Nunes	Escola Pública	8ª turma - 1953
63.	Gilda de Souza Valle	Escola Pública	8ª turma - 1953
64.	Ivandra Prata Barcelos	Escola Pública	8ª turma - 1953
65.	Irene Peixoto	Escola Pública	8ª turma - 1953
66.	Ivane Duncan de Miranda	Escola Pública	8ª turma - 1953
67.	Ivanise Balbi Gonçalves	Escola Pública e jornalista	8ª turma - 1953
68.	Izabel Carvalho	Escola Particular	8ª turma - 1953
69.	Maria Aparecida Faria Ramos	Escola Pública	8ª turma - 1953
70.	Mª da Penha Cordeiro Crespo	Escola Pública	8ª turma - 1953
71.	Maria José Fernandes Tavares	Escola Pública	8ª turma - 1953
72.	Maria Lucy Alvarenga Monteiro	Escola Pública –Dir. Nilo Peçanha	8ª turma - 1953
73.	Marly dos Santos Gomes	Escola Pública	8ª turma - 1953
74.	Neiva Monteiro Tavares	Escola Pública	8ª turma - 1953
75.	Raquel Barros de Freitas	Escola Pública. Fundou o Colégio Santa Mônica	8ª turma - 1953
76.	Stelmar Tinoco Dias	Escola Pública	8ª turma - 1953
77.	Raquel Barros de Freitas	Escola Pública	8ª turma - 1953
78.	Therezinha dos Santos Nassar	Escola Pública	8ª turma - 1953
79.	Terezinha Ribeiro	Escola Pública	8ª turma - 1953
80.	Amarilis Tavares da Silva	Escola Pública	9ª turma - 1954
81.	Aracy Albuquerque Silva	Escola Pública	9ª turma - 1954
82.	Cecília Nogueira Martins	Escola Pública municipal	9ª turma - 1954
83.	Celita Teixeira Tavares	Escola Pública e FAFIC	9ª turma - 1954
84.	Ciréa Clelba Viana Lima	Escola Pública	9ª turma - 1954
85.	Elza Maria Parente	Escola Pública	9ª turma - 1954
86.	Gilda Guerra Lorenz	Escola Pública	9ª turma - 1954
87.	Hilda Teresinha M. de Queirós	Escola Pública	9ª turma - 1954

88.	Iracy da Silva Barreto	Escola Pública	9ª turma - 1954
89.	Irene da Conceição Silva	Escola Pública	9ª turma - 1954
90.	Ivette Duncan de Miranda	Escola Pública	9ª turma - 1954
91.	Janilse Teixeira Salvador	Escola Pública - Niterói	9ª turma - 1954
92.	Julia Maria Ribeiro Pereira	Escola Pública	9ª turma - 1954
93.	Margarida de Almeida Barros	Escola Pública	9ª turma - 1954
94.	Maria Amélia Marins	Escola Pública	9ª turma - 1954
95.	Mª Carmem Barros Azevedo	Escola Pública – Rio Bonito	9ª turma - 1954
96.	Maria Zaira de Souza Ferreira	Escola Pública	9ª turma - 1954
97.	Mariza Moreira Muylaert	Escola Pública	9ª turma - 1954
98.	Neide Terezinha Bastos Rangel	Escola Pública	9ª turma - 1954
99.	Sirley Bastos Marins	Escola Pública	9ª turma - 1954
100.	Suzete Pacheco Soares	Escola Pública	9ª turma - 1954
101.	Wilma Arlindo Felix	Escola Pública	9ª turma - 1954
102.	Benedita Pereira Gomes	Escola Pública	10ª turma - 1955
103.	Cremilda Carvalho Rangel	Escola Pública	10ª turma - 1955
104.	Dircéa de Azevedo	Escola Pública	10ª turma - 1955
105.	Elvia Barreto de Salles	Escola Pública e CENSA	10ª turma - 1955
106.	Ignês Burla	Escola Pública	10ª turma - 1955
107.	Ilse Abreu de Oliveira	Escola Pública - Cambuci	10ª turma - 1955
108.	Leonor Brandão Terra	Escola Pública	10ª turma - 1955
109.	Luzia Campos Monteiro	Escola Pública	10ª turma - 1955
110.	Maria Angela da Silva Terra	Escola Pública	10ª turma - 1955
111.	Maria Edith Pellegrini Gomes	Escola Pública	10ª turma - 1955
112.	Maria Eliete Barroso Pacheco	Escola Pública	10ª turma - 1955
113.	Maria José da Silva Maia	Escola Pública - Niterói	10ª turma - 1955
114.	Mª Lenice Faria de Carvalho	Escola Pública	10ª turma - 1955
115.	Maria Lucia Moreira Pinto	Escola Pública	10ª turma - 1955
116.	Maria Salvadora Silva	Escola Pública	10ª turma - 1955
117.	Marila Carvalho	Escola Pública em Niterói	10ª turma - 1955
118.	Marta Angela Tavares Crespo	Escola Pública	10ª turma - 1955
119.	Nelia Guedes Aguiar	Escola Pública	10ª turma - 1955
120.	Nilcéa Bastos Figueira	Escola Pública	10ª turma - 1955
121.	Ninete de Azevedo Campos	Escola Pública	10ª turma - 1955
122.	Therezinha Esterques Baptista	Escola Pública	10ª turma - 1955
123.	Rosane de Oliveira Baptista	Escola Pública	10ª turma - 1955
124.	Vanice Gusmão de A. Prazeres	Escola Pública	10ª turma - 1955
125.	Alzira da Silva Santos	Escola Pública	11ª turma – 1956
126.	Ana Maria Monteiro	Escola Pública	11ª turma – 1956
127.	Anna Maria Siqueira Barbosa	Escola Pública	11ª turma – 1956
128.	Carmem Célia Seixas	Professora e Médica	11ª turma – 1956
129.	Carmina de V. Alvarenga	Escola Pública - Petrópolis	11ª turma – 1956
130.	Eliane Cruz Isabel	Escola Pública	11ª turma – 1956
131.	Elsa de Souza Azevedo	Escola Pública	11ª turma – 1956
132.	Elza de Carvalho Villela	Escola Pública – Cabo Frio	11ª turma – 1956
133.	Iêda M. Boechat de Aquino	Escola Pública	11ª turma – 1956
134.	Iracy Teixeira	Escola Pública	11ª turma – 1956
135.	Isa Barreto Salles	Professora e Jornalista	11ª turma – 1956
136.	Lucia Maria Ribeiro Pereira	Escola Pública – Nova Friburgo	11ª turma – 1956
137.	Magali dos Santos Cruz	Escola Pública	11ª turma – 1956
138.	Magda Marinho Medrado	Escola Pública	11ª turma – 1956
139.	Maria Clara Mattoso Chagas	Escola Pública – Diretora; FAFIC	11ª turma – 1956
140.	Maria da Conceição A. Gomes	Escola Pública	11ª turma – 1956
141.	Maria Gilza Silva	Escola Pública	11ª turma – 1956
142.	Maria Helena Carneiro Wagner	Escola Pública e FAFIC	11ª turma – 1956
143.	Maria Helena Féres Barbosa	Escola Pública	11ª turma – 1956
144.	Maria Lucia Figueiredo Enne	Escola Pública – Cabo Frio	11ª turma – 1956
145.	Maria Magdallena Carvalho	Escola Pública	11ª turma – 1956
146.	Maria Marta Costa Rangel	Escola Pública	11ª turma – 1956

147.	Maria Tereza Barcelos Passos	Escola Pública	11ª turma – 1956
148.	Marilene Linhares Correa	Escola Pública	11ª turma – 1956
149.	Marlene dos Santos Cruz	Escola Pública	11ª turma – 1956
150.	Nazira Abib Oliveira Vargas	Escola Pública	11ª turma – 1956
151.	Nelita Araujo Pessanha	Escola Pública	11ª turma – 1956
152.	Odete Fernandes Nogueira	Escola Pública	11ª turma – 1956
153.	Philomena Ferreira Amaral	Escola Pública	11ª turma – 1956
154.	Rita Maria D'Eça Mendes	Escola Pública	11ª turma – 1956
155.	Rosaly Gusmão de A. Prazeres	Escola Pública	11ª turma – 1956
156.	Silésia Cordeiro de Abreu	Escola Pública	11ª turma – 1956
157.	Terezinha Ferraiuoli	Escola Pública	11ª turma – 1956
158.	Valdéia Rodrigues Simões	Escola Pública	11ª turma – 1956
159.	Zilma Pacheco da Boa Morte	Escola Pública – Coordenadora do Ensino Portadores de Deficiência	11ª turma – 1956
160.	Aliane Tavares Bravo	Escola Pública -Niterói e Campos	12ª turma – 1957
161.	Aliete Siqueira Vianna	Escola Pública	12ª turma – 1957
162.	Aracy Peixoto Venâncio	Escola Pública	12ª turma – 1957
163.	Arlene Neto Campinho	Escola Pública	12ª turma – 1957
164.	Dalva Govel Caspary	Escola Pública	12ª turma – 1957
165.	Delma Pessanha de Souza	Escola Pública	12ª turma – 1957
166.	Elria Guimarães Parente	Escola Pública	12ª turma – 1957
167.	Ely Riscado da Silveira	Escola Pública	12ª turma – 1957
168.	Eny Abdalla Chacur	Escola Pública e comércio	12ª turma – 1957
169.	Gilda Auxil. da Costa Carneiro	Escola Pública	12ª turma – 1957
170.	Hélia Vellasco	Escola Pública	12ª turma – 1957
171.	Helle-Nice Lopes	Escola Pública – IEPAM (23a) e CENSA – Particular (14a).	12ª turma – 1957
172.	Heloisa Salvadora de Carvalho	Professora e Assistente Social	12ª turma – 1957
173.	Ivanette Duncan de Miranda	Escolas particulares	12ª turma – 1957
174.	Laize Araujo de Azevedo	Escola Pública	12ª turma – 1957
175.	Léa Vellasco	Escola Pública	12ª turma – 1957
176.	Lenilce de Campos Ribeiro	Escola Pública	12ª turma – 1957
177.	Mª Clotildes Lopes Nogueira	Escola Pública	12ª turma – 1957
178.	Maria Faria Carvalho	Escola Pública - Cambuci	12ª turma – 1957
179.	Maria Leonor Lopes Rodrigues	Escola Pública	12ª turma – 1957
180.	Maria Lucia Carvalho Pinheiro	Escola Pública - Niterói	12ª turma – 1957
181.	Mª Tereza Carvalho Nogueira	Escola Pública	12ª turma – 1957
182.	Maria Therezinha Murad	Escola Pública - IEPAM	12ª turma – 1957
183.	Maria Flávia Vianna Barbeitas	Escola Pública	12ª turma – 1957
184.	Neila Sobral Ferraz	Escola Pública	12ª turma – 1957
185.	Solange Ribeiro do Rosário	Escola Pública	12ª turma – 1957
186.	Sonia Maria Gomes Ribeiro	Escola Pública - Niterói	12ª turma – 1957
187.	Sonia Oliveira Almeida	Secretária Escola Pública - Rio	12ª turma – 1957
188.	Roseli Araujo Gomes	Escola Pública	12ª turma – 1957
189.	Yvonne Moreira da Rocha	Professora - Niterói	12ª turma – 1957
190.	Angela Maria D'Angelo Dias	Escola Pública	13ª turma – 1958
191.	Anna Maria Cardoso Barbosa	Escola Pública - Niterói	13ª turma – 1958
192.	Celia Marins Peixoto	Escola Pública	13ª turma – 1958
193.	Conceição de Mª Pinto Nunes	Professora e Odontóloga	13ª turma – 1958
194.	Derly de Azevedo Vaz	Escola Pública	13ª turma – 1958
195.	Elza das Mercês Paes Ferreira Landim	Escola Pública – Faculdade de Direito e hoje advoga no CENSA	13ª turma – 1958
196.	Helena Gonçalves Bousquet	Escola Pública – Rio das Ostras	13ª turma – 1958
197.	Helvia Correa Soares	Escola Pública	13ª turma – 1958
198.	Ignês de Maria Alves de Almeida	Escola Pública e funcionária do Tribunal de Justiça do Trabalho	13ª turma – 1958
199.	Iolanda de Azevedo Vaz	Escola Pública	13ª turma – 1958
200.	Irema Terezinha A. Barbeitas	Escola Pública - IEPAM	13ª turma – 1958
201.	Isa Martins Ribeiro	Faculdade Filosofia de Campos	13ª turma – 1958

202.	Lais Soares	Escola Pública	13ª turma – 1958
203.	Leda Martins de Aquino	Escola Pública	13ª turma – 1958
204.	Lela Maria de Moraes Manhães	Escola Pública	13ª turma – 1958
205.	Leny Nagen	Escola Pública	13ª turma – 1958
206.	Mª Alice Venâncio Manhães	Escola Pública	13ª turma – 1958
207.	Maria Angela Moreira Pinto	Escola Pública e Particular	13ª turma – 1958
208.	Maria Anice Martins Dias	Escola Pública - Niterói	13ª turma – 1958
209.	Mª Astrid de Castro Monteiro	Escola Pública – São Fidelis	13ª turma – 1958
210.	Maria da Glória F. de Amorim	Escola Pública – São Fidelis	13ª turma – 1958
211.	Maria da Penha de V. Luna	Escola Pública	13ª turma – 1958
212.	Mª Lucia de Vasconcelos Luna	Escola Pública	13ª turma – 1958
213.	Maria Parrini	Escola Pública	13ª turma – 1958
214.	Maria Sidneya Ramos	Escola Pública – Santa Maria	13ª turma – 1958
215.	Marilene Pereira Machado	Escola Pública	13ª turma – 1958
216.	Marizete Manhães Nascimento	Escola Pública - Niterói	13ª turma – 1958
217.	Marizete Pestana da Silva	Escola Pública	13ª turma – 1958
218.	Marlene de Oliveira Barreto	Escola Pública	13ª turma – 1958
219.	Mary Silva Rocha	Professora e Advogada	13ª turma – 1958
220.	Nancy Tavares da Silva	Escola Pública - Niterói	13ª turma – 1958
221.	Rosana Balbi Gonçalves	Escola Pública	13ª turma – 1958
222.	Sonia Maria de Souza Pinto	Escola Pública e Particular	13ª turma - 1958
223.	Têda Jousane Gonçalves	Escola Pública	13ª turma – 1958
224.	Terezinha Rodrigues Rangel	Escola Pública	13ª turma – 1958
225.	Thereza Soares Gomes	Escola Pública	13ª turma – 1958
226.	Terezinha Faria Carvalho	Escola Pública - Cambuci	13ª turma – 1958
227.	Vilma Longo Braz	Escola Pública	13ª turma – 1958
228.	Ivane Barros de Almeida	Escola Pública	13ª turma – 1958
229.	Zeny Manhães da Silva	Escola Pública – Santa Maria	13ª turma – 1958
230.	Adiléa Falcão	Escola Pública	14ª turma – 1959
231.	Alcione Fernandes	Escola Pública – S. Fidelis	14ª turma – 1959
232.	Amaryllis Tinoco Dias	Escola Pública e Odontóloga	14ª turma – 1959
233.	Ana Maria Barbosa Coutinho	Escola Pública	14ª turma – 1959
234.	Ana Maria Barros de Freitas	Escola Pública	14ª turma – 1959
235.	Ana Maria Freitas dos Santos	Faculdade Filosofia de Campos	14ª turma – 1959
236.	Ana Maria Nunes de Carvalho	Escola Pública	14ª turma – 1959
237.	Anair Bastos da Cruz	Escola Pública	14ª turma – 1959
238.	Angela Maria Martins Coutinho	Escola Pública	14ª turma – 1959
239.	Annamaria Stutzer	Escola Pública – S. João da Barra	14ª turma – 1959
240.	Célia Maria Isabel A. Pereira	Escola Pública – Quissamã	14ª turma – 1959
241.	Claudia Maria das Mercês Paes Ferreira Landim	Escola Pública e SENAI-Rio	14ª turma – 1959
242.	Dulce Maria Figueiredo	Escola Pública	14ª turma – 1959
243.	Edda Vicencia Granato	Escola Pública	14ª turma – 1959
244.	Edméa Alves Machado	Escola Pública - Macaé	14ª turma – 1959
245.	Ely Rocha	Escola Pública – Cardoso Moreira	14ª turma – 1959
246.	Eros Volusia Seixas	Escola Pública e FAFIC	14ª turma – 1959
247.	Gilda Pereira Bastos	Escola Pública - Cambuci	14ª turma – 1959
248.	Helena Tinoco Dias	Escola Pública	14ª turma – 1959
249.	Helvia Ney Silveira	Escola Pública - Niterói	14ª turma – 1959
250.	Ilceir Maria Miranda	Escola Pública e CENSA	14ª turma – 1959
251.	Isaura Gonçalves Bousquet	Escola Particular - CENSA	14ª turma – 1959
252.	Jaline Castro	Escola Pública - Macaé	14ª turma – 1959
253.	Jurandira Claudino	Escola Pública	14ª turma – 1959
254.	Laura Peçanha Ribeiro	Escola Pública/Advogada- Niterói	14ª turma – 1959
255.	Mª Auxiliadora Azevedo Campos	Escola Pública	14ª turma – 1959
256.	Maria Célia Barbosa Gabriel	Escola Pública – Quissamã	14ª turma – 1959
257.	Maria Eugênia Previtali	Escola Pública – Quissamã	14ª turma – 1959
258.	Mª Lucia de Paula Guimarães	Escola Pública - MG	14ª turma – 1959
259.	Maria Teresa Assed	Escola Pública e Advogada	14ª turma – 1959

260.	Maria Barreto de Salles	Escola Pública – Bom Jesus	14ª turma – 1959
261.	Marisa Barcelos Manhães	Escola Pública	14ª turma – 1959
262.	Neusa Maria Rocha	Escola Pública	14ª turma – 1959
263.	Ruth Azevedo Monteiro	Escola Particular	14ª turma – 1959
264.	Therezinha Previtali Baptista	Escola Pública - Quissamã	14ª turma – 1959
265.	Vania Maria Pessanha da Silva	Escola Pública	14ª turma – 1959
266.	Vera Lucia Gomes Brum	Escola Pública	14ª turma – 1959
267.	Yeda Maria Fitaroni	Escola Pública – Bom Jesus	14ª turma – 1959
268.	Zenite Maria Rezende de Paula	Escola Pública e Particular – Laje de Muriaé	14ª turma – 1959
269.	Alcidéa Gonçalves Guimarães	Escola Pública - Diretora	15ª turma – 1960
270.	Ana Maria Gomes Lopes	Escola Pública	15ª turma – 1960
271.	Ana Maria Valle Macedo	Escola Pública	15ª turma – 1960
272.	Carmita Rangel Alvarenta	Escola Pública	15ª turma – 1960
273.	Deolani Lopes Manhães	Escola Pública	15ª turma – 1960
274.	Edir Chaves Dias	Escola Pública	15ª turma – 1960
275.	Elba Maria Rocha	Escola Pública	15ª turma – 1960
276.	Eloisa Helena de O. Caldas	Escola Pública	15ª turma – 1960
277.	Etiene da Silveira Azevedo	Escola Pública	15ª turma – 1960
278.	Euciléa Sarlo Parente	Escola Pública	15ª turma – 1960
279.	Eudimar Teixeira Moura	Escola Pública	15ª turma – 1960
280.	Francisca Lopes Rodrigues	Escola Pública	15ª turma – 1960
281.	Hélvia Guimarães Parente	Escola Pública	15ª turma – 1960
282.	Janilce de Freitas Rangel	Escola Pública	15ª turma – 1960
283.	Joelma Sampaio Barbosa	Escola Pública	15ª turma – 1960
284.	Jussara Clark	Escola Pública e Universidade Federal de Serviço Social	15ª turma – 1960
285.	Lélia Mª Martins Vasconcelos	Escola Pública	15ª turma – 1960
286.	Liene Torres Perissé Duarte	Escola Pública	15ª turma – 1960
287.	Lucia Gomes Ribas	Escola Pública e Faculdade de Letras em Niterói	15ª turma – 1960
288.	Lucia Morena Clark	Escola Pública- Assistente Social, Professora e diretora da UFF	15ª turma – 1960
289.	Magdala França Vianna	Escola Pública e Faculdade Letras	15ª turma – 1960
290.	Marcia da Silveira Novo	Escola Pública	15ª turma – 1960
291.	Marcia Pereira Pontes	Escola Pública	15ª turma – 1960
292.	Margarida Duarte Barreto	Escola Pública	15ª turma – 1960
293.	Mª Angélica Cerqueira Marins	Escola Pública	15ª turma – 1960
294.	Maria Auxiliadora Vargas	Escola Pública	15ª turma – 1960
295.	Mª da Graça V. Perissé Duarte	Escola Pública	15ª turma – 1960
296.	Maria Helena Amado	Escola Pública	15ª turma – 1960
297.	Mª Helena dos S. Machado	Escola Pública	16ª turma – 1961
298.	Maria José Azevedo Martins	Escola Pública – São Gonçalo	16ª turma – 1961
299.	Maria José Pereira Coelho	Escola Pública	15ª turma – 1960
300.	Maria Layse de O. Pessoa	Escola Pública e Particular	15ª turma – 1960
301.	Maria Luiza Ennes Cordeiro	Escola Pública	15ª turma – 1960
302.	Maria Rosália Borges	Escola Pública	15ª turma – 1960
303.	Maria Vilcéa Soares Azevedo	Escola Pública	15ª turma – 1960
304.	Marilda Martins Dias	Escola Pública	15ª turma – 1960
305.	Marilda Pelegrini Gomes	Escola Pública	15ª turma – 1960
306.	Marília Paes Lusitano	Escola Pública	15ª turma – 1960
307.	Nélia Gomes Araújo	Escola Pública	15ª turma – 1960
308.	Nelice Pacheco Falquer	Escola Pública	15ª turma – 1960
309.	Rosa Maria Andrade da Silva	Escola Pública – Escola Técnica	15ª turma – 1960
310.	Terezinha de Jesus Chaves	Escola Pública	15ª turma – 1960
311.	Theda Vasconcelos Marins	Escola Pública	15ª turma – 1960
312.	Therezinha Aguiar Pereira	Escola Pública	15ª turma – 1960
313.	Vanda Campos	Escola Pública – S. Pedro de Itabapoana/ES	16ª turma – 1961

314.	Zonaide Araujo Silveira	Escola Pública	15ª turma – 1960
315.	Ana Maria de Oliveira Martins	Escola Pública	16ª turma – 1961
316.	Ana Maria Wanderlei Nasser	Escola Pública e Advogada (ES)	16ª turma – 1961
317.	Arlete Wagner Alves	Faculdade Serviço Social	16ª turma – 1961
318.	Conceição de Maria Pedrosa	Escola Pública	16ª turma – 1961
319.	Ilza Pacheco Boa Morte	Escola Pública	16ª turma – 1961
320.	Izabel Mariana Barreto	Escola Pública	16ª turma – 1961
321.	Josilma da Silveira Paes	Escola Púb./Casemiro de Abreu	16ª turma – 1961
322.	Latife Jorge Haddad	Escola Pública	16ª turma – 1961
323.	Mª Aparecida L. de Almeida	Escola Pública	16ª turma – 1961
324.	Maria de Lourdes Assis	Faculdade em Niterói	16ª turma – 1961
325.	Maria Helena de Paula	Professora da Universidade	16ª turma – 1961
326.	Maria José Salvo	Escola Pública	16ª turma – 1961
327.	Maria Lucia de Castro Monteiro	Escola Pública	16ª turma – 1961
328.	Maria Tereza Nunes Falcão	Escola Pública	16ª turma – 1961
329.	Maria Terezinha de Oliveira	Escola Pública	16ª turma – 1961
330.	Marisa Machado Vasconcelos	Escola Pública	16ª turma – 1961
331.	Marlene Soares de Azevedo	Escola Pública	16ª turma – 1961
332.	Marcia da Silveira Novo	Escola Pública	16ª turma – 1961
333.	Mirian da Rocha Wagner	Escola Pública	16ª turma – 1961
334.	Nelma Barros Monteiro	Escola Pública	16ª turma – 1961
335.	Nelsa Maria Carvalhal Ribeiro	Escola Pública	16ª turma – 1961
336.	Nilcea Monteiro Viana	Secretaria de Educação - Niterói	16ª turma – 1961
337.	Nisia Mª Venâncio Manhães	SME como inspetora de escolas	16ª turma – 1961
338.	Raquel Maria de Abreu	Professora na Faculdade	16ª turma – 1961
339.	Rosenir de Oliveira Batista	Escola Pública e Faculdade	16ª turma – 1961
340.	Sonia Lontra Costa	Escola Pública	16ª turma – 1961
341.	Thereza Maria Pereira da Silva	Escola Pública - Quissamã	16ª turma – 1961
342.	Ulicéa de Almeida Cordeiro	Escola Pública e CENSA	16ª turma – 1961
343.	Vania Granato	Escola Pública	16ª turma – 1961
344.	Veralucia Gomes Dangelo	Escola Pública	16ª turma – 1961
345.	Vera Lucia Pereira Coelho –	Escola Pública - advogada	16ª turma – 1961
346.	Vilma Granato	Escola Pública	16ª turma – 1961
347.	Vilma Siqueira Manhães	Escola Pública	16ª turma – 1961

Fonte: Organizado por LOPES, 2012, com as informações dos questionários, entrevistas e telefonemas para: Leda Martins de Aquino, Deciléa Lobo Azevedo, Arlete Armindo Felix, Zilda Venâncio Petrucci, Cecília Nogueira Martins, Vanice Gusmão de Alvarenga Prazeres, Marilene Linhares Correa, Maria Clotildes Lopes Nogueira, Wilma Armindo Felix, Ignes Burla, Isaura Gonçalves Busquet, Latife Jorge Haddad, Joelma Barbosa, Jussara Clark, Alcidéa Gonçalves Guimarães, Elizabeth Nogueira Aguiar, Neuza Maria Rocha e Helle-Nice Lopes, entre os dias 19 a 31 de agosto de 2012 e Aliete Vianna Lopes, Heloisa Rocha em 27/08/2013.

ASSOCIAÇÕES DO GENNSAC/RJ

QUADRO 18: Associações do GENNSAC/R161

ANO	ANJ	JM	ASP. FM	FM	DMA-DEV- MA	GH	UAM	Ex- Aluna
1926	54	-	-	44	52	-	-	-
1927	49	-	-	50	53	-	-	-
1928	-	-	-	-	-	-	-	-
1929	52	-	27	85	50	-	-	-
1930	42	44	32	80	62	40	-	-
1931	20	50	68	150	400	-	-	-
1932	64	-	18	157	123	-	-	-
1933	64	-	40	150	-	-	-	52
1934	46	-	67	130	-	-	-	43
1935	56	-	34	158	401	-	-	89
1936	70	-	-	-	100	-	-	94
1937	38	23	22	80	17	65	-	25
1938	38	23	15	112	122	38	-	86
1939	38	38	26	122	229	65	-	105
1940	38	-	12	95	255	118	-	152
1941	38	-	17	70	270	118	-	205
1942	-	-	18	-	373	117	-	253
1943	-	-	44	6	103	-	-	260
1944	-	-	16	42	43	-	-	416
1945	-	-	-	46	25	42	-	399
1946	20	22	11	69	433	-	-	362
1947	28	26	7	6	109	-	-	389
1948	30	-	41	42	417	31	-	365
1949	23	-	8	-	413	-	-	383
1950	43	-	-	-	401	-	165	389
1951	411	-	515	403	702	-	120	1.213
1952	35	103	25	56	181	57	-	40
1953	40	208	18	83	1.470	56	280	460
1954	270	250	27	355	1.373	206	-	570
1955	687	354	40	88	954	334	-	372
1956	65	172	23	26	195	349	-	438
1957	-	-	25	70	1.144	559	-	861
1958	849	442	28	77	1.183	803	-	700
1959	864	488	42	13	1.252	632	-	729
1960	898	596	26	383	1.257	732	-	770

Fonte: Organizado por LOPES, 2012, com as informações das Crônicas e Estatísticas da Casa.

¹⁶¹ **Legenda:** Anjinhos [Anj], Jardim de Maria [JM], Aspirantes a Filhas de Maria [Asp], Filhas de Maria [FM], Damas de Maria Auxiliadora [DMA], Devotas de Maria Auxiliadora [DevMA], Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus [GH], Obra dos Tabernáculos [OT], União Associação das Mães [UAM] e União das Ex-alunas [UESC]. demonstração estatística [incompleta] das associações que existiam no Colégio Auxiliadora.

MATRIZ CURRICULAR - 1955

QUADRO 19: Distribuição de Disciplinas por Ano/Série - Curso Normal de segundo ciclo do Colégio N. S. Auxiliadora - 1955

Nº	Disciplinas	Séries		
		1ª	2ª	3ª
1.	Português	x	x	x
2.	Matemática	x	x	-
3.	Geografia da América	x	-	-
4.	Geografia do Brasil, especialmente do RJ	-	x	-
5.	História da América	x	-	-
6.	Historia do Brasil, especialmente do RJ	-	x	-
7.	Física e Química	x	-	-
8.	Anatomia e Fisiologia Humanas	x	-	-
9.	Biologia Educacional	-	x	-
10.	Higiene e Educação Sanitária	-	x	-
11.	Higiene e Puericultura	-	-	x
12.	Psicologia Educacional e Noções de Estatística	-	x	x
13.	Metodologia do Ensino Primário	-	x	x
14.	Pratica de Ensino	-	-	x
15.	Sociologia Educacional	-	-	x
16.	História e Filosofia da Educação	-	-	x
17.	Noções de Agricultura	-	-	x
18.	Desenho e Artes Aplicadas	x	x	x
19.	Música e Canto Orfeônico	x	x	x
20.	Educação Física – Recreação e Jogos	x	x	x

Fonte: ACENSA, organizado por LOPES, 2012.

QUADRO 20: Distribuição de Disciplinas por Ano/Série - Curso Normal do Segundo Ciclo do Instituto de Educação de Campos (1955-1957).

Quadro 2: Distribuição de Disciplinas por Ano/Série-1955-1957 (Elaboração Própria)

Disciplinas	1ª Série	2ª Série	3ª Série
Português	x	x	x
Matemática	x	x	-
Geografia da América	x	-	-
Geografia do Brasil, esp. do Estado do Rio	-	x	-
História da América	x	-	-
História do Brasil, esp. do Estado do Rio	-	x	-
Física e Química	x	-	-
Anatomia e Fisiologia Humanas	x	-	-
Biologia Educacional	-	x	-
Higiene e Educação Sanitária	-	x	-
Higiene e Puericultura	-	-	x
Sociologia Educacional	-	-	x
História e Filosofia da Educação	-	-	x
Psicologia Educacional e Noções de Estatística	-	x	-
Psicologia Educacional	-	-	x
Metodologia do Ensino Primário	-	x	x
Prática de Ensino	-	-	x
Noções de Agricultura	-	-	x
Desenho e Artes Aplicadas	x	x	x
Música e Canto Orfeônico	x	x	x
Educação Física	x	x	-
Ed. Física, Recreação e Jogos	-	-	x

FONTE: Ficha de Vida Escolar de aluna formada pelo IEC, no período de 1955-1957. Arquivo ISEPAM

Fonte: CRESPO 2009, p. 84.

MATRIZ CURRICULAR E PROFESSORES 1961

QUADRO 21: Matriz/Grade Curricular e professores do Curso Normal de Segundo Ciclo do Auxiliadora, ano 1961

Nº	Disciplinas		Séries			Professoras (es)
			1ª	2ª	3ª	
1.	Anatomia e Fisiologia Humana		x	-	-	Ir. Heloisa Cruz Murgel
2.	Biologia Educacional		-	x	-	Ir. Heloisa Cruz Murgel
3.	Desenho e Artes Aplicadas		x	x	x	Ir. Flausina Ladeira
4.	Didática Geral		-	x	x	Ir. Cleyde Maria Rocha
5.	Didática Especial	Ciências Naturais	-	-	x	Ir. Cleyde Maria Rocha
6.		Ciências Sociais	-	-	x	Ir. Cleyde Maria Rocha
7.		Linguagem	-	-	x	Ir. Cleyde Maria Rocha
8.		Matemática	-	-	x	Ir. Cleyde Maria Rocha
9.	Educação Física, Recreação e Jogos		x	x	x	Graubem Barbosa Leite
10.	Física e Química		x	-	-	Ir. Heloisa Murgel
11.	Geografia da América e do Brasil		x	-	-	Ir. Maria Faro Carvalho
12.	Higiene e Educação Sanitária		-	x	-	Irene Abreu de Azevedo
13.	Higiene e Puericultura		-	-	x	Irene Abreu de Azevedo
14.	História da América e do Brasil		-	x	-	Maria da Gloria Lahud
15.	História e Filosofia da Educação		-	-	x	Roberto Wilson Fernandes
16.	Matemática e Noções de Estatística		x	x	-	Ir. Zilda Assis de Castro
17.	Música e Canto Orfeônico		x	x	x	Ir. Elsie Martins Sette Câmara
18.	Português		x	x	x	Ir. Yolanda A. Ladeira Maria Vitoria de Souza Pinto
19.	Psicologia Educacional		-	x	x	Ir. Joana Fernandes Rodrigues
20.	Sociologia Educacional		-	-	x	Ir. Joana Fernandes Rodrigues
21.	Religião		x	x	x	

Fonte: ACENSA, organizado por LOPES, 2012.

Tabela 1 - Disciplinas ministradas na Escola Normal de Campos depois da Lei Orgânica

Disciplinas	1ª série	2ª série	3ª série
Português	X	X	X
Matemática	X	X	
Geografia da América	X		
História da América	X		
Física e Química	X		
Anatomia e Fisiologia Humanas	X		
Desenho/Artes Industriais	X	X	X
Música e Canto Orfeônico	X	X	X
Educação Física, Recreação e Jogos	X	X	X
Biologia Educacional		X	
Metodologia do Ensino Primário		X	X
Higiene e Educação Sanitária		X	
Psicologia Educacional e Noções de Estatística		X	X
História do Brasil		X	
Geografia do Brasil		X	
História e Filosofia da Educação			X
Sociologia Educacional			X
Higiene e Puericultura			X
Noções de Agricultura			X
Prática de Ensino			X

Fonte: Elaboração própria

Fonte: AGUM, Fernanda Serafim. "A memória da formação docente em Campos dos Goytacazes: o caso da Escola Normal (1947-1954)". VERTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 13, n. 3, p. 189-204, set./dez. 2011, p. 196.

PONTOS DA PROVA PARCIAL – 1943

QUADRO 22: Pontos da 1ª e 2ª prova parcial Curso Normal do ano de 1943 – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

Pontos das provas parciais Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – 1943				
CADEIRA	Nº - Nome do Ponto – 1ª Prova Parcial – 2º Ano 26-29/07/1943	Ano 1943 Julh	Nº - Nome do Ponto – 2ª Prova Parcial – 2º Ano 06-13/11; 01-06/12/1943	Ano 1943 Nov e Dez
Pedagogia	1-O papel do mestre na Escola Nova 2-A pedagogia como arte e Ciência (sorteado) X 3- Diversos conceitos de educação 4- Conceitos diversos sobre a Escola Nova 5- Fatores intrínsecos da Educação 6- Fatores extrínsecos da Educação 7- Educação Integral 8- Testes 9- Ciências nas quais a pedagogia se baseia 10- Princípios gerais da ciência pedagógica 11- Aprendizagem: motivação, funções, leis, aprendizagem principal e concomitante, sincretismo infantil e a globalização na aprendizagem. 12- Aprendizagem: método e aprendizagem, projeto e aprendizagem aprendizagem, jogos e aprendizagem. Método de Thayer, psicologia da aprendizagem. 13- Problemas estatísticos 14- Leitura: conceito histórico, análise e motivação. 15- Leitura oral e silenciosa. Trabalhos e meios. Métodos.	X	1- Programas e horários – os centros de interesse 2- Princípios gerais de ensino 3- Diversos conceitos de educação 4- O mestre da escola nova 5- Leitura: conceito - histórico-análise do ato de ler – motivação de leitura. 6- Fatores intrínsecos da educação 7- A Escola Nova: características: Montessori- Decroly e Dewey 8- Matemática – raciocínio na criança- os problemas- o cálculo e as operações Testes 9- Metodologia da Geografia 10- Períodos de leitura - Alfabetização 11- O método de projetos 12- Leitura: método – leitura oral e silenciosa 13- aprendizagem: motivação, função -leis 14- Educação Integral 15- Testes 16- <u>Aprendizagem, globalização, sincretismo infantil</u> X 17- Problemas estatísticos da educação 18- Aprendizagem: método-projeto e aprendizagem – jogos – método de Thayer. Psicologia da aprendizagem 19- Conceitos diversos sobre escola nova	X
Sociologia	1-Sendo a educação o processo de contínua reorganização e construção de experiência, é um processo individual e pessoal ou um processo social? 2- A educação é para a vida social aquilo que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica 3- Qual é a significação social da família? Que funções exerce? É ela necessária à existência humana e ao progresso? 4- Agências sociais, não escolares, que educam 5- Determinar a diferença entre mudança social, movimento social, mobilidade social, evolução social, revolução social, progresso social. 6- O progresso social e a educação. Conceito de Tristão de Ataíde e de Spencer 7- O progresso social e a educação. Conceito de Dewey 8- Forças conservadoras e renovadas. A escola progressiva 9- A educação na sociedade primitiva 10- A ação da Igreja Católica na educação 11- Como podemos dividir a Sociologia? Seus campos de investigação 12- Sociedades perfeitas pela sua autonomia e plenitude de recursos que possuem. Sociedades imperfeitas. 13- Qual é o movimento que possui a escola? Conceito de Hêvre 14- O papel da família quanto à educação 15- A educação grega era mística, física ou religiosa? Desenvolver.	X	20- Ciências básicas da pedagogia 1-Sociologia e educação 2-Diversos fenômenos da educação Conceitos de Durkheim 3- A educação, processo social geral 4- A sociedade e a escola 5- O progresso social e a educação 6- Condições de progresso social: a cooperação, a ordem e a continuidade 7- A rotina e o conservantismo na educação 8- A educação na sociedade primitiva 9- A educação depois das guerras médicas 10- A educação romana 11- A ação da Igreja Católica e as universidades 12- Benefícios da colaboração do Estado com a Igreja 13- Renascença e escolas humanistas 14- A contra-reforma e a obra da Companhia de Jesus 15-A história das Constituições e a educação no Brasil 16-Educação para uma civilização em mudança 17-O Estado e a Educação 18- A educação é uma função eminentemente pública 19-A Igreja, o lar, o trabalho e a ação educacional 20- Organização do sistema escolar no Brasil	X
Higiene Geral	1- Higiene, importância, ciclos e divisões 2- Saúde e doença, seus fatores 3- Solo, origem e composição 4- Temperatura e solo 5- Atmosfera telúrica 6- Umidade e solo 7- Micróbios e parasitas do solo 8- Saneamento do solo	X	1-Localização da água no solo 2- Higiene: importância e seus ciclos e divisões 3- Atmosfera telúrica – ventilação do solo 4- Ar 5- Composição do ar 6- Água: origem, composição e circulação 7- Solo: origem, composição 8- Micróbios e parasitas do solo	X

Fonte: ACENSA

PONTOS DA PROVA PARCIAL – 1949

QUADRO 23: Pontos para a prova parcial Curso Normal do ano de 1949

Pontos organizados para a primeira prova parcial			
	2º ano Normal	Ano 1949	Junho
Portugues	1º- a) Bernardim Ribeiro – apreciação 2º- a) Camões – que juízo faz voce, desse escritor e por que? 3º- a) Lusitadas – faça por escrito o seu resumo e comente-o. 4º- a) O que voce mais aprecia em Vieira? 5º- a) Dissertação sobre a vida e as obras de M. Barnardes 6º- a) Escola provençal – poesia 7º- a) Escola espanhola – prosa 8º- a) Escola provençal – prosa 9º- a) Escola Italiana – Antonio Ferreira 10º- a) Escola Italiana ou quinhentista – poesia lirica	b) Regência do verbo “satisfazer” b) Concordância do predicativo b) Concordância do verbo b) Regencia do verbo ensinar b) Regencia do substantivo b) Verbo entrar b) Verbo acolher-se b) Concordância do pronome b) Escola espanhola – prosa b) Escola gongórica –	c) Concordância do adjetivo c) Regencia do verbo acalmar c) Regencia do adjetivo c) Emprego do infinitivo pessoal c) Verbo haver c) Sá Miranda c) Bocage c) Gil Vicente c) João de Barros c) Gabriel de Castro
Geografia do Brasil	1º- a) Barão do Rio Branco 2º- a) Amazonia 3º- a) Brasil república 4º- a) fronteiras Brasil Colonia 5º- a) Secas do nordeste 6º- a) Caxias 7º- a) Litoral do estado do Rio de Janeiro 8º- a) Nilo Pecanha 9º- a) Bacia de S. Francisco 10º- a) Região serrana	b) Siderurgia b) Diogo Antonio Feijó b) baixada do Paraíba b) desenvolvimento da siderurgia Brasil b) Estados b) Domínio da Amazonia b) Poder judicial e legislativo b) Organização politica e administrativa b) Baixada fluminense b) ciclo da borracha	c) Organização política e administrativa c) época liberal democrática c) poder executivo c) dificuldades do conselho nacional c) Historico do conselho de geografia c) Camara dos deputados c) Brasil Republica c) Entradas c) primeira época da Amazônia c) Bandeirantes
Matemática	1º- a) Numeração 2º- a) Divisibilidade, todo número que divide várias parcelas 3º- a) todo número que divide o dividendo e o divisor 4º- a) todo número que divide a soma de duas parcelas 5º- a) Formula da progressão aritmética – determinar l 6º- a) P.A. soma dos termos equidistantes 7º- a) P.A. produto de termos equidistantes 8º- a) logaritmo primeira propriedade 9º- a) redução do primeiro quadrante 10º- a) logaritmos segunda propriedade	b) Logaritmos b) Valores do algarismo b) Pitagoras b) origem da geometria b) dado o logaritmo procurar o ângulo b) Arquimedes b) Soma b) Subtração b) 2º caso triângulo retângulo b) traçado linhas 4º quadrante	c) Divisibilidade, todo número – também a soma c) 3º caso – triângulo e retângulo c) Cologaritmos c) logaritmos c) Plauto e Euclides c) Traçado primeiro quadrante c) Traçado 2º quadrante c) traçado 3º quadrante c) progressão aritmética c) 1º caso, triângulo retângulo
Historia do	1º- a) A terra fluminense no decorrer do século XVI	b) descoberta da América e Brasil	c) expedição colonizadora

Brasil	2º- a) primeiros habitantes 3º- a) inundação do Rio de Janeiro 4º- a) importância da feitoria de Cabo Frio 5º- a) Cabral e o descobrimento 6º- a) hipótese da causalidade e intencionalidade 7º- a) importância da carta de Caminha 8º- a) Mem de Sá 9º- a) os padres Manuel da Nobrega e Navarro 10º- a) capitania de Cabo Frio	b) escpa de Sagres b) Bulas de Alexandre VI b) Tratado de Tordesilhas b) Fundação de São Vicente b) regime das capitanias b) Capitanias de S. Vicente e Pernambuco b) Pero de Góis e seus sucessores b) os indígenas, religião e governo b) Início de Niterói b) cerebelo b) nervos cranianos e raquianos b) bulbo b) núcleos da base do cérebro b) herança e sexo b) darwinismo b) lamarckismo b) diferenças entre seres vivos e seres brutos b) diferenças entre animais e vegetais b) divisão de biologia geral b) Pavlov b) diversas categorias dos anormais b) o cérebro b) a experimentação na psicologia simples b) psicologia experimental e racional b) a mediação b) a extrospecção b) via sensitiva e via motora b) métodos gerais e especiais b) A escala de Binet e Simon b) funções orgânicas – sinergia funcional b) sinergia glandular – hormônios b) portadores de germes b) cuidados pré-nupciais b) importância dos exames de saúde b) contágio da ancilostomose b) o sexo e a doença	c) expedição guarda-costa c) Primeiros descobrimentos c) A terra e o indígena - costumes c) Ararigboia c) o governo geral – Tomé de Souza c) Duarte da Costa c) A catequese dos índios c) o resultado das capitanias c) Governos do Brasil c) Leis de Mendel c) grupos sanguíneos c) sistema nervoso - divisão c) reprodução celular, formação de gametos c) célula c) reprodução celular, mitose c) variação c) centros reflexos e automaticos bulbares c) Mendel c) trotuberancia c) O teste ABC c) caracteres psicológicos c) Watson c) influencia dos fenomenos mentais c) caracteres dos fatos intelectuais c) Wundt c) teste goodnough c) teste Prime c) a observação c) teorias relativas do inconsciente c) imunidade c) classificação das doenças c) endemia, pandemia e epidemia c) isolamento c) condições de saúde c) a verminose c) intoxicações profissionais
Biologia educacional	1º- a) definição e noções gerais de biologi 2º- a) Hipoteses sobre a origem da vida 3º- a) genética noções gerais 4º- a) mendelismo na hereditariedade humana 5º- a) medula 6º- a) ato reflexo 7º- a) cerebelo 8º- a) neoronio 9º- a) localizações celebrais 10º- a) reflexos condicionados		
Psicologia e noções de estatística	1º- a) fatos psicologicos 2º- a) funções do sistema nervoso 3º- a) ciencia, metodo, filosofia e psicologia 4º- a) o consciente, o subconsciente e o inconsciente 5º- a) testes, historico, tipos de criança 6º- a) psicologia, relações psicologia e educação, 7º- a) Vida organica e vida psiquia 8º- a) metodos da psicologia 9º- a) os diversos testes, idade menta e QI 10º- a) a extrospecção e a experimentação		
Higiene e educação sanitária	1º- a) higiene, conceito e historico 2º- a) saúde, doença, conceito 3º- a) avaliação da saúde 4º- a) causas que provocam a doença 5º- a) profilaxia 6º- a) ciências auxiliares da higiene 7º- a) condições ligadas ao ambiente, favorecem a doença		

Metodologia	8º- a) doenças infecciosas 9º- a) incubação, quarentena 10º- a) intoxicação	b) intoxicações euforísticas b) debilidade e doença b) vigilância sanitária b) O museu escolar b) finalidades do método de Montessori b) Divisão do material didático b) fins da educação, segundo Decroly b) metodo e ciência b) material ilustrativo b) processos indutivos b) A observação b) metodos de projetos, classificação b) a repetição b) tecnica da tecelagem b) tecnica de preparar a madeira b) pintura na madeira b) tecnica de preparação do vaso de barro b) preparação do selo para o vaso de barro b) tecnica de macramé b) centro de toalha de crochê – técnica b) utilidade do macramé b) preparação do tecido para renda turca b) renda turca e simples b) ritmos da musica brasileira b) tom e semitom b) melodia no compasso ternario b) da ligadura – contratempo b) da sintaxe musical b) dos acidentes b) da sintaxe musical b) análise de uma melodia b) dos compassos em geral b) exercicio melodico b) caracteristica da lição de educação fisica b) sessão de estudo – finalidades	c) a herança e a doença c) intoxicações acidentais c) cuidados pré-natais. c) métodos da razão c) Metodo pedagógico c) formas de exposição oral c) Modo individual c) processos dedutivos c) forma expositiva c) métodos didáticos c) Metodo e o professor c) o diagrama c) material de trabalho c) preparação do tecido para aplicação c) rosas de crochê para toalha c) preparação do tecido - ponto turco c) aplicação com ponto turco c) tecnica de armar toalha de crochê c) toalha d crochê c) macramé c) trico, técnica c) tecnica de preparação do vaso c) pintura no vaso de barro c) graus da escala c) vozes - classificação c) Hino Nacional c) escala com bemões c) escalas com sustenidos c) da musica popular c) instrumentos de percussão c) dos valores pontuados c) hino a bandeira c) origem das notas c) flexionamentos c) altura do busco – índice cefalico c) lições de educação física
Artes aplicadas	1º- a) aplicação em madeira 2º- a) aplicação em tecidos, em várias cores 3º- a) trabalhos em barro cozido, vaso inglês 4º- a) aplicação com ponto turco 5º- a) tecelagem 6º- a) preparação da tecelagem 7º- a) aplicação com bainha laçada 8º- a) bicos de renda turca 9º- a) barra de ponto-cruz 10º- a) trabalho de barro		
Musica e canto orfeônico	1º- a) historia da notação musical 2º- a) musica africana 3º- a) evolução da musica no Brasil 4º- a) musica de genero instrumental e vocal 5º- a) folklore nacional de origem portuguesa 6º- a) contribuição europeia na musica brasileira 7º- a) Folclores nacional de origem portuguesa 8º- a) seleção e classificação das vozes 9º- a) folclore de origem africana 10º- a) o piano e sua evolução		
Educação física	1º- a) adaptação do exercicio ao valor fisico do individuo 2º- a) esferas afetivas e emoções 3º- a) sentimetos socias – esfera motriz		

Desenho	4º- a) fogos infantis 5º- a) sentimentos ligados a personalidade 6º- a) agrupamentos homogeneos 7º- a) atração desperta pelo exercicio e verificação 8º- a) esfera intelectual 9º- a) regras gerais a seguir para aplicação do método 10º- a) classificação dos exercicios convenientes a cada ciclo	b) classificação dos exercicios convenientes a cada ciclo b) finalidades da sessão preparatoria b) lição de educação fisica b) esfera evolutiva b) pontos antropometricos craneanos – impares e pares b) cuidados especiais ao ministrar um exercicio novo. b) o ensino, programas e regimes de trabalho para o 4º b) perspectiva de prisma b) motivo para ladrilhos b) desenho ornamental b) copia de uma arara b) um peixe b) um grupo de objetos b) um sistema ornamental b) aplicação de perspectiva de observação b) esboço de uma jarra b) composição de um cartaz para festa de pascoa	c) diâmetros c) composição da lição c) perimetros c) envergadura – índice nasal c) flexionamentos c) cestatura ou talhe c) graus do ciclo elemento c) friso decorativo c) cabeça de perfil c) natureza morta c) diagrama para friso decorativo c) esquema de uma cabeça humana c) uma ave c) acabamento de um esboço c) combinação de cores c) um canário c) desenho do corpo humano
---------	--	---	--

Fonte: ACENSA

PLANO CURRICULAR DA ESCOLA - 1943

QUADRO 24: Plano Curricular da Escola Normal, (2º ano, 1943)

PLANO CURRICULAR ESCOLA NORMAL PROGRAMAS BI-MENSAIS (2º ANO - 1943)

Nº	DISCIPLINAS	CONTEÚDOS ABRIL-MAIO	CONTEÚDOS JUNHO - JULHO	CONTEÚDOS AGOSTO -SETEMBRO	CONTEÚDOS OUTUBRO - NOVEMBRO
1.	Pedagogia	Seu objeto - educação: conceito geral e conceitos diversos- aspectos da educação – fatores da educação – problemas dinâmicos da aprendizagem ativa – leis da aprendizagem – métodos e processos em pedagogia – os testes – educação da vontade e formação da personalidade – educação moral e cívica – pedagogia do conhecimento: educação estética e social – pedagogia da inteligência e suas funções.	Problemas estáticos da educação – organização das classes – testes – metodologia de leitura, escrita, linguagem e matemática.	Educação grega e romana – educadores célebres. Educação na Idade Moderna: Lock, Herbert e Spencer. Metodologia da linguagem Composição, literatura, ortografia e leitura Organização administrativa.	
2.	Higiene e Puericultura	Higiene escolar – noções de higiene – higiene e vida humana – Solo, a erosão, temperatura, humidade e flora microbianas do solo – meios de saneamento – valor económico deste – águas potáveis e poluídas – processo de depuração das águas de consumo –ar – composição normal e acidental do ar – Divisão da higiene – fases porque passou a higiene.	Saúde e doenças – conceito de normalidade – direito à saúde – legislação – fatores de doenças – morfologia microbiana – infecções.	Depuração das águas – Ar- Composição – influência higiênica sobre o ser humano.	
3.	Sociologia	higiene. Sociologia e educação – a necessidade de estudo da sociologia para o educador e para as profissões ligadas à educação – a sociologia geral e seus diversos campos de investigação – sociologias especiais – educacional – o estudo dos fenómenos da educação – a educação – um processo social geral – a sociedade e a escola – Fins e meios científicos da educação.	A evolução histórica do conceito e das instituições de educação através das várias formas de organização social. a) na sociedade primitiva b) na sociedade familiar da antiguidade c) na Idade Média: a ação da Igreja católica e as universidades d) na Idade Moderna Renascentista e a Reforma, a Reação católica, com o relevante papel educacional da Campanha de Jesus e) Da idade contemporânea: a espiritualização da função educacional. Progresso social e educacional.	A História das instituições de Educação no Brasil: a) A ação educadora dos jesuítas b) a desorganização do ensino provocada pelo Marques de Pombal c) D. João VI e os institutos profissionais superiores d) As reformas do ensino do 2º Império e) As reformas do ensino na República.	A família: origem diversas teorias. A família e o estado – a família e a escola – importância social da família – sociologia econômica – problemas econômicos – fatores de produção – os bens, as riquezas – o capital e o capitalismo – a previdência e assistência sociais.
4.	Prática de Ensino	x	Aplicação de testes – escrita escolar – aulas de leitura, escrita, linguagem e matemática.	Aulas práticas de leitura (alfabetização). Aulas de aritmética, educação Física, desenho e trabalho.	
5.	Ciências	x	x		
6.	História	x	x		
7.	Música e Canto Orfeônico	Escalas diatônicas – construção de todas as escalas maiores e menores – escala cromática – construção das escalas cromáticas	Acordes de três e quatro sons – inversões – sons e suas qualidades características – Prática: cantos	Caligrafia musical e exercícios de solfejo.	Solfejo, ditado por audição, intervalos quanto ao número de tons, inversão dos

		– escala geral. Prática: solfejo a duas vozes.	orfeônicos a duas vozes.		mesmos – tonalidade – modo de conhecer a tonalidade principal de um trecho – claves e vozes, escala geral das vozes, claves mais usadas, utilização das claves – história da música.
8.	Educação Física	Lições técnicas – o jogo e a recreação entre os povos antigos – o movimento nos grandes países – o movimento no Brasil e suas condições atuais – seu papel na vida da criança – educação da criança através do brinquedo – aulas práticas.	Estudo dos diversos períodos na vida do indivíduo: características e interesses – o pré-escolar, o escolar e o adolescente – o brinquedo e o material apropriado – o jogo construtivo e criador – tipos de jogos – jogo individual – habilidades simples e interesses superiores – valor educativo.	Tipos de jogos em face dos diferentes períodos na vida do indivíduo - Os jogos como meio de modificar o comportamento - Revelação de atitudes e defeitos - Regras de jogo - Oportunidade para correção das más atitudes - Disciplina e liberdade	A fadiga muscular e nervos, surmenage – a helioterapia e a hidroterapia na educação física - aulas práticas.
9.	Artes	Artes regionais – aproveitamento de várias indústrias locais – rendas de agulha – pequenas indústrias executadas com conchas e escamas de peixe – emprego do coco – coites desenhados – artes decorativas – corte e confecção de diferentes peças de roupa – tricô e crochet.	Macramê, bolsas, cintos – redes, crivos – cestas de arame – caixa de vidro	Confecção de material didático – Aparelhos: nível de bolha, medidas métricas e lâmpadas de querosene, Rendas irlandesas e de milão – Quadros com asas de borboletas – encadernação – trabalhos de couro.	Lógica das interpretações decorativas – formas integradas – a ilustração nas artes decorativas – dominantes elementos complementares
10.	Psicologia				A linguagem na criança – a linguagem e a
					educação, psicologia educacional – objeto, histórico – desenvolvimento físico e mental da criança, o método estatístico – sua função e aplicação.
11.	Biologia				Absorção alimentícia – reservas nutritivas – ciclos do carbono e do azoto, energias – mudanças – as secreções glândulas exócrinas, endócrinas, organismo, períodos da vida, constituição, hábito, temperamento, degeneração senil, seus fenômenos, duração, da vida – hereditariedade, suas modalidades, suas leis – o meio e os organismos.
12.	Agricultura				Plantas têxteis, algodão, flocos de algodão – avicultura – zootecnia – higiene econômica rural – contabilidade agrícola – piscicultura.

Fonte: ACENSA, organizado por LOPES, 2012.

10. Anexo

SÍNTESE DO MÉTODO EDUCATIVO DAS SALESIANAS - 1953

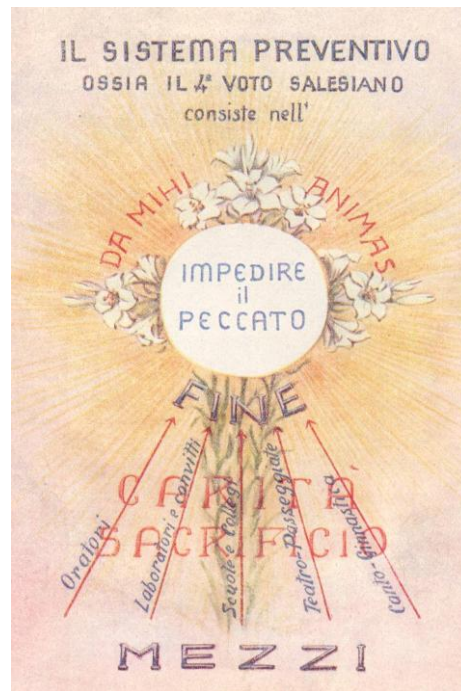
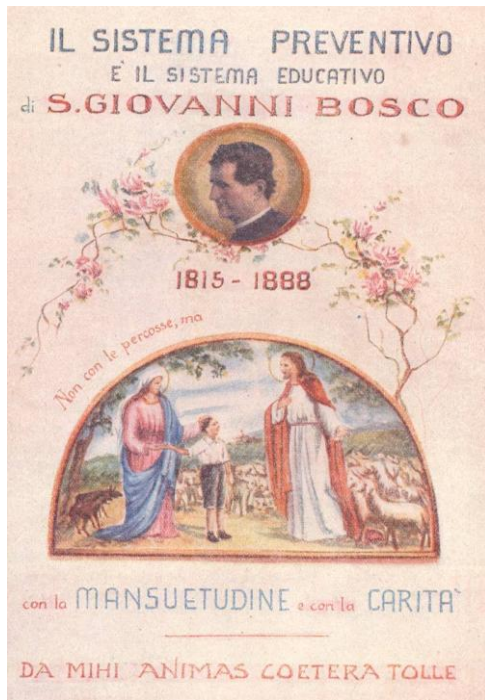


Figura 47 e 48: Programa Educativo das Salesianas

Fonte: Il Sistema Preventivo, Catechismo Illustrato, pro manuscrito, Nápoli, MCMLIII.

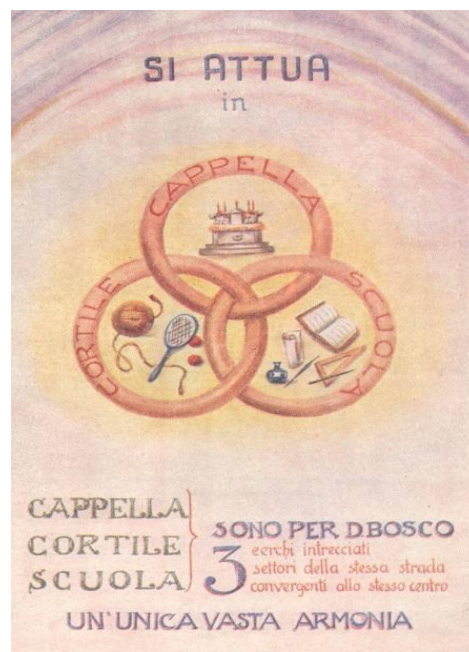
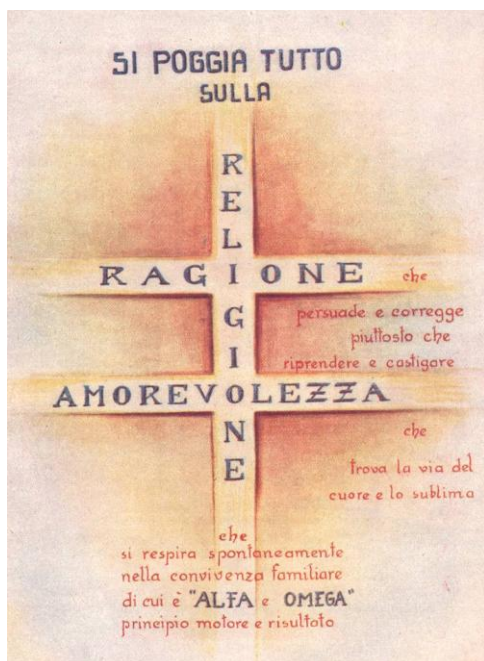


Figura 49 e 50: Programa Educativo das Salesianas

Fonte: Il Sistema Preventivo, Catechismo Illustrato, pro manuscrito, Nápoli, MCMLIII.



Figura 51 e 52: Programa Educativo das Salesianas

Fonte: Il Sistema Preventivo, Catechismo Illustrato, pro manuscrito, Nápoli, MCMLIII.



Figura 53 e 54: Programa Educativo das Salesianas

Fonte: Il Sistema Preventivo, Catechismo Illustrato, pro manuscrito, Nápoli, MCMLIII.

RELAÇÃO DO PESSOAL DO COLÉGIO – CRÔNICA DA CASA DAS IRMÃS: 1925 e 1940

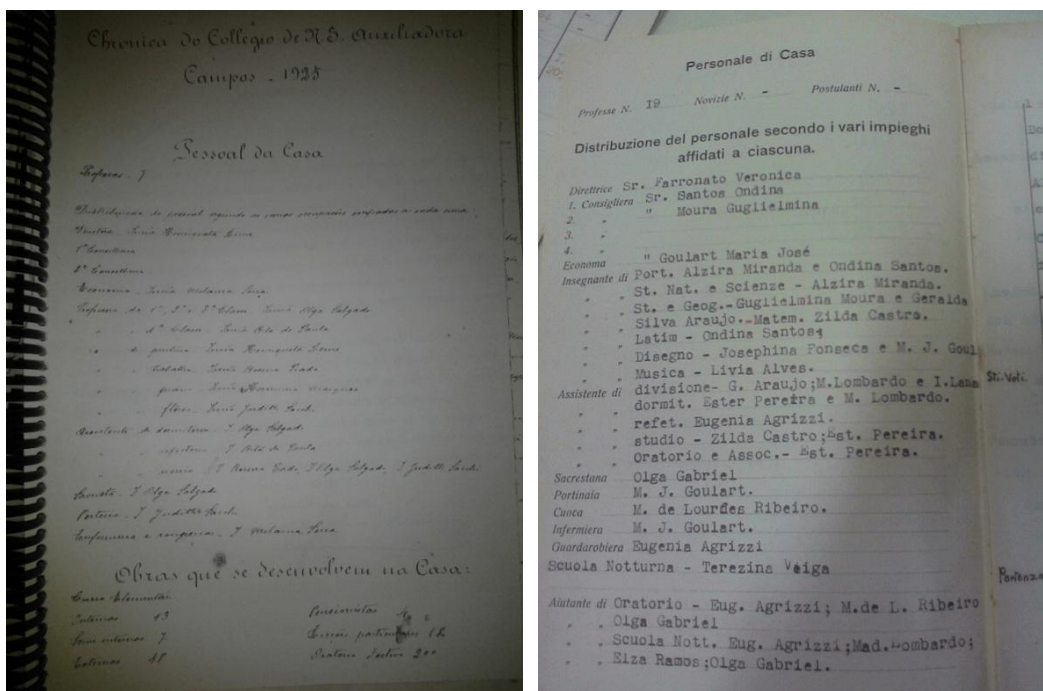


Figura 55 e 56: Relação do pessoal do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Campos/RJ
Fonte: Crônica da Casa das FMA de Campos, 1925 e 1940, AISCS e AIMM.

PRIMEIRAS ALUNAS DO COLÉGIO N.S. AUXILIADORA - 1925



Fonte: Jornal "Folha da Manhã", 24/05/1985. Primeiras alunas do Colégio N. S. Auxiliadora

BRASÃO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA E BISPOS SALESIANOS DO BRASIL – 1933



Figura 57: Brasão Filhas de Maria Auxiliadora
Fonte: PAULA, A. P. de., 2008, p. 41
1933.



Figura 58: Bispos Salesianos do Brasil
Fonte: BS, ano XXX, nº 4, Jul./Ago,
1933.

BRASÃO - As irmãs salesianas adotaram um brasão em 1905. Ao centro, partindo o campo, uma grande âncora, representa a esperança, a estrela a fé, e o coração a caridade. A pomba simboliza o Espírito Santo, do qual procede todo bem; Maria Auxiliadora, mãe e inspiradora do Instituto; bosque lembra Dom Bosco, o fundador (Bosco, em italiano significa bosque); as montanhas representam os vértices da perfeição a que devem tender as FMA. A palma, símbolo do martírio, o louro, símbolo da vitória, representam o prêmio para uma vida virtuosa e sacrificada. As rosas lembram um dos sonhos de Dom Bosco; a torre da igreja, Mornese, terra natal da co-fundadora, Maria Mazzarello; os florões que ladeiam o brasão, lírio e rosa, simbolizam respectivamente a castidade e a “*amorevolezza*” na educação da juventude. Dom Bosco tinha como lema, como dístico: *Da mihi animas, caetera tolle* (dai-me pessoas, e fique com o resto) (PAULA, A. P. 2008, p. 40-41).

BISPOS SALESIANOS DO BRASIL - neste período (da esquerda para a direita começando em cima): D. Francisco Aquino Correia, D. Helvécio de Oliveira, D. Antônio Lustosa, D. Luiz Lazagna†, D. Emanuel de Oliveira, **D. Henrique César Fernandes Mourão**, D. Antonio Malan†, D. Vicente Priante, Mons. Pedro Massa, Mons. Lourenzo Giordano† e Mons. G. Batista Conturon. (BOLETIM SALESIANO, ano XXX, nº 4, Jul./Ago, 1933)

ARTIGO “FOLHA DO POVO” – 1954



Fonte: “Folha do Povo” ano VIII, nº 396, 18/12/1954, p.1, Biblioteca Nacional/RJ

HORÁRIO DA PRIMEIRA PROVA PARCIAL DO CURSO NORMAL – JULHO DE 1950

HORÁRIO ORGANIZADO PARA A PRIMEIRA PROVA PARCIAL			
JUNHO DE 1950		CURSO NORMAL	
DIA	HORA	1º Ano	3º Ano
21	13,30'	Ed.Física	Ed.Física
	15 hs.	Fís.Química	Hist.Educação
22	13,30'	Português	Metodologia
	15 hs.	História	Português
23	13,30'	Des.Artes.	Agricultura
	15 hs.	Matemática	-
24	13,30"	Geografia	Desenho e Artes
	15 hs.	Música	Música
26	13,30'	Anatomia	Psicologia
	15 hs.	-	Prática
27	13,30'	-	Sociologia
28	9,30	-	Hig.Puericultura

Campos, 15 de Junho de 1950

Luiz de Aguiar

Alcides de Aguiar

DIPLOMAS DAS NORMALISTAS DO AUXILIADORA

Década de 1940:



Figura 59: Diploma 1947 - Fonte: Arlete Armindo Félix

Década de 1950:



Figura 60: Diploma 1958
Fonte: Leda Martins de Aquino

Década de 1960:

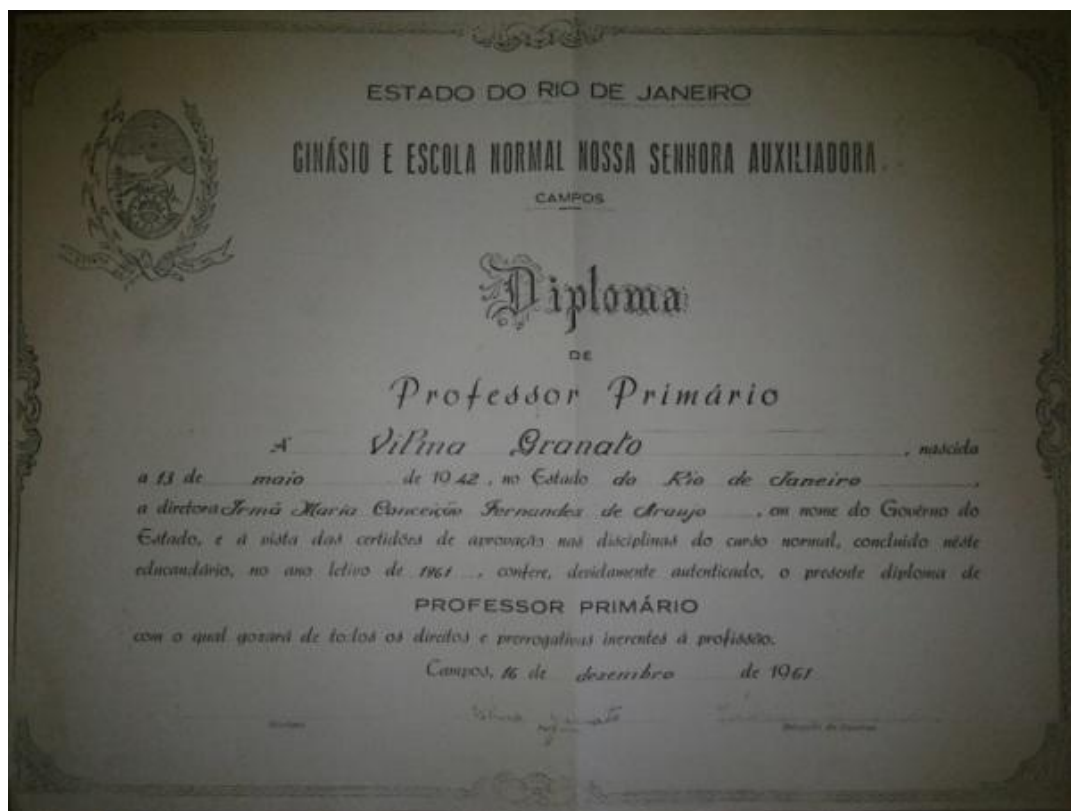


Figura 61: Diploma 1961
Fonte: Vilma Granato



Figura 62: Verso do diploma 1961
Fonte: Vilma Granato

CADERNETA ESCOLAR DO GENNSAC/RJ – 1957

GINÁSIO
Nossa Senhora Auxiliadora
CAMPOS
1957 DO RIO
CADERNETA ESCOLAR

21

IDENTIDADE

Campos, Est. Rio de Janeiro

Aluna: Maria Clotildes Lopes Nogueira
 Filiação: João Batista Nogueira
 Natural de: Corde de Gramama
 Nascimento: 14 de abril de 1939
 Resid. R. Com. Otaviano N.º 152
T. 1794 Sr. Irone Banna
 (Diretor)

NOTAS E TOTAIS

Disciplinas	Março		Abril		Maio		Jun.
	N	F	N	F	N	F	F
Religião.....	100		100		87		
Português.....	60		85		70		
Português.....	100		100		100		
Latim.....	90		100		95		
Francês.....	100		100		100		
Matemática.....	90		100		100		
Matemática.....	90		70		100		
Geografia.....	90		85		90		
Geografia.....	100		90		100		
Hist. Geral.....	35		50		60		
Hist. Brasil.....	95		90		95		
Contabilidade.....	95		95		100		
Desenho.....	90		90		100		
C. Orfeônico.....							
Ec. Doméstica.....							
Ed. Física.....							
Procediment.....			100/90		100/90		
Religião.....			90		90		
Classificação.....			22º		16º		

MENSALIS DE FALTAS

	Julho		Agosto		Setembro		Outubro		Nov.
	N	F	N	F	N	F	N	F	F
			95		100		90		
			85		85		80		
			95		100		100		
			90		100		90		
			100		95		100		
			100		90		90		
			100		95		90		
			100		100		100		
			90		85		90		
			40		50		40		
			70		80		85		
			85		100		90		
			80		90		85		
			100/80		100/90		100/80		
			80		80		90		
					18º				

Figura 63: Caderneta Escolar do GENNSAC-RJ - 1957

Fonte: Maria Clotildes Lopes Nogueira, 3º ano do Curso Normal - 1957

VERBALE DE FUNDAÇÃO DO AUXILIADORA DE CAMPOS

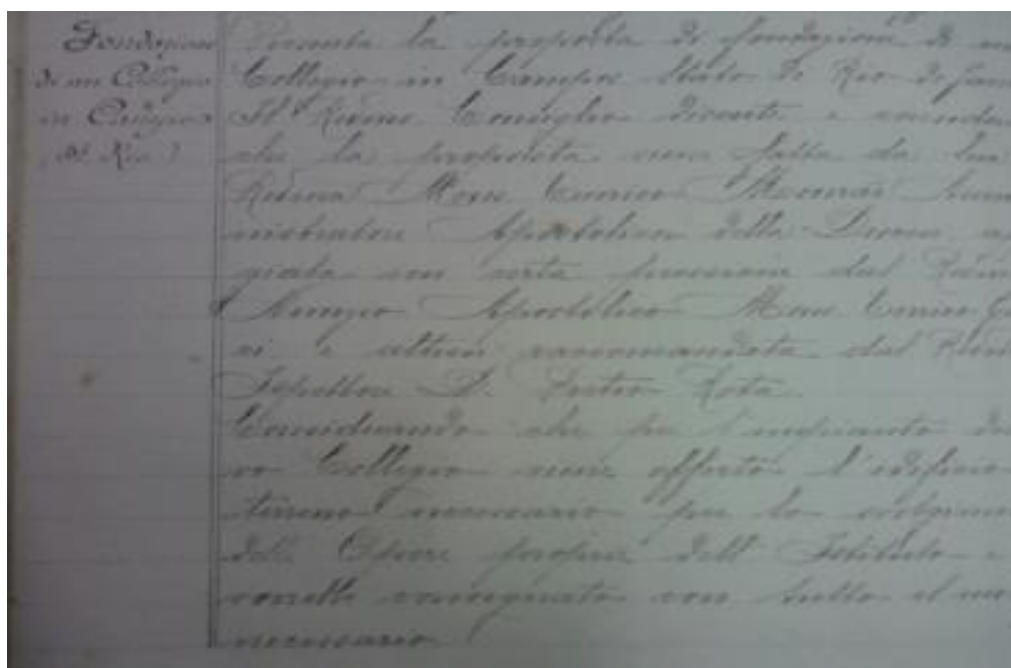


Figura 64: Verbaled de fundação, Livro 2 – 1922 -1932 páginas 36
Fonte: AISCs-SP.

VERBALE DE CRIAÇÃO DO PENSIONATO PARA AS NORMALISTAS

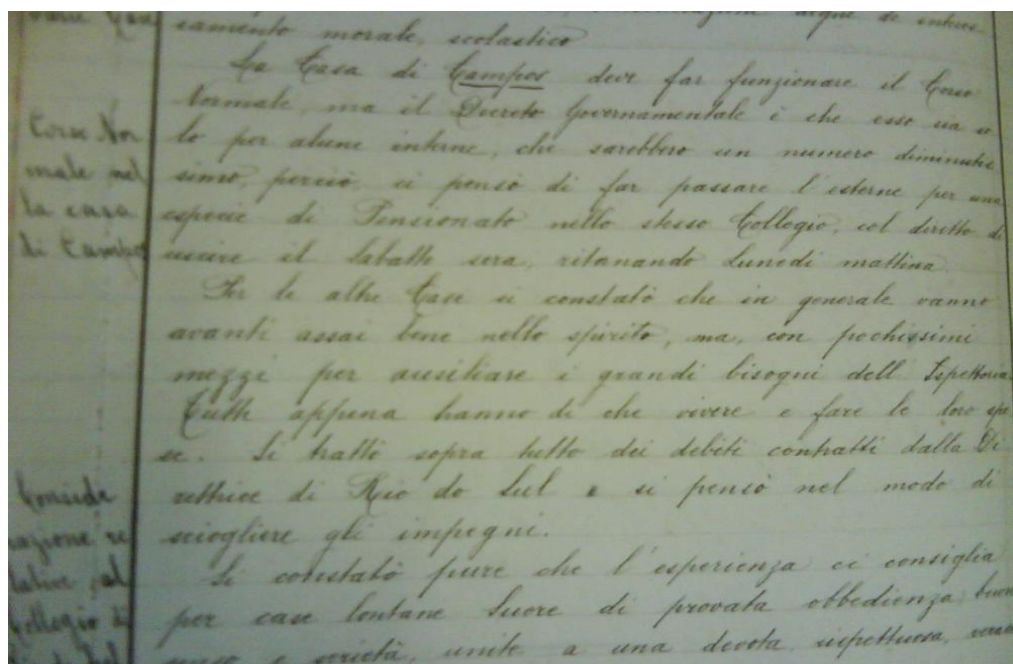


Figura 65: Verbaled, Livro 3 – 1932 -1952, Reunião dia 05/09/1941p. 53 verso
Fonte: AISCs-SP